



André Luiz dos Passos

Adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes: reflexões sobre a construção de emoções em narrativas de pais brancos acerca do racismo.

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Inés Kayon de Miller

Coorientadora: Prof^a Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Rio de Janeiro
Abril de 2024



André Luiz dos Passos

**Adoção inter-racial de crianças mais velhas e
de adolescentes: reflexões sobre a
construção de emoções em narrativas de pais
brancos acerca do racismo**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem
pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem
da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão examinadora abaixo

Inés Kayon de Miller

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Coorientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Liliana Cabral Bastos

Departamento de Letras – PUC-Rio

Renato Pontes Costa

Departamento de Educação – PUC-Rio

Osmar Soares da Silva Filho

Colégio Pedro II

Talita de Oliveira

CEFET/ RJ

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor, da orientadora e da coorientadora.

André Luiz dos Passos

Mestre em Gestão e Avaliação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2011. Especialista em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) nos anos de 2005 e 2006 respectivamente. Graduou-se, em 2004, em Licenciatura em Letras – Português/ Literaturas, também na UNESA. Atuou como professor nas redes pública e privada de ensino. Atualmente é professor efetivo de Língua Portuguesa e de Literaturas em Língua Portuguesa, em turmas de Ensino Fundamental II, de Ensino Médio e de Educação de Jovens e Adultos, no Colégio Pedro II – Campus Centro. Sua área de interesse compreende as pesquisas em Relações Étnico-Raciais, Linguística Aplicada, sobretudo, as pesquisas em Prática Exploratória e de Avaliação e Análise em Narrativas, voltadas para entender a dinâmica da vida não só na escola, mas também em outros espaços, e a respeito das emoções que emergem das relações que estabelecemos com os outros e das narrativas que produzimos a partir de nossas histórias de vida.

Ficha Catalográfica

Passos, André Luiz dos

Adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes : reflexões sobre a construção de emoções em narrativas de pais brancos acerca do racismo / André Luiz dos Passos ; orientadora: Inés Kayon de Miller ; coorientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. – 2024.

223 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Adoção inter-racial. 3. Linguística Aplicada. 4. Análise de narrativas. 5. Emoções. 6. Racismo. I. Miller, Inés Kayon de. II. Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Dedicatória 1¹

À minha querida avó, Dyrce, meu grande e primeiro amor e que não mais está fisicamente entre nós, minha dedicatória em forma de canção. Para você, que era tão musical e a quem eu consigo até hoje ouvir entoar todas as lindas músicas que gostava de cantar, todo o meu respeito e admiração! Saudades, vó!

*De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu*

***Você já partiu, foi embora**
Me olha da onde estiver
Que eu vou te mostrar que eu tô **pronto**
Me colha **maduro** do pé*

*Salve, salve essa nega
Que axé ela tem
Te carrego no colo e te dou minha mão*

*Minha vida depende só do teu encanto
Dyrce, fique tranquila
Teu **neto** tá pronto*

*Teu olho que brilha e não para
Tuas mãos de fazer tudo e até
A vida que chamo de minha
Neguinha, te encontro na fé*

*Me mostre um caminho agora
Um jeito de estar sem você
O apego não quer ir embora
Diacho, ele tem que querer*

*Ó, meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar a rainha
Precisando dormir*

*Quando ela chegar
Tu me faça um favor
Dê um banto a ela
Que ela me benze aonde eu for (...)*

(grifos meus em partes modificadas por mim)

¹ Canção da dedicatória, adaptação de Dona Cila, composição de Maria Gadú. Disponível em <https://www.letras.mus.br/maria-gadu/1495932/>

Dedicatória 2²

Para Ana, a companheira que a vida meu deu, também uma canção. Pensei em alguma do Chico, seu grande ídolo e de quem eu tenho muitos ciúmes (você sabe) ou quem sabe uma da Maria Rita, primeiro show a que fomos juntos na praia de Copacabana lá pelos idos de 2003. Escolhi, contudo, uma que resume muito da nossa relação como marido e mulher, amigos, nômades (são umas 5 mudanças em 20 anos juntos) e parceiros. Escutamos um dia voltando de Itaipuaçu e o verso que diz que “hoje eu quero fazer tudo por você” é totalmente verdadeiro mesmo o mundo e principalmente eu sendo tão complicados. Te amo!

*Gosto de ver você dormir
Que nem criança com a boca aberta
O telefone chega sexta-feira
Aperto o passo por causa da garoa
Me empresta um par de meias
A gente chega na sessão das dez
Hoje eu acordo ao meio-dia
Amanhã é a sua vez (...)*

*Temos que consertar o despertador
E separar todas as ferramentas
Que a mudança grande chegou
Com o fogão e a geladeira e a televisão
Não precisamos dormir no chão
Até que é bom, mas a cama chegou na terça
E na quinta chegou o som*

*Sempre faço mil coisas ao mesmo tempo
E até que é fácil acostumar-se com meu jeito
Agora que temos nossa casa
É a chave (**e a carteira**) que sempre esqueço*

*Vamos chamar nossos amigos
A gente faz uma feijoada, **um fondue, uns drinks**
Esquece um pouco do trabalho
E fica de bate papo
Temos a semana inteira pela frente
Você me conta como foi seu dia
E a gente diz um pro outro
Estou com sono, vamos dormir*

*Vem cá, meu bem, que é bom lhe ver
O mundo anda tão complicado
Que hoje eu quero fazer tudo por você*

*Quero ouvir uma canção de amor/ Que fale da minha situação
De quem deixou a segurança de seu mundo/ Por amor*

(grifos meus em partes modificadas por mim)

² Canção da dedicatória: O mundo anda tão complicado. Composição de Legião Urbana. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46961/>

Dedicatória 3³

Para Kayo, meu filho, meu amor. Eu sei que você vai achar brega quando ler isso (adolescentes costumam julgar piegas todo sentimentalismo dos pais). Você adorava essa canção quando mais novo. A gente cantava antes de você dormir. Um dia, quando eu fui te dar boa noite, você falou: “Pai, tenho um segredo”. Eu cheguei perto de você e perguntei o que era. Você respondeu: “Te amarei de janeiro a janeiro até o mundo acabar” e se virou, escondendo-se embaixo do lençol. Queria reforçar, garoto, como eu te falei naquele dia, que eu também sinto o mesmo por você!

*Não consigo olhar no fundo dos seus olhos
E enxergar as coisas que me deixam no ar, deixam no ar
As várias fases, estações que me levam com o vento
E o pensamento bem devagar*

*Outra vez, eu tive que fugir
Eu tive que correr, pra não me entregar
Às loucuras que me levam até você
Me fazem esquecer que eu não posso chorar*

*Olhe bem no fundo dos meus olhos
E sinta a emoção que nascerá quando você me olhar
O universo conspira a nosso favor
A consequência do destino é o amor
Pra sempre vou te amar*

*Mas talvez você não entenda
Essa coisa de fazer o mundo acreditar
Que meu amor não será passageiro
Te amarei de janeiro a janeiro
Até o mundo acabar*

*Até o mundo acabar
Até o mundo acabar
Até o mundo acabar*

³ Canção da dedicatória: De janeiro a janeiro. Composição de Roberta Campos. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/roberta-campos/1281492/>

Agradecimentos

Sempre que são escritas páginas de agradecimentos no encerramento de uma pesquisa como esta, pensa-se em vários nomes. Quantas pessoas envolveram-se neste processo árduo que foi estudar, pensar e escrever! De qualquer forma, não posso furtar-me a agradecer, em primeiro lugar, a Deus, aos anjos, aos santos, às forças espirituais do bem e aos orixás (é tudo isso mesmo porque muita gente, de religiões variadas pediram e torceram por mim) por todo apoio, pela saúde, por não ter me deixado esmorecer e pela força para resistir durante a pandemia que nos surpreendeu e mudou nossa rotina durante dois anos. Obrigado!

À mão firme e amiga de minha querida orientadora, a Professora Inés Miller. Agradeço também pelo acolhimento inicial, por desistir de mim e pelo incentivo constante a toda ideia que eu trazia e por ter acreditado, com um sorriso no rosto, que a mudança de tema de pesquisa seria uma boa opção. Sua existência me faz ter a certeza de que ainda há empatia e humanidade na Academia.

À Adriana Nóbrega, a melhor coorientadora que alguém poderia ter, pela leitora atenta que é, pelas vírgulas, pelos pontos, por apontar meus erros e mais: por não ter se furtado a compartilhar conhecimento. Eis o que difere um educador de um simples professor, principalmente quando sua fala e sua prática estão sempre banhadas de afeto.

Às professoras Liliana Bastos, Talita Oliveira, Glenda Melo e Maria Barbosa Ducharme (as duas últimas participaram do Exame de Qualificação, mas não puderam estar conosco na defesa) e aos professores Osmar Soares da Silva Filho e Renato Pontes Costa por aceitarem fazer parte deste fechamento de ciclo e colaborarem não só com a leitura atenta, mas também com observações primordiais para o aprimoramento dos meus conhecimentos. Obrigado por compartilharem seu tempo e seu saber, ajudando-me na caminhada acadêmica.

À professora Maria do Carmo Leite de Oliveira pela disponibilidade para leitura de minha pesquisa e para compor a banca mesmo que na condição de suplente.

Aos amigos que me ajudaram antes da minha entrada no Doutorado: Ellen Rosa, Verônica Ferreira e Leonardo Cavalcante, obrigado pelo interesse na leitura de minha pesquisa e/ ou pelas dicas valiosas.

À Amanda Dinucci que me indicou o Programa de Estudos da Linguagem na PUC-Rio. Se não fosse você, talvez eu teria adiado o momento de entrada no Doutorado.

A todos os companheiros de estrada que vibraram ao saber da minha conquista. Espero que comemorem comigo o final desse processo.

Aos colegas da Puc-Rio que se tornaram amigos queridos durante esse período. Refiro-me à Thelma, à Manu, ao Renan (o homem que, dentre outras tantas, me salvou no Inglês), ao Lucas Santiago, minha biblioteca ambulante e ao Douglas, que foi um apoio e tanto na “retíssima final”. Agradeço também a todos os outros que passaram pelo meu caminho e deixaram suas marcas em meu coração: Aline, Lorena, Mari, Carol Gerbasi, Ana Caroline, Palmyra, Dharvind, Paula, Marcele, Mara, Fabi, Hércules, Janine e tantos outros com quem cruzei nos “corredores” do Zoom®.

À minha mãe e à minha irmã, que torcem pelo meu sucesso e sempre comemoram minhas conquistas.

À Silvana do Monte Moreira, pelas indicações de leitura acerca da adoção, pela leitura da primeira versão dos capítulos sobre o assunto e por nunca se furtar a tirar quaisquer dúvidas minhas.

Ao Colégio Pedro II por me proporcionar, durante quase três semestres, a licença para estudos. Um abraço especial à equipe de Língua Portuguesa do Campus Centro pela preocupação com o andamento de minha tese e pelas boas vibrações nas mensagens que me enviavam.

A todos os professores que fizeram parte da minha caminhada e, desde a infância, foram inspiração e/ou me estimularam a crescer. Não poderia deixar de citar a Tia Eliete, minha professora em todo o Fundamental I; Ney Julião, Valter, Umbelina, Jurema José, professores do Fundamental II que marcaram de alguma forma minha vida; Márcia Dias, minha mãe-professora na Universidade; Geraldo,

Daniele Sally, Lana Rego, Marcus Fagale e Rafael Santos: esses últimos também dos tempos de Universidade Estácio de Sá. A vocês, gratidão eterna.

À PUC-Rio, pela oportunidade a mim concedida de me tornar aluno dessa renomada instituição com isenção total na mensalidade.

A todos os funcionários do Departamento de Letras, pelo atendimento sempre cordial fosse presencialmente ou fosse por e-mail. Um beijo especial para a Chiquinha, o anjo da guarda que sempre cuidou de nós com muito carinho e ao Wellington por não ter se negado nunca a nos deixar informados e por responder nossas demandas.

À Vanessa, Alexandre, Rafael e Luísa que dispuseram de seu tempo para conversar comigo e trocar experiências sobre seus processos de adoção. Vocês estão presentes nessa pesquisa embora os dados que construímos juntos não tenham sido usados nesse momento.

A Francisco, Clara, Matheus e Marcos, que atenderam a meu convite e gentilmente compartilharam suas experiências, seus sentimentos e, com isso, abrilhantaram minha tese.

Por último, meu agradecimento maior e mais importante vai para Ana Paula, minha amada e para Kayo Leandro, meu filho querido. Neste período, não assistimos a tantas séries juntos. Às vezes, acordei bem mais cedo ou dormi mais tarde e nem os vi pegar no sono. Obrigado por me apoiarem e por entenderem a importância deste título na minha trajetória profissional. Muito obrigado! Amo vocês muita coisa!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Passos, André Luiz dos. Miller, Inés Kayon de (Orientadora). Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly (Coorientadora) **Adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes: reflexões sobre a construção de emoções em narrativas de pais brancos acerca do racismo**. Rio de Janeiro, 2024. 223 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Sendo um pai por adoção e um entusiasta do assunto (Moreira, 2020; Pires; Sales, 2020; Costa e Rosetti Ferreira, 2007; Dias et al, 2005), resolvi, nesta pesquisa, trazer à tona duas vertentes importantes a respeito dessa temática: a adoção de crianças mais velhas e de adolescentes (Vargas, 1998; Jubé, 2018; Souza, 2012) e a adoção inter-racial (Espíndola, 2020). Desde que comecei minhas leituras a respeito dos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada Crítica e do seu interesse em se debruçar sobre os fenômenos da vida social (Moita Lopes, 2006), passei a procurar diálogos entre meu tema e essa área de pesquisa a fim de – através de experiências vividas pela minha família e por mais duas famílias amigas – começar a dar corpo a meu trabalho. Assim, esta tese tem por entender que emoções emergem em narrativas dos pais de crianças mais velhas e de adolescentes negros adotados e que significam certas experiências de vida enquanto situações de racismo. Além disso, busquei analisar as (co)construções dessas emoções como processos avaliativos (Cortazi; Jim, 2001; Nóbrega, 2009) que podem ocorrer nas narrativas para o entendimento e para a reflexão crítica acerca do racismo, investigando como esses pais lidam com os estigmas (Goffman, 2004) com que a sociedade marca seus filhos e refletindo sobre sua posição como pessoas que fazem parte de uma sociedade racista e como detentores dos privilégios advindos da branquitude (Bento, 2002; Schucman, 2012). Alinhado ao paradigma qualitativo de pesquisa (Denzin; Lincoln, 2006) e à pesquisa do praticante (Allwright, 2005), resolvi, ainda, realizar a análise a partir da metodologia de três lâminas de observação (Biar et al.2021), em que observo primeiro a estrutura narrativa; em seguida, o momento em que se narra e, por isso, a interação e a coconstrução (ou não) de sentidos realizadas entre mim e meus parceiros de pesquisa; e por último, os embates discursivos, ou seja, como nossos discursos corroboram ou não outros discursos disseminados em sociedade. Com isso, pude identificar algumas emoções negativas como de insatisfação e de incapacidade por parte dos pais que participaram desta tese acerca não só do racismo sofrido por seus filhos, mas também quando identificaram o

quanto essa prática ainda existe neles. A partir de tais entendimentos construídos colaborativamente, vislumbro a possibilidade desta tese ter tido um efeito catalisador pelo qual os praticantes envolvidos e outros praticantes possam repensar seus sentimentos e práticas a respeito do antirracismo com vistas à revisão de seus comportamentos tanto em família, diante dos filhos que adotaram, quanto em sociedade.

Palavras-chave

Adoção inter-racial; Linguística Aplicada; Análise de Narrativas; Emoções; Racismo.

Abstract

Passos, André Luiz dos. Miller, Inés Kayon de (Advisor). Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly (Co-advisor) **Interracial adoption of older children and adolescents: reflections on the construction of emotions in narratives of white parents about racism.** Rio de Janeiro, 2024. 223 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As an adoptive father and an enthusiast of this subject (Moreira, 2020; Pires; Sales, 2020; Costa and Rosetti Ferreira, 2007; Dias et al, 2005), I decided, in this research, to bring to light two important aspects regarding this context: the adoption of older children and adolescents (Vargas, 1998; Jubé, 2018; Souza, 2012) and ~~the~~ interracial adoption (Espíndola, 2020). Since I began reading about the theoretical assumptions of Applied Linguistics and about its interest in looking into the phenomena of social life (Moita Lopes, 2006), I started looking for connections between my theme and this area of research in order to – through experiences lived by my family and by two other close families – construct my work. Thus, this thesis has the general objective of understanding, through the promotion of exploratory conversations (Moraes Bezerra, 2007; Nunes, 2017), the emotions (Barcelos, 2013; Maturana, 2001; Zembylas, 2014) that emerge in the narratives of white parents of black older children and adolescents about situations of racism that their children go through or have been through. Furthermore, I chose to analyze the (co)constructions of these emotions as evaluative processes (Cortazi; Jim, 2001; Nóbrega, 2009) that can appear in narratives to generate understandings and critical reflections about racism, investigating how these parents deal with the stigmas (Goffman, 2004) their children suffer and reflecting about their position as people who are part of a racist society and as holders of privileges from whiteness (Bento, 2002; Schucman, 2012). Aligned with the qualitative research paradigm (Denzin; Lincoln, 2006) and with practitioner research (Allwright, 2005), I also decided to carry out the analysis using the three-layer observation methodology (Biar et al., 2021), in which I first observe the narrative structure; then, the moment of narration, the interaction and the co-construction (or not) of meanings produced by me and my research collaborators; and finally the discursive clashes, that is, how our discourses corroborate or not other discourses disseminated in society. In doing

so, I was able to identify some negative emotions such as dissatisfaction and incapacity by the parents who participated in this thesis regarding not only the racism suffered by their children but also the moments when they identified the extent to which this practice still exists in them. Based on such collaboratively constructed understandings, I envisage the possibility of this thesis having had a catalytic effect through which the practitioners involved and other practitioners come to rethink their feelings and practices regarding anti-racism to review their behavior both within the family and towards their adopted children, as well as in society at large.

Keywords

Interracial adoption; Applied Linguistics; Narrative Analysis; Emotions; Racism.

Sumário

1. Para começo de conversa	19
2. Com vocês, seis vozes	25
2.1. Ana	26
2.2. André	27
2.3. Matheus	28
2.4. Marcos	29
2.5. Clara	31
2.6. Francisco	33
3. Quem sou eu e do desejo de ser pai à adoção	34
4. Quem é o verdadeiro adotado?	40
4.1. Adoção no Brasil	40
4.1.1. O processo de adoção	42
4.2. A adoção de crianças maiores e de adolescentes: sem limite de idade para o amor	48
4.3. Adoção inter-racial	51
5. O que foi escolhido como teoria?	56
5.1. “O que é o amor? Onde vai dar?”: as emoções, o racismo e a branquitude	60
5.1.1. A micropolítica das emoções e os estigmas	62
5.1.2. Amor em tempos de branquitude	66
5.2. Narrativas cruzadas	73
5.2.1. Narrando, expressando-se e comunicando-se	75
5.2.2. Ao narrar, interagimos socialmente	76
5.3. Avaliando narrativas	81
6. Desenhos metodológicos	87
6.1. Paradigma qualitativo-interpretativo de pesquisa	87
6.2. Pesquisa do praticante: todo mundo junto e misturado	89
6.3. Construindo o edifício que é esta tese	93
6.3.1. Do projeto para a Câmara de ética ao início da pesquisa	93
6.3.2. Coconstrução, seleção e análise de dados	94
6.3.2.1. Conversas exploratórias	94
6.3.2.1.1. Matheus e Marcos	96

6.3.2.1.2. Clara e Francisco	98
6.3.2.1.3. Ana	99
6.3.3. Antes de analisar as conversas: transcrição, seleção e as categorias de análise	100
6.3.3.1. Lâminas de observação: uma estratégia para olhar a narrativa	100
6.3.3.1.1 Analisando a estrutura narrativa	101
6.3.3.1.2 Analisando a interação	102
6.3.3.1.3 Os embates discursivos	102
7. Análise das conversas exploratórias	105
7.1 Ana e os casos de racismo sofridos por Kayo	106
7.1.1 Fragmento 1: “Foi assim... tão chocante pra mim, né?”	107
7.1.1.1 Excerto 1: “Eu só falei assim: ele é meu filho”	110
7.1.1.2 Excerto 2: Mas sua reação seria diferente?	112
7.2 Clara e os casos de racismo sofridos por Antônio	114
7.2.1 Fragmento 2: “Pô, essa coisa que, para mim, é nova também”	114
7.2.1.1 Excerto 3: “Por que tá fazendo isso?”	116
7.2.1.2 Excerto 4: “Também o aprendizado nosso, né...”	119
7.3 Meus entendimentos e o que acharam Ana e Clara das análises	124
7.4 Onde você guarda seu racismo? Por Francisco, Matheus e Marcos	125
7.4.1 Fragmento 3: Onde você guarda seu racismo, Francisco?	126
7.4.1.1 Excerto 5: “Conhecer é desnaturalizar”	127
7.4.1.2 Excerto 6: “Em que a gente fala que era natural...”	129
7.4.2 Fragmento 4: Onde você guarda seu racismo, Matheus?	131
7.4.2.1 Excerto 7: “Qual a cara de ódio que nós mais conhecemos?”	132
7.4.2.2 Excerto 8: “Isso que eu tenho tentado mais lutar... educar”	134
7.4.3 Onde você guarda seu racismo, Marcos?	136
7.4.3.1 Excerto 9: “Eu nasci em uma família branca...”	137
7.4.3.2 Excerto 10: “Esses adjetivos estão no livro de História”	139
7.5 Meus entendimentos e o que acharam Matheus, Marcos e Francisco das análises	141
8. (In)conclusões momentâneas sobre temas de sempre	143
9. Referências bibliográficas	152
10. Anexos	161

Lista de Figuras

Figura 1 – Um de nossos passeios juntos, em Belo Horizonte, ainda na fase de aproximação	47
Figura 2 – Crianças habilitadas à adoção no Brasil por faixa etária	48
Figura 3 – Nós três, em julho de 2023	50
Figura 4 – Foto ilustrativa sobre adoção inter-racial	51
Figura 5 – Estratos da linguagem	74

Lista de Tabelas

Tabela 1: SNA- Quantidade de crianças disponíveis para adoção por etnia	47
Tabela 2: SNA – Habilitados para adotar e preferências por etnia	48
Tabela 3: Camadas avaliativas	85
Tabela 4: Relação entre as camadas avaliativas e as lâminas de observação	100

Convenções de Transcrição

Convenção de transcrição adaptada de Garcêz, Bulla e Loder (2014)

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	Entonação ascendente
,	(virgula)	Entonação de continuidade
↑	(seta para cima)	mais agudo
↓	(seta para baixo)	mais grave
palav-	(hífen)	marca de corte abrupto
pala::vra	(dois pontos)	prolongamento do som (maior duração)
<u>Palavra</u>	(sublinhado)	sílaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúsculas)	intensidade maior ("volume" alto)
°palavra°	(sinais de graus)	intensidade menor ("volume" baixo)
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
Hh	(série de h's)	aspiração ou riso
.h	(h's precedidos de ponto)	inspiração audível
=	(sinais de igual)	elocuções contíguas, sem intervalo
[]	(colchetes)	início e fim de falas simultâneas/ sobrepostas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa de até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	(entre parênteses)	comentários do transcritor

1

Para começo de conversa

Meu amor, essa é a última oração
 Pra salvar seu coração
 Coração não é tão simples quanto pensa
 Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor
 Cabem três vidas inteiras
 Cabe uma penteadeira
 Cabe nós dois (...)

Oração. A banda mais bonita da cidade⁴

Escolhi a letra de uma canção como epígrafe não só deste capítulo, mas também de outros e de algumas seções porque amo música, porque gosto de cantar (embora seja desafinado) e pelo fato de ser uma linguagem que nos invade o coração, tocando-nos profundamente. Iniciar com um trecho de “Oração” significa que, por ser uma música especial na minha trajetória e na da minha família, no meu amor, no meu coração cabem Ana Paula, minha esposa; Kayo, meu filho; meus demais familiares, meus alunos, meus amigos e quem mais chegar. “Coração não é tão simples como pensa”, mas, se fosse, seria melhor? Algumas vezes, julgo que sim; em outras defendo que não, mas a gente vai se ajustando, se amando e é isso o que importa. Esta tese é uma ode, é uma prece na qual peço a Deus bênçãos para minha família que celebra a união de dois corações que se abriram para a chegada de um terceiro (e de mais dois, que são o Pingo, nosso vira-lata caramelo de 4 anos e Pipoca, nossa caçulinha-pet de menos de um ano). Entretanto, ela é também um pedido para que minha ancestralidade possa banhar de boas energias tantas outras famílias e, em especial, as que serão apresentadas nas próximas páginas. Dito isso, para começo de conversa, falarei um pouco do doutorando André e apresentarei a estrutura da minha pesquisa.

Voltar ao ambiente acadêmico não estava em meus planos por vários motivos. Um dos principais, sem dúvidas, era minha eterna dificuldade na escrita de textos acadêmicos. Além disso, não tive boas experiências na Especialização e no Mestrado. Tudo isso me fez, em 2013, ano em que defendi minha dissertação na

⁴ A BANDA MAIS BONITA DA CIDADE. Oração. Oração - A Banda Mais Bonita da Cidade - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 29/10/2022, às 13h.

Universidade Federal de Juiz de Fora (Passos, 2013), decidir por não continuar os estudos de pós-graduação. Eu sempre trabalhei em quatro, cinco escolas, e esse fator também reforçava minha decisão.

Entretanto, em 2019, minha vida passou por uma grande transformação profissional. Fui aprovado no concurso para professor efetivo do Colégio Pedro II e trabalhar em tantas escolas não seria mais uma realidade. A dedicação exclusiva, exigida pela instituição, me daria tempo para realizar outros projetos. A partir disso, o Doutorado começou a se delinear como uma possibilidade, não por desejar ser professor universitário, porque o sonho do ex-aluno de voltar como docente ao colégio onde cursara o Ensino Fundamental II e quase todo o Ensino Médio estava se realizando (Ao Pedro II, tudo ou nada? Tudo!): alcancei minha satisfação e o que tanto almejava na minha carreira. Entre os motivos que me fizeram pensar em cursar o Doutorado, estavam o incentivo (também financeiro) da rede federal para a formação continuada dos docentes e a possibilidade de usar meus conhecimentos de maneira mais autônoma na minha prática em sala de aula. Fui, pois, à luta. Desde o início do segundo semestre de 2019, comecei a pesquisar algumas universidades onde eu poderia apresentar meu projeto. A princípio, procurei os Departamentos de Educação, já que sou Mestre nessa área. Uma coisa eu tinha certeza: gostaria de falar sobre antirracismo na escola e sobre relações étnico-raciais.

Por que é importante toda essa informação na introdução desta pesquisa? Acredito que muita gente entre com muitos sonhos na Universidade, querendo mudar o mundo com a educação. Isso é possível? Claro que é! Mas também é difícil. Quando eu trabalhava em cinco escolas e lecionava para aproximadamente vinte turmas, tinha muitos alunos, muitos planejamentos, muitas provas para elaborar e corrigir e, às vezes, era desanimador. Contudo, não desisti. Não sou herói, não sou exemplo nem o quero ser. Na verdade, acho que tive um pouco mais de fôlego (com o apoio constante da Ana) e uma pitada de sorte na quarta vez em que fiz o concurso do Pedro II. Conheço as lutas constantes dos meus colegas, mas – no meu caso – ainda bem que não desisti, entretanto, não recrimino quem pensa em fazê-lo.

Voltando a falar sobre a procura por um Programa de Pós-graduação que me acolhesse, mesmo estando há tanto tempo afastado do ambiente acadêmico, tentei o ingresso em duas universidades além da PUC-Rio, mas não obtive sucesso. Já meio desanimado, tive uma conversa com uma colega no Pedro II, a queridíssima Amanda Dinucci. Ela me falou da professora Inés Miller e disse que muito da minha

pesquisa tinha a ver com o que se estuda na Prática Exploratória. Amanda me indicara alguns textos e fui à procura da Inés depois de os ler. Confesso que estava com medo, porque, afinal de contas, o meu projeto estava bem alinhado com a Faculdade de Educação. Por e-mail, ela fora muito solícita. Enviei meu texto, marcamos uma reunião na qual me senti tão abraçado, tão acolhido, que saí da PUC me considerando aprovado.

No entanto, Inés fora sincera: achava que meu tema tinha um diálogo com a Prática Exploratória, mas eu teria, além de ler mais, de encorpar meu trabalho bibliograficamente para a banca examinadora (da qual ela não fazia parte), aprová-lo e eu ser chamado para a etapa da entrevista. No mesmo dia, ela me enviou outros textos nos quais eu poderia me basear e mudar o caminho teórico do projeto enviado. Assim o fiz e estou aqui. Ainda ganhei um outro presente que veio junto à orientação: uma coorientadora também atenciosa e afetuosa, a Professora Adriana Nóbrega. Com essa duplinha (como carinhosamente se tratam), aprendi bastante e espero aprender ainda mais.

Em março de 2020, ingressei, enfim, no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mais precisamente na linha 4: Discurso, vida social e práticas profissionais, com a ideia de investigar o porquê de tantos professores buscarem o Colégio Pedro II para ingressarem no curso de Especialização em Relações Étnico-raciais na Educação Básica (EREREBA). Gostaria de questionar ainda como usariam o que aprenderiam nesse curso em suas práticas pedagógicas nos diversos espaços nos quais trabalhavam.

Porém, ao ter contato com as disciplinas e com as leituras diversas e ao me aprofundar nos pressupostos da Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 2006), que defende a importância de o pesquisador e seu objeto de pesquisa terem uma relação indissociável, percebi que eu, como indivíduo plural (visto que não sou apenas professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação) teria outras histórias, outros atravessamentos que poderia explorar em minha pesquisa. Por isso, mudei de tema. Uma coisa estava certa: não deixaria de lado o estudo de alguma temática ligada à questão racial.

Isso posto, pensei muito antes de dizer para minhas orientadoras que eu havia decidido modificar os rumos de minha pesquisa. Meu foco seriam os casos

de adoção inter-racial, mas com uma especificidade: pais brancos que receberam em suas famílias crianças negras mais velhas e/ ou adolescentes negros.

Essa escolha foi motivada pela minha própria vivência. Há mais de 7 anos, Ana, que é branca, e eu tivemos a felicidade e a responsabilidade de receber, em casa, nosso filho. Kayo chegou com 9 anos e 8 meses. Na mesma época, mais dois casais de amigos também adotaram. Conversávamos e conversamos muito ainda sobre nossas famílias e essa troca de vivências, a meu ver, nos fortaleceu como amigos, como pais e como pessoas. O tema me atravessa por eu ser pai “por adoção” e por eu ser negro.

A partir disso, explicito os objetivos desta pesquisa:

O objetivo geral é entender que emoções emergem em narrativas dos pais de crianças mais velhas e de adolescentes negros adotados e que significam certas experiências de vida enquanto situações de racismo.

Além da finalidade acima apresentada, tenho também alguns objetivos específicos que são:

- analisar as (co)construções das emoções, como processos avaliativos, que podem ocorrer nas situações de racismo relatadas;
- investigar como os pais lidam com os estigmas com que a sociedade marca seus filhos;
- refletir sobre a posição desses pais como pessoas que fazem parte de uma sociedade racista.

Para alcançar os objetivos a que me proponho, este trabalho está dividido em oito capítulos que tentarei resumir a partir de agora.

Neste primeiro, encontra-se a introdução da pesquisa, com a apresentação de sua temática e de seus objetivos e um pouco de como cheguei ao Doutorado na PUC-Rio. No segundo capítulo, incluo a autoapresentação dos participantes-praticantes, que responderam a perguntas sobre quem são e sobre o desafio de serem pais de seus filhos. O capítulo seguinte, o terceiro, é dedicado a realizar um raio-x sobre mim. Intitulado “Quem sou eu e do desejo de ser pai à adoção”, tem o objetivo autobiográfico de contar um pouco da minha trajetória de vida, não apenas acadêmica e profissional (como faço no capítulo 1), mas também com a explicação do porquê de Ana e eu termos optado pela adoção.

No quarto capítulo, debruço-me sobre a temática do adotar (Moreira, 2020; Pires; Sales, 2020; Costa; Rosetti Ferreira, 2007; Dias et al, 2005), explicando como é o processo no Brasil desde a documentação necessária à abertura até o final esperado. Há nesse capítulo uma seção voltada para a adoção de crianças mais velhas e de adolescentes (Vargas, 1998; Jubé, 2018; Souza, 2012), e outra, à adoção inter-racial (Espíndola, 2020). Fiz uma busca ainda de números oficiais sobre adoção no Brasil, além da contribuição de Schucman (2018) sobre famílias inter-raciais.

No quinto capítulo, apresento a arquitetura teórica na qual baseio esta tese. Primeiro justifico o motivo de este trabalho estar filiado à Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 2006), indicando uma visão de linguagem que parte de práticas sociais microlocalizadas (Fabrício, 2006). Na primeira seção desse capítulo, falo sobre as emoções (Rezende; Coelho, 2010; Barcelos, 2013; Zembylas, 2014; Maturana, 2001) e, mais precisamente, como o amor (Silva; Flor do Nascimento, 2019; hooks, 2020; Fernandes, 2008; Angelou, 2013) pode ser catalisador das demais emoções que se apresentam nas relações familiares e como esse sentimento deve ser encarado e aplicado nas questões raciais e em relação à branquitude (Bento, 2002; Schucman, 2012). Na seção seguinte, trato das histórias de vida (Linde, 1993, 1997) com as quais tive contato através das narrativas canônicas (Labov, 1972) ou não (Bastos, 2004, 2005; Fabrício; Bastos, 2009; Moita Lopes, 2002) dos meus parceiros de pesquisa, indicando como a avaliação (Cortazi e Jim, 2001) está presente nesses relatos por fazer parte da dimensão moral da linguagem (Nóbrega, 2009).

No sexto capítulo, apresento como construí o desenho metodológico. Em um primeiro momento, situo minha pesquisa no paradigma qualitativo-interpretativo (Denzin; Lincoln, 2006). Ainda nesse capítulo, há uma subseção mais detalhada sobre a pesquisa do praticante (Allwright, 2005), abordando também a Prática Exploratória (Allwright, 2005, 2006; Miller, 2012, 2015). Mais à frente, explico o recurso empregado na coconstrução dos dados⁵, as conversas exploratórias (Moraes Bezerra, 2007; Nunes, 2017), com um prelúdio de como

⁵ Optei pela expressão “coconstrução de dados” em vez de “geração de dados” porque a ideia é discutir sempre que possível com os coparticipantes da pesquisa sobre as análises que farei e dar a eles a oportunidade de suprirem parte do que disseram ou até mesmo de modificarem algo que falaram. Dessa forma, acredito que a palavra construção tenha mais sentido porque remete a uma participação mais ativa de todos.

conheci cada um dos copesquisadores-exploratórios-participantes e de como foram nossos encontros. Finalizo esta parte apresentando os parâmetros empregados na transcrição dos dados e apresento resumidamente as lâminas de observação (Biar et al., 2021), categoria que foi fundamental para análise dos fragmentos selecionados nas conversas exploratórias realizadas.

O sétimo capítulo é voltado para a análise das conversas exploratórias com base nos pressupostos teórico-metodológicos apresentados nos capítulos quinto e sexto. No oitavo capítulo, encerro esta tese trazendo meus entendimentos momentâneos já que, fugindo de um viés quantitativo de pesquisa, meu trabalho está voltado para entender as histórias e as emoções das pessoas e, acredito firmemente, que não há nada de definitivo quando se trata da vida de alguém.

2 Com vocês, seis vozes!

Viver é partir, voltar e repartir
Partir, voltar e repartir
Viver é partir, voltar e repartir
Partir, voltar e repartir

É tudo pra ontem - Emicida⁶

Começar com a música “É tudo pra ontem”, composta por Emicida, tem a ver não só com esta parte da tese, mas com toda a pesquisa. Este trabalho tem relação com o sonho de todos aqueles que se expuseram para mim, repartindo comigo um pouco de como foi a chegada de mais um membro à família e realizando uma avaliação sobre como encaram o racismo que seus filhos podem vir a sofrer (ou que já sofrem). Então, antes mesmo de iniciarmos análises, fundamentação teórico-metodológica e reflexões, vale a pena conhecermos meus parceiros nesta pesquisa.

Acredito que ninguém melhor do que eles para falarem de si próprios. Para tal, tanto eu quanto eles escrevemos um texto de autoapresentação⁷. Solicitei que fosse apenas uma ou duas páginas e que no início houvesse dados mais objetivos como nome, idade, profissão e estado civil, por exemplo. Em seguida, meu pedido foi que falassem a respeito de como é ser mãe/ pai de seus filhos⁸. Conheceremos, assim, não só a minha, mas também as demais vozes⁹ que ajudaram a escrever esta pesquisa, confirmando a ideia de que “viver é partir, voltar e repartir”.

Para justificar a escolha de apresentá-los logo após a introdução da tese e antes de qualquer outra discussão, recorro à pesquisa do praticante¹⁰ (Allwright, 2005), que pode ser considerada uma pesquisa a várias mãos ou em primeira pessoa do plural, porque, além do pesquisador, todos os envolvidos dela participam não de maneira passiva (sendo somente entrevistados ou servindo apenas como fonte

⁶ EMICIDA. É tudo pra ontem. Compositores: Felipe Vassao / Leandro Roque / Thiago Jamelão. É Tudo Pra Ontem (part. Gilberto Gil) - Emicida - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 29/10/2022 às 13:59

⁷ Os textos não sofreram nenhuma alteração, estão na íntegra como cada participante escreveu.

⁸ Outro dado importante a esclarecer é o porquê de, nesta tese, só haver histórias sobre meninos adotados. Não foi proposital. Havia mais um casal que estava envolvido no processo e que adotara duas irmãs, uma de 10 e a outra de 11 anos, mas nossas conversas e encontros não evoluíram.

⁹ Os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios, exceto o meu e o de Ana e o de Kayo.

¹⁰ Aprofundaremos a pesquisa do praticante no capítulo voltado à metodologia.

de dados), mas ativamente olhando sua prática cotidiana e abordando temas relevantes ligados a suas vidas.

Retomando o título do capítulo, com vocês, as seis vozes.

2.1 Ana Paula

Meu primeiro pensamento, diante da solicitação do André, foi “Caramba! O que eu vou escrever?!”. Na verdade, é sempre difícil fazer uma autobiografia, sobretudo abordando a maternidade ainda que brevemente.

Meu nome é Ana Paula, mas prefiro ser chamada de Ana. Sou professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação. Sou casada com o André há 17 anos e temos um filho, o Kayo e um cachorrinho, o Pingo.

Eu amo a natureza, amo ler, amo estar com a família e com os amigos. Adoro Arte! Sou muito organizada, dedicada, sensível e responsável. Também sou bastante corajosa, pois, mesmo com medo, encaro muitos desafios.

Sou a filha mais velha da Iracema e do Raul. Tenho duas irmãs. Meus pais se separaram quando eu completei 10 anos e eu sempre me senti responsável por cuidar da minha mãe e das minhas irmãs. Acho que comecei a exercer a maternidade muito precocemente.

Sempre que penso no exercício da maternidade com o Kayo, vejo a imagem de uma montanha-russa cheia de curvas, loopings que me viram de cabeça pra baixo numa velocidade alucinante.

Nunca achei que seria uma boa mãe, até porque não gosto de montanha-russa. Gosto de calma, paz e sossego. Entretanto, o amor a meu marido me conduziu à maternidade através da adoção.

Quando me deparei com um menino de 9 anos, negro e que tinha muitas memórias da genitora, pensei: “Eu não vou conseguir chegar ao coração dele. Ele nunca vai me ver como mãe” (apesar de já me chamar assim). No início, ele sempre me criticava e me comparava à genitora. Eu me achava insuficiente e ficava exausta depois de nossos embates. Mesmo estando de licença-maternidade, eu vivia exausta. Minha vida mudou pra sempre, era um caminho sem volta.

Realmente, eu me acho uma péssima mãe (sempre falo isso para o André), mas tenho sorte de ter um companheiro incrível que me apoia e que me consola nas minhas impiedosas autocríticas. Tenho a sorte de ter amigas que me escutaram e compartilharam comigo suas experiências. E, principalmente, ao psicólogo do Kayo que também tratou de mim. Essa rede de apoio foi essencial (e ainda é) para que eu consiga me reconhecer como uma mãe possível, que erra e acerta. Aprendi (e estou aprendendo a cada dia) a amar o Kayo (sim, porque penso que Amor também se exercita cotidianamente) e a respeitar sua personalidade tão diferente da minha.

A compreensão sobre a maternidade como um processo me faz pensar que o tempo é um aliado que traz a maturidade. Ainda cometo muitos erros, porém estou disposta a seguir com afeto, apertando os laços entre mãe e filho, mostrando para ele que, mesmo sendo uma mulher cheia de imperfeições, dedico a ele o que há de melhor em mim: Amor.

2.2 André

Meu nome é André. Sou o Doutorando que capitaneia essa pesquisa. Tenho 48 anos e estou com a Ana Paula, a quem amo e agradeço a parceria em tudo na vida, há 19 anos (17 de casamento). Sou professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do Colégio Pedro II, Campus Centro. Moramos em Teresópolis e, há quase seis anos recebemos o Kayo em nossa família. Somos espíritas e acredito fielmente que o (re)encontro com meu filho é uma questão de outras vidas. Quando mais novo, as pessoas diziam que ele se parecia muito comigo e até tem o mesmo tipo sanguíneo que o meu.

Pensando em minha própria pergunta, por que seria um desafio ser pai? Pelo inesperado, pelo fato de “filho não vir com manual de instrução” como muitos dizem? Não sei. Acredito, porém, pelas mudanças que – embora a gente saiba que ocorrerão – vieram com a paternidade. No nosso caso, estávamos há 13 anos juntos quando um menino de quase 10 anos chegou a nossa vida.

Também é um desafio o fato de eu me ver, rever e me reinventar a cada dia como pai. Lembro de, quando eu reclamava com minha avó por ela ser rígida demais, escutar que eu seria igual a ela. E não é que sou mesmo?

O Kayo me desafia. Primeiro, por estar no auge da adolescência, do não se interessar pelo estudo, de fazer tudo aquilo de que eu e a mãe não gostamos e em segundo, por me fazer, pensar, respirar antes de agir e de falar. Acho que muitos pais vão se identificar: é um misto de raiva e de muito, mas muito amor. Muita gente diz que o amor pelo filho biológico é genuíno e verdadeiro por conta da gestação, dos 9 meses. Aqui, porém, a gestação foi bem maior e o amor não cabe em mim.

Sem dúvida, o maior desafio é descobrir em mim tanto amor desde a primeira vez que vi esse moleque. As pessoas vão me ver pular, me descabelar com o Kayo, mas como eu o amo. Lá em BH, quando a gente o conheceu, eu já queria trazê-lo pra casa; nossa aproximação durou quase dois meses e foi muito duro deixar lá meu filho até o dia de trazê-lo para morar conosco.

No fim, tudo deu certo. Agora nosso desafio é entendermos uns aos outros, o que é difícil, mas estamos no caminho. Eu, Ana e ele estamos tentando depurar nosso sentimento nesse cadinho de amor que é nossa família.

2.3 Matheus

Meu nome é Matheus, tenho 35 anos, carioca com muito orgulho, sou professor de biologia, defensor da escola pública. Sou espírita e tento viver como espírita, olhando este mundo como uma possibilidade de evolução espiritual e enxergando a prática do bem como busca da real felicidade.

Sou casado com Marcos, atual professor da UFRJ e estamos morando juntos há cerca de 7 anos. Há quatro anos e três meses recebemos o Lucas Souza em nossa família e ele tinha quase 13 anos. Eu já tinha uma história com ele, pois convivia muito com seu irmão mais velho, Antônio Souza. Nesta época, o irmão mais velho do Lucas, Pedro, não tinha mais condições de cuidar do Lucas e pretendia deixá-lo com seu avô, mas nós sabíamos que este não queria ficar com ele. Com isso, conversei com Marcos e nós concordamos em ficar e cuidar do Lucas, o que foi tranquilamente aceito por Pedro e por toda a sua família.

Lucas perdeu sua mãe quando tinha sete anos e pulou em alguns lares nesta época. Ele era muito apegado a sua mãe. Conviveu mais tempo com Pedro, mas a relação deles era difícil, pois Pedro brigava e agredia muito Lucas. O menino ficava a maior parte assistindo televisão em casa.

Quando o Lucas passou a morar conosco, tinha um comportamento maravilhoso nas primeiras semanas, mas se mostrava carente demais, seguia-me por toda casa. Chegou a ponto de me seguir para dentro do banheiro, certa vez.

Passados alguns meses, Lucas mostrou-se um rapaz muito rebelde, não queria ler, estudar, frequentar um psicólogo e se afirmava pela negação. Negava muito os convites que fazíamos. Tivemos que endurecer bastante com ele e com muitas discussões e castigos o colocávamos para estudar, se higienizar corretamente e começar a ter noção dos seus direitos e deveres. O psicólogo do Lucas foi fundamental neste processo e, sem ele, creio que não conseguiríamos ficar com Lucas, pois nas reuniões que tínhamos com o psicólogo conseguimos orientações sobre como proceder e também éramos apoiados na maioria da forma como lidávamos com nosso filho.

A minha relação com Lucas era menos penosa, pois já nutriamos afeto mútuo e sempre tivemos alguns interesses em comum e afinidades, como jogos de videogame e animes japoneses. Ele geralmente me obedecia mais, até porque eu era muito mais duro com ele, comparando com meu marido.

Passaram-se os anos entre alegrias e sofrimentos, Lucas conseguiu melhorar consideravelmente seus comportamentos. Tornou-se um rapaz respeitoso, afetuoso e cumpridor dos seus deveres, apesar de algumas dificuldades. Os momentos mais difíceis foram os três episódios em que ele fugiu de casa. Mas as coisas melhoraram bastante entre nós três. Ele passou no sorteio do Colégio Pedro II, está fazendo curso de desenho e de informática. Agora a luta está sendo em encaminhá-lo para a vida. Mas estamos esperançosos, apesar das dificuldades que se mostram previsíveis.

2.4

Marcos

Eu não sou do Rio de Janeiro. Nasci aqui há 36 anos. Cresci aqui; e aqui, em Macaé, aprendi o idioma com o qual ouço e falo mundo. Na casa de meus pais, em que fui criado, há um quintal grande e uma varanda que brilham dourados ao final da tarde. Há bichos miúdos e plantas que entusiasmarão quase todas as manhãs de minha infância. Dividíamos muro com uma igreja cujos sinos marcavam as horas e que toca Ave Maria de Gounod a dizer o que dia estava acabando. Sentávamos todos à mesa para o café da manhã, para o almoço, para o lanche da tarde e jantávamos juntos assistindo à novela das oito. Aos domingos íamos para a roça visitar os avós e encontrávamos os tios e primos de uma família gigantesca. Passava um rio grande perto da casa de meus avós e nos fundos havia um pasto de vacas e bois. Minha mãe esteve ao meu lado em todo o tempo e meu pai me ensinou a ver estrelas na noite sem lua, a olhar a lua quando esta está no céu, a perceber o chão e as rochas para imaginar a origem de tudo. Acho que foi assim que eu aprendi a gostar de viver e a me apaixonar pelas coisas e pelas pessoas, além de lidar com dores. Para mim quase todas as coisas tinham som, cheiro e vontade. Eu gostava de aprendê-las.

Talvez por ser muito apaixonado e um tanto sensível, guardei comigo uma melancolia que, apesar de dolorosa, me dá algo que aprecio: a capacidade de criar utopias. Sonhei um monte de coisas: em ser um biólogo, ser professor, pai... Hoje sou isso tudo. Tive muitos planos de como ser um pai perfeito (sic): que ouvia, brincava, lia histórias, ninava, ensinava a andar no mato, a ver os bichos, a ser honesto, justo, popular e erudito... Um dia eu sonhei em ter uma família, pois não queria ser sozinho. Eu queria alguém para dividir o mundo, que é bonito demais para se percorrer só.

Eu fui para o Rio de Janeiro aos 17 anos para estudar. Por 10 anos voltei para Macaé em quase todos os finais de semana para me nutrir de raiz. Então prendia a respiração e voltava para mergulhar no Rio em apneia, por cinco dias até sexta-feira. Há pouco mais de 11 anos conheci Matheus, que amo até hoje. Foi quando descobri que era possível viver no Rio e foi a primeira vez que vi de bem perto alguém que não fora criado do mesmo modo que eu.

Conversamos muitas vezes sobre sermos pais. Eu contei, mesmo que sem poesia, de minha vontade de pegar uma criança no colo, miudinha, vê-la e fazê-la crescer. Eu pensara em muitos modos de criar um filho ou uma filha, mas não conseguia conversar com Matheus sobre tudo que eu havia matutado por anos, talvez por ser utopia. Até hoje acho difícil.

Um dia no Rio de Janeiro eu fui pai, urgentemente! Nossa casa se abriu para Lucas, nosso filho carioca com 12 anos, por uma necessidade conscienciosa, um compromisso com utopias sociais, aquelas que têm vontade de ser coerentes, mas não necessariamente nascidas do coração. Houve acordos, houve combinados – quase todos descumpridos em algum momento –, houve até contratos de papel assinado, houve mil conversas, houve passeios, viagens, lágrimas no travesseiro, cem risadas, brigas, cabeça batidas na parede, febre, médico de madrugada,

cinemas, fugidas de casa, Netflix, houve vontade de desistir, muito mais conversas e houve persistência.

Um ano antes do Lucas chegar eu escrevi um poema que dizia do meu quintal. No meu quintal sou abundantemente vivo, mas um pouco só; lá há bichos, monstros, lagos, pântanos, fadas e outros seres encantados. Eu dizia que quando meu filho viesse eu lhe mostraria meu quintal e o ensinaria a conversar com os sapos. Eu sonhei com a gente dançando no lago e sobre as folhas farfalhantes. Entretanto, quando meu filho chegou já sabia falar seus idiomas – todos –, que não eram o meu. Além disso, eu não acredito que ele tenha muito apreço pelos seres de meu jardim. Ainda não é possível cantar com ele na língua dos sapos, nem dançar no lago ou sobre as folhas; mas estamos aprendendo que as “fadas” existem e que não é necessário pisar nelas. Já até passamos uma noite a olhar estrelas no sítio, do qual ele não gosta.

Ontem vim visitar meus pais. Hoje, por necessidade, minhas utopias de paternidade são outras: ser feliz, ou ao menos sereno, com o dever cumprido, aprender a esperar, e aprender e ser fluente na língua do outro, até que possamos conversar com os corações. O quintal e as estrelas talvez sejam só meus e eu tenha que entrar com meu corpo e minha alma no mundo dele. Um dia, talvez, ele me convide e eu entre.

2.5

Clara

Meu nome é Clara, tenho 52 anos, carioca, trabalho como consultora comercial em uma editora de livros de inglês, casada pela terceira vez, mãe de dois filhos do primeiro casamento, a Bruna e o Bernardo, e um filho adotado aos 15 anos, o Antônio, que chegou no terceiro e atual casamento com o Francisco Leite.

Desde que meu pai faleceu minha mãe mora comigo, o que faz parecer que tenho mais uma filha, já que tem 88 anos e algumas questões de saúde, que demanda cuidados. Somos uma família comum, com suas facilidades e dificuldades, que vão constituindo a dança da vida, que é nutrida com muita gratidão.

A arte sempre esteve presente na nossa família, seja pela música, pela dança ou pelas artes visuais. Francisco é arteterapeuta, eu dou aulas de teatro como voluntária, Bruna trabalha com cinema, Bernardo é professor de educação física e dança, Antônio toca violino e minha mãe adora música.

A vivência religiosa e espiritual também é uma característica nossa, apesar de todos não fazerem parte da mesma religião, vivemos em harmonia e respeito. Eu e Francisco somos espíritas e acreditamos que nada nos acontece por acaso. Antônio e Bernardo também o são.

Quando me casei com o Francisco, uma pessoa incrível, solar, carinhoso, sabia que ele gostava muito de criança e tinha intenção de ser pai, mas eu já havia ligado as trompas há muito tempo, então começamos a buscar uma fertilização in vitro, no meio do processo, aconteceu a chegada do Antônio em nossa família. Essa chegada foi um acontecimento, pois que não esperávamos. Ele passou por um processo de apreensão e fui convidada a depor em seu favor, já que o conhecia do Centro espírita. No dia, a juíza me perguntou se eu o levaria para casa naquele dia, já que ele não tinha para onde ir, a mãe havia falecido e o pai era desconhecido.

Foi um parto inesperado de uma gravidez inexistente, pois não tive tempo de gestar essa chegada, mas também não tive vontade de negar e disse sim a ela. O primeiro ano foi bom, era um conhecer de ambos os lados, a partir do segundo ano as camadas da relação foram sendo retiradas e aí começou uma longa jornada, onde tivemos e temos altos e baixos, aproximações e distanciamentos.

São seis anos e meio de convivência, onde sinto resistências íntimas em aceitar ele como é, porque algumas características dele me irritam profundamente, ele sabe disso. Eu com certeza devo irritá-lo em alguns lugares. O Francisco não se sente tão afetado assim, o que ajuda na relação familiar, onde alternamos quem está mais junto em cada situação que se apresenta. De novo, entendendo a dança que o movimento da vida traz. Mas o fato é que uma adoção tardia, não é um caminho fácil de trilhar para os dois lados, muita coisa para desconstruir e muitas frestas a se abrir.

Mas ao mesmo tempo me sinto feliz por ver o quanto ele cresceu, amadureceu e está num processo de descobertas muito interessante. Ele chegou aqui na 3ª série do Fundamental 1 e conseguiu, depois de passar por um processo de aceleração, terminar o ensino médio ano passado, isso há sete anos seria impensável de acontecer nesse espaço tempo. Então teve nossa participação intensa e próxima, mas teve esforço dele também.

Como disse anteriormente, não acredito no acaso, esse encontro se deu para que cada um aprenda um pouco nessa convivência, mesmo que mexendo em questões profundas, mas entendendo que seja para o melhor de cada um dessa família. O afeto através do toque ainda não é possível de forma natural, mas no momento certo acontecerá.

O mais importante é a conquista de conversarmos abertamente sobre nossas dificuldades na relação e poder fazer um combinado: de não desistir um do outro. Assim seguimos, um passo de cada vez, mesmo que às vezes caminhando de lado, mas estamos em movimento, juntos.

2.6 Francisco

*Francisco
47 anos
Arteterapeuta e Arte-Educador
Natural do Rio de Janeiro*

Minha expectativa de ser pai sempre foi algo que me acompanhou. Era como um desejo sempre presente, mas que nunca se realizava de fato. A oportunidade disso se concretizar me rondou alguns momentos, como em meu primeiro namoro sério. Mas, assim como outras relações que ficaram no caminho, percebia uma distância grande para a sua realização.

A verdade é que sempre encarei a paternidade como um chamado da vida a interferir positivamente na vida alguém, de compartilhar afeto sincero, de acolher em amor alguém que vai mudar para sempre a vida da gente.

Até que um dia, encontrei um relacionamento que eu entendia como ideal para viver essa experiência de fato. Minha esposa não podia mais ter filhos de forma biológica, mas isso não diminuía o desejo de concretizar essa paternidade. Assim, em um acontecimento extraordinário, surgiu Antônio em nossas vidas.

As expectativas da experiência paternidade tiveram que ser totalmente revistas, pois era um adolescente de 15 anos cheio de marcas e feridas profundas de uma vivência de ausências e abandonos. Já existia uma história que, a partir daquele momento, seria escrita por nossas mãos também.

Foi e ainda é uma experiência cheia de percalços, mas que vale a pena por cada minuto vivido. Hoje com 21 anos, ele vem restaurando toda uma trajetória e plantando novos sonhos para si próprio. Eu, enquanto isso, descobri mais sobre mim do que sobre ele, ao me permitir desconstruir e reconstruir meus planos de ser pai, que só foi possível pela entrega ao elemento que faz a vida ter sentido, o amor.

A ele, meus melhores afetos na esperança de que tenha uma vida plena, cheia de sentido, contando sempre comigo para as suas vivências futuras.

Para finalizar este capítulo, recorro ao autor da epígrafe. A canção com a qual início esta parte da tese pode ser encontrada no álbum “Amar Elo” (EMICIDA, 2020) e, segundo ele, essa música “representa a expansão do abraço proposto” nesse recente trabalho. Sua ideia era manter o espírito de positividade e ajudar na construção de mais amor e fé entre as pessoas¹¹. Se “viver é partir, voltar e repartir”, espero que as autoapresentações tenham sido um forte e afetuoso abraço carregado das minhas (e das dos demais participantes) melhores energias e emoções em todos que se dispuserem a ler meu trabalho.

¹¹ Declaração de Emicida em entrevista ao site portaldopline.com.br. Acesso em 2/11/2022, às 8h

3 Quem sou eu e do desejo de ser pai à adoção

(...) Quem costuma vir de onde eu sou / Às vezes não tem motivos pra seguir /
Então levanta e anda, vai, levanta e anda /
Vai, levanta e anda /
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz /
Coisas que te faz prosseguir /
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda /
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda (...)

Levanta e Anda. Emicida¹²

Os versos desta outra canção de Emicida são muito significativos para mim e guardam estreita relação com o título deste capítulo quando eu olho para a minha vida. “(...) Quem costuma vir de onde eu sou/ Às vezes não tem motivos pra seguir”. É dura a vida do negro, pobre e favelado no Brasil. Parece que não temos perspectivas ou que elas são tão limitadas a um universo que nos é imposto e, quando temos a empáfia (gosto da sonoridade dessa palavra) de furar a bolha, é libertador porque temos a certeza de que o céu não é o limite e que há muito mais para desvendar e conquistar.

Eu poderia ser um combo do que muita gente por aí julga ser uma ameaça social: negro e morador da favela. Morei com os meus avós desde que nasci (minha mãe precisava trabalhar e, por isso, por eles fui adotado) até o fim da vida deles em um conjunto habitacional anexo ao Jacarezinho, uma favela na Zona Norte do Rio de Janeiro, porque minha mãe precisava trabalhar. Cresci sem pai, ou melhor, sem conhecer meu pai. Porém, fui muito amado pela vó e pelo vô. Quando ele, meu velho Francisco, morreu, eu tinha 23 anos e quando um dos grandes amores da minha vida, a vovó Dyrce, se foi, eu estava com 25.

Minha família nem sempre morou nesse local. Todos vieram de uma outra favela chamada Nova Holanda, no Complexo da Maré, também no Rio de Janeiro. Em seu primeiro casamento, minha avó teve 6 filhos (um deles morreu um pouco depois que nasci). Esse relacionamento acabou e depois ela passou a viver com Francisco, que me adotou como seu neto e com quem convivi do meu nascimento, em 1974 até sua morte, em 2017. De todas as dificuldades que passamos, além das

¹² EMICIDA. Levanta e Anda. Compositores: Emicida / Rael Da Rima. Levanta e Anda (part. Rael da Rima) - Emicida - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 2/11/2022, às 14h

cabeçadas e das besteiras feitas na minha adolescência, o fato que mais me chateava era não ter um pai. Alguns podem até pensar que é besteira da minha parte, afinal de contas, éramos uma família numerosa: minha avó, meu avô Francisco, minha mãe, quatro tios, Bené (uma parente do primeiro marido da minha avó que morava conosco) e eu.

No apartamento de um quarto onde morávamos no AP (apelido do conjunto habitacional), conviveram – entre as idas e as vindas dos meus tios adultos que saíram de casa para trabalhar e/ ou se casar – aproximadamente 8 pessoas. Havia períodos nos quais alguns de meus tios dormiam no corredor, visto que, no espaço com cerca de 30 m², não cabíamos todos.

Como em todas as famílias, havia momentos deliciosos como as datas comemorativas, mas também outros um pouco complicados, bem ruins, que aconteciam, muitas vezes, nas próprias festas familiares. Durante seis anos, eu fui o único neto, o único filho, o único sobrinho e isso me rendeu muitos chamegos, muitos mimos, muito afeto. Eu era um bom garoto e, além disso, à época, querido pela família. Fui uma criança com muitos colegas e com uma rotina bem típica: escola, casa, brincadeiras na rua e atividades religiosas. Sempre fui um bom aluno, mas nada de excepcional. Estudei parte do Ensino Fundamental na Escola Municipal Oswaldo Cruz, em Higienópolis, um bairro próximo à minha casa. Não era um grande amante dos bancos escolares – a não ser, lógico, pela merenda (como era gostosa a comida da rede pública na minha época! Eu comia quantas vezes me deixassem quando era macarrão com salsicha ou polenta ou arroz com sardinha) e pela hora do recreio, na qual podia brincar e jogar bola com o pessoal. Em 1985, na antiga quinta série (hoje sexto ano) passei no concurso do Colégio Pedro II. Sempre fui orientado por meus avós e por minha mãe a estudar porque, através dessa atividade, poderia ser quem eu quisesse, além de não me meter em confusão nem me misturar com más companhias ou, ainda, não fazer e usar as “besteiras” que estavam a nossa disposição.

Corri muito na rua e brinquei como toda criança com bastante energia deve fazer. De vez em quando, esquecia a hora de subir e várias vezes tive que driblar o chinelo de Dyrzinha, que aparecia voando ao meu lado quando ela descia atrás de mim depois de ter gritado o meu nome várias vezes da janela do quinto andar. Durante muito tempo, frequentei a evangelização e a juventude de um Centro

Espírita que minha avó frequentava. Lá também fiz muitos amigos com quem tenho contato até hoje. Foi uma infância pobre, mas muito, muito feliz.

Entretanto, o fato de não ter pai ainda era uma questão para mim. Por mais que meu avô e alguns tios tentassem preencher essa lacuna, não era a mesma coisa. Além disso, eu convivía com colegas que faziam parte de uma “família completa”. No Dia dos Pais, quando todos vinham para nossa casa celebrar a data junto de meu avô, eu via meus tios com seus filhos; meus colegas, em suas casas, com seus pais, e eu mais uma colega éramos os únicos do grupo que não comemorávamos essa data da maneira como os outros faziam. Outra questão de que me lembro remete à década de 1980: existia um programa infantil chamado “A turma do Balão Mágico”. Eles lançaram um Long Play (LP) que tinha uma música cujo título era “Dia dos Pais”. Era linda, linda. Sei de cor até hoje. Entretanto, sua beleza contrastava com a tristeza sentida por mim ao ouvi-la em todo segundo domingo de agosto:

Um passarinho/ Me acordou cedinho/ Cantando lindo/ Que nem rouxinol/ E o céu sorrindo / Azul, azul, limpinho/ Abriu caminho/ Pra passar o sol/ Um dia lindo/ Com todas as cores/Um arco-íris/ Garantiu que sai/ E o bem-te-vi disse/ Que viu as flores/ Vindo enfeitar / O dia do papai/ Amigo velho/ Eu queria falar/ Meu velho amigo/ Foi tão bom te encontrar / Amigo velho/ Eu te amo demais/ Meu velho amigo/ Todo dia/ É dos pais (...) ¹³

Havia alguns colegas cujos pais já tinham morrido, mas – ao menos – eles os conheceram. Eu não sabia quem era o meu, mas gostaria de tê-lo ou “sabê-lo” ao menos. Isso era algo que me angustiava bastante e decidi ainda muito cedo ser pai. Eu desejava que meu filho me conhecesse, tivesse contato comigo para nunca sentir tudo o que eu senti na minha infância por causa da ausência da figura paterna. Um outro fato, que, só na fase adulta, me causou incômodo foi ter feito parte de uma família majoritariamente negra (apenas os dois maridos de minha avó eram brancos) e nunca ter havido uma discussão sobre racismo, sobre nossa negritude. Há várias versões disso na minha cabeça: o fato de eles sempre terem convivido entre negros e por isso (se for possível) julgarem que essa prática não existia ou ainda que sofressem esse preconceito e resolviam tais questões dentro de si ou a falta de um conhecimento consistente que pudesse fazer com que se enxergassem

¹³ A TURMA DO BALÃO MÁGICO. Dia dos Pais. A. Araújo, E. Poças, F. Don Diego [Compositores]. In: _____. CBS Records (CBS Discos), 1984, Brasil, LP. Faixa 3, lado B.

como negros com força e com capacidade de vencer, discutir e lutar. Estou falando das décadas de 1970 e 1980 eu sei que essas pautas não eram tão discutidas ou eram pouco acessíveis naquela época. Durante um tempo, a família não tinha televisão, havia apenas o rádio no qual minha avó escutava suas canções da MPB. Por isso, a circulação de informações e a consequente discussão sobre os fatos poderiam ser mais difíceis. Contudo, esse “erro” eu não cometeria com meu filho.

Muitos foram e ainda são meus sonhos nesta de vida. *“Mas eu sei que vai, que o sonho te traz/ Coisas que te faz prosseguir”*: sair da favela, ter minha própria casa, ser professor (decisão tomada desde os oito anos), constituir uma família e ter um filho. Tudo isso aliado ao desejo de viajar pelo Brasil e por algumas partes do mundo. Ainda há muito a realizar e a sonhar. Devo bastante aos esforços dos meus avós e da minha mãe por, lá atrás, não terem desistido de mim. Comecei a trabalhar com 13 anos (ganhava meio salário-mínimo) com o objetivo principal de ajudar um pouco em casa já que meus avôs ganhavam um salário-mínimo cada um. Nesse período, muitos primos passaram pela casa de minha avó. Quando os pais tinham alguma dificuldade financeira ou de outra natureza, era com Dyrce que eles ficavam.

Até meus vinte anos, trabalhei em diversas instituições como office-boy. Em 1996, por ter conseguido duas promoções seguidas em uma empresa e por trabalhar na Assessoria de Imprensa daquele local, ingressei na faculdade de Jornalismo. Todavia, um ano depois, essa empresa faliu e, sem dinheiro, abandonei o curso. Era momento então de retomar meu desejo da infância. A dúvida era: ser professor de quê? Sempre amei a Matemática embora tenha ficado reprovado uma vez nessa disciplina e tinha muita facilidade para aprender Gramática e Literatura. Ao voltar à Universidade, com o intuito de me tornar finalmente professor, fiquei entre esses dois caminhos. Minha primeira escolha foi me dedicar àquilo que era - no momento - minha paixão. Em, 1998, então, tornei-me calouro do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foram seis períodos, mas desisti do curso.

Antes disso, no final de 1997, meu avô já tinha falecido e, três anos depois, foi a vez de minha avó. Precisei morar sozinho e me virar. Com 27 anos, em 2001, decidi voltar a estudar e ingressei na Universidade Estácio de Sá para cursar Letras. Fui muito feliz naquele lugar. Fiz parte do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade e de muitos projetos artísticos e culturais. Ainda estudante de

Letras, em 2003, Ana e eu nos conhecemos. Ela entrara na faculdade um período depois de mim. Nós nunca havíamos trocado uma palavra até sermos convidados por um professor a fazer parte de um trabalho de apoio à leitura. Aproximamo-nos e, com o passar do tempo, notando que tínhamos afinidade, começamos a namorar.

Em 2005, estávamos casados e depois de 4 anos - com a vida um pouco mais estruturada - “decidimos engravidar”. Na mesma época, descobri uma massa tumoral de 11 cm entre a próstata e a bexiga sem chances até hoje de ser extraída. Essa situação nos tirou o sono, deixou-nos apreensivos para saber de que forma agiríamos. Afinal de contas, era necessário ter um diagnóstico. Tempos antes, aos 20 anos, eu já havia descoberto ser portador da doença de Von Recklinghausen, ou Neurofibromatose¹⁴ (NF), mas, na consulta a um dermatologista (profissional que me diagnosticou na época, já que eu apresentava algumas lesões subcutâneas enviadas para biópsia), eu não obtive informações aprofundadas. Fui informado de que se tratava de uma doença benigna e de que não deveria me preocupar e segui a vida sem intercorrências à época. Entretanto, 15 anos depois, fui surpreendido – depois de vários exames – com a revisita dessa doença. Além das manchas café com leite e dos outros nódulos subcutâneos que me acompanham desde que descobri a NF e que estão entre seus sintomas, veio o grande tumor, na verdade, um neurofibroma plexiforme¹⁵. Faço acompanhamento com um neurologista (já que descobri alguns pequenos nódulos no encéfalo) além de um urologista, um geneticista e com médicos do INCA (Instituto Nacional de Câncer). Desde 2009, não há aumento do tamanho dessa lesão.

Por ser uma doença também genética, havia 50% de chances de meu filho biológico nascer com NF. Há casos muito piores que o meu. Pessoas com tumores bem maiores, internos e externos. Naquele momento, por mais que Ana tentasse me acalmar, fiquei desnordeado: saber que isso poderia ser herdado de mim, fez com que eu pensasse em não ter mais filhos. Entretanto, ela me acolheu e, depois de conversarmos, decidimos adotar. Mesmo sabendo que a criança que chegasse pelo caminho do coração poderia também apresentar no futuro algum problema de

¹⁴ O termo *Neurofibromatose* vem da combinação de duas palavras em medicina: *neuro* e *fibroma*. *Neuro* significa relacionado aos nervos e *fibroma* é um crescimento exagerado (ou tumor) de células parecidas com fibras. Um *neurofibroma*, portanto, é um tumor causado pelo crescimento de células relacionadas com os nervos.

¹⁵ Os neurofibromas plexiformes **podem se transformar em tumores malignos** em cerca de 15% das pessoas com NF1 que nascem com eles. Além disso, podem causar deformidades em qualquer parte do corpo.

saúde, porque nem sempre se tem acesso a seu histórico de saúde, entendemos que esse era o melhor caminho para sermos pais. Na minha cabeça, seria mais leve com qualquer doença que não fosse “culpa minha”.

Foi, sem dúvidas, uma decisão acertada. Kayo, a quem vou apresentar melhor mais à frente, é um dos meus bens mais preciosos. Nosso encontro foi realmente mágico e, nos próximos capítulos, narrarei um pouco desse momento. Sou muito feliz ao lado dele e ao lado da Ana. Como toda família, temos nossos momentos difíceis, mas que são compensados por muita alegria, muitas viagens, muitas séries juntas à frente da TV, muito fondue (porque o frio de Teresópolis, lugar onde moramos e de onde escrevo essas páginas, pede) e muito amor. Para retomar Emicida, meu lema e da Ana, que tentamos passar para ele, é que nada na vida é fácil. Há uma dose de esforço e de luta para conseguirmos aquilo que almejamos; mas, se em algum momento a gente cair, mesmo sendo difícil, só há uma coisa a fazer: “Vai, levanta e anda vai, levanta e anda/ Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda”

4 Quem é o verdadeiro adotado?

Depois que te encontrei / Uma estrela apareceu no meu teto / Meu coração se encheu de afeto / É como se abrisse um portão/ Em nossas vidas / Depois que te conheci / Era como se não houvesse antes / Meu mundo é agora em diante / É como plantar um jardim / Nem sei quanto tempo esperamos / Até que um dia enfim / Você já faz parte de mim

Portão – Lula Queiroga¹⁶

Em março de 2016, estreava, no canal da TV por assinatura GNT, o programa “Histórias de Adoção”. A epígrafe deste capítulo é a música de abertura que, na voz de Ayrton Montarroios, embalava as narrativas daqueles pais e mães felizes por terem seus rebentos junto deles. Ana e eu assistimos a quase todos os episódios. Em um deles, inclusive, surpreendemo-nos com a presença de uma colega de trabalho de uma escola onde trabalhamos durante anos. Ela e o marido compartilhavam com os telespectadores a história da chegada do Tonton (apelido carinhoso dado ao filho por eles) às suas vidas.

As histórias sempre muito felizes nos traziam a expectativa de como seria o encontro com nosso filho. O que não era aprofundado (até por não ser o objetivo do programa) era o processo, o itinerário a ser percorrido até o dia no qual estaríamos reunidos frente a frente.

4.1 A adoção no Brasil

Meu objetivo será, nesta seção, explicar resumidamente o passo a passo de como é adotar no Brasil e dissertar sobre alguns tipos de adoção. Entretanto, é lícito, antes de tudo, definir o que seria a adoção. Segundo a etimologia da palavra, significa “‘escolher’, ‘optar por’, ‘aceitar’, ‘acolher’, ‘perfilhar’” (1982, p. 16). Na legislação brasileira, trata-se de uma forma legalmente estabelecida de conduzir crianças e adolescentes a uma família diferente da biológica. Essa família é, segundo o artigo 43 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), chamada substituta. Essa colocação ocorre depois da destituição do poder familiar dos

¹⁶ LULA QUEIROGA. Portão. Compositor: Lula Queiroga. Portão - Ayrton Montarroios - VAGALUME. Acesso em 3/11/2022, às 10:30

genitores ou da família de origem. De acordo com Moreira (2020, p.19), a adoção, embora haja campanhas de apoio e uma maior mobilização por parte dos indivíduos, não é uma prática recente, porque “quase que a totalidade dos povos – hindus, egípcios, persas, hebreus, gregos e romanos” acolhia crianças e consideravam-nas como seus filhos. No Código de Hamurabi (1728 a.C. a 1686 a.C.), por exemplo, há nove artigos (185 a 193) que regulamentavam a adoção daquela época. Na Bíblia Sagrada, há relatos de adoções. No Velho Testamento, a história de Moisés, o qual, por conta de um decreto do Faraó do Egito ordenando matar todos os meninos recém-nascidos, foi deixado por sua mãe Joquebede às margens de um rio na esperança de alguém dele cuidar. Depois disso, o menino foi encontrado e adotado pela filha do próprio Faraó¹⁷. Já no Novo Testamento, segundo a tradição cristã; Jesus fora concebido, no ventre de Maria, pelo poder do Espírito Santo. Como ela se tornaria esposa de José, este assumiu o Cristo como seu filho¹⁸. Na Mitologia Iorubá, Obaluaê, o orixá da cura, era filho de uma divindade chamada Nanã, mas ela o rejeitou porque ele seria extremamente feio, manco e com feridas pelo corpo, o que levou à essa atitude de sua genitora. Quem o encontrou, abrigou-o e adotou-o como filho foi Iemanjá, conhecida popularmente como a Rainha do mar.

No Brasil, a adoção foi regulamentada apenas em 1916, em razão da criação do Código Civil. Naquela época, bem diferente do que se preconiza hoje, entre os requisitos para se habilitar à adoção, destacavam-se a idade mínima de 50 anos e o fato de os adotantes não poderem ter filhos vivos. Um fato curioso era a possibilidade de devolução do adotado através de uma escritura pública sem a intervenção da justiça. Isso quer dizer que todo esse processo servia aos interesses das famílias e não ao bem-estar das crianças. Muita coisa mudou de lá para cá e a regulamentação da adoção foi evoluindo até chegar aos moldes atuais. Foi com o ECA, entretanto, que o poder público mostrou maior preocupação com as necessidades das crianças e dos jovens do que apenas com os anseios das futuras famílias.

A criação, em 2008, do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) e, desde 2019, com mudanças em sua estrutura, passando a ser chamado Sistema Nacional de

¹⁷ Esta parte da vida de Moisés pode ser encontrada no Velho Testamento em Êxodo, capítulo 2.

¹⁸ O episódio em que José fica sabendo da gravidez de Maria pode ser encontrada no Novo Testamento em MATEUS 1:18-25 LUCAS 1:56

Adoção (SNA) foi um grande avanço para se ter acesso ao número de crianças e de adolescentes em situação de acolhimento bem como aquelas que estão aptas a ser adotadas. Ele traz também os dados dos habilitados além de outras ferramentas informacionais para tornar o processo o menos demorado possível já que o cruzamento desses dados aumenta “as possibilidades de encontros e, por conseguinte, de realização de adoções” (Moreira, 2020, p. 31). De acordo com os dados extraídos do SNA,¹⁹ há, no país, mais de 30 mil crianças e adolescentes acolhidos (ou seja, em abrigos), porém somente 4504 disponíveis para adoção.

4.1.1

O processo de adoção

Quando finalmente Ana e eu decidimos adotar, começamos a buscar informações a respeito de como dar entrada no processo. Procuramos a 1ª Vara de Infância, da Juventude e do Idoso²⁰ (VIJI) a fim de entender como seria para nos habilitarmos e sermos incluídos no Sistema Nacional de Adoção. Esse sistema, segundo Moreira (2020), é

gerido pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), é uma ferramenta de dados onde constam, em campos próprios, habilitados à adoção, crianças e adolescentes disponibilizados à adoção, incluindo, a partir de outubro de 2019, crianças e adolescentes em acolhimento institucional e familiar. (ibid., p. 31)

O processo de habilitação, também previsto no ECA, é burocrático, mas necessário. Graças à Lei 12010/2009, chamada de “Nova lei da adoção”, esse procedimento foi uniformizado, já que cada comarca, ou seja, cada Vara da Infância, agia conforme seus entendimentos²¹. De início, é necessário que os interessados na habilitação protocolem na VIJI um requerimento, reunindo os seguintes documentos, conforme informação do portal do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ):

Carteira de identidade do(s) requerente(s) e CPF; Certidão de casamento ou de nascimento do(s) requerente(s) se for o caso; Comprovante de residência do(s)

¹⁹ JUSTIÇA, Conselho Nacional de. Disponível em: <cnj.jus.br>. Acesso em: 17/02/2024.

²⁰ Na cidade do Rio de Janeiro, há quatro varas da infância. Os adotantes precisam buscar a mais próxima a sua residência. No nosso caso, procuramos a 1ª VIJI, localizada no bairro Cidade Nova, na Praça Onze de Junho, 403, por ser aquela que abrangia o atendimento ao bairro onde morávamos.

²¹ Posteriormente, alguns artigos referentes à seção da habilitação de pretendentes à adoção foram alterados na Lei 13509/2017 (Moreira, 2020).

requerente(s); Comprovante de renda do(s) requerente(s); Atestado de sanidade física e mental do(s) requerente(s); Declaração de idoneidade moral do(s) requerente(s) - apresentado por duas pessoas sem relação de parentesco com o(s) requerente(s); Certidões cíveis e criminais.²²

Em relação à documentação exigida, vale esclarecer determinados pontos: o atestado de sanidade física e mental pode ser assinado por médico psiquiatra, da família ou do trabalho. Ele visa atestar que os habilitandos estejam em plena forma física e mental. A declaração de idoneidade moral – firmada por duas pessoas que não tenham grau de parentesco –, embora não prevista por lei, tem por objetivo a informação de que não há fatos impeditivos à habilitação e, conseqüentemente, à adoção. Ela deve ter firma reconhecida ou, dependendo da comarca, vir acompanhada de cópias simples da carteira de identidade e Cadastro de Pessoa Física (CPF) dos declarantes. Já as certidões cíveis e criminais deixam claro os processos nos quais os habilitandos figuram como réus ou como autores. Neste caso, só devem ser passíveis de preocupação, ainda que fique a critério do juiz da comarca) os processos criminais, por exemplo, se requerentes estiverem sendo processados por não pagarem alimentos a filhos de relações anteriores

Algumas comarcas, conforme Moreira (2020), promovem uma primeira explicação acerca da adoção. Há também a obrigatoriedade da presença dos candidatos à habilitação a reuniões nos Grupos de Apoio à Adoção (GAA)²³, encontros nos quais são discutidos vários temas. Entre eles, pode-se ressaltar a adoção de crianças maiores e de adolescentes, de crianças com deficiência ou com HIV e a convivência nos primeiros momentos depois da adoção. O número de reuniões varia. Quando Ana e eu iniciamos esse processo, tivemos que participar de três delas. Além disso, em seu artigo 2º, a Lei 12010/2009 indica o seguinte:

Sempre que possível e recomendável, a etapa obrigatória da preparação referida no § 1º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com o apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de

²² Adaptado de Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.tjrj.jus.br/web/portal-da-infancia-e-juventude/adocao>>. Acesso em: 21/05/2022

²³ Esses grupos podem ser institucionais (coordenados pela VIJI) ou privados. Estes devem estar cadastrados e certificados pela Comarca.

acolhimento familiar ou institucional e pela execução da política municipal de garantia do direito convivência familiar.²⁴

Destinada a grupos de habilitandos ou a habilitados em fase de renovação e ainda não praticada por todas as comarcas, esse tipo de visitação pode ter acompanhamento dos GAA. Essas visitas podem se revelar uma excelente experiência, quando bem realizadas, já que nelas pode se dar o encontro dos pais com seus futuros filhos. Ainda em relação aos encontros nos GAA, eles acontecem uma vez por mês. A cada reunião, cada habilitando deve recolher, junto ao responsável pelo grupo, a comprovação de comparecimento, a fim de anexar ao restante dos documentos exigidos para dar entrada no processo na Vara da Infância. Depois da reunião de todos os itens acima, Ana e eu nos dirigimos à VIJI para dar entrada no processo. Passados alguns meses, fomos chamados para uma entrevista com a equipe técnica. Nessa etapa, os habilitandos passam por estudos sociais e psicológicos.

O estudo social tem por finalidade verificar se os postulantes à adoção têm as condições de oferecer à criança (ou às crianças) que querem adotar uma estrutura mínima para que ela (ou elas) possa(m) se desenvolver. Como exemplo, nós recebemos a visita da assistente social em nossa residência a fim de verificar o ambiente onde nosso filho viveria e como era nossa rotina. Mister se faz dizer que essa visita não tem como objetivo aferir se a família é ou não abastada, mas – sobretudo – se tem uma vida digna, se vive em um ambiente adequado ao desenvolvimento pleno da criança. No caso do estudo psicológico, o objetivo da equipe técnica é entender o porquê de adotar. Há a tentativa de conscientização de que a criança, ao ser adotada, virá para fazer parte da família e não para preencher lacunas. Por mais que os habilitandos tenham vontades e desejos, deve-se ter em mente que – em primeiro lugar – a adoção serve para atender às necessidades da criança. Por isso, a importância de todos os procedimentos acima.

É possível, depois de todo esse caminho, que alguém tenha seu processo indeferido? Como resposta, Moreira (2020) afirma o seguinte:

²⁴ BRASIL. Lei nº 12010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 3 ago. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm>. Acesso em: 21/05/2022

Essa possibilidade existe e dependerá da análise do bojo das condições dos pretendentes, as razões da adoção (...). Se o pretendente busca uma criança ideal ou idealizada, com absoluta certeza não será habilitado, pois a criança real, aquela que se encontra acolhida, em nada lembra a criança perfeita e idealizada. Em algumas situações específicas o processo de habilitação é interrompido para que os pretendentes se submetam à terapia ou participem de até 12 reuniões em grupos de apoio à adoção. (ibid., p. 28)

Esse maior tempo tem como objetivo que os postulantes amadureçam mais suas ideias e, a partir disso, busquem uma criança real, ou seja, aquela que está nos abrigos e precisa ser acolhida por alguma família. Caso a inabilitação persista, eles podem recorrer judicialmente da decisão tomada pela equipe técnica. Para não ficar esquecido (é claro!), ainda dentro do processo de habilitação, há a composição do perfil da criança a qual os habilitandos desejam adotar. Essa escolha pretende saber a etnia, a idade, o sexo e se a criança pode ser portadora de doenças tratáveis ou não. Há aqueles que são bastante abertos em relação a esse perfil e outros mais limitados. Mesmo havendo muitos críticos em relação a essa prática, é lícito destacar que há devolução de crianças no meio do processo e novamente recorrendo à Moreira (2020):

Na nossa concepção, o perfil deve continuar a existir para que os estudos técnicos deem segurança à criança a ser inserida no lugar de filha. (...) A adoção não é uma aventura que pode ou não seguir adiante, não se pode fazer experimentações com crianças e adolescentes. O perfil deve ser construído com cuidado e responsabilidade. (ibid., p. 30)

Com a criação dos GAA e a obrigatoriedade da presença dos habilitandos às reuniões, o cenário de criação do perfil tem se modificado, embora os números do SNA indiquem que a maioria dos candidatos à habilitação desejam meninas, saudáveis, brancas e com poucos meses de vida. Essa predileção por esse perfil, para Pires e Sales (2020, p. 330) tem a ver – muitas vezes – com a busca por características semelhantes às dos adotantes. Além disso, segundo Costa & Rosseti Ferreira (2007), há uma crença de que mulheres, por serem dóceis, são mais adaptáveis a novas realidades. A busca maior por bebês também tem relação, conforme Dias et al. (2008), com o fato de os adotantes julgarem que elas terão uma adaptação maior e mais fácil ao contexto familiar no qual serão inseridos.

Ana e eu escutamos de algumas pessoas que éramos corajosos por causa do perfil que traçamos: uma criança de qualquer raça (tolos, achamos que essa opção

tornaria mais rápida a adoção. Hoje sabemos que, se tivéssemos optado logo por uma criança negra, junto às outras características, tudo teria sido mais rápido) independente de gênero e de até seis anos de idade e dentro do estado do Rio de Janeiro. Havia vários motivos para essa escolha. Entre elas, o fato de que uma criança maior se encaixaria melhor em nossa rotina agitada. Há quem ache que crianças mais velhas trazem maus hábitos e têm caráter duvidoso. No maldoso imaginário popular, isso seria fruto da família biológica (Vargas, 1998) e/ou dos abrigos onde passaram um tempo (Costa et al., 2007).

Vale ressaltar que a habilitação tinha validade de dois anos²⁵. Passado esse tempo, dever-se-ia ser realizada a renovação do documento, a fim de que continuássemos na fila. Um ano e meio depois de estarmos habilitados e sem nenhum contato da Vara da Infância, eu comecei a fazer parte de vários grupos virtuais de apoio à adoção. Um deles, pelo WhatsApp, realizava o que se chama de busca ativa²⁶.

Foi, dessa forma, que conhecemos o Kayo. Em Belo Horizonte (BH), sua cidade de origem; não havia, à época, habilitados para a adoção de um menino negro, com quase 10 anos (ele tinha 9 anos e oito meses quando o conhecemos). Antes de ele ser oferecido à adoção internacional (segundo informações passadas pela equipe técnica da Vara da Infância responsável pelo seu processo), foram procurados os grupos de busca ativa para saber se, em outra comarca dentro ou fora de BH, haveria habilitados interessados em conhecê-lo. Quando li as informações no grupo, pensei: é meu filho! A postagem trazia a seguinte descrição: “menino negro, 9 anos, gosta muito de estudar e quer muito uma família”. Confesso que o “gosta muito de estudar” foi um exagero, mas pegou em cheio pais professores.

Pode ser que fique no ar a pergunta: como assim “é meu filho?!” se a criança tinha mais de 6 anos (idade máxima no perfil pretendido)? Começamos o processo em 2013 (comparecimento aos GAA, juntada de documentos até dar entrada no protocolo da VIII). Se tivéssemos conseguido adotar naquele mesmo ano, nosso filho, em 2016, ano em que conhecemos o Kayo, teria 9 anos.

²⁵ Na época em que adotamos era este o prazo. Hoje, é de três anos.

²⁶ A busca ativa permite que pessoas que se habilitaram inicialmente para um perfil mais restrito tenham ciência de casos de adotabilidade de crianças e de adolescentes fora desse perfil, aumentando as chances de esses serem adotados. Essas adoções, em alguns casos, podem também ocorrer fora do limite geográfico indicado inicialmente pelos adotantes.

Mais uma etapa do processo de adoção, para crianças com idade do Kayo, é a aproximação. Como ele estava em outra cidade, combinamos com a VIJI de visitá-lo a cada 15 dias. Durante dois meses, até o dia em que recebemos – no dia 1º de dezembro de 2016 – autorização para que ele passasse 50 dias conosco, ficávamos, de três a quatro dias em Belo Horizonte. Nesse espaço de tempo, quando não estávamos juntos fisicamente, ligávamos para ele todos os dias para conversarmos.



Figura 1 – Um de nossos passeios juntos, em Belo Horizonte, ainda na fase de aproximação.²⁷

Depois desse período no qual ele veio para o Rio e conheceu seus primos, tios e avós, retornamos à VIJI e, depois de a equipe técnica conversar conosco separadamente; recebemos a guarda provisória para fins de adoção. A partir daquele momento, poderíamos matriculá-lo na escola, colocá-lo como dependente em plano de saúde e tomar todas as medidas legais. Solicitamos a transferência do processo para a Comarca do Rio de Janeiro porque seria mais fácil acompanhar o andamento e visitar a VIJI aqui em vez de termos que ir constantemente a Belo Horizonte para isso. Em maio de 2018, veio, então, a boa notícia: fomos chamados pelo juiz da Infância e Juventude a fim de receber a nova certidão de nascimento na qual o sobrenome dele tinha mudado e nossos nomes figuravam como seus pais.

A adoção de uma criança com as características do Kayo fugia totalmente ao perfil da ainda maioria dos habilitados à adoção e, principalmente, por sua idade,

²⁷ Acervo pessoal do autor.

é considerada o que se denominava antes “adoção tardia” (e mais recentemente “adoção de crianças maiores e de adolescentes”) além de ser também inter-racial.

4.2

A adoção de crianças maiores e de adolescentes: sem limite de idade para o amor

Antes de começar a seção, é importante explicitar o cenário apresentado pelo SNA (Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento) em relação à faixa etária das crianças e jovens abrigados no Brasil.

Por faixa etária

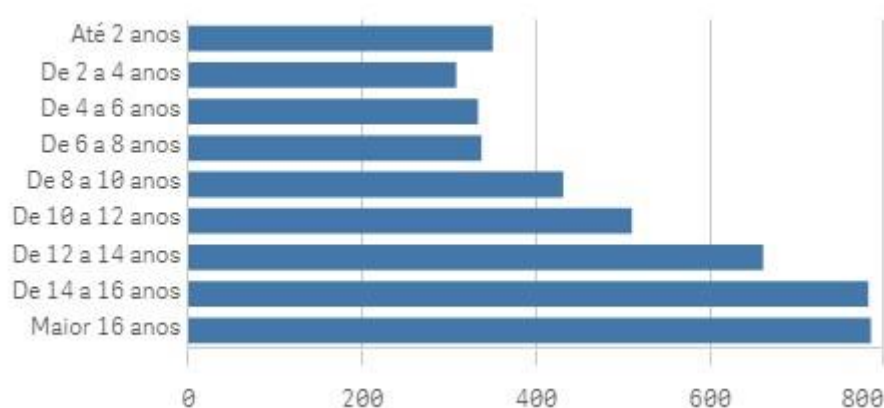


Figura 2²⁸ - Crianças habilitadas à adoção no Brasil por faixa etária

O gráfico acima mostra que, das mais de 4504 crianças disponíveis para a adoção, cerca de 75% têm acima de 8 anos, idade que considerarei aqui como ponto de partida para analisar a adoção de crianças maiores e de adolescentes.²⁹ Considerando o fato de que no SNA constam 36115 pretendentes disponíveis e somente 2176 desejam adotar crianças mais velhas e adolescentes, conclui-se que os “adotáveis” dessa faixa etária tendem a ficar mais tempo em situação de

²⁸ JUSTIÇA, Conselho Nacional de. Extraído de Crianças disponíveis para adoção. Disponível em: <cnj.jus.br>. Acesso em: 17/02/2024.

²⁹ Moreira (2020) considera 7 anos (inclusive) a idade inicial para esse tipo de adoção. Para facilitar a leitura do gráfico, tomo como base inicial os 8 anos.

acolhimento e muitos, mesmo com todas as tentativas das Varas da Infância e Juventude, não conseguem ser inseridos em uma família.

Tais crianças, segundo Vargas (1998),

(...)ou foram abandonadas tardiamente pelas mães, que, por circunstâncias pessoais ou socioeconômicas, não puderam continuar se encarregando delas ou foram retiradas dos pais pelo poder judiciário, que os julgou incapazes de mantê-las em seu pátrio poder, ou, ainda, foram "esquecidas" pelo Estado desde muito pequenas em "orfanatos". (ibid., p.35)

Ser adotado se torna mais difícil quanto mais velha for a criança. A idade mais avançada traz mais histórias que foram marcadas, na maioria das vezes, por “sofrimento, abandono e tristeza” (Jubé, 2018, p. 62). Estreitar e apertar laços nessa modalidade de adoção é, sem dúvidas, um processo difícil porque a entrada de um novo membro no contexto familiar traz consigo uma série de incertezas. Recorrendo mais uma vez a Jubé (2018), ainda se sabe muito pouco sobre como os relacionamentos familiares nesses tipos de adoção mudam ou permanecem. Na verdade, histórias com crianças em tenra idade ou de bebês adotados tendem a ser, segundo pensam muitas pessoas, mais bem-sucedidas, já que os pais julgam ter mais chances de educá-las e de moldá-las segundo seus valores. Quando se pensa em adotar crianças maiores ou adolescentes, surgem os seguintes questionamentos:

Afinal, quais os conflitos e efeitos subjetivos cercam as relações familiares com a chegada de uma criança mais velha neste novo lar? Que tipo de subjetividade poderá se apresentar nos casos em que a criança guarda em sua memória momentos e marcas de omissão, negligência e abandono por parte dos pais biológicos? (ibid., p. 65)

Entender todo esse contexto é bastante importante para que o processo seja bem-sucedido. É necessário que os pais tenham firmeza de propósito e certeza de que ali há uma família real e não ideal. Além disso, há maior incidência de devoluções quando se trata de adoção de crianças de mais idade. Segundo Souza (2012, p. 35), “os motivos para a desistência são variados e geralmente são devidos à falta de dedicação e compreensão dos adultos”. Muitas vezes, a pressa em adotar, ou seja, de não ficar muito tempo na fila, faz com que os adotantes “aceitem” uma criança totalmente fora do seu perfil e depois da fase de visitas, de aproximação e durante a guarda provisória, essas pessoas se dizem decepcionadas com o filho

(mais uma vez mostra-se a dicotomia entre o filho ideal e o real) e, por isso, preferem não seguir com a adoção.

Além disso, o não entendimento da individualidade e da história pregressa que essa criança traz dificulta ainda mais a relação e a construção de vínculos afetivos. Esquece-se muitas vezes de que faz parte da vida nos conhecermos e criarmos laços com aqueles com quem convivemos e a quem amamos. A questão que se coloca em uma devolução é que os pais não admitem que podem ter sido falhos, incapazes de acolher ou impacientes (Souza, 2012). A culpa é sempre e invariavelmente da criança ou do adolescente que, rebelde e desobediente, traz problemas e gera processos violentos que levarão à ruptura daquilo que nem foi consolidado. É preciso lembrar que – por mais que apresente uma postura reativa em algum nível – a criança ou adolescente é o lado mais frágil dessa relação, posto que estão entrando em um terreno novo e desconhecido e necessitam de ainda mais atenção e de amor.



Figura 3 - Nós três, em julho de 2023³⁰, em um evento familiar

Hoje, na defesa desta tese, ele já tem 16 anos (como se pode ver na foto acima) ou seja, está conosco quase o mesmo tempo que não passou em nossa família. Embora tentemos blindá-lo e cercá-lo de muito amor, ainda há muito para caminhar.

³⁰ Acervo pessoal do autor.

4.3 Adoção inter-racial

A questão racial no Brasil remonta ao período colonial. A visão europeia de que indígenas e africanos constituíam raças menores é o início do que se observa ainda hoje do tanto de preconceito que a sociedade ainda não consegue (ou não quer) superar. Em relação às crianças negras dessa época, elas eram 5% dos escravizados trazidos ao Brasil. Eram diferenciadas por “crias de pé” e “crias de peito”³¹. As vantagens para quem os comprava eram que, no futuro, trabalhariam e – ao não separar as mães de seu filho – impedir a morte dessas mulheres.



Figura 4³²

Em relação às crianças que ficavam órfãs, Góes e Florentino (2006) indicam que os senhores ordenavam que elas ficassem com parentes próximos e, na ausência desses, com alguém que por elas se responsabilizasse até alcançarem a idade mínima para começar a trabalhar. Depreende-se desse fato que não havia preocupação com os vínculos afetivos perdidos por elas, mas somente com os lucros que, como todo e qualquer cativo, poderiam trazer para seus proprietários. Havia ainda aquelas que não tinham paternidade reconhecida, ou seja, que nasciam de um “jugo desigual” (Slenes, 1999) e, por isso, eram tratados segundo as duras leis da escravidão.

A tão difundida, aclamada e valorizada abolição da escravatura, assinada pela “redentora” Princesa Isabel, em vez de uma carta de alforria, foi um

³¹ Crias de pé eram as crianças que já caminhavam e que mediam até quatro palmos; crias de leite, bebês de colo (GUTIERREZ, 1989)

³² UOL. Disponível em <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/> Acesso em: 23/05/2022

comunicado de despejo, porque os cativos foram jogados à própria sorte nas ruas. Sem trabalho, sem moradia, sem alimento, sem educação, ou seja, sem condições de uma vida digna, vê-se não só um lastro racial, mas também social. Os então homens livres sofreram com o preconceito não apenas por causa de sua cor de pele, mas também por terem se juntado à população pobre nas cidades, pois não havia mais lugar para eles nas fazendas. Eles formaram o que os historiadores, como Maringoni (2011), chamam de “os indesejados dos novos tempos”, “os deserdados da República”. Desde essa época, discute-se a necessidade de o Estado amparar seus tutelados e, sendo negros, propiciar-lhes o pertencimento real à sociedade.

Quando se pensa nos números de crianças e adolescentes negros em situação de acolhimento e, principalmente, naquelas que estão aptas à adoção, pode-se indicar o quanto o racismo as atinge. No SNA, em relação à etnia, temos o seguinte:

Tabela 1: SNA- Quantidade de crianças disponíveis para adoção por etnia³³

Etnia	Quantidade
Preta	699 ou 15,6%
Parda	2338 ou 51,9%
Amarela	-
Indígena	
Branca	1299 ou 28,8%
Não informada	75 ou 1,7%

Das 3037 crianças e adolescentes negros³⁴ disponíveis à adoção, ainda de acordo com informações extraídas do SNA, 2214 têm acima de 8 anos de idade. A tabela seguinte mostra a preferência – depois de elaborado o perfil junto à equipe técnica das VIJI– dos 35930 habilitados em relação à etnia dos futuros filhos.

³³ Dados compilados de JUSTIÇA, Conselho Nacional de. Extraído de Crianças disponíveis para adoção. Disponível em: <cnj.jus.br>. Acesso em: 17/02/2024. As crianças consideradas amarelas e indígenas somaram juntas cerca de 2%

³⁴ Considerou-se aqui que crianças negras representam a quantidade de pretas e pardas.

Tabela 2: SNA – Habilitados para adotar e preferências por etnia³⁵

Etnia	Quantidade
Preta	2219 ou 4,2%
Parda	10101 ou 21%
Amarela	2994 ou 5,8%
Branca	11603 ou 24,6%
Indígena	1749 ou 3,3%
Indiferente	22062 ou 40,7%

Em um primeiro momento, comparando as tabelas 1 e 2, observa-se haver mais pretendentes a adotar crianças negras que a quantidade dessas crianças, mas um olhar mais detalhado aos dados expostos no site do sistema indica que desses 12320, apenas 651 desejam filhos com mais de 8 anos de idade. Então, para reforçar: há hoje 2214 indivíduos negros com mais de 8 anos de idade prontos para serem inseridos em uma família e apenas 651 habilitados querendo adotá-los. Em uma matemática simples, 1563 crianças e adolescentes negros não seriam adotados. Contudo, não é possível fazer apenas uma conta de subtração. Falo isso porque, se analisarmos mais com maior profundidade outros cruzamentos como o Estado e a comarca (que fica nos municípios) onde estão todas essas pessoas, o número daqueles que permanecerão nos abrigos será muito maior.

Não se quer aqui indicar que os habilitados estão sendo conscientemente racistas. De certa forma, é necessário respeitar as opções e os desejos de cada família. Entretanto, é importante pensar em como esse quadro retrata a estrutura social e reforça o contexto excludente no qual nós, os negros, sempre estivemos inseridos. O Estado, as VIJI e os GAA têm papel fundamental na diminuição desses números. O primeiro na contratação de mais profissionais para compor as equipes técnicas das varas de infância para que tentem dar mais celeridade aos processos e, junto aos demais, realizarem campanhas de estímulo às várias formas de adoção e, com destaque, por conta da temática dessa pesquisa, à adoção inter-racial de

³⁵ Dados compilados de JUSTIÇA, Conselho Nacional de. Extraído de Crianças disponíveis para adoção. Disponível em: <cnj.jus.br>. Acesso em: 17/02/2024.

crianças maiores e adolescentes. Oferecer informações e desmitificar determinados conceitos e pensamentos sem fundamentos é primordial para mudar esse quadro.

Espíndola (2020), indica que, ao se abordar a temática da adoção inter-racial, é necessário levar em consideração as relações entre as pessoas que fazem parte dessas famílias. Schucman (2018) estuda como essas relações se estabelecem e indica que, mesmo que em uma família inter-racial haja afeto entre seus membros, podem ocorrer atos racistas. Tal prática é chamada pela pesquisadora de “racismo de intimidade”. A autora afirma ainda que raça é “um componente importante para compreender as desigualdades entre brancos e negros” (ibid, p.131). Não se pode romantizar a relação inter-racial na qual os pais brancos defendam a visão de que é “meu filho, eu o amo e não vejo a cor de sua pele” quando há tanto estigma que a criança ou o jovem carregam: ser adotado pelo viés da adoção de crianças maiores ou de adolescentes, ser negro e ter pais brancos. Não enxergar a raça do outro é, de alguma forma, não encarar a realidade e a sociedade ainda preconceituosa na qual vivemos.

Com base em todas as leituras feitas e na minha própria experiência, acredito que, para que uma criança negra cresça e se desenvolva plenamente em uma família inter-racial, é importante que ela tenha acesso de maneira positiva a símbolos para a construção de sua identidade a fim de poder enfrentar as dificuldades e o racismo que puderem advir no convívio social em outros espaços.

O que quero dizer é que é necessário olhar esses filhos além do amor. Sim, o amor sozinho não destrói o racismo nem desfaz a estrutura social. Então, é preciso encará-los como indivíduos negros que podem sofrer com o preconceito. Esta tese é sobre tais filhos, é sobre o meu, sobre mim, sobre Ana e sobre os participantes que encararam o desafio de se desnudarem e de mostrarem como são as relações entre eles, pais brancos com seus filhos negros. Além disso, mostrar como encaram e procuram se instrumentalizar para combater o racismo o qual essas crianças e jovens podem vir a sofrer todos os dias. Afinal de contas, estamos imersos em uma sociedade racista.

Ao respeitarmos essas e tantas outras configurações de família, é preciso entender que a adoção é uma via de mão dupla, um encontro no qual todos adotamos, mas também precisamos ser adotados. No fim de tudo, embora haja

muita luta, o que queremos – como diz a epígrafe deste capítulo – é abrir um portão em nossas vidas e construir um jardim.

5.

O que foi escolhido como teoria?

Neste capítulo, meu objetivo é apresentar as teorias que darão suporte à pesquisa desenvolvida nesta tese. Vale destacar, em primeiro lugar, meu alinhamento à Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 2006). Decidi também enveredar pelo tema da adoção de crianças mais velhas e de adolescentes negros e analisar as narrativas dos pais convidados a colaborar usando a ferramenta da avaliação em estudos narrativos (Labov, Waletzky, 1968; Bastos, 2004, 2005; Linde, 1993, 1997; Moita Lopes, 2002;), buscando entender o caráter micropolítico (Rezende & Coelho, 2010) das emoções que emergem desses relatos (Barcelos, 2013; Zembylas, 2014; Maturana, 2001), focando no amor (Silva; Flor do Nascimento, 2019; hooks, 2020; Fernandes, 2008; Angelou, 2013) que os pais sentem por seus filhos e como seus sentimentos explicitados ou não têm valor avaliativo (Nóbrega, 2009; Cortazi, Jim, 2001), mas entendendo que as tensões raciais estão aí presentes e esperando que, mesmo que haja amor, esses responsáveis encarem branquitude (Bento, 2002; Schucman, 2012) como uma posição de privilégio se comparando a essas crianças e a esses jovens.

O caminho desta pesquisa apresenta estreita relação com a Linguística Aplicada Crítica visto que olho para a linguagem a partir das práticas sociais microlocalizadas (Fabrício, 2006) na tentativa de forjar inteligibilidades sobre questões da vida contemporânea (Moita Lopes, 2006). É importante pontuar que, durante muito tempo, a Linguística Aplicada (LA) era considerada apenas uma área de estudos de aplicação linguística no ensino de Língua Estrangeira (LE), como indica Moita Lopes (ibid) na introdução do livro *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. O autor ainda assevera que o Brasil tem se destacado por ter ampliado a abordagem dessa área da pesquisa para limites além da sala de aula de LE, ainda que predominem, nesses outros espaços, aspectos referentes à educação linguística. Ainda sobre essa ampliação dos estudos da LA, Moita Lopes indica a ideia de que eles não estariam ligados apenas à Linguística, mas também a outras áreas, por isso, seja na sala de aula de LE (de onde remontam os primeiros estudos) ou fora dela, “passou-se a argumentar na direção de um arcabouço interdisciplinar” (2006, p. 19). Essa interdisciplinaridade é o que permite à LA pesquisar não somente sobre a

linguagem, mas também sobre a vida social, como asseveram Fabrício e Moita Lopes (2019):

a Linguística Aplicada tem sido marcada por uma visão modernista de língua e linguagem, o questionamento de tal visão encontra-se no centro de uma abordagem crítica que se proponha a abrir mão de certezas epistemológicas em direção ao enfrentamento dos múltiplos acasos que constituem a vida social. Para caminhar em tal direção, é imperativo problematizar os habituais parâmetros de linearidade, objetividade, clareza e pureza que vêm orientando percepções mais tradicionais da linguagem e de seu funcionamento. (ibid., p. 717)

Os autores defendem que não se pode encapsular língua e linguagem como algo homogêneo, linear, visto que ambas são múltiplas, diversas e multidirecionais. Com isso, vemos que é preciso desestabilizar os ideais de pureza da língua e da linguagem e entendê-las como processos atravessados por ideologias que se concretizam no discurso e nas nossas práticas sociais. Essa ideia trouxe à tona a possibilidade de pesquisar outros fatos e fenômenos, colocando o foco naquilo que é marginal e trazendo para o centro outras áreas de estudos como as ciências sociais e as humanidades. Por isso, hoje se compreende a LA não como um conteúdo meramente disciplinar, mas uma área de estudos indisciplinares (Moita Lopes, 2006). Essa indisciplinaridade abre ainda mais o leque para que se estudem os problemas da vida e seus atravessamentos na linguagem, tendo como foco de estudo os indivíduos e os contextos nos quais estão inseridos. Segundo Moita Lopes (2006),

Em uma LA que quer falar à vida contemporânea é essencial, não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de *bricolage*, tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais e daqueles que os vivem. (ibid., p. 101).

Como dizem os linguistas aplicados, a LA teve uma virada cultural, crítica e icônica. Essa mudança nas suas bases epistemológicas, como pontuado por Fabrício (2006), veio junto da compreensão de que

- 1) se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem, estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constante e constitutiva;
- 2) as nossas práticas discursivas não são neutras e, envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social;
- 3) há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos. (ibid., p. 48)

Outro aspecto a se destacar é que, ao se deparar com essas questões sociais, o linguista aplicado contemporâneo não pode ter a pretensão de resolvê-los. “Ao contrário, a Linguística Aplicada Crítica procura problematizá-los ou criar inteligibilidade sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbradas” (Moita Lopes, 2006, p. 20). Ainda alinhado a Moita Lopes, posso dizer que esses novos olhares recaem não só nas situações, mas também nos sujeitos que delas fazem parte porque eles, como usuários da linguagem, são construídos e constroem significados nas diversas relações sociais que podem servir para produzir ou questionar desigualdades. Isso significa que precisamos estar atentos aos processos de contextualização envolvidos em nossas interações. Para isso, é preciso levar em conta as questões históricas, culturais e sociais que acompanham discussões sobre classe social, gênero, sexualidade, raça, escolaridade, entre outras e estarmos atentos a como o universo do outro, com suas particularidades e interseccionalidades³⁶ (Crenshaw, 2002), pode estar sujeito a mais discriminação.

Por outro lado, quando nos debruçamos sobre esses novos horizontes temos como resultado a escuta das vozes daqueles que, por muito tempo, foram (e ainda são) estigmatizados e marginalizados; produzindo outras compreensões e ideias para além daquelas sedimentadas pelas diversas formas de colonialidade. Corroborando esse fato, Moita Lopes (2006) aponta que

a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la. (ibid., p. 27)

A partir desse pensamento, pode-se indicar que a LA busca, na contemporaneidade, um compromisso ético e político com as questões sociais

³⁶ A professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw, cientista nas áreas de raça e gênero, definiu interseccionalidade como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” e que “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. Eis aqui uma definição bastante superficial já que os estudos nessa área vão muito além daquilo que cito neste nesta tese.

relevantes a serem colocadas em pauta, ou seja, uma pesquisa que leva em conta e valoriza

a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados da pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Para tal, são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que lá trabalham, **agem** etc. no contexto de aplicação (ibid., p. 23, grifo meu)

A Linguística Aplicada Crítica considera a linguagem como um elemento primordial para problematizar a maneira como os indivíduos vivem e convivem, além de estimular uma nova forma de ver o mundo e a sociedade. Tal fato compreende, como já mencionei, não só a sala de aula, mas também a sala dos professores com seus sofrimentos, os outros grupos profissionais, as relações dos seres humanos com suas crenças e com a religião e, tocando no âmago de questões que deflagram este trabalho, as relações familiares e o racismo. Tudo é linguagem. Tudo começa nela e nela se configura. Mais que isso: busca-se o entendimento de como a linguagem age nas estruturas sociais e as afeta, ou seja, ela nos mobiliza e possibilita refutar desigualdades operacionalizadas em nossas práticas cotidianas.

Ler/ouvir narrativas sobre a formação de uma família e como as emoções estão intrinsicamente ligadas a essa construção e, principalmente, quando dois componentes como adoção e raça fazem parte dessa mescla, é, sem dúvida, uma possibilidade de olhar para outras formas de construção de significados que comumente não participam dos entendimentos produzidos na academia. Podemos perceber movimentos como esse na importante obra *Por uma Linguística Indisciplinar*. Sobre as reflexões nela presentes, Santiago (2022) assevera o seguinte:

A publicação advoga por uma área de estudos autorreflexiva em que os conhecimentos produzidos não sejam frutos de grandes generalizações. Autores (...) argumentam que as pesquisas devem ter como premissa a produção de inteligibilidades ao olhar para aquilo que está situado socialmente nas práticas e para as franjas de um mundo globalizado produtor de desigualdades (ibid., p. 58).

É por isso, então, que filio minha pesquisa à Linguística Aplicada como forma de posicionamento político e, porque não dizer, como um modo de pensar e de fazer sempre problematizadores (Penycook, 2006 apud Moita Lopes, 2006).

Minha pesquisa segue esse caminho uma vez que busca olhar para famílias plurais (já que os indivíduos que delas fazem parte assim o são) tentando analisar como se sentem interna ou externamente com aquilo que as constitui: a diversidade. Como caminho a ser percorrido por uma pesquisa em Linguística Aplicada Crítica procuro uma perspectiva ética na qual se leve em consideração as experiências de meus parceiros de pesquisa e, além disso, busco contribuir para um mundo mais justo e empático em relação às histórias do outro.

Aliado a essa visão, na próxima seção, abordo o conceito de emoções, ligando-o diretamente a esta pesquisa com observações a respeito desses afetos na família: que emoções emergem em uma relação familiar? E quando tratamos da relação entre pais e filhos? Sem dúvidas, não se pode deixar de lado o amor, essa emoção arrebatadora em todos os sentidos e que pode estar (quase sempre está) acompanhada de vários outros afetos.

5.1

“O que é o amor? Onde vai dar?”: as emoções, o racismo e a branquitude

O título desta seção é uma referência explícita aos versos da canção “O que é amor?”³⁷, de Danilo Caymmi. Essa música fez muito sucesso na voz de Selma Reis, na década de 1990 e foi tema de abertura de uma minissérie na TV Globo. O programa contava uma história de amor impossível. Entretanto, as duas indagações desse trecho podem nos levar a uma outra série de reflexões a respeito desse sentimento³⁸. Na Literatura, por exemplo, o amor já foi idealizado, sensualizado, exacerbado, considerado pura contemplação e fonte de ciúmes (Abaurre; Pontarra, 2010). Essas vertentes por si só indicam que não é fácil mensurá-lo. Para tentar responder de forma clara aos versos, recorri ao dicionário Houaiss (2023), que, em sua versão digital, apresenta como primeira definição para o vocábulo “amor” o seguinte: “forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais”. Nessa acepção, o amor é tratado como afeto, que nasce das relações estabelecidas entre os seres. No caso desta pesquisa, esse sentimento não

³⁷ DANILO CAYMMI. O Bem e o Mal. O que é o amor? Danilo Caymmi. In. O Que É o Amor - Danilo Caymmi - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 14/10/2022 às 15:01

³⁸ Para evitar repetições da mesma palavra, tomaremos, a partir daqui, como sinônimos os termos sentimento(s), emoção(ões) e afeto(s).

nasce de laços de consanguinidade entre pais e filhos, já que tais famílias não têm relação biológica porque a construção ou o surgimento desse afeto, muitas vezes, se dá pela convivência, pelo exercício diário e pela constante busca por ele. Isso quer dizer que o dicionário também não seria suficiente para responder às questões.

Quando abordamos o amor em família, vários outros questionamentos nos vêm à mente: Qual o resultado do amor? Que outros sentimentos podem derivar ou estão juntos dele? No caso de uma família composta pela adoção, é possível mesmo haver amor por aquele filho que não nasceu de nós? Há muitos pais que afirmam terem seus filhos, embora não nascidos deles, nascidos para eles. Talvez seja uma frase que resuma o amor existente nessas relações. Falar sobre isso é uma questão basilar para esta pesquisa, que tem como campo de observação o contexto familiar e, mais ainda, o de famílias formadas por adoção inter-racial de crianças maiores e de adolescentes. Assim, ao pensar a respeito desse cenário, é preciso refletir sobre as emoções que atravessam esses indivíduos.

A abordagem das emoções neste trabalho está filiada a uma visão socioantropológica e política que defende o fato de elas serem construídas discursivamente e, portanto, não serem somente internas e individuais, mas produzidas na prática por meio das interações sociais. A ideia das emoções como práticas discursivas é ratificada por Aragão e Cajazeira (2017, p. 6) ao afirmarem que “emoções se relacionam com as ações, incluindo aqui o conhecer – atividade de distinguir elementos e o linguajar – a atividade de agir mutuamente e comunicativamente na linguagem (...)”.

Isso quer dizer que, estando imbricadas, conforme defende Maturana (2001), “emoções são os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas (...), e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam”, mas também estão presentes nas coletividades. A partir disso, tais afetos podem tornar-se meios de resistência. Segundo Barcelos (2013), os estudos de emoções em Linguística Aplicada estão começando a ganhar mais espaço entre os pesquisadores e, por isso, pode-se dizer que estamos passando por uma virada afetiva (Aragão; Cajazeira, 2017). Tal virada significa uma transformação na maneira de tratar o tema com uma visão mais ampliada, profunda e, inevitavelmente, multidisciplinar.

5.1.1

A micropolítica das emoções e os estigmas

Outro aspecto a ser abordado, no que tange às emoções como práticas discursivas que se concretizam nas relações sociais, é seu caráter micropolítico que é definido como “o potencial para dramatizar/ alterar/ reforçar a dimensão macrosocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” (Rezende; Coelho, 2010, p. 266). As autoras ainda reforçam que acreditam nessa visão porque pensam na capacidade que esses sentimentos têm “de atualizar, na vivência subjetiva dos indivíduos, aspectos de nível macro da organização social”. Ressaltar a questão micropolítica desses afetos é discutir como eles estão submetidos à determinada dimensão que desenhará as relações interpessoais. Espero, a partir dos relatos apresentados, identificar que sentimentos eclodiram quando os pais se depararam com alguma situação de preconceito sofrido por seus filhos. Vale pensar, inclusive, na origem dessa postura preconceituosa por parte da sociedade. Uma das explicações reside na noção de estigma que, segundo Goffman (2004, p. 4), é “*a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena*”. Creio que meu filho e essas crianças e jovens, que são filhos de meus parceiros de pesquisa, tenham sido e sejam estigmatizados por serem negros e por terem sido adotados em idade que foge ao perfil mais procurado pela maioria dos habilitados à adoção.

Além disso, por entender que o caráter micropolítico perpassa pela maneira com a qual vivenciamos e materializamos nossas emoções, não posso deixar de salientar que nossos sentimentos individuais podem afetar nossa vivência em sociedade e, principalmente em família, nosso primeiro núcleo social. Em se tratando do grupo familiar e das emoções, podemos defini-lo como a unidade básica que açambarca várias emoções inerentes ao ser humano como identidade, pertença, aceitação, rejeição, amor, carinho, raiva, medo, ódio. Assim, é essa junção de opostos que faz da família tão difícil e sua compreensão, tão difícil. (Souza, 1997)

Muitas das emoções acima expostas podem estar presentes na rotina das famílias que estão presentes neste trabalho e de tantas outras. Nossas ações em família estão carregadas de sentimentos bons e, às vezes, ruins, por isso a complexidade e o desafio em família está em criarmos elos humanizados para que os integrantes dessa célula possam encontrar o equilíbrio na convivência.

Voltando ao início da seção e com foco novamente no amor, pode ele vencer o racismo? O amor de pais para filhos pode varrer esse mal da sociedade? Se considerarmos apenas esse sentimento como uma contemplação, como um discurso, acredito que não. Contudo, se for posto em prática, ele pode se transformar em política de resistência.

O amor não pode ser considerado algo biológico e de caráter esporádico. Na verdade, ele é tão cotidiano que muitas vezes é negado por nós quando criamos empecilhos à convivência por força de outras emoções (Maturana, 2001). Essa negação pode resultar na indiferença que também é fruto da rejeição e do ódio que repelem a existência do outro e permitem que ele seja destruído. Um exemplo dessa prática é a maneira como a sociedade ainda vê o negro. Recorro novamente a Goffman (2004) e a seu pensamento a respeito do estigma. Segundo o autor, a sociedade cria categorias nas quais encaixa os indivíduos e esses precisam reunir atributos que farão com que sejam reconhecidos em determinados grupos sociais. Quando alguém não atende ou não possui essas características, é considerado um estranho e

podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca (ibid., p. 5)

Esse indivíduo não é considerado uma pessoa como as outras e é reduzido a uma criatura menor, o que faz com que seja hostilizado. Eis aí uma das origens dos estigmas, principalmente quando a consequência desse ato é o descrédito que aquele indivíduo pode sofrer. É nesse contexto que o negro é historicamente encarado como uma ameaça e está sempre, nesse contexto, sob o signo da morte (Silva; Flor do Nascimento, 2019), por ser visto como um inimigo.

Na sociedade, contra esse inimigo, a branquitude precisa ser protegida. Para isso, a polícia se faz presente para esse papel porque, segundo Butler (2020),

a violência é a ação iminente daquele corpo negro masculino. E, porque no interior desse esquema imaginário a polícia protege a branquitude, sua própria violência não pode ser lida enquanto tal; porque o corpo negro masculino, antes de qualquer vídeo, é o lugar e fonte de perigo, uma ameaça; o esforço policial para subjugar

este corpo, mesmo que por antecipação, está justificado a despeito das circunstâncias. (ibid, p.5)

Está instaurada, assim, o que Mbembe (2010) chama de uma sociedade de inimizade. Nessa sociedade, segundo o autor,

já não passa claramente por alargar o círculo, mas por tornar as fronteiras formas primitivas para afastar inimigos, intrusos e estrangeiros – todos aqueles que não dos nossos. Num mundo mais do que nunca caracterizado pela desigualdade no acesso à mobilidade e onde, para muitos, o movimento e a circulação são a única hipótese de sobreviver, a brutalidade das fronteiras é agora um dado fundamental do nosso tempo. As fronteiras deixam de ser linhas que ultrapassamos para serem linhas que separam (ibid., p. 10)

Em um cenário assim, ainda assevera Mbembe, o reconhecimento de que todos somos iguais não existe, e a empatia com o outro ou com aquele que é diferente não é praticada. Então, como acreditar no amor em um espaço que impõe ao negro o extermínio e na qual a necropolítica³⁹ se faz presente o tempo todo? Não quero, com isso, apontar aqui uma falência ou uma inoperância desse sentimento porque, quando aludo ao amor, não me refiro àquele dos românticos, mas sim ao amor enquanto compromisso social, o amor-ação. Esse sim pode nos livrar das mazelas sociais, dentre elas a estigmatização, até por que, como atestam Silva e Flor do Nascimento (2019, p. 169), “as pessoas precisam de amor”. Essa pesquisa é sobre as emoções dos pais brancos diante do preconceito sofrido pelos filhos, mas acredito que – como homem negro que sou – na vida dessas crianças e jovens já houve dores, perdas, encontros, desencontros e, embora eles não tenham notado ou percebido (ainda), muito racismo. Defendo que o amor pode nos cobrir a todos com sua força libertadora. Para confirmar essa ideia, um trecho de apresentação da obra “Mamãe & eu & Mamãe”, de Angelou (2013):

O amor cura. Cura e liberta. Eu uso a palavra amor não como sentimentalismo, mas como uma condição tão forte que pode muito bem ser o que mantém as estrelas em seus lugares no firmamento e faz o sangue fluir disciplinadamente por nossas veias (...) o amor cura e ajuda a escalar alturas impossíveis e erguer-se de profundezas imensuráveis" (ibid. p. 8).

³⁹ **Necropolítica** é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a **necropolítica** não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também.

Com essas palavras, a autora reforça a ideia da potência que é o amar, o trocar afetos, o experimentar emoções. Contudo, como apontam Silva e Flor do Nascimento (2019), muito mais que falar sobre o amor, é preciso vivenciá-lo, criar uma práxis, uma política, uma ética do amor. Quando ele for uma orientação moral, será mais fácil extirpar o silêncio imposto pelo projeto colonial escravocrata que, embora pareça ter acabado no século XIX, ainda persegue os corpos negros, impondo-lhes um lugar, um espaço que não é o de privilégio. Esse amor remonta ao conceito de amorosidade difundido por Paulo Freire, que defendia ser tal sentimento uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma finalidade existencial ético-moral no mundo e com o mundo (Fernandes, 2008). Esse mesmo amor é visto como um misto de “cuidado, afeto, reconhecimento, respeito, comprometimento e confiança” (hooks, 2020). Entretanto, para a própria hooks, embora haja discursos a respeito do amor, há muito desamor. Para as pessoas negras, acima de tudo, excluídas histórica e socialmente, é necessária uma política do amor. A necropolítica a que aludi anteriormente não significa apenas (como se isso já fosse pouco) o assassinato dos corpos negros. Para ilustrar, lembro-me de Simonetti (1991). Em seu livro *Uma razão para viver*, há um texto cujo nome é *A cor do mundo*. Depois de uma série de encontros do protagonista com as demais personagens, a narrativa indica que, muitas vezes, vemos o mundo não como ele realmente é, mas da forma que queremos enxergá-lo. No final, o autor arremata dizendo que “O mundo tem sua cor. É você que mede o mundo e o vê como você é.” (ibid., p. 79). Se todos víssemos o mundo pela lente do amor, mas desse amor ético, talvez os problemas que nos circundam fossem solucionados.

Diante da ameaça sofrida pelos filhos, que não são vistos com lentes adequadas pela sociedade que os estigmatiza pelos motivos já apontados anteriormente, os pais devem redobrar o cuidado. A estigmatização dos corpos negros é uma forma de violência e atos violentos assumem sentido em determinado contexto da sociedade. Nesse cenário, acredito que ódio e raiva ao diferente imperam. Esses sentimentos resultam em uma diminuição não só de representação social da população negra, mas também em número, o que Nascimento (1978) chama de genocídio. Para superar isso, o amor – em uma dimensão micropolítica – poderia restabelecer a harmonia e o bem-estar. Mais que sentir amor, é preciso que, em família, haja a prática desse sentimento. Para os pais brancos que despertarem para a necessidade do cuidado com amor, é preciso que olhem - como eu já disse

anteriormente – para seus filhos além do sentimento e vejam-nos como negros que são e para todo o preconceito que ainda e infelizmente podem sofrer. É necessário também que, nesse exercício de amor, encarem sua própria branquitude e os privilégios que advêm dela.

5.1.2

Amor em tempos de branquitude

A capacidade de um pai de olhar realmente para um filho negro preparando-o para a vida e para o combate ao racismo é um exercício diário. No caso desta pesquisa, em que essa luta precisa ser abraçada por pais brancos, não desejo defender a ideia do redentor que, através da adoção inter-racial, salvou o negro do cativo e do abandono. Não! Absolutamente. Se eu fizesse isso, estaria validando a ideia do que se chama de mito da democracia racial. Para Nascimento (1978), o mito servia como estratégia cujo objetivo seria apagar a participação negra na formação do Brasil, e que funcionaria ao lado de outros mitos, como o mito do senhor benevolente, do qual quero fugir. Creio que seja importante que esses pais entendam que devem lutar por uma sociedade mais justa para seus filhos, ou seja, entenderem e assumirem de vez – como aponta Ribeiro (2019) – seu lugar social e seu lugar de fala.

Em entrevista à revista Carta Capital, em 30/03/2016⁴⁰, a escritora Grada Kilomba afirmou ser o racismo uma “problemática branca”. Essa afirmação remonta ao passado dos negros que, antes do processo de colonização, possuíam etnias e culturas diversas. Foi uma invenção branca colocar todos como um só povo, com um só rótulo, o de negro apenas. Junto a isso, a marca de tudo aquilo que não era bom, por ser diferente e por ser considerado menor. Ribeiro (2019) aponta que a criação da negritude como uma categoria é fruto de um processo de discriminação que tinha como objetivo considerar os corpos negros como mercadorias. Ela ainda afirma que, como criadores do racismo, os brancos devem se responsabilizar por ele.

⁴⁰ “O racismo é uma problemática branca”, diz Grada Kilomba – CartaCapital (30/03/2016) - Acesso em 16/10/2022, às 10h

A grande dificuldade de se engajar na luta antirracista ocorre porque o branco não se vê como pertencente a uma raça. Quando se discute a questão racial, o foco é sempre a minoria, o negro, por exemplo. Tal afirmação nos leva à necessidade de pensar na racialização do branco e no conceito de branquitude. Para Schucman (2012), a branquitude é entendida como

uma posição em que sujeitos brancos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo e que se mantêm e são preservados pela contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude, é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades se ancoram. (ibid., p. 23)

Isso quer dizer que a branquitude vira uma questão de “territorialidade e como lugar de privilégio e poder não compartilhável” (Bento, 2002, p. 134), ou seja, a inexistência da igualdade entre os indivíduos tão defendida na teoria. Na prática, o “somos iguais” não ocorre porque é como se o negro estivesse invadindo um espaço que não foi feito para ele estar. Ocupar postos de chefia em grandes empresas ou ser discentes ou docentes em universidades estão entre os exemplos de posições em que a presença negra ainda incomoda. É absurdo pensar que há pessoas (em sua maioria, brancas), por exemplo, que questionem a reserva de vagas para negros prevista na Lei de Cotas⁴¹. Esses indivíduos defendem que tal medida só causa mais racismo, já que esse benefício não deveria ser oferecido a alguém por conta da sua cor de pele, mas pelo merecimento, pelo esforço de quem realmente lutou para alcançar seus objetivos. Isso significa que os defensores dessa ideia meritocrática só veem diferenças sociais.

Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho (ibid., p. 28).

⁴¹ A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto daquele ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Desses 50%, há um percentual destinado a alunos autodeclarados negros (pretos e pardos).

Não considerar a raça nesse contexto é esquecer a cor da pobreza no nosso país e não levar em consideração todo o legado histórico negativo advindo do processo de escravização que levou ao apagamento do povo negro. Por outro lado, o branco não quer trazer à tona essa discussão porque, para ele, esse período foi extremamente positivo, visto que se encontrava na posição do “senhor”, ou seja, na posição de poder que perdura até hoje. Eximir-se ou evitar esse assunto reforça o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002) que resulta na manutenção do *status quo* e dos privilégios de que os brancos desfrutam. Em vez de assumir sua parcela de culpa nas desigualdades raciais, há um caminho contrário, o de projetar no negro uma figura ameaçadora e perigosa. Quando reconhecem que há alguma distorção

não associam essas desigualdades raciais à discriminação e isto é um dos primeiros sintomas da branquitude. Há desigualdade raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o branco? Não! É porque o negro foi escravizado, ou seja, é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes (ibid., p. 3).

Como transpor, então, a discussão da branquitude para uma família inter-racial? Se pais brancos escolheram ter filhos negros e agem sabendo de todo o contexto que estes enfrentarão, têm de estar dispostos a cerrar fileiras com eles na luta antirracista. Um dos grandes entraves para que vencamos esse combate é o racismo estrutural ainda entranhado em nossa sociedade. Sobre essa prática, Almeida (2020) nos alerta que

pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas (ibid., p. 51).

Nilma Lino Gomes, ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil e importante intelectual na luta antirracista também tem importantes reflexões acerca do racismo estrutural. Ela assevera que

O racismo opera na estrutura da sociedade, constituiu-se com o trabalho escravo, o capitalismo, portanto não é possível destruí-lo somente com mudança de consciência. São necessárias mudanças estruturais, políticas públicas, reconhecimento das desigualdades estruturadas pelo racismo. E o reconhecimento

dos espaços nos quais mais aparecem essas desigualdades, como o mercado de trabalho, a política, a educação, e a desigualdade de gênero articulada à racial. Isso está atestado e comprovado por pesquisas, no mapa da violência⁴²

É necessário atentar para essas formas de articulação com as quais a opressão racial opera. Elas resultam em uma “interseccionalidade da opressão” na qual, como defendido pela ex-ministra, estão orientação sexual, gênero e classe e, portanto, apontam e atingem em cheio todos os corpos negros, independentemente da posição social que ocupem. Gomes (2020) ainda afirma que

Essa complexa imbricação opressora pode até nos dar a impressão de que o racismo é atenuado de acordo com o nível socioeconômico, a escolaridade, o cargo ocupado, a visibilidade social, artística, política, esportiva da pessoa negra. É assim que o racismo engana a todos nós: quando ele nos faz pensar que é um fenômeno passível de ser atenuado. (ibid., p. 369)

Pessoas brancas (e infelizmente algumas negras), muitas vezes, defendem a ideia de que o racismo não existe ou tentam eufemizá-lo, trazendo à tona outras características das pessoas que sofrem com tal ato. Por certo, elas não sabem, não entendem (embora muitas usem tal discurso) nem nunca entenderão quais os impactos prejudiciais na trajetória e na formação de quem é vítima de tais atos. É fulcral que os pais atentem para situações dessa natureza, sejam elas narradas pelos filhos sejam elas captadas no dia a dia e passem a combatê-las. Estamos tratando da dignidade da pessoa negra e para os pais, da dignidade de seus filhos. Quanto mais humilhante for a maneira com a qual o racismo se materializar, mais essa dignidade será atingida. Os prejuízos são inúmeros como “atitudes de isolamento, mas, em outras, pode resultar em um renascer político-identitário. Dessa forma., produzir novos enfrentamentos e uma maneira corajosa de lutar pela recuperação da dignidade roubada” (Gomes, 2020, p.369).

Se não houver a admissão de que ainda vivemos em uma sociedade que se baseia em uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, que se organiza diante do privilégio branco, a igualdade estará longe de ser uma realidade. Acredito que o

⁴² Racismo estrutural e supremacismo branco foram temas em debate - Fundação Perseu Abramo (fpabramo.org.br). Acesso em 29/10/2023, às 12:22

letramento racial (leitura e interpretação de mundo a partir de uma ótica racializada) é um primeiro passo para que esses pais reconheçam sua branquitude. Com isso, poderão enxergar a negritude de seus filhos e, de maneira mais eficaz, combater o racismo e mais: não o praticar. Isso porque olharão de forma mais crítica para as relações raciais. Estará aí, quem sabe, o início de um amor-compromisso, ético, moral e político. Estaremos diante de uma revolução amorosa (Chabot, 2008 apud Zembylas, 2014), ou seja, o amor será visto como uma bússola moral e estratégica para que busquemos ações concretas para a transformação individual e social. Em resumo, Zembylas (2014, p. 35-40) resume as ideias contidas nessa seção:

- a) **o amor é uma emoção**⁴³, mas não porque existe em latência, mas por ser vivido, experimentado, feito, realizado. O amor não pode ser considerado uma fortaleza que pode nos proteger do mal que não queremos enfrentar ou proteger as pessoas que fazem parte do nosso círculo mais próximo.
- b) **o amor também é uma escolha** por ser uma atitude que cultivamos em relação aos outros e que nos exige posicionamentos diários, retomadas e recomeços, como nesse trecho sobre o desafio de ser mãe apresentada para nós por Ana no capítulo 2:

A compreensão sobre a maternidade como um processo me faz pensar que o tempo é um aliado que traz a maturidade. Ainda cometo muitos erros, porém estou disposta a seguir com afeto, apertando os laços entre mãe e filho, mostrando para ele que, mesmo sendo uma mulher cheia de imperfeições, dedico a ele o que há de melhor em mim: Amor.

Ao ler esse trecho da resposta da Ana, vejo que há várias emoções ligadas ao amor. Entender a maternidade e buscar os melhores caminhos a se tomar podem fazer parte dessa lista porque, dentro dessa mãe, há esse sentimento latente e ao mesmo tempo ativo. O amor é uma escolha quando ela pretende “seguir com afeto, apertando os laços entre mãe e filho”, a fim de fortalecer a relação entre eles.

Sigo para a outra vertente apresentada por Zembylas:

- c) **o amor é também resposta**. Isso quer dizer que nossos afetos só ganham forma e sentido à medida que nos vinculamos aos outros. Em

⁴³ Grifos meus, a partir de agora, para cinco das classificações que Zembylas (2014) imprime ao amor: emoção, escolha, resposta, político e práxis.

se tratando de adoção, buscou-se alguém para quem oferecer esse amor em vez de guardá-lo apenas para si ou para aqueles mais próximos. Tal vertente tem a ver com nossas subjetividades e como as apresentamos aos outros. Responder é inevitável porque faz parte da interação, mas como responder é pessoal. Ao elegermos uma forma de resposta, estamos escolhendo mostrar quem somos, ou seja, nos desnudamos e abrimos espaço para uma agência ética que motiva um movimento em direção ao próximo, através das diferenças. Essa ideia remonta a um trecho do texto (também presente no capítulo 2) que Marcos escreveu para sua apresentação sobre sua relação com o Lucas:

Ontem vim visitar meus pais. Hoje, por necessidade, minhas utopias de paternidade são outras: ser feliz, ou ao menos sereno, com o dever cumprido, aprender a esperar, e aprender e ser fluente na língua do outro, até que possamos conversar com os corações. O quintal e as estrelas talvez sejam só meus e eu tenha que entrar com meu corpo e minha alma no mundo dele. Um dia, talvez, ele me convide e eu entre.

A sensibilidade nessa resposta e como ela está banhada de amor é evidente. Ao afirmar que deseja “aprender e ser fluente na língua do outro, até que possamos conversar com os corações”, Marcos mostra que não deseja uma conexão falsa com o filho, posto que almeja entrar em seu mundo assim que for convidado. Dessa forma, ele mostra respeito pelo filho e nos leva a entender que o amor entre eles faz parte de um processo de construção.

- d) “o amor, como qualquer emoção, é **político**”. Por isso, Zembylas julga ser de fulcral importância a forma como nos alinhamos uns aos outros a partir de temas, ideias e posturas com as quais nos identificamos. Ele afirma ainda que “uma política do amor implica a possibilidade do amor como local de devir coletivo” e traz a ideia de que esse sentimento traz à tona uma força transformadora e coletiva. Trazer as experiências de outros pais que, assim como eu, formaram uma família por adoção e pensar em como juntos podemos crescer e aprender sobre nossas emoções e sobre o amor que sentimos (ou construímos) pelos nossos filhos é uma postura política. O autor ainda arremata apontando ser necessário um investimento na criação de melhores relações para a mudança social e coragem e criatividade como

disponibilizar recursos para viver a quem deles precisa (Zembylas, 2014, p.123).

e) o amor é práxis - para defender tal definição, Zembylas recorre a ideia de ser tal sentimento tanto uma intenção quanto uma ação (hooks, 2020). A pesquisadora ainda indica que

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. (...) Se nos lembrássemos constantemente de que amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado (ibid., p.50)

A práxis desse amor tem a ver com o cuidado e a preocupação com o outro, e a responsabilidade frente a essa emoção resulta na nossa capacidade e na nossa vontade de atender às necessidades daqueles que nos cercam. Somos responsáveis por aquilo que fazemos e pelos efeitos que causamos nas pessoas com quem nos relacionamos, por isso a prática do amor pressupõe uma questão ética de respeito não somente por quem nós somos, mas principalmente por aqueles a quem destinamos esse sentimento. Peço licença para trazer outro trecho do capítulo 2, agora do Francisco, que fala um pouco da relação com Antônio, seu filho.

Foi e ainda é uma experiência cheia de percalços, mas que vale a pena por cada minuto vivido. Hoje com 21 anos, ele vem restaurando toda uma trajetória e plantando novos sonhos para si próprio. Eu, enquanto isso, descobri mais sobre mim do que sobre ele, ao me permitir desconstruir e reconstruir meus planos de ser pai, que só foi possível pela entrega ao elemento que faz a vida ter sentido, o amor. A ele, meus melhores afetos na esperança de que tenha uma vida plena, cheia de sentido, contando sempre comigo para as suas vivências futuras.

O mais importante nas acepções aqui apresentadas e nos três trechos extraídos do capítulo 2 é a postura desses pais frente ao convívio com seus filhos. Todos demonstram uma preocupação com a construção e com o crescimento dessa relação. Salienta-se também que, em nenhum momento, há um discurso de quem espera gratidão ou uma certificação pelo “bem que fez”, porque não se trata disso. Não há bondade nem caridade nessas ações. Maturana (2001, p. 20), a respeito do amor, defende o seguinte:

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência

Creio que pensar no amor como o móvel que faz com que vejamos nossos filhos como o outro legítimo é aceitá-los como tal (com suas histórias, com suas marcas e com toda as questões advindas da construção social de sua negritude). Junto a isso, para quem é branco, olhar-se criticamente como alguém que está no topo da pirâmide social e por isso tem – na sociedade - sua voz mais valorizada e que deve ser ativamente usada na luta contra o racismo são posturas que nos ajudam a responder as perguntas que intitulam essa seção. Afinal de contas, “o que é o amor?”, “onde vai dar?”.

5.2

Narrativas cruzadas

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

Caminhos do coração - Gonzaguinha⁴⁴

Em 1982, Gonzaguinha lançava o Long Play (LP) “Caminhos do Coração”. Em uma entrevista concedida à Revista Música⁴⁵, ele confessou que não conseguia fazer distinção entre trabalho e vida. Era tudo uma coisa só. Ele ainda disse que não estava passando por um bom momento e que decidira não falar nada sobre seus sentimentos, mas depois achara que não devia se esconder porque era preciso expor (através de suas canções) sua história. Em relação à canção cujos versos foram

⁴⁴ GONZAGUINHA. Caminhos do coração. Compositor: Gonzaguinha. Caminhos do Coração - Gonzaguinha - LETRAS.MUS.BR Acesso em 5/11/2022 às 12:52

⁴⁵ A entrevista na íntegra pode ser encontrada em [http://taratitaragua.blogspot.com/2021/01/gonzaguinha-busca-do-equilibrio-nos.html#:~:text='Caminhos%20o%20Cora%C3%A7%C3%A3o'%20%C3%A9%20uma,me%20s eparar%20da%20minha%20mulher](http://taratitaragua.blogspot.com/2021/01/gonzaguinha-busca-do-equilibrio-nos.html#:~:text='Caminhos%20o%20Cora%C3%A7%C3%A3o'%20%C3%A9%20uma,me%20s eparar%20da%20minha%20mulher.). Acesso em 5/11/2022 às 14h

usados como epígrafe desta seção e que dá nome ao LP, ele declarou o seguinte: “É muito do que eu vivi e viverei; é uma coisa de muito que andar por aí e cada vez com maior profundidade”. O poeta narra e conta muito do que sente através de seus versos e sabe que, ao não mostrar medo de se desnudar, compartilhando o que tem e o que pode com todos que os cercam, deixa marcas importantes e lições diárias a essas tantas pessoas. Nesta seção, falarei sobre o narrar e como esse ato pode nos trazer identificação com as histórias que ouvimos e como as nossas próprias narrativas podem impactar outras vidas.

As narrativas sempre estiveram presentes na vida dos indivíduos. Eu me refiro agora às histórias contadas nos livros e aos estímulos recebidos em algumas famílias ou na escola em relação à prática da leitura ou à criação de narrativas próprias. Como defende Freire (1982), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Isso quer dizer que, muitas vezes, nossas histórias têm relação com a maneira de vermos o mundo ao nosso redor. A leitura literária, além disso, nos ajuda a romper as barreiras e a viajar com os pés no chão nas aventuras a que os textos nos levam. Foi assim que me apaixonei pela Literatura, pelo uso da linguagem como forma de interação. Em minha história de vida, sempre houve rupturas, metaforicamente, comportamentos literários, como os da fase heroica da primeira geração do Modernismo. Era preciso vencer as estruturas engessadas que queriam impor a mim a ideia cristalizada de que o pobre, negro e favelado, não podia ir além do lugar a ele destinado. Como eu já disse no capítulo 3 (e não tenho medo de ser repetitivo porque é sempre bom reforçar), o meu lugar e o de outros com a mesma trajetória que a minha era justamente onde não permitiam ou não desejavam que estivéssemos.

Na próxima seção, falarei um pouco mais sobre as narrativas e como nossas histórias podem nos ajudar a entender o outro e a nós mesmos além de serem instrumento de interação com os demais.

5.2.1

Narrando, expressando-se, comunicando-se e interagindo socialmente

Através das histórias, as culturas têm transmitido conhecimento, compartilhado experiências e preservado suas tradições ao longo das gerações. As narrativas não se limitam apenas a uma função cultural e artística. Contar histórias faz parte das nossas vidas, por isso considero a narrativa como uma prática discursivo-interacional social e situada (Bastos; Biar, 2015), bem diferente da visão laboviana. Labov (1972) foi um dos precursores dos estudos narrativos. Segundo ele, narrar histórias pessoais é uma forma de recapitular experiências passadas por meio de enunciados cuja ordem está a refletir a sequência de eventos ocorridos. É necessário ainda que se faça menção a uma experiência única, não a algo habitual e ser reportável, ou seja, uma história contável. Por meio das narrativas, é possível explorar e compreender a complexidade das experiências humanas. Na educação, por exemplo, o uso de histórias e de contos pode tornar os conteúdos mais acessíveis e envolventes, permitindo que os estudantes se conectem emocionalmente com o assunto, facilitando a aprendizagem e a retenção do conhecimento. Além disso, ao contar histórias, os educadores também podem avaliar o nível de compreensão dos alunos e identificar possíveis desafios de aprendizagem.

Ao compartilharmos nossas experiências por meio de histórias, podemos nos colocar no lugar do outro, compreender suas perspectivas e sentimentos, promovendo uma maior compreensão e coesão social. Por meio das histórias compartilhadas em família, escola, comunidade ou mídia, os indivíduos aprendem sobre sua herança cultural, tradições e normas sociais, fortalecendo sua identidade coletiva e senso de pertencimento.

A perspectiva dos estudos socioconstrutivistas sobre a narrativa destaca sua importância como uma forma de interação social significativa, na qual as histórias desempenham um papel fundamental na construção da realidade e na conexão emocional entre as pessoas. Ao compreender a importância das narrativas, podemos apreciar melhor como elas moldam nossas vidas e a sociedade em que vivemos. A análise de narrativas revela-se altamente produtiva ao examinar a linguagem

produzida em diversos contextos, tanto em interações cotidianas, institucionais, entrevistas de pesquisa e conversas exploratórias.

5.2.2

Modelo laboviano e a investigação dos estudos da narrativa

Os estudos conduzidos por Labov; Waletzky (1968) e Labov (1972) são considerados como os pioneiros na investigação de narrativas, definindo-as como um método para recapitular experiências passadas, que combina sequências verbais e sequências de eventos através de propriedades identificáveis e bem delimitadas.

O modelo canônico de narrativa, elaborado pelos autores, é apresentado e descrito em termos sintáticos. Devido à natureza linear da fala, a narrativa utiliza uma técnica específica de concatenação de orações que reflete a sequência cronológica dos eventos passados.

Com essa ideia, o autor acredita que se devia ter preocupação com a estrutura formal da narrativa, que respeitava o seguinte cânone:

- a) O resumo é uma breve síntese da história. Estruturalmente, pode ser elaborado a partir de uma ou duas orações;
- b) A orientação é a contextualização do relato e apresenta o que se ensina nas escolas, por exemplo, a respeito dos elementos da narrativa: seu objetivo é a identificação do que aconteceu e com quem ocorreu o fato, ou seja, as pessoas envolvidas na história. Além disso, há a informação a respeito do lugar (onde) e do momento (quando) no qual aconteceu aquilo que está sendo relatado;
- c) A ação complicadora refere-se ao que ocorreu a partir da enumeração de orações narrativas sequenciadas no passado (pretérito perfeito);
- d) A resolução consiste na consequência da ação complicadora. Pode ser uma sequência de ações resultantes desse fato;
- e) Avaliação: é a explanação da posição do narrador em relação à narrativa, enfatizando a relevância de algumas partes em comparação com outras.

A avaliação também revela o motivo ou ponto central da narrativa. Labov sustenta que toda narrativa tem um ponto, ou seja, um motivo que justifica seu relato condição que, segundo o autor, sustenta a relevância comunicativa da emergência

de uma história em um determinado contexto interacional. A avaliação pode ser realizada, ao menos, de duas maneiras:

- i) Na avaliação externa, o narrador faz uma pausa no fluxo narrativo, como um parêntese, para refletir sobre o seu ponto.
- ii) Na avaliação encaixada, o narrador utiliza recursos expressivos que não interrompem a sequência dos eventos narrados, inserindo dramaticidade ao relato e indicando o sentido com o qual os acontecimentos devem ser compreendidos.

f) A *coda* é considerada o desfecho, o fim da narrativa. Traz tanto o narrador quanto seu interlocutor de volta a um momento de interação, ou seja, deslocam-se os envolvidos do relato passado para o presente. Essa parte pode trazer uma avaliação do narrador a respeito dos eventos contados. Portanto, pode ser denominada *coda* avaliativa.

Não há como negar a importância da contribuição de Labov para os estudos narrativos. Entretanto, o fato de ele considerar a narração como algo autônomo, descontextualizado e de não problematizar a relação entre presente e passado, além de não levar em conta aspectos referentes aos valores socioculturais que fortalecem a produção discursiva, fazem com que sua teoria sofra duras críticas e passe por algumas revisões que levam em consideração a questão da interação social. Diferentes motivações e contextos interacionais, que diferem dos investigados por Labov como narrativas de ações habituais - baseadas em ações repetidas sem uma complicação narrativa - e histórias hipotéticas - que não aconteceram ou estão projetadas para o futuro - bem como outros tipos de *small stories*, têm sido cada vez mais considerados nos estudos da área.

Nesta tese, os relatos trazidos no capítulo 2 e os que virão no capítulo 7, momento no qual farei a análise dos dados narrados, servirão para que todos aqueles pais, que adotaram crianças mais velhas e adolescentes negros e que tiverem acesso a esse trabalho, possam refletir sobre si e sobre o mundo no qual vivem. No que tange às suas vivências e, principalmente, no que diz respeito ao racismo que seus filhos possam vir a sofrer ou que já sofreram, essas narrativas trarão significados de como esses indivíduos projetam a si mesmos e aos outros no discurso. Como assevera Moita Lopes (2002), é importante situar as narrativas como discurso

porque, segundo o autor, é uma forma de ação social pela qual os indivíduos agem no mundo, ou seja, as pessoas assim o fazem com vistas à construção de significados em conjunto com seus interlocutores. Essa interação lembra a natureza dialógica do discurso (Bakhtin, 1981) posto que trabalha na mediação e na constituição das relações. Moita Lopes (2002) também defende que tal natureza possibilita a construção social de quem somos e que tal construção passa pelo fato de sermos múltiplos. O autor ainda aponta a ideia de que não se pode considerar a existência humana de forma homogênea porque é preciso dar “lugar a heterogeneidade que nos constitui ou ao intrincado mosaico de que somos feitos” (p. 58).

É na interação, então, que vêm à tona essa coexistência. Como estamos imersos na vida social e isso nos posiciona em diferentes práticas discursivas, somos levados a nos comportar de maneiras diversas a depender do contexto no qual estamos imersos em determinado momento. Daí a importância da presença do outro na construção do d/ Discurso (Gee, 2015) já que a língua só tem sentido nas práticas sociais. O "Discurso" é representado quando se assumem certas formas de agir, pensar, avaliar e falar em determinados tempos e determinados lugares, os quais são considerados como corretos para a representação desse "Discurso". Já o "discurso" representa a língua em uso ou amostras de língua, como em conversas ou em narrativas. Com isso, alinhado ao autor, entendo que, ao empregarmos a linguagem nas conversas exploratórias, coconstruímos e negociamos sentidos a partir das formas que conhecemos como (1) interação, (2) de construção/identificação de si mesmo/a e das alteridades (3) de representação dos aspectos do mundo (“o que está sendo dito e feito”).

Retornando aos estudos de Labov, uma das revisões pelas quais sua teoria passou está na perspectiva de Linde (1997) que nos traz o conceito de histórias de vida como uma forma de interação através da qual nos identificamos com os outros e criamos nossas próprias identidades. Linde (1997) indica ainda que estamos expostos, por indicativos da ordem social do narrador, à avaliação que ele faz dos fatos que narra. Para a autora, o ato de avaliar está intrinsecamente ligado à prática social e é importantíssimo para o estabelecimento de relações e de negociação social. Tal fato é ratificado quando Linde (1993, p. 152) afirma que a avaliação é um "fator essencial para a compreensão de uma determinada pessoa,

de suas ações e de seu contexto". Emoções e discurso estão intimamente conectados, posto que estabelecem entre si uma relação de (inter)dependência. Para reforçar essa ideia, volto novamente à Linde (1993) por afirmar que, para uma narrativa ser considerada uma história de vida, dois pontos básicos precisam ser respeitados:

a) Em primeiro lugar, existir uma avaliação a respeito da própria pessoa que conta, ou seja, abordar seu caráter, quem ela é e não sobre um contexto geral. Como exemplo, temos outro trecho do relato do Marcos, pai do Lucas e marido do Matheus, que faz parte do capítulo 2 desse trabalho:

Talvez por ser muito apaixonado e um tanto sensível, guardei comigo uma melancolia que, apesar de dolorosa, me dá algo que aprecio: a capacidade de criar utopias. Sonhei um monte de coisas: em ser um biólogo, ser professor, pai... Hoje sou isso tudo. Tive muitos planos de como ser um pai perfeito (sic): que ouvia, brincava, lia histórias, ninava, ensinava a andar no mato, a ver os bichos, a ser honesto, justo, popular e erudito... Um dia eu sonhei em ter uma família, pois não queria ser sozinho. Eu queria alguém para dividir o mundo, que é bonito demais para se percorrer só.

Logo na primeira oração do trecho acima, vemos um forte poder avaliativo do Marcos acerca de si mesmo. O uso dos adjetivos “apaixonado” e “sensível” (ambos acompanhados de expressões de intensidade) demarcam para nós o que ele acha de si. É um autojulgamento que, de acordo com o conceito de Linde, aproxima seu relato de uma verdadeira história de vida. No final desse trecho, quando ele nos apresenta seu sonho de não estar só (ainda bem que Matheus e Lucas cruzaram seu caminho), reforça-se e muito sua sensibilidade.

b) O segundo ponto básico para que uma narrativa seja considerada uma história de vida, segundo Linde, é a reportabilidade estendida, ou seja, os relatos podem ser narrados em momentos diversos da vida, posto que não aludem a questões cotidianas, mas a fatos marcantes da existência do narrador (Linde, 1993). Para exemplificar esse segundo ponto, mais uma vez recorro ao capítulo 2 agora na narrativa de Clara, mãe do Antônio e esposa do Francisco:

Quando me casei com o Francisco, uma pessoa incrível, solar, carinhoso, sabia que ele gostava muito de criança e tinha intenção de ser pai, mas eu já havia ligado as trompas há muito tempo, então começamos a buscar uma fertilização in vitro, no meio do processo, aconteceu a chegada do Antônio em nossa família. Essa chegada foi um acontecimento, pois que não esperávamos. Ele passou por um

processo de apreensão e fui convidada a depor em seu favor, já que o conhecia do Centro espírita. No dia, a juíza me perguntou se eu o levaria para casa naquele dia, já que ele não tinha para onde ir, a mãe havia falecido e o pai era desconhecido.

Foi um parto inesperado de uma gravidez inexistente, pois não tive tempo de gestar essa chegada, mas também não tive vontade de negar e disse sim a ela. O primeiro ano foi bom, era um conhecer de ambos os lados, a partir do segundo ano as camadas da relação foram sendo retiradas e aí começou uma longa jornada, onde tivemos e temos altos e baixos, aproximações e distanciamentos.

Com certeza o casamento com Francisco, pela maneira como Clara o descreve, foi algo memorável em sua vida. O planejamento de um novo filho já que ela, em outro momento, escolhera por não os ter mais também parece ter sido uma decisão que mudou sua vida. A chegada de Antônio, de uma maneira tão inesperada, foi um algo bem importante para o casal e, pelo impacto, a marcará para sempre. Moita Lopes (2002) defende que as narrativas são criadas para elaborar um sentido interno de si mesmo e como um dos recursos principais que empregamos para projetar e negociar esse sentido com os outros.

O relacionamento estreito entre avaliação e reportabilidade contribui, como assevera Nóbrega (2009), para que narrativas orais sejam encaradas como elementos significativos do processo de conhecimento. Além disso, Linde (1997) defende a ideia de que a avaliação está sempre presente nas narrativas e por isso podemos considerá-la como “qualquer instância produzida pelo falante que tenha sentido social ou que indique valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (1997, apud Nóbrega, 2009, p. 85). Por isso, a avaliação está ligada intrinsecamente à dimensão moral da linguagem (Nóbrega, 2009, p.85).

Como Piedade (2023) indica, essa ideia de avaliação tem finalidade interacional muito mais voltada para o alcance de uma combinação entre os significados morais em diversas ações do que um simples reportar destas mesmas ações posto serem consequência “da negociação de interlocutores em uma prática discursiva” (p.124)

Aludindo ao título dessa seção, “Histórias cruzadas” e lendo parte dos relatos acima (extraídos do capítulo 2), ficam claros os pontos nos quais essas trajetórias se encontram⁴⁶: o casamento, a paternidade, a maternidade, a adoção. Dessa forma, posso dizer, por exemplo, que a minha história e as narrativas que

⁴⁶ Para ratificar esses “encontros”, releer o capítulo 2.

dela nascem influenciam outras pessoas da mesma maneira que sou influenciado pelos relatos de outrem. Por isso, como indicam Fabrício e Bastos (2009),

tal perspectiva desloca o usual conceito essencializado de identidade – compreendida como una, permanente e pré-configurada – para o de identidades, no plural, fragmentadas, múltiplas e em processo, porque altamente de aspectos contextuais (discursivos, microinteracionais, socioculturais e históricos) (ibid., p. 41).

Isso quer dizer que as memórias do outro em mim e em nós são garantidas pelas narrativas, o que nos ajudará a falar, pensar e compreender o outro. Antes de terminar, não poderia deixar de voltar a abordar a questão da avaliação: entender que eventos o narrador elege como mais importantes em sua trajetória e que, por isso, são dignos de serem lembrados e contados e quais as escolhas lexicais feitas por ele em seus relatos é de suma importância para a compreensão dessas histórias. Moita Lopes (2002), ao abordar a avaliação, indica ser o processo avaliativo – do ponto de vista de seu objetivo – a parte mais importante de uma narrativa porque, de acordo com o autor, é a avaliação que permite “a negociação do significado social da história contada em duas direções relacionadas a comentários sobre o mundo” (Moita Lopes, ibid, p. 67): como o mundo e a avaliação devem ser a respeito do falante e dos interlocutores. Para ratificar essa abordagem acerca da avaliação na narrativa, recorro novamente à Nóbrega (2009, p. 86) quando propõe que “a análise da avaliação a partir de uma perspectiva sociolinguística mostra a importância do contexto, dos fatores socioculturais e interacionais para o processo narrativo”.

5.3

Avaliando narrativas

Tendo como base o modelo canônico Laboviano, mencionado na seção anterior, mister se faz afirmar que a avaliação é um elemento primordial nas narrativas já que ela apresenta o que há de relevante na história e, consequentemente, o porquê de ela estar sendo contada além de conferir certa dramaticidade a ela. Como foi apresentado também, uma série de estudiosos defendem o quanto avaliar é importante, porém eles trazem uma visão mais ampliada dessa etapa narrativa. Na seção 5.1, por exemplo, falamos de amor e das

emoções. Nesse sentido, podemos incluir, a tudo que foi apresentado, a visão de Le Breton (2019) que defende o fato de estas serem meios de avaliar, ou seja, de interpretarmos nossas vidas. O autor considera as emoções como algo, ao mesmo tempo, individual, coletivo e coconstruído nas mais diversas situações de interação porque acredita que

Os sentimentos nascem num indivíduo preciso, numa situação social e numa relação particular ao evento. A emoção é ao mesmo tempo avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento do intercâmbio. Ela se modifica de acordo com os públicos e com o contexto. De acordo com a singularidade pessoal, elevaria em intensidade e nas formas de manifestação. (ibid., p.210).

É por isso que a análise das emoções que vierem a eclodir das narrativas dos pais que são meus parceiros neste trabalho é fundamental já que, a partir delas, poderemos ver como se posicionam na sociedade brancocêntrica e racista da qual fazem parte.

Quando avaliamos, conscientemente ou não, expressamos nossos julgamentos, nossos afetos, ou seja, nosso ponto de vista diante daquilo que estamos relatando. Por isso, é necessário que, ao se realizar uma análise de uma narrativa, se considerarem alguns níveis, como aventado por Alba-Juez e Thompson (2014, p.10-11):

- (i). O nível fonológico: segundo os autores, a prosódia pode ser usada para indicar um significado avaliativo. Nesse caso, a entonação ou a extensão do tom de voz podem ser, por exemplo, marcadores de ironia;
- (ii). O nível morfológico: prefixos ou sufixos empregados de forma avaliativa, ampliando o simples sentido de diminutivo e aumentativo e indicando, dentre outros, um sentido pejorativo;
- (iii). O nível lexical: este é o nível mais evidente em que podemos ver a avaliação. Pode ser identificado ao usarmos simplesmente palavras ou expressões com carga avaliativa: inteligente, bom, mau etc;
- (iv) nível sintático: um dos aspectos que tem sido amplamente estudado até agora é o relação entre avaliação e os sistemas léxico-gramaticais da modalidade. A avaliação também pode manifestar-se por meios estruturais, tais como como alterar a ordem dos constituintes em uma frase: pobre homem X homem pobre.

(v) o nível semântico: inclui-se aqui tanto o significado avaliativo que é inerente às palavras e expressões e pode, portanto, ser encontrado nas suas características semânticas, bem como a avaliação (pragmática) que depende do contexto em qualquer nível, desde o contexto local até o contexto cultural

Vale ressaltar, porém, que esses cinco níveis, apontados pelos autores, não servirão para engessar as análises propostas neste estudo como se eu, em cada excerto escolhido, tivesse a obrigatoriedade de identificá-los. A ideia é entender que, em cada momento de interação, recursos linguísticos diferentes são empregados e, a depender dos sentidos negociados entre falante e ouvinte, um nível pode se destacar mais que o outro. Como apontado por Braga (2022), “é necessário identificar as atividades narrativas e refletir sobre o que as escolhas linguísticas *dizem* sobre este contexto de interação (micro) e sobre o contexto sócio-histórico-cultural (macro) trazendo questionamentos.” (ibid, p.94).

Quando expressamos nossos sentimentos ou emoções e interpretações, levamos em consideração os princípios de nossos ouvintes, embora eles não estejam totalmente conscientes disso. Na opinião de Alba-Juez e Thompson (2014), há preocupação com a negociação entre as nossas avaliações prévias e as que construímos juntos durante a interação, o que nos envolve neste trabalho relacional colaborativo que dá à avaliação um caráter interpessoal.

Outra visão a respeito da avaliação que será importante nesta pesquisa é a de Cortazzi e Jim (2001) que, partindo dos fundamentos teóricos de Labov e Waletzky (1967), acreditam que o ato de avaliar não pode ser considerado somente um elemento estrutural da narrativa, mas também uma maneira de reagir a ela, permitindo que os ouvintes e os leitores possam avaliar a história e seu narrador. Os autores consideram a avaliação como o fator principal da narrativa, pois ela serve como a chave para entender as atitudes dos participantes em uma atividade narrativa.

Além disso, Cortazzi e Jim (2001) acreditam que a avaliação proposta por Labov e Waletzky (1967) é descontextualizada porque se concentra apenas no texto narrativo e não vai além. Por isso, eles propõem uma análise tripartida em camadas que nos permite ampliar a noção avaliativa em relação à avaliação de nossas histórias de vida. Com base nisso e me alinhando a eles, sugiro uma análise da avaliação *na* narrativa, *da* narrativa e *através da* narrativa. Assim, como eles, viso

apresentar a avaliação como um recurso narrativo multifuncional e indicar a importância do contexto e dos elementos socioculturais nos estudos relacionados às narrativas.

O modelo laboviano, apresentado no item 5.2.2, é usado para apoiar a primeira camada da avaliação, que é a **avaliação na narrativa**. Entretanto, Cortazzi e Jim (2001, p.102) dizem que uma avaliação que se concentra apenas na estrutura da narrativa é muito limitada e precisa de complementação. O narrador espera uma resposta positiva de seus interlocutores para tornar a história relatável.

Nóbrega (2009) complementa a teoria sobre essa camada com a seguinte ideia:

Através do uso de recursos avaliativos, o narrador pode, portanto, cativar a audiência e tornar relevante a sua experiência. Consequentemente, a avaliação dos interlocutores torna-se necessária para que o narrador permaneça em seu papel, o que nos leva a crer que uma avaliação *na* narrativa pode evocar uma avaliação *da* narrativa. (ibid., p.82)

A segunda camada, **a avaliação da narrativa**, é aquela na qual precisamos ir além do apresentado pelo narrador para que busquemos sentidos na interação, desde que tenhamos a certeza de que existe negociação entre os interlocutores a partir de fatores socioculturais. Nesta modalidade de avaliação, entendemos como os ouvintes aceitam (ou não) as histórias quando participam ativamente (co)avaliando os episódios. Durante a segunda fase de avaliação, os ouvintes analisam a narrativa com base em elementos socioculturais. Em outras palavras, eles mostram se entendem ou não o ponto narrado e “também sinalizam e consideram se a história é relevante ou não, isto é, reportável”. (ibid. p.82)

A existência de um “outro” interacional, anunciada por Cortazzi e Jim (2001), nos leva à **avaliação através da narrativa**, ou seja, a terceira camada cujo foco está no contexto macro da narrativa por dois motivos: pelo fato de que “as histórias [são] usadas [dentre muitas outras finalidades] para avaliar situações [mais amplas] nas quais o narrador e a audiência se encontram” (Huston; Thompson, 2001, p. 114, apud Piedade, 2023) e devido ao “sentido da história apenas pode[r] ser compreendido caso a relevância para o contexto de narração seja percebida” (ibid., p. 102).

A tabela abaixo, elaborada por Nóbrega (2009), mostra as três camadas de avaliação propostas por Cortazzi e Jim (2001) e suas funções principais:

Camada avaliativa	Características
Avaliação <i>na</i> narrativa	Avaliação realizada no texto narrativo. É relacionada à avaliação laboviana e usa recursos gramaticais, semânticos ou fonológicos como forma de expressão da prática avaliativa.
Avaliação <i>da</i> narrativa	Foco interacional, contextual e na forma como os interlocutores narrativos recebem a história, avaliando-a de acordo com critérios contextuais e socioculturais.
Avaliação <i>através da</i> narrativa	Foco contextual . Momento no qual interlocutores e/ou suas situações são avaliados e o sentido da história apenas poderá ser compreendido caso a sua relevância para o contexto de narração possa ser vista.

Tabela 3 – (Nobrega, 2009).

Sem dúvidas, ao abordarmos e lermos fragmentos das histórias de vida presentes nesta tese, poderemos não só nós, mas levar também outros indivíduos a se apropriarem dessas narrativas. Nesse processo, espera-se que sejam alimentados os sentimentos de pertencimento e de solidariedade não só a essas, mas a todas as demais histórias que nos toquem o coração e com as quais nos identifiquemos. Por isso, para que tenhamos a certeza de que a interação é um meio capaz de construir, coconstruir e compartilhar nossas emoções, nunca é demais (re)ler os versos de Gonzaguinha: “E aprendi que se depende sempre/ De tanta, muita, diferente gente/ Toda pessoa sempre é as marcas/ Das lições diárias de outras tantas pessoas.” Que possamos sempre contar histórias que nos sejam caras, porém mais que isso: que possamos estar atentos e ouvir os relatos dos outros que podem falar – por vezes - muito mais de nós e nos marcar de forma indelével.

No próximo capítulo, apresentarei a metodologia a ser utilizada na análise dos dados que surgiram nas conversas exploratórias que tive com meus parceiros de pesquisa.

6

Desenhos metodológicos

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei

A estrada - Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Ghama⁴⁷

Os primeiros versos da canção “A Estrada” nos mostram o esforço do eu lírico para alcançar seus objetivos. Isso me faz lembrar de um ditado popular que diz ser preciso aproveitar a jornada. Contudo, é necessário saber que nem sempre estaremos acompanhados. Às vezes, seguiremos sozinhos, mas, de qualquer forma, o que importa, em todos os casos, são as escolhas que fazemos nesse percurso. No meu esforço de realizar esta pesquisa, tive que optar por onde eu deveria passar, em que solos pisar para torná-la palatável para mim, para aqueles que convidei a participar e para quem vier a lê-la. Diante disso, apresento os caminhos metodológicos escolhidos para realizar e desenvolver este trabalho. De início, insiro a pesquisa no paradigma qualitativo-interpretativo (Denzin, Lincoln, 2006), além de abordar a pesquisa do praticante (Allwright, 2005). Logo depois, apresento os procedimentos nos quais me baseio, começando pela realização do projeto enviado para análise e para a aprovação da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio e, em seguida, descrevo o processo de coconstrução de dados, a seleção e a transcrição dos trechos a serem analisados.

6.1

O paradigma qualitativo-interpretativo de pesquisa

Esta tese adota a metodologia qualitativa-interpretativista de pesquisa (Denzin, Lincoln, 2006) por ser a que melhor se adequa quando existe uma estreita relação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Essa metodologia, como

⁴⁷ CIDADE NEGRA. A estrada. Compositores: Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Ghama. A Estrada - Cidade Negra - LETRAS.MUS.BR Acesso em 05/01/2023 às 12h

afirmam Denzin e Lincoln (2006, p. 17), se apresenta como “um conjunto de práticas interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Tal afirmativa significa que as pesquisas que seguem esse parâmetro permitem aos pesquisadores interpretar profundamente os fenômenos à sua volta, além de lhes posicionar em seus cenários naturais, a fim de que coconstruam significados para esses eventos com quem os cerca. Uma pesquisa qualitativa se torna ideal para a análise de problemas ligados a questões sociais, como é o caso do objeto desta tese, na qual família, racismo, adoção e emoções são os focos. Sobre os pesquisadores qualitativos, é lícito indicar que eles

ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (ibid., p. 23).

Por esse motivo, ao contrário dos trabalhos que se baseiam em um paradigma quantitativo, que mensura os dados coletados, não se espera neutralidade de quem pesquisa, além de incessantemente ser defendida uma conduta ética e política durante todo o percurso de elaboração (Denzin, Lincoln, 2006; Moita Lopes, 2006) porque se almeja que nós, pesquisadores, pensemos - para além dos dados construídos - acerca de nossas ações e de nossos sentimentos, ou melhor, é necessário que reflitamos em quanto o tema pesquisado nos toca. Segundo Denzin e Lincoln (2006),

a pesquisa qualitativa envolve o uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudos de caso; experiência pessoal; introspecção; histórias de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos da vida dos indivíduos (ibid., p. 17).

Com isso, acredito que possamos buscar condições de refletir melhor acerca dos dramas e das questões sociais que se configuram como terreno fértil para nossas pesquisas. Para Denzin e Lincoln (2006), o método qualitativo permite que o pesquisador seja um *bricoleur*. Isso significa que poderão ser empregadas todas as ferramentas que estiverem ao seu alcance e, se no decorrer do que fora planejado novas demandas surgirem, ele poderá lançar mão de outras estratégias, a fim de

alcançar o êxito esperado. Essa abordagem é norteada por um grupo de crenças sobre o que ocorre a sua volta e sobre como esses fenômenos podem ser entendidos e se tornarem objetos de pesquisa, mas também se torna um dos pontos que faz com que muitos cientistas mostrem resistência à pesquisa qualitativa e julguem-na como um trabalho “não científico ou apenas exploratório, ou subjetivo” (ibid.p. 22).

6.2

Pesquisa do praticante: todo mundo junto e misturado

Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Para melhor construir a vida nova
É só repartir melhor o pão.
Sal da Terra – Beto Guedes⁴⁸

A canção “Sal da Terra” de Beto Guedes nos convoca à união. Além da mensagem que nos alerta para a necessidade de cuidarmos do planeta, os versos que servem como epígrafe desta seção nos chamam a atenção para a urgência de cuidarmos uns dos outros, já que “um mais um é sempre mais que dois” e por ser necessário “repartir melhor o pão”. Isso quer dizer que é necessária a participação de todos, a fim de que os objetivos comuns sejam alcançados. Por fazermos parte de determinados contextos e por sermos agentes nas práticas sociais, não se justifica ter uma postura passiva diante dos fatos. Para este trabalho, aproveito os preceitos da Pesquisa do Praticante que – como já aventado no capítulo 2 - é, para Allwright (2005), uma pesquisa em primeira pessoa do plural. Embora eu tenha idealizado o trabalho e tenha escolhido o tema sobre o qual gostaria de versar, o que discuto só ganha sentido quando tenho outros braços e mentes colaborando com o trabalho desenvolvido. Isso ocorre porque a Pesquisa do Praticante convida várias vezes a fazerem parte do processo. Trata-se de uma pesquisa solidária ao invés de solitária. Segundo Allwright (2005)

⁴⁸ BETO GUEDES. O Sal da Terra. Compositores: Alberto De Castro Guedes / Ronaldo Bastos. O Sal da Terra - Beto Guedes - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 05/01/2023 às 16:28

Nossa visão de pesquisa do praticante, entretanto, nos ajuda a perceber como, mesmo se as situações se apresentam como praticamente problemáticas e requerendo uma solução prática, uma inspeção mais próxima revela uma necessidade de se lidar com questões referentes à qualidade de vida (ibid., p.38).

No caso deste trabalho, posso afirmar que uma das problemáticas está ligada ao racismo sofrido pelos filhos dos que se dispuseram a contar suas histórias. Pretendo observar e identificar tais situações nas narrativas que surgirão através das conversas exploratórias (que serão explicadas em uma próxima seção) propostas para a coconstrução dos dados deste trabalho. Tal troca faz com que os demais participantes e eu sejamos colaboradores no processo de pesquisa, configurando-se como copesquisadores (Nunes, 2022).

Quando se diz que a Pesquisa do Praticante deve lidar com temas referentes às experiências dos envolvidos, é porque ela se volta para o que se vive ou para o que se faz (Moura, 2018). Com isso, posso afirmar que ela se dissocia dos métodos tradicionais, já que trabalhos assim são realizados por aqueles que não têm pertencimento a determinado grupo ou contexto, ou seja, eles procuram como resolver e não o porquê de os problemas existirem. Acredito que não se possa pensar que dilemas do cotidiano humano se solucionem com fórmulas ou respostas instantâneas. Na minha opinião, quando lidamos com gente, é preciso ter olhos de ver e ouvidos de ouvir para entender que um contexto não é igual a outro para, a partir daí, compreender que os aspectos a serem investigados não precisam necessariamente de resolução, mas sim que se busquem entendimentos aprofundados que possam ajudar os participantes a ficarem mais conscientes das qualidades de vida e das relações interpessoais.

É muito importante frisar que, embora a pesquisa do praticante tenha surgido das reflexões de Allwright acerca do fazer pedagógico em sala de aula, posso ampliar tal escopo, uma vez que não entendo um contexto pedagógico como apenas uma classe ou as paredes de uma escola. Considero esses contextos como espaços de aprendizagem e, se estamos em constante contato com o outro em variadas situações e locais, é lícito que eu afirme que aprendemos o tempo todo: na observação, na conversa, na escuta e, claro, na interação. A vida social e seus cenários diversos são lugares de e para aprender e, por isso, são contextos pedagógicos. Essa reflexão nos remete à ideia de que os participantes e praticantes

desta pesquisa me ensinaram muito com seus relatos e acredito que os de Ana e os meus também os impactaram de alguma forma. Isso quer dizer que não somos meras fontes de dados porque eu lidei com uma “pesquisa reflexiva fundada no princípio ‘trabalhar para o desenvolvimento mútuo’, e que não renuncia a que todos construam seus entendimentos sobre as experiências” (Moraes Bezerra, 2012, p. 61).

Nesse mesmo entendimento a respeito dos contextos pedagógicos e da pesquisa do praticante, sigo os princípios da Prática Exploratória (PE) que surgiu no Brasil, no início dos anos de 1990, também através do trabalho do professor Dick Allwright. A PE se configurava como uma possibilidade de fazer pesquisa em sala de aula de línguas de modo colaborativo e é compreendida como “uma maneira indefinidamente sustentável em que professores e alunos, durante o processo de ensino e aprendizagem, se engajam para entender a vida na sala de aula” (Allwright, 2005, p. 361).

Como para Allwright e para os teóricos da PE, professores e alunos trabalham de modo colaborativo; todos se tornam participantes, copesquisadores e agentes no processo. Tal ideia faz com que essa prática seja uma modalidade de pesquisa do praticante, já que todos estão voltados para “trabalhar para entender” suas questões (Miller et al., 2015). A meu ver, as bases teóricas nas quais a PE se estrutura podem ser ampliadas para outros contextos como, no caso desta pesquisa, das experiências trocadas entre Ana, os demais parceiros desta pesquisa e eu, a fim de que possamos compreender nosso lugar como pais em famílias inter-raciais no contexto da adoção de crianças maiores e de adolescentes. O entendimento de nosso papel é consequência do perceber nossa posição na pesquisa que também nos levará a ressignificar as questões referentes à vida. Esse caminho a ser trilhado se organizou com base nos princípios da PE, a saber:

- Priorizar o entendimento das qualidades das vidas das pessoas envolvidas;
- Trabalhar para entender as vidas das pessoas que integram o grupo do qual fazemos parte;
- Envolver todos neste trabalho;
- Trabalhar para a união de todos;
- Trabalhar para o desenvolvimento mútuo;
- Integrar esse trabalho reflexivo feito pelos participantes
- Fazer com que o trabalho para o desenvolvimento mútuo e a integração sejam contínuos. (Adaptado de Miller et al., 2015, p. 61).

O primeiro princípio⁴⁹ precisa ser comentado porque compreender como se configuram as qualidades das vidas dos envolvidos no trabalho investigativo em geral e nesta pesquisa em particular é um dos maiores interesses da PE. Ao procurar os dois casais de amigos e apresentar-lhes minha proposta de pesquisa, além de propor uma participação mais ativa em algumas partes do processo, tive a preocupação de deixá-los à vontade, ou seja, era necessário que eles participassem e se sentissem agentes no processo. Como diz Allwright (2006, p. 1), “a grande vantagem é a autoestima; as pessoas envolvidas parecem passar a pensar numa maneira de melhorar a si mesmas, e em aproveitar mais a vida, porque sentem que têm a confiança de outras pessoas”.

Preocupar-se com os sentimentos das pessoas não só em relação à participação na pesquisa, mas também em como isso reverberaria em seus cotidianos é uma forma de priorizar as qualidades de suas vidas. Tal prioridade tem a ver, inclusive, com entender que, em alguns momentos, não era possível seguir a conversa porque determinados assuntos podiam suscitar lembranças não muito agradáveis. Tal compreensão vai ao encontro também do segundo princípio, o de trabalhar para entender a vida no grupo do qual fazemos parte.

Como iniciei esta seção falando da Pesquisa do Praticante, gostaria de comentar também o terceiro princípio da PE: envolver todos neste trabalho. Sem dúvidas, esse princípio é dedicado aos participantes porque nos faz enxergar que uma pesquisa sob as bases da PE tem como premissa incluir todos aqueles que estejam envolvidos no contexto estudado. Com isso, os indivíduos são alçados ao status de sujeitos praticantes (e por que não dizer, praticantes exploratórios) por colaborarem diretamente com o desenvolvimento do trabalho. Por isso, a ética deve reger as relações entre os envolvidos, já que todos são peças importantes na construção do conhecimento. Para garantir a ética deste trabalho e a inclusão de todos no máximo de etapas do processo da pesquisa, compartilhei com meus parceiros as análises que fiz dos dados selecionados para figurarem na Tese. O objetivo não era que eles tivessem algum poder de decisão acerca do que escrevi, mas que fosse mais um momento de troca no qual eles pudessem colocar suas impressões e elas, junto das análises, estão no capítulo 7.

⁴⁹ Não tenho interesse aqui de comentar todos os princípios. Ao abordar os três primeiros, acredito que já justifique a filiação de minha pesquisa às bases ético-reflexivas da PE e reforce a ideia de que também estou alinhado à Pesquisa do Praticante.

Encerro esta seção destacando o envolvimento de todos porque esse princípio remete à ideia da Pesquisa do Praticante como um trabalho plural. Tal pluralidade não é apenas por trazer à discussão questões sociais, mas porque eu não falo apenas de mim. Meus parceiros e eu falamos de nós. Por isso, recorro à epígrafe desta seção porque “vamos precisar de todo mundo/ um mais um é sempre mais que dois” e, para melhor repartir o pão do conhecimento e de nossas experiências, é necessário que estejamos todos juntos e misturados.

6.3

Construindo o edifício que é esta tese

6.3.1 Do projeto para a Câmara de Ética ao início da pesquisa

A escolha deste tema é resultado de muitas conversas, aulas, reuniões de orientação, pois minha entrada no Doutorado ocorre através da apresentação de um outro projeto que, embora estivesse ligado à questão racial, em nada tinha a ver com adoção (ver capítulo 1). Depois de conversar com minha orientadora, a professora Inés Miller, e com minha coorientadora, a professora Adriana Nóbrega, a respeito do que estava, naquele momento, “fazendo meus olhos brilharem”, dei início ao alinhar os caminhos que pretendia percorrer tanto na elaboração do que seria apresentado à Câmara de Ética e Pesquisa da PUC-Rio quanto ao que eu gostaria de realizar no decorrer da elaboração deste trabalho. O título escolhido, naquele momento, foi o seguinte: Socioconstrução de emoções em narrativas de adotantes de crianças de negras diante dos estigmas a que os filhos são submetidos: um olhar autoetnográfico.

Depois de idas e vindas com considerações feitas pela comissão avaliadora, meu projeto foi aprovado em junho de 2021⁵⁰. Só após essa etapa, fiz o convite a esses meus amigos que – gentilmente – se dispuseram a participar. Expliquei como seriam nossas conversas, falei sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pedi que assinassem se concordassem com o que estava ali pontuado para – a partir daí – dar prosseguimento ao que eu tinha idealizado para minha pesquisa.

⁵⁰ O termo de aprovação do projeto faz parte dos anexos desta pesquisa.

6.3.2 Coconstrução, seleção e transcrição dos dados

Como já comentei em outras seções, esta tese tem como um dos objetivos falar das experiências de famílias inter-raciais formadas, como a minha, pela adoção de crianças mais velhas e de adolescentes. Entender minhas angústias, alegrias e olhar o caminho trilhado por Ana e eu até chegar aqui é muito importante nesse processo de formação, maturação e crescimento familiar. Além disso, poder contar com amigos que também tiveram (têm e sempre vão ter) muito a acrescentar e a trocar conosco foi a pedra de toque que trouxe mais brilho para esta tese.

6.3.2.1 Conversas exploratórias

Já que um dos meus objetivos foi refletir sobre a relação entre discurso e emoções a partir da análise das narrativas, a coconstrução dos dados, ou melhor, o resgate das memórias e dos relatos dos meus parceiros de pesquisa ocorreu no contexto interacional de *conversas exploratórias (ou conversas com potencial exploratório)* (Moraes Bezerra, 2007; Nunes, 2017). Essa escolha se justifica pelo fato de tal prática fugir ao caráter formal de uma entrevista, na qual os envolvidos parecem ter perguntas e respostas prontas para o tema abordado. O grau de informalidade desses momentos tende a aproximar mais os participantes e faz deles também coconstrutores no processo, uma vez que promove uma atitude mais ativa de todos.

Por serem inspiradas nos princípios da Prática Exploratória, as conversas exploratórias podem ser consideradas como dinamizadoras de reflexões e de novos entendimentos dos processos pelos quais passamos em nossas vidas e, por isso, serviram nesta pesquisa como recurso metodológico para gerarmos os dados. Para Nunes (2017), essas conversas fazem parte do que se chama Atividade Reflexiva de Potencial Exploratório (ARPE), termo cunhado por Moraes Bezerra (2007). Em relação a essas atividades, Nunes (2017), indica o seguinte:

Muito além de obter resultados, tais momentos de reflexão promovidos motivam a colaboração uma vez que diversos participantes se envolvem no processo de busca por entendimentos(...). Devido a seu viés reflexivo, os participantes podem comentar as questões, sugerir outras e até mesmo compartilhar suas experiências (...) (adaptado de Nunes, 2017, p. 49).

Segundo o autor, essas atividades sustentam o viés exploratório da PE como metodologia de pesquisa e reforçam a ideia de que é necessário “trabalhar para entender” (cf seção 6.3) o mundo a nossa volta.

Ainda sobre o caráter dessas conversas, é válido salientar que

[a] As Conversas Exploratórias geralmente nos estimulam na busca por entendimentos ético, democrático, fluido, afetuoso, honesto, respeitoso, colaborativo e intencional acerca do contexto em que nós, participantes-praticantes, nos encontramos;

[b] com isso, acreditamos que a postura epistemológica das Conversas Exploratórias está na honestidade, na abertura e na conscientização do poder de nossa parte, a fim de tentarmos que as relações sejam mais simétricas;

[c] além disso, procuramos estar abertos ao diálogo, às trocas de aprendizados e à pluralidade de assuntos que podem surgir, valorizando e respeitando as opiniões, as emoções, a agentividade e as necessidades de todos os envolvidos na conversa;

[d] Ao nos depararmos com a espontaneidade, a fluidez e a imprevisibilidade que normalmente ocorrerem nas Conversas Exploratórias, buscamos abraçá-las para tentar nos ressignificar e nos abrir para a alteridade (ou seja, nos colocarmos no lugar do outro);

[e] por isso, tentamos exercitar uma escuta sensível e atenta às nossas demandas, afetos e questões, os quais podem mudar ao longo da interação (adaptado de Dias et al, 2021, p. 27).

Para tentar ilustrar as características das conversas exploratórias indicadas acima, passo agora a expor um pequeno resumo de como elas ocorreram com cada casal convidado. A opção por ter conversas separadas é por entender que – embora tenhamos famílias com formações parecidas – há questões que nos tocam de maneiras diferentes. Além disso, acredito que ter esse momento de um jeito mais íntimo foi essencial não só para escutá-los, mas para que Ana e eu pudéssemos nos colocar também. Todos já sabiam do tema da tese e sobre o que conversaríamos.

Um fato bem curioso é que depois das conversas, das leituras, de ter iniciado a escrita da tese e de começar a selecionar os trechos que fariam parte das análises, uma outra pergunta me veio à mente. Algo que eu não tinha pensado em escrever, mas que seria muito importante neste contexto. Lembro que não defendo a ideia do branco salvador que vem livrar do abandono o negro órfão e que é preciso discutir e pensar na temática da branquitude. Por isso, após a leitura de um trecho de Gaber e Aldrige (1994 apud Kilomba, 2019, p. 205) em que é feito o questionamento de “que função tem as crianças negras para seus pais brancos (adotivos)?”, chamei-os

para uma outra conversa com apenas um fio condutor. Perguntei, embora eles tenham adotado negros e amem seus filhos, onde cada um guardava seu racismo. Pensando bem, talvez eu pudesse ter sido mais ousado (ou menos direto, não sei) e ter perguntado onde ou em que situações eles mostravam o racismo deles ou se eles já tiveram, em algum momento, uma atitude racista.

Como prelúdio⁵¹, apresento agora de onde conheço cada pessoa envolvida nesta pesquisa e como ocorreram nossos encontros e conversas exploratórias.

6.3.2.1.1

Matheus e Marcos

Eu não havia comentado, mas, para entender de onde conheço meus colaboradores, vale dizer que todos os casais convidados para participar desta pesquisa são espíritas. Eu os encontrei em momentos diferentes da minha vida, mas nosso contato primeiro foi no movimento espírita, ou seja, em encontros de jovens ou em atividades ligadas à nossa religião. Assim foi com Matheus e Marcos. Eu conheci o Matheus na década de 1990. Neste tempo, nós não tínhamos tanto contato porque eu já era um adulto e ele, uma criança. Com o passar do tempo, me tornei amigo de Martha, sua irmã do meio, e – a partir disso – fomos nos aproximando. Sempre nos encontrávamos em eventos e eu cheguei a ser evangelizador no centro espírita que ele frequenta até hoje. O tempo passou e atualmente, com a chegada de Lucas e Kayo, nós nos aproximamos mais.

No caso do Marcos, não o conheço há muito tempo. Como ele informa em sua autoapresentação (cf. capítulo 2), sua origem é Macaé. Embora ele transite pelo Rio há um tempo, só fixou moradia definitiva quando se casou. Foi assim que eu o conheci: como namorado do Matheus. Depois de um tempo, eu soube que eles resolveram morar juntos e, através do trabalho no movimento espírita, ficamos mais próximos. Marcos é doce, cativante, uma pessoa ímpar. Ana e eu gostamos muito de recebê-los em nossa casa por toda boa energia que deixam em nosso cantinho. Foi inclusive em duas vezes que eles estiveram aqui em Teresópolis que ocorreram nossas conversas exploratórias.

Na primeira vez, estávamos os quatro na cozinha conversando (Lucas e Kayo estavam jogando videogame no quarto) e – ao mesmo tempo – Ana e Matheus

⁵¹ Tomo emprestada a ideia de Nunes (2022) para a introdução/apresentação das conversas exploratórias analisadas em sua tese de doutorado.

cozinhavam. Ele teve a ideia de preparar um frango ao molho de cerveja preta (o prato ficou uma delícia por sinal). Falávamos sobre amenidades e de repente começamos a lembrar da chegada dos meninos às nossas vidas. Neste momento, pedi licença para começar a gravar, pois julguei que já era uma boa oportunidade de iniciar a coconstrução dos dados. A partir disso, focamos nas questões ligadas ao tema da pesquisa até o final da gravação. É claro que, no meio disso tudo, houve pausas para pedir que o Pingo (nosso vira-lata caramelo) parasse de latir porque estava atrapalhando a gravação, além de referências às etapas da receita que Matheus e Ana preparavam.

Na segunda vez, como eu já aventei, havia apenas um tópico a ser abordado. Foi um papo mais rápido. Comecei apresentando a eles os textos que compõem o capítulo 2 porque um não tinha lido o que o outro escrevera. Foi, inclusive, nesse momento, que decidimos realmente que não usaríamos seus nomes verdadeiros na tese por conta de um fato que Matheus conta em sua autoapresentação e que faz alusão a alguém de fora do núcleo familiar. Vale ressaltar que essa discussão reforça a ideia de uma pesquisa cujas decisões não ficam apenas nas mãos do pesquisador. Após lerem os textos, fiz a pergunta sobre onde cada um guardava seu racismo. Ana mais uma vez estava presente e trouxe sua contribuição respondendo também a esse questionamento. Um fato curioso é que esse segundo encontro também ocorreu na cozinha de nossa casa e mais uma vez com as receitas maravilhosas do Matheus. Nessa ocasião, ele preparou dois pratos: um caldo de batata baroa e uma sopa indiana chamada Dal, à base de lentilha. Para acompanhar este último prato, houve ainda arroz e uma farofa vegana. Como disse a Bebel⁵², em um dos nossos encontros da disciplina Ecologia de Saberes, ministrada pela professora Inés Miller, quando eu contei sobre as conversas com os rapazes, a cozinha virou nosso espaço pedagógico. Ouso dizer, nosso espaço-pedagógico-exploratório.

⁵² Maria Isabel Cunha faz parte do grupo de Prática Exploratória no Rio de Janeiro.

6.3.2.1.2

Clara e Francisco

Clara frequentava a mesma casa espírita que Matheus. Foi lá que nos conhecemos, porém foi em um trabalho voluntário como professores de teatro (também no movimento espírita) que estreitamos os laços. Sempre tivemos *vibes* muito parecidas, embora ela seja alguém muito mais do bem que eu. Ter começado a namorar o Francisco, a quem eu conheço há mais tempo, foi crucial para que começássemos a nos ver mais vezes e a trabalharmos juntos em outras frentes. Participar um pouco da vida dos três (refiro-me a ela, ao Francisco e ao Antônio) foi um grande presente. Como Clara disse em sua autoapresentação, ela já era mãe de dois quando o terceiro filho chegou à sua vida, mas isso não a fez ter as respostas para criá-lo, até porque isso se deu em outro momento e trouxe outras demandas. Fico feliz de estar perto e de poder comemorar juntos cada conquista.⁵³

Para falar do Francisco, ou do nosso querido Chiquinho, como os mais íntimos chamam, usarei um trecho escrito pela Clara, no capítulo 2: “uma pessoa incrível, solar”. Adjetivos certos para descrever esse tricolor sangue bom (eu poderia parar por aqui, pois só por ele ser torcedor do Fluminense dispensa quaisquer palavras). Conheço Francisco desde a década de 1990 e nosso primeiro contato foi em uma COMEERJ⁵⁴. Ele sempre teve sorriso fácil, daquele que ilumina os locais por onde passa. É muito difícil vê-lo sendo ríspido com alguém. Firme sempre, mas sem perder a gentileza. Ele e Clara são carinhosamente chamados pelos amigos de “Lindinhos”. Um dos motivos é pela maneira como se tratam; o outro por eles realmente serem uma beleza juntos.

Procurei os dois para convidá-los a participar das conversas exploratórias e falei qual a ideia tinha em mente. Não fiquei surpreso com o aceite porque esses amigos sempre foram solícitos. Eu ainda não mencionei, mas os filhos desses dois casais de amigos são irmãos biológicos. Antônio e Lucas foram acolhidos por famílias diferentes e continuam tendo contato porque seus pais são amigos-irmãos. Voltando a falar de Clara e Francisco, nossa primeira conversa exploratória também foi em Teresópolis, mas não na nossa cozinha. Eles vieram com a família passar as

⁵³ Antônio, quando chegou à família de Francisco e Clara, tinha 15 para 16 anos e estava no 3º ano do Ensino Fundamental I. Hoje, 9 anos depois, ele é estudante do curso de Educação Física da Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) além de trabalhar com iluminação cênica em peças teatrais em grandes teatros do Rio de Janeiro.

⁵⁴ Confraternização das Mocidades Espíritas do Rio de Janeiro, evento anual promovido pelo CEERJ (Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro) que ocorre em mais de 20 polos durante o período do carnaval

festas de fim de ano em uma casa que alugaram no fim de 2021 há uns 10 minutos de onde moramos. Em um dia entre o Natal e o Ano Novo, fomos Ana, Kayo e eu para lá. Enquanto Kayo interagia com as crianças da casa, nós quatro ficamos em um varandão em frente à piscina com uma linda vista para o “dedo de Deus”. Uma garrafa de vinho aberta, uns petiscos – alguns sem glúten, porque Clara tem restrição alimentar – e conversamos bastante. Tanta coisa que Ana e eu não sabíamos foi contada ali.

Nosso segundo encontro foi no Rio. Trabalhei com eles na produção de um musical que estreou em novembro de 2022. Além disso, no sábado em que nos encontramos, houve o lançamento do livro organizado por mim e do qual Antônio é um dos autores (Passos et al, 2021). Tínhamos muito para conversar e para celebrar. Então, entre o evento e as conversas a respeito do musical, retiramos alguns minutos para que falássemos sobre onde guardavam seu racismo. Não descreverei aqui os quitutes e as bebidas desse encontro porque me sentirei obrigado a fazer uma pesquisa futura com viés gastronômico.

6.3.2.1.3

Ana

Dos quatro encontros que tive com os casais, Ana participou de todos. Embora ela tenha falado um pouco de si, de suas impressões, fazendo suas intervenções e nos levando a refletir sobre suas experiências, era necessário que ela dissesse mais. No segundo encontro com Matheus e Marcos, em que conversamos sobre onde eles guardavam seu racismo, sua participação foi muito ativa. Por isso, não vi necessidade de realizar uma segunda conversa para abordar especificamente essa questão.

No dia em que fomos conversar, preparei um gin para ela: com a dose quase inexistente do destilado, mas com todas as especiarias de que ela gosta, além do xarope saborizado que não pode faltar. Sentados à mesa da cozinha, começamos a falar do que nos motivou a adotar, de todo caminho trilhado até aqui e das nossas “previsões” a respeito daquilo que ainda está por vir. Ana é sempre mais positiva que eu no que tange ao futuro, mesmo que às vezes o mundo pareça desmoronar. Seguimos juntos, adiante e firmes (de vez em quando, nem tanto, porque a gente tem o direito de fraquejar). Um pouco sobre onde e como nos conhecemos está no capítulo 3 desta tese.

6.3.3

Antes de analisar as conversas, a transcrição e a seleção dos dados e as categorias de análise

A transcrição das conversas foi adaptada a partir dos estudos de Garcêz, Bulla e Loder (2014), com base nos trabalhos de Atkinson e Heritage (1984, pp. ix-xvi), Ochs, Schegloff e Thompson (1996, pp. 461-465) e segue as instruções fornecidas pelo *Research on Language and Social Interaction*.

Os encontros com cada casal duraram mais de uma hora e meia. Se eu multiplicar isso por dois, mais a conversa que aconteceu somente entre Ana e eu, tenho um tempo superior a seis horas de conversas exploratórias. Fiquei com muita pena de ter que suprimir alguns trechos e temas que surgiram. Alguns eu nem esperava. Acredito realmente que a confiança estabelecida entre nós, além da troca de experiência, foram importantes para falarmos de histórias de vida (Linde, 1993) de maneira mais aberta e sem amarras.

Após (re)ler as transcrições brutas e ouvir mais de uma vez as conversas, escolhi, para as análises, trechos diversos de cada momento. Minha preocupação foi a de selecionar pontos com as mesmas temáticas⁵⁵. Foram elas:⁵⁶

- Como lidar com casos de racismo sofrido por seu filho?;
- Onde você guarda seu racismo?

6.3.3.1

Lâminas de observação: uma estratégia para olhar a narrativa

Ao considerar o ato de narrar como "uma prática discursiva que materializa a realidade" (Biar et al., 2021), acredito corroborar a ideia das autoras. Isso se deve ao fato de que, da perspectiva da Análise de Narrativa, esses encontros (encontros sociais), que ocorreram entre meus amigos copesquisadores-exploratórios-participantes e eu, foram todos sustentados por práticas de linguagem em que se reproduz o que chamamos de vida social. Como asseveram as autoras, "Olhando

para as práticas de linguagem que fundam esses encontros, podemos observar a vida social acontecendo” (ibid., p. 234).

As pesquisas qualitativas se concentram na potência dos eventos em vez de possíveis generalizações e defendem a pesquisa sobre encontros sociais porque, corroborando o pensamento de Goffman de que "os ‘contextos micro’ contêm os ‘contextos macro’ e vice-versa" (ibid., p.234), olhar para tais eventos significa também olhar para práticas sociais, pois qualquer individualidade representa o viver total, mesmo que não seja o total.

Com o fito de justificar importância dos encontros sociais, as autoras nos apresentam uma proposta de análise narrativa baseada em lâminas de observação.

Elas apontam a existência de três delas. Segundo as autoras,

A depender da complexidade da pesquisa proposta, o(a) analista pode concentrar seus esforços em uma, duas ou todas elas. Nessas laminações, operamos a partir da materialidade linguística e interacional dos dados, que entendemos serem índices que apontam para o contexto sociocultural mais amplo, espécie denexo entre as dimensões micro e macro. (ibid., p.240)

Em relação às três lâminas a que se referem as autoras, temos:

6.3.3.1.1

Analisando a estrutura narrativa

A primeira etapa analítica é a da identificação e a da descrição da estrutura narrativa. De onde parte a história e aonde ela chega? O que faz parte da orientação, da ação complicadora e da *coda*, por exemplo? Nesse momento, devem-se perceber quais avaliações foram realizadas e como isso mostra a posição dos participantes frente aos agentes e às ações narradas. Segundo Biar et al. (2021, p.241), “Ao esmiuçar a construção da história, começamos a produzir interpretações sobre as próximas lâminas, mais centradas na dimensão performativa do discurso.”

6.3.3.1.2

Analisando a interação

Essa lâmina dá destaque à interação, ou à maneira como os participantes coproduziram as histórias. Como resultado, trata-se do exame do evento narrativo, ou o momento em que a história é contada. Quais são as demandas expressivas do encontro? A narrativa emergiu em que sequência de ações interacionais? O que ela parece fazer com essa sequência? Como os participantes colaboram na narrativa?

Ao final de cada análise e a partir das respostas dos participantes, poderemos perceber a que ponto as conversas entre nós, no âmbito da interação, trouxeram ou desfizeram tensões que, com certeza, podem advir da troca de ideias entre brancos e negros ao tratarem do racismo.

6.3.3.1.3

Os embates discursivos

Esta é a lâmina que se preocupa com o nível macro de interpretação discursiva, por se preocupar com “vozes e visões de mundo que extrapolam o local específico de enunciação e o sujeito que as enuncia, e que habitam o contexto da pesquisa.” (Biar et al, 2021; p. 242). Vale nos questionarmos, como dizem as autoras:

- * Quais são os discursos que participam dos embates para legitimar sentido (MOITA LOPES, 2001) concernentes ao nosso contexto de pesquisa?
- * Em que condições e conjunturas sócio-históricas eles foram/são produzidos?
- * Que índices apontam para esses discursos?
- * Como os(as) participantes parecem estar se posicionando em relação a esses discursos (Aderindo? Naturalizando? Contestando?). (ibid., p.242)

As autoras ainda apontam para o fato de o que se considera simplesmente “discurso” já teve vários nomes nas tradições de análise discursiva que fizeram parte da Academia; denominações sistemas de coerência (Linde 1993; apud Biar et al, 2021) e grandes narrativas (Shoshana, 2013; apud Biar et al, 2021), estão entre eles. O fato de os pais brancos aqui se posicionarem, quando o notam, contrários ao racismo não quer dizer que não possam ser contaminados e, por vezes, não reproduzam atitudes e discursos advindos do racismo chamado estrutural.

Nesse ponto, é lícito levar em consideração quais os discursos, ainda que não explicitados por Ana, Francisco, Clara, Matheus e Marcos, fazem parte do contexto em que se encontram, percebendo que eles estão defendendo seus filhos que são negros da fúria racista que assola nossa sociedade, mas ao mesmo tempo em alguma escala se sentem intimidados (ou não) pela presença ou aproximação de um negro, principalmente desconhecido, o que só reforça determinadas crenças que levam ao conceito e materialização dos estigmas já aventados nesta tese.

Outro fator muito importante que Biar et al. (2021, p.243) indicam é que tais lâminas não precisam ser consideradas como etapas distintas da análise. Elas estão, na verdade, sobrepostas já que “os mesmos excertos realizam ações em três níveis”. A laminação nos servirá, pois, como uma forma de organizar a análise dos dados coconstruídos e com a visão voltada tanto para a ordem social quanto para a ordem interacional.

Pode-se dizer que – de certa forma - essas lâminas dialogam com a teoria de Cortazzi e Jim (2001), apresentada no capítulo 5, acerca das camadas avaliativas como pode se ver na tabela a seguir:

Camada avaliativa Cortazzi e Jim (2001)	Lâminas de observação Biar et al (2021)	Características em comum
Avaliação <i>na</i> narrativa	1ª lâmina Análise da estrutura narrativa	Em ambos os casos, analisamos a estrutura da narrativa com base no modelo de Labov.
Avaliação <i>da</i> narrativa	2ª lâmina Análise da interação	Em ambos os casos, observa-se como a história foi coconstruída ou não com os interlocutores, como é a recepção da narrativa por eles.
Avaliação <i>através da</i> narrativa	3ª lâmina Os embates discursivos	Nos dois casos, leva-se em consideração o contexto da enunciação

Tabela 4: Relação entre as camadas avaliativas e as lâminas de observação

Creio que analisar as narrativas a partir dessas lâminas me conduzirá a uma investigação mais detalhada em que diferentes aspectos discursivos estão presentes e são compreendidos como instrumentos de avaliação, desde as nossas escolhas lexicais, ao tom de voz empregado, passando, inclusive pelas falas reportadas. No próximo capítulo, detalho como os excertos estão organizados e proponho a análise orientada pelas três lâminas.

A partir disso, buscarei as emoções que emergiram nas narrativas dos pais de crianças mais velhas e de adolescentes em famílias formadas pela adoção inter-racial.

Por fim, acredito que, retomando a epígrafe do início deste capítulo, quem tiver contato com esta tese já sabe o quanto caminhei para chegar até aqui. Convido todos agora para continuarmos juntos nesta estrada.

7

Análise das conversas exploratórias

Quando consigo olhar um pouco além de mim
 Já não me sinto só, já não me vejo mais
 Como um estranho em meu próprio ninho

Servir a Deus – Marcelo Manga

Os versos acima, extraídos da canção “Servir a Deus”, do cantor e compositor (e mais importante: meu amigo) Marcelo Manga, nos convidam não somente a um mergulho interior, mas principalmente a um salto para o exterior, uma vez que nos indicam que é preciso que nos conheçamos e que (re)conheçamos o mundo a nossa volta para não nos sentirmos sós nem deslocados no espaço onde vivemos e interagimos com os outros. As conversas exploratórias que tive com meus parceiros de pesquisa foram grandes momentos de interação e de (re)conhecimento e reforço do meu lugar nesse mundo e que resultaram nos dados a serem apresentados ao longo das próximas seções. A escolha pelo que leremos a seguir justifica-se por eu acreditar que os excertos selecionados nos levam ao cerne do objetivo geral desta tese entender que emoções emergem em narrativas dos pais de crianças mais velhas e de adolescentes negros adotados e que significam certas experiências de vida enquanto situações de racismo.. Esses pais, durante nossas conversas, mobilizaram histórias sobre vivências com seus filhos que foram avaliadas (ou não) como casos de racismo (cf. capítulo 1) além de avaliarem onde guardam seu racismo. Os fragmentos dessas histórias serão apresentados inteiros e depois divididos em excertos para facilitar as análises.

Conforme apontado no capítulo 5, há duas linhas temáticas escolhidas por mim para usar nas análises a seguir:

- 1 - Como lidar com casos de racismo sofrido por seus filhos?
- 2 - Onde você guarda seu racismo?

Resolvi, então, para organizar melhor as ideias, separar as análises da seguinte forma: as conversas com Ana e Clara para a primeira pergunta e as com Francisco, Matheus e Marcos para a segunda. Não foi proposital dividir desta forma, mulheres de um lado; homens de outro. Na verdade, segui minha ordem de leitura dos dados que resultou na ordem das análises.

Tratando-se da conversa com Ana, vale ressaltar que a história narrada por ela não era inédita para mim. Por ser minha esposa, há a troca constante do que acontece com nosso filho e, por isso, muitas vezes, eu já conhecia as respostas das minhas perguntas. Apesar disso, acredito que todo evento narrado pode trazer, em sua repetição, algo novo, por isso, não deixa de ser relevante. Tentarei me ater, pois, em como a história vai se configurar no contexto interacional desta tese. No caso dela, em específico, fiz as perguntas para que fôssemos reconstruindo juntos as imagens advindas de suas lembranças, através de narrativas, para que eu, posteriormente, analisasse as emoções que entraram em jogo na interação.

7.1

Ana e o racismo sofrido por Kayo

Como já mencionado no capítulo 6, a conversa que tive com Ana aconteceu em nossa casa, na cozinha — espaço exploratório que já havia abrigado encontros com Matheus e Marcos. Ana e eu relembramos o motivo que nos fez decidir pela adoção (cf. capítulo 3) e a fase de adaptação do Kayo e como tem sido esse caminho até hoje. Recordamos também a questão da falta de identificação dele em relação a ela. Segundo o que recordamos, o psicólogo que acompanhou Kayo, nos dois primeiros anos após sua chegada, levantara a possibilidade de a dificuldade de relacionamento ser consequência, em primeiro lugar, do fato de Ana ser branca, ou seja, registro totalmente contrário ao que ele tinha da genitora (vale dizer que Kayo conviveu com esta até quase os 7 anos, idade na qual ele foi para o abrigo). Em segundo lugar, havia a questão de a figura feminina ser um problema (como se não houvesse confiança, por ele achar, provavelmente, que as mulheres o abandonariam) já que, por serem dependentes químicas, nem a genitora nem a avó biológica tiveram como cuidar dele e dos irmãos. Em seguida, questionei sobre episódios de racismo sofridos por Kayo e é sobre essa questão que se estrutura o fragmento abaixo. Depois de refletirmos sobre as mais diversas instâncias, Ana relembrou um fato que respondia minha indagação.

7.1.1

Fragmento 1: “Foi tão assim... chocante pra mim, né?”

Ana começa a narrar uma história ocorrida em uma loja em Teresópolis.

Ana	01 02 03 04 05 06 07 08	a gente já tava morando aqui, em Teresópolis, eu entrei numa loja, uma loja popular, uma loja até (.) de médio porte aqui, da cidade, no centro da cidade, na base. Entrei pra ver alguma coisa, uma coisa corriqueira. E aí, é uma loja que tem duas entradas, porque é uma loja que fica exatamente de esquina. Sabe aquelas lojas que têm, que a entrada é dividida assim por uma pilastra?
André	09	Uhum.
Ana	10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38	Então, eu entrei por um lado e aí ele entrou pelo outro. E eu me dirigi diretamente ao balcão pra perguntar alguma coisa que eu queria, eu já nem me lembro mais, e ele entrou pelo outro lado. E era próximo ao Carnaval, ao Halloween, era uma data comemorativa e tinha umas máscaras, umas fantasias e ele começou a mexer. Criança, né? Começou a pegar, mexer. E aí o balconista, não sei se é o dono da loja, se era só o vendedor, imediatamente veio enxotando: "Sai daqui que que você quer garoto?". Assim, de forma bastante rude (.) e deselegante, enfim, <u>grosseira</u> . Imediatamente, eu fiquei tão perplexa que eu não consegui nem responder. Eu só falei assim: "Ele é meu filho". E segurei na mão do Kayo e saí da loja e nunca mais entrei nessa loja. Hoje, com a cabeça, depois que eu saí de lá, com a cabeça mais assim, né? E até mediante as coisas, eu poderia ter chamado a polícia, poderia ter dado queixa, né? Poderia ter dado uma resposta à altura. Mas, na hora, eu fiquei tão perplexa, que eu não tive reação mesmo. Foi tão assim:: chocante pra mim, né? E segundo, porque a gente tava novo aqui, na cidade, tinha pouco tempo que a gente tava morando aqui (.) e ele não se deu conta, o Kayo não percebeu o que aconteceu. Eu que percebi, depois contei pra você. Mas ele mesmo não percebeu. Talvez se fosse hoje, sei lá, hoje, se eu passar, Deus me livre! Espero que não passe mais(.) Mas, enfim, a gente tá sujeito, né?
André	39	Mas sua reação seria diferente?
Ana	40 41 42 43 44	Seria outra. Imediatamente eu ia chamar o policial, eu ia na delegacia registrar queixa, né? Ia fazer um boletim de ocorrência e tudo. Mas, naquela ocasião, realmente eu fiquei muito perplexa e eu só pensei em tirá-lo dali, né? Já que ele não tinha, é... noção

45	do que tava acontecendo efetivamente. Mas não foi
46	covardia, foi choque, eu fiquei muito chocada.

. Quais não devem ter sido as emoções que Ana experimentara ao ser surpreendida com o racismo explícito sofrido pelo filho? A seguir, com o fragmento dividido em alguns excertos, irei analisar seu relato mais detalhadamente.

A história presente em 7.1 remonta, analisando à luz da primeira lâmina (Biar et al, 2001), às narrativas canônicas de Labov (1972) por apresentar os elementos que o autor julga importantes estarem presentes na estrutura formal de uma narrativa:

a) O resumo está pautado na informação de que se trata de um caso de racismo sofrido por Kayo e que fora presenciado por ela; Tal informação, embora não se encontre no excerto acima, pode ser identificada na transcrição na íntegra, que se encontra nos anexos.

b) Para contextualizar o que houve, ela informa em uma orientação o local em que estavam: “uma loja popular, uma loja até de médio porte aqui, da cidade, no centro da cidade” (1.01-03), descreve o local: “E aí, é uma loja que tem duas entradas...Sabe aquelas lojas que têm, que a entrada é dividida assim por uma pilastra” (1.05-08), além das pessoas envolvidas na cena (ela, Kayo e a pessoa que trabalhava na loja). Além dessas informações, a orientação também nos dá pistas de como a tensão foi construída. O fato de cada um ter entrado por uma parte da loja ajuda nessa construção. Se eles tivessem entrado juntos, seria diferente?

c) A ação complicadora é o momento em que ela percebeu que seu filho fora vítima de racismo: E aí o balconista, não sei se é o dono da loja, se era só o vendedor, imediatamente veio enxotando: "Sai daqui que que você quer garoto?". Assim, de forma bastante rude e deselegante, enfim, grosseira." (1.18 a 21);

d) A resolução ou a consequência da ação complicadora foi ela pegar Kayo pela mão e sair de lá: “Imediatamente, eu fiquei tão perplexa que eu

não consegui nem responder. Eu só falei assim: "Ele é meu filho". E segurei na mão do Kayo e saí da loja e nunca mais entrei nessa loja." (1.21 a 24). A ação complicadora reverberou primeiro na própria Ana que diz que ficou "perplexa" que nem conseguiu responder, por isso tomou a atitude intempestiva de se retirar do local sem responder àquela situação, além de ter decidido nunca mais ali voltar.

e) Ana Paula faz avaliações em vários momentos desse relato, porém, logo depois de contar o fato, ela indica "Foi tão assim... chocante pra mim, né? (1.30), ou seja, ela encerra explicitando uma emoção diante daquilo que contou.

f) A *coda* tem o objetivo de demarcar o fim da narrativa e traz o narrador e seus interlocutores de volta à conversa, deslocando-se do passado narrativo para o presente em que se dá a interação além de haver bastantes recursos avaliativos. Em relação ao que Ana nos conta, essa *coda* ocorre em "Hoje, com a cabeça, depois que eu saí de lá, com a cabeça mais assim, né? E até mediante as coisas, eu poderia ter chamado a polícia, poderia ter dado queixa, né? Poderia ter dado uma resposta à altura. Mas, na hora, eu fiquei tão perplexa, que eu não tive reação mesmo. (1.24 a 30).

Este fragmento se configura como o que Linde (1993) chama de história de vida por apresentar reportabilidade estendida, ou seja, algo que ficará na memória de Ana e, por vários motivos, poderá ser (re)visitada por ela posto que, ainda que possa se deparar com futuros casos de racismo que Kayo sofrerá, uma situação não será igual a outra e ela sempre as avaliará e demonstrará sentimentos diante delas.

O fragmento foi separado em alguns excertos para poder organizar melhor a análise.

7.1.1.1

Excerto 1: “Eu só falei assim: ele é meu filho”.

Ana relata exatamente a ação complicadora de sua narrativa. É lícito lembrar que o menino estava apenas mexendo nos itens ali expostos como qualquer criança, por curiosidade, o faria.

Ana	17	mexer. E aí o balconista, não sei se é o dono da
	18	loja, se era só o vendedor, imediatamente veio
	19	enxotando: "Sai daqui que que você quer garoto?".
	20	Assim, de forma bastante rude e deselegante, enfim,
	21	grosseira. Imediatamente, eu fiquei tão perplexa que
	22	eu não consegui nem responder. Eu só falei assim:
	23	"ele é meu filho". E segurei na mão do Kayo e saí
	24	da loja e nunca mais entrei nessa loja.

Talvez, por não pensar que aquela mulher branca poderia ser mãe da criança preta, o balconista ignorou o fato de só os dois estarem na loja e começou a enxotá-lo do local. Esse momento me remete à imagem projetada e disseminada socialmente a respeito do homem negro. Bento (2002) afirma que,

A agressividade pôde ser dirigida contra esse inimigo comum (a outra raça), sentida como ameaça, ainda que na maioria dos lugares ela não tivesse nenhum poder. Os sujeitos perdem a capacidade de discernir entre o que é deles e o que é alheio, e então tudo vira falsa-projeção, exterioridade (ibid., p. 36).

Pensamentos como os apresentados pela autora e atitudes como a do homem que estava na loja ratificam a persistência do racismo no Brasil. Acreditar que aquele espaço não era para um menino negro é indicar que aceitamos e normalizamos a segregação espacial, social e racial ainda vigente no nosso país. Além disso, o fato também tem relação com a noção de estigma (Goffman, 2004) porque o negro, estando em um local “inadequado” para ele, “está inabilitado à aceitação plena”. Acredito que, nesse momento, Kayo foi visto como uma ameaça àquele homem e àquele lugar. Só isso pode explicar a maneira como ele seria tratado caso Ana não tivesse agido rapidamente.

Pensar nisso nos causa indignação tal qual causou em Ana uma insatisfação, uma avaliação interna e explícita quando ela afirma o seguinte: “Imediatamente, eu fiquei tão perplexa...” (1.21).

Podem-se observar também, no mesmo trecho, alguns julgamentos

a) Quando narra que o homem “imediatamente, veio enxotando: "Sai daqui que que você quer garoto?". Assim, de forma bastante rude (.) e deselegante, enfim, grosseira.”, (1.20 e 21), pode-se dizer que, desde início, ao usar o modalizador “imediatamente”, Ana expõe uma avaliação negativa em relação à atitude daquele indivíduo porque aponta o quanto antiético foi seu comportamento. Ninguém deve ser tratado da forma como ele agiu com Kayo, e está bem claro como o componente racial potencializou a situação. Decerto ele faria uma ligação entre Ana e Kayo se este fosse branco e é possível supor que não teria a mesma reação de expulsá-lo da loja. Esse julgamento fica mais evidente quando ela afirma que a maneira de falar foi “bastante rude (.) e deselegante, enfim, grosseira.” Não só a sequência gradativa de adjetivos, mas a escolha pelo advérbio “bastante” imprime explicitude e maior carga negativa à sua avaliação. Além disso, vale apontar a escolha lexical de Ana, ao dizer que o homem “veio enxotando” Kayo. A carga semântica dessa palavra, que significa expulsar, lembra a atitude que muitos têm com animais. Além disso, houve uma pausa grande depois da palavra “rude” e uma ênfase em “grosseira”, indicando a maneira como Ana avaliou toda aquela situação. Houve, neste caso, o uso do discurso relatado. A respeito desse emprego, que

o discurso relatado tem um potencial de significados diversos e, em alguns casos, contraditórios, impossíveis de precisar se os tomamos de forma isolada. Por isso, propomos analisar seu funcionamento em um contexto específico, pois somente se os abordarmos em conjunto poderemos determinar os efeitos gerados pelo discurso relatado. (Dvoskin, p. 197)

Ao usar o discurso direto, para dar voz, na íntegra, ao que foi dito pelo homem que estava no balcão da loja, Ana se distancia dessa personagem. Com isso, avaliativamente e junto das escolhas lexicais feitas por ela, ela se põe terminantemente contra ao ocorrido.

Vale também ressaltar os inúmeros adjetivos empregados no excerto 2 (“perplexa”, para indicar como Ana se sentira e “deselegante”, “rude” e “grosseira”, intensificados pelo advérbio “bastante” para se referir à maneira como o homem agira em relação à presença de Kayo) para explicitar julgamentos e,

consequentemente, emoções. Como essa categoria gramatical, da forma que fora empregada nesta narrativa, aparece com alto grau subjetivo e avaliativo, pode-se dizer que há, nesse caso, uma avaliação *na* narrativa, posto que os sentidos atribuídos a tais vocábulos amplificam os sentimentos de Ana diante do ocorrido.

b) Outro momento de avaliação ocorre quando Ana olha para sua própria atitude diante do que testemunhou. Em “Imediatamente, eu fiquei tão perplexa que eu não consegui nem responder” (1.21 e 22) há outro julgamento ratificado por uma emoção negativa de impotência por parte dela. Espera-se que, diante de uma situação de injustiça e de preconceito, principalmente com um filho, uma mãe consiga falar algo, defendê-lo e responder à altura. A atitude que parecia mais acertada no momento foi feita: retirar-se com o Kayo dali, antes mesmo de ele notar que fora vítima de uma ação racista.

Analisando a interação entre nós, à luz da segunda lâmina, tanto Ana quanto eu, ao longo da narrativa, procuramos de certa forma expressar nossa visão de mundo, quando, a partir de um episódio micro (o que aconteceu com Kayo), buscamos criar sentidos a respeito do que achamos sobre racismo. Isso pode ser visto em todos os adjetivos e substantivos empregados por ela que, como já disse, constroem emoções negativas que servem como avaliações sobre o episódio. Há uma avaliação em minha pergunta que inicia o próximo fragmento e a expectativa de uma resposta positiva de sua parte.

7.1.1.2

Excerto 2: “Mas sua reação seria diferente?”

André	40	Mas sua reação seria diferente?
Ana	41 42 43 44 45 46	Seria outra. Imediatamente eu ia chamar o policial, eu ia na delegacia registrar queixa, né? Ia fazer um boletim de ocorrência e tudo. Mas, naquela ocasião, realmente eu fiquei muito perplexa e eu só pensei em tirá-lo dali, né? Já que ele não tinha, é... noção do que tava acontecendo efetivamente. Mas não foi covardia, foi choque, eu fiquei muito chocada.

Ao ser perguntada se sua reação seria diferente, Ana responde que “Seria outra. Imediatamente eu ia chamar o policial, eu ia na

delegacia registrar queixa, né? (...) realmente eu fiquei muito perplexa e eu só pensei em tirá-lo dali, né? (...) Mas não foi covardia, foi choque, eu fiquei muito chocada. (1.41 a 46)

O emprego do advérbio “imediatamente”, dessa vez, mostra uma posição mais aguerrida e resoluto, indicando que atitude será tomada caso isso ocorra novamente. A escolha vocabular de Ana (substantivo “choque” e adjetivos “perplexa” e “chocada”, intensificados pelo advérbio “muito”) são altamente avaliativos e marcam de maneira contundente seu julgamento acerca do ocorrido. Ainda há a ratificação das emoções com “não foi covardia”.

Temos no excerto 3 uma *small story* (Bamberg; Georgakopolou, 2008) cuja sequência narrativa é elaborada a partir de um evento hipotético e, não, das ações passadas narradas. Ela é interessante para mobilizar uma história pra dar conta das emoções trazidas na outra narrativa, que gerariam outras emoções mais positivas como justiça (Ana faz um autojulgamento: *eu poderia ter feito isso, mas não fiz*). Então, esse trecho entra como uma forma de amenizar a falta de uma tomada de atitude mais enérgica já que ela ficara imobilizada na situação.

Ainda em termos de interação, interpreto a fala de Ana, quando ela diz que deveria ter feito algo diferente como chamar a polícia, como uma forma de reconhecer que isso seria o que eu esperava que ela tivesse narrado/ feito, o que transforma tal momento em uma avaliação *da* narrativa. Entretanto, como sua atitude fora sair daquele lugar com Kayo, a imagem da mãe protetora parece ter se sobressaído à da militante, o que – para o momento e para a proteção de Kayo – foi uma decisão acertada. Com essa atitude, Ana se distancia e repudia a reação do homem e, olhando para a terceira lâmina, ela mostra-nos a compreensão de que não se deve mais naturalizar e legitimar determinadas visões de mundo e se propõe a buscar um caminho de contestação. Em relação também à visão proposta pela terceira lâmina, cabe pensar sobre os privilégios advindos da branquitude que fizeram com que somente Kayo fosse abordado e não Ana. Acredito que sua indignação surge, ao mesmo tempo, por ter sido seu filho o alvo da repreensão, mas também por perceber que isso ocorrera por ele ser negro. Por isso, sua não adesão ao comportamento racista daquele homem levou-a à reflexão de que deveria ter agido de forma mais contundente e diferente, o que pode configurar este momento

como uma avaliação *através da* narrativa já que, ao perceber que poderia ter feito diferente, Ana usa seu relato para perceber e avaliar sua atitude.

Nesse trecho, percebo outro aspecto muito interessante: como o racismo choca e deixa as pessoas em estado de imobilidade ainda que seja alguém que se entende com o privilégio de chamar a polícia. Esta possibilidade nem sempre é uma realidade para pessoas negras, como eu, visto que a polícia, para nós, é – muitas vezes - um inimigo que tornaria a situação ainda pior.

7.2

Clara e os casos de racismo sofridos por Antônio

No capítulo 6, apresentei também um panorama de como foram as conversas exploratórias que tive com Clara e Francisco. Vale ressaltar que, em nosso primeiro encontro, começamos falando sobre a chegada de Antônio à família. Não selecionei essa parte para análise já que, de certa forma, não vem diretamente ao encontro dos objetivos que quero alcançar nesta pesquisa. A íntegra de todas as conversas exploratórias se encontra nos anexos

7.2.1

Fragmento 2: “Pô, essa é uma coisa que, pra mim, era nova também”

Essa frase de Clara mostra como muita gente, principalmente os brancos, ainda não sabem lidar com atitudes racistas que muitos negros sofrem. Sei o quanto ela e Francisco se empenham em ler, estudar e instrumentalizar o Antônio no que tange a seus direitos e a saber se defender quando vier vivenciar atitudes racistas contra ele nos espaços por onde circula. Como diz Shucman (2018, p. 130), uma postura antirracista está “no reconhecimento dos privilégios da branquitude, na empatia pela dor do outro, na leitura cotidiana de práticas racializadas”. Há um longo caminho para que as pessoas brancas, inclusive as que são pais de negros, assumam esse lugar.

ANDRÉ	01	Como é que fica pra vocês esse lance, é (::) É,
	02	ainda bem que essa parte de, dele chegar, foi acolhido e tudo, mas, tem algumas coisas que eu

	03 04 05 06 07 08 09 10	não sei se vocês conseguem <u>mensurar</u> , né, o fato de ele ser um homem negro <u>agora</u> , né (=) vocês lembram, é (::) aí Paula, se você puder falar também, né, assim, de algum caso de, de (=) racismo que ele tenha sofrido <u>durante</u> esse tempo que ele tá com vocês. Perto de vocês ou que ele tenha narrado ↑
CLARA	11 12 13	Certo, familiar, não, né, familiar, não ↓. A gente teve uns episódios. A minha mãe, no início, por exemplo.
ANDRÉ	14	Quem?
CLARA	15	Minha mãe.
ANDRÉ	16	Ah
CLARA	17	No início, é... Guardar bolsa.
ANDRÉ	18	°Uhum°
CLARA	19 20	Mas assim, não era pelo fato de ele ser negro, era pelo fato de ele ser <u>menor infrator</u>
ANDRÉ	21 22	E dá para separar? Principalmente ele sendo mais velho? A negritude não seria um reforço?
CLARA	23 24	Conjugava duas coisas, né, vamos dizer assim para as pessoas ↓
ANDRÉ	25	Para as pessoas, mas não para ela?
CLARA	26 27	Eu acho que não... Ela nunca fez nenhum comentário racista.
ANDRÉ	28	E qual foi sua atitude?
CLARA	29 30	E aí eu cheguei pra ela, muito <u>diretamente</u> , <u>por</u> que tá fazendo isso? a pessoa aqui não é...
ANDRÉ	31	Ele não notou isso?
CLARA	32	Ele não notou isso. Eu notei.
FRANCISCO	33	()
CLARA	34	Ele não tinha noção, mas eu notei.
ANA	35	Não tinha essa percepção.
CLARA	36	É. Mas eu notei, né? Então, é (::)
ANDRÉ	37 38	Mas, você lembra de algum episódio que você considerou realmente racismo ↑ Ou que ele tenha narrado?
FRANCISCO	39	Ele narrou a questão do (::) na rua.
CLARA	40	Ah, na rua. Sim.
FRANCISCO	41	Um policial.
ANDRÉ	42	Ah, o que ele fala no texto, né? ⁵⁷
CLARA	43	Sim, sim, sim.
FRANCISCO	44	O policial-
CLARA	45 46 47 48	E aí começa. Também o aprendizado nosso, né, aquela coisa que todo pai de jovem, é, negro fala, que a gente assim, não sai de boné↑, não sai sem identidade↑.
ANA	49	É-
FRANCISCO	50	() uma bicicleta.

⁵⁷ Antônio e o irmão Lucas são autores de “Um dia diferente?” que faz parte da coletânea “Conversas Pretas e outros papos” organizada por mim. Passos(org.), 2021, p.70-73. No texto, é narrada uma abordagem policial que sofreu.

CLARA	51 52	Não. É. Pô, essa é uma coisa que, pra mim, era nova também.
ANDRÉ	53	Uhum.
CLARA	54	Era uma coisa nova.
ANDRÉ	55 56	Você não falava, não tinha esse discurso com seus filhos, a não ser toma cuidado.
CLARA	57 58 59 60	Não tinha, é (::) e a minha preocupação com ele, é (::) Era, ele já tinha, além de ser um jovem negro, ele já tinha passagem. Na hora que o policial batesse.
ANDRÉ	61	Reconhecer
FRANCISCO	62	Nossa. Graças a Deus que-
CLARA	63	Já era. Né? Muito refém dele ser-
ANA	64	Vocês ficavam muito tensos?
CLARA	65	É (::) machucado, né?
ANA	66	Uhum.
CLARA	67 68 69 70	Por um policial, alguma coisa assim. Que a gente sabe que, infelizmente, é assim, que é no nosso Rio de Janeiro, então, e tudo mais, que a gente tenha conhecimento, conosco presente, não.

Do fragmento acima, para organizar melhor a análise, foram retirados dois excertos para serem analisados.

7.2.1.1

Excerto 3: “Por que está fazendo isso?”

Logo depois de versarmos sobre como foi a chegada de Antônio à família, perguntei a Clara e a Francisco a respeito dos casos de racismo sofridos por ele. Por se tratar de uma família toda branca, comecei meu questionamento perguntando se algum familiar teve atitude estranha quando o menino chegou já que ele viera direto de uma audiência com uma juíza na qual ele estava sendo julgado por um delito que cometera.

ANDRÉ	01 02 03 04 05 06 07 08 09 10	Né? Como é que fica pra vocês esse lance, é... É, ainda bem que essa parte de dele chegar, foi acolhido e tudo, mas, tem algumas coisas que eu não sei se vocês conseguem mensurar, né? O fato de ele ser um homem negro agora. Né? Vocês lembram, é... Aí Paula, se você puder falar também, né, assim, de algum caso de, de racismo que ele tenha sofrido durante esse tempo que ele tá com vocês. Perto de vocês ou que ele tenha narrado.
-------	--	---

CLARA	11 12 13	Certo familiar, não, né, familiar, não ↓. A gente teve uns EPISÓDIOS. A minha mãe, no início, por exemplo.
ANDRÉ	14	Quem?
CLARA	15	Minha mãe.
ANDRÉ	16	Ah
CLARA	17	No início, é... Guardar bolsa.
ANDRÉ	18	°Uhum°
CLARA	19 20	Mas assim, não era pelo fato DE ELE SER NEGRO, era pelo fato de ele ser menor infrator
ANDRÉ	21 22	E dá para separar? Principalmente ele sendo mais velho? A negritude não seria um reforço?
CLARA	23 24	Conjugava duas coisas, né, vamos dizer assim para as pessoas ↓
ANDRÉ	25	Para as pessoas, mas não para ela?
CLARA	26 27	Eu acho que não... Ela nunca fez nenhum comentário racista.
ANDRÉ	28	E qual foi sua atitude?
CLARA	29 30	E aí eu cheguei pra ela, muito diretamente, POR QUE TÁ FAZENDO ISSO? a pessoa aqui não é...
ANDRÉ	31	Ele não notou isso?
CLARA	32	Ele não notou isso. Eu notei.
FRANCISCO	33	()
CLARA	34	Ele não tinha noção, mas eu notei.
ANA	35	Não tinha essa percepção.
CLARA	36	É. Mas eu notei, né? Então, é (::)

Iniciando a análise pela primeira lâmina de observação, fica difícil demarcar todos os elementos de uma narrativa canônica embora haja uma ação complicadora óbvia, o fato de alguém guardar a bolsa quando outra pessoa, considerada uma ameaça, chega ao recinto. Além dessa complicação, há uma resolução por parte de Clara que- de certa forma – causa um conflito entre ela e a mãe naquele momento além de todas as avaliações que ela faz durante seu relato.

No que tange à segunda lâmina narrativa, que tem a ver com nossa interação e os sentidos que coconstruímos ou não, não pude deixar de perguntar, avaliando a própria leitura de Clara sobre o ocorrido se dava “para separar? Principalmente ele sendo mais velho? A negritude não seria um reforço? (linha 21 e 22). Afinal de contas, o combo menor infrator e negro é quase inseparável para muitas pessoas. De certa forma, coloque-me ativo no processo avaliativo ao fazer tal pergunta de acordo com minhas experiências e conhecimentos e, levando-a à reflexão, faço uma avaliação da narrativa.

O advento da adoção de um adolescente na idade de Antônio também é preocupante para muitas pessoas. Uma criança pequena negra adotada por uma

família branca é considerada “bonitinha” para alguns; já o caso de alguém como Antônio ganha outro tom. Há quem ainda hoje, na rua, não imagine que um menino branco, loiro ou não, de olhos claros (eles são raros, mas também podem se encontrar em situação de rua ou saem de suas casas com o objetivo de roubar, furtar) parece com quem cometerá uma infração até que ele o faça. Agora, pense se fosse um menino negro. Eu mesmo, já adulto, arrumado para ir trabalhar, vi muita gente segurando a bolsa ou não se sentando ao meu lado no ônibus ou mesmo, na Zona Sul, região de uma das escolas em que já trabalhei, atravessando a rua quando eu vinha na direção contrária. Esse comportamento, em sua maioria dos brancos, ratifica o que Bento (2002) chama de ódio narcísico.

O ódio narcísico, em relação aos out-groups, é explicado por Adorno e Horkheimer (1985) pela paranoia, também pautada nas defesas primitivas em que se expulsa tudo o que possa representar uma ameaça à autopreservação egóica. Chamam de "falsa projeção" o mecanismo por meio do qual o sujeito procura livrar-se dos impulsos que ele não admite como seus, depositando-os no outro. Aquilo, portanto, que lhe é familiar passa a ser visto como algo hostil e é projetado para fora de si, ou seja, na "vítima em potencial" (ibid, p. 36)

Dizer para uma pessoa preta que um fato não está ligado a outro é negar a existência do racismo nas pequenas atitudes de muitas pessoas no dia a dia. Além disso, o episódio deixa claro como há uma diferença lógica na leitura entre o que é racismo para uma pessoa branca e para uma pessoa negra. O branco, na hora de avaliar se determinado acontecimento foi ou não racismo, se coloca no lugar do negro ou avalia a partir de seu próprio repertório?

Ainda em relação à interação, Clara respondeu, depois que eu perguntei se dava para separar o fato de ele ser menor infrator de sua negritude, que “Conjugava duas coisas, né, vamos dizer assim para as pessoas ↓” (l. 23). Continuo a conversa, perguntando se tais atitudes se referem somente às pessoas. Na linha 26, ela pontua que a mãe nunca fizera um comentário racista. Sobre isso, é lícito pontuar que há atitudes tão sutis, repetitivas e naturalizadas por parte de muitos brancos que me remetem às microviolências que estão por toda parte assolando os negros e destruindo sua autoestima e suas identidades. No excerto, na linha 32, Clara afirma que Antônio não notara. Será que não? Será que teve medo de falar? Afinal de contas, era o primeiro contato com a família que o acolhera. Comparando com o caso de Ana e Kayo, acredito que meu filho realmente não notara o que acontecera por estar com fones de ouvido quando

entrou na loja. Entretanto, penso que- em muitas ocasiões – quando uma pessoa branca nega uma atitude de racismo – ela pode argumentar que, se o negro não falou, não reclamou é porque ele também não viu nada de errado na situação. No caso de crianças e adolescentes, isso é mais perigoso. Às vezes, eles notam, mas podem não saber nomear o que sofrem diuturnamente. E mais: a questão maior não é se ele notara ou não, mas reconhecer que o erro foi cometido.

Ao analisar como somos tratados socialmente por muitos brancos, alinhemo ao pensamento de Fanon (1980) que fala sobre o medo que o europeu (branco) tem do outro (negro) ao afirmar que “Quando a civilização europeia entrou em contato com o negro, ... todo o mundo concordou: esses negros eram o princípio do mal ... negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais... ” (ibid, p. 154).

Ampliando nossa discussão, sermos considerados o princípio do mal apenas por sermos diferentes e nos tratarem com micro ou macroviolências só reforça a política genocida (Nascimento, 1978), de extermínio das individualidades, das subjetividades e, conseqüentemente, de todo o povo preto.

Por fim, no desfecho da história, embora não tenha avaliado – de início – como racismo, ela confronta a mãe e deixa clara sua indignação já que houve uma atitude reprovável por parte de sua genitora indicando que Clara, de acordo com a terceira lâmina avaliativa, não corrobora com tal gesto e, por isso não se alinha a um discurso de senso comum de que todo jovem infrator quando não se encontra em uma instituição de acolhimento está sempre prestes a cometer um delito. Não teria ele o direito à remissão? Entretanto, volto a frisar: é necessário discutir essa questão sob o viés racial.

7.2.1.2

Excerto 4: “Também o aprendizado nosso, né...”

Sendo o primeiro excerto a respeito da visão, principalmente de Clara, já que a questão narrada foi presenciada por ela; pergunto se o próprio Antônio houvera contado algum caso de racismo que tivesse sofrido.

ANDRÉ	37	Mas, você lembra de algum episódio que você considerou realmente racismo ↑ Ou que ele tenha narrado?
	38	

FRANCISCO	39	Ele narrou a questão do (::) na rua.
CLARA	40	Ah, na rua. Sim.
FRANCISCO	41	Um policial.
ANDRÉ	42	Ah, o que ele fala no texto, né? ⁵⁸
CLARA	43	Sim, sim, sim.
FRANCISCO	44	O policial-
CLARA	45 46 47 48	E aí começa. Também o aprendizado nosso, né, aquela coisa que todo pai de jovem, é, negro fala, que a gente assim, não sai de boné↑, não sai sem identidade↑.
ANA	49	É-
FRANCISCO	50	() uma bicicleta.
CLARA	51 52	Não. É. Pô, essa é uma coisa que, pra mim, era nova também.
ANDRÉ	53	Uhum.
CLARA	54	Era uma coisa nova.
ANDRÉ	55 56	Você não falava, não tinha esse discurso com seus filhos, a não ser toma cuidado.
CLARA	57 58 59 60	Não tinha, é (::) e a minha preocupação com ele, é (::) Era, ele já tinha, além de ser um jovem negro, ele já tinha passagem. Na hora que o policial batesse.
ANDRÉ	61	Reconhecer
FRANCISCO	62	Nossa. Graças a Deus que-
CLARA	63	Já era. Né? Muito refém dele ser-
ANA	64	Vocês ficavam muito tensos?
CLARA	65	É (::) machucado, né?
ANA	66	Uhum.
CLARA	67 68 69 70	Por um policial, alguma coisa assim. Que a gente sabe que, infelizmente, é assim, que é no nosso Rio de Janeiro, então, e tudo mais, que a gente tenha conhecimento, conosco presente, não.

O fato que Clara e Francisco começaram a contar já era de meu conhecimento. Como indico na nota de rodapé anterior, Antônio e o irmão já tinham relatado esse acontecimento no texto escrito pelos dois e que é uma mescla de experiências individuais e compartilhadas entre eles. No caso, a abordagem policial em questão ocorrera com Antônio.

Em um dia qualquer, como todos os outros, lá estava eu voltando para casa de bicicleta. Com minha mania de pedalar rápido, não notei que, no caminho, tinha uma viatura bem na rua de casa. Ao notarem a minha velocidade, os policiais aceleraram e me pararam com aquela abordagem típica: um deles me deu um tapa e eu não entendi nada. Eu perguntei por que ele tinha feito aquilo e a resposta foi porque eu estava andando muito rápido de bicicleta e, por isso, ele achou que eu era um ladrãozinho. O outro foi até gentil, mas esse – que tinha me estapeado – ficou me olhando de cima abaixo, parecia estar com nojo. Como viram que eu não

⁵⁸ Antônio e o irmão Lucas são autores de “Um dia diferente?” que faz parte da coletânea “Conversas Pretas e outros papos” organizada por mim. Passos(org.), 2021, p.70-73.

era o que eles suspeitavam, me liberaram (...). Ah, mas antes de me liberarem, pediram meus documentos e perguntaram para onde eu estava indo. Eu disse que estava indo para casa e que tinha acabado de voltar da pelada, mas como sempre tem aquela pergunta:

-Tu vai é comprar droga, né? Pode falar!

(Passos (org), 2021, p.71-72)

Clara e Francisco coconstroem emoções negativas de insegurança e de medo quando lembram do relato acima e, elas, é claro, servem para entender como eles avaliam o que acontecera com o filho. A capacidade micropolítica de tais emoções reforça a necessidade de que é necessário sempre estar alerta e tornar o filho também atento a situações como essas. Alio-me à ideia de que as emoções coconstruídas na interação são “sempre referidas ao contexto de enunciação de seus discursos” (Victoria; Coelho, 2019, p.11). Não só nesse excerto, mas também no que Ana narra o racismo sofrido por Kayo na loja em Teresópolis compartilho dos sentimentos de meus parceiros de pesquisa: preocupação, indignação. Além disso, há um outro componente, para mim: eu já fui o menino enxotado em uma loja e não houve ninguém para me defender. Eu já sofri abordagens mil da polícia, fui revistado, indagado, estapeado e, como eu disse no capítulo 2 desta tese, nunca falei na minha casa já que não se abordava o assunto racismo na minha família. Dói para esses pais; para mim, mais ainda!

Voltando às emoções que eclodem das falas de Clara e Francisco:

FRANCISCO	44	O policial-
CLARA	45 46 47 48	E aí começa. Também o aprendizado nosso, né, aquela coisa que todo pai de jovem, é, negro fala, que a gente assim, não sai de boné↑, não sai sem identidade↑.
ANA	49	É-
FRANCISCO	50	() uma bicicleta.
CLARA	51 52	Não. É. Pô, essa é uma coisa que, pra mim, era nova também.
ANDRÉ	53	Uhum.
CLARA	54	Era uma coisa nova.
ANDRÉ	55 56	Você não falava, não tinha esse discurso com seus filhos, a não ser toma cuidado.

Ao declarar que começava um aprendizado para eles (linhas 45 a 48), Clara corrobora minha ideia de que a adoção de um negro, seja ele criança ou adolescente, por uma família branca pressupõe a necessidade de ter uma forte disposição para lidar com as dificuldades. Em um país, como o Brasil, que se esforça para se

autodenominar democrata e usa o discurso do mito da democracia racial para esconder a discriminação com a população negra, tal disposição se torna cada vez mais urgente. Curioso é quando ela fala “aquela coisa que todo pai de jovem, é, negro fala, ... não sai sem identidade↑.” (1.46 a 48), pois, essa lição e essa novidade têm relação com o privilégio da branquitude (Bento, 2002) que, não racializada,, não se preocupa com certas demandas e com determinadas questões pelas quais os negros passam.

Francisco vai remontando a cena que Antônio narrara com palavras importantes: “bicicleta”, “policial”. Acredito que ele esteja pensando que quem deveria dar segurança a seu filho acabou sendo, naquele momento, sendo uma ameaça. Além disso, deve estar se indagando por que um jovem negro não pode ter uma bicicleta e por que tem que ser ligado invariavelmente ao uso de drogas?

Digo ainda à Clara que ela nunca precisara pedir que seus outros filhos se preocupassem com a polícia. Afinal de contas, eles são brancos. Em minha colocação, enquanto homem preto, procuro reforçar a autoavaliação que eles parecem estar fazendo. Por isso, a disposição a que me referi anteriormente não é o suficiente. É preciso mais: para que os pais brancos sejam realmente antirracistas, não basta amor, não basta preocupação (embora sejam muito importantes). Por isso, volto à tecla do letramento racial.

De acordo com Ferreira (2015), o letramento racial nos faz compreender como a raça tem influência nas vivências pessoais e coletivas no que tange às questões sociais, econômicas, políticas e educacionais além de nos fazer enxergar como ela é utilizada como instrumento de controle. Assim, com esse letramento, podemos desnaturalizar as atitudes como a dos policiais e refletir sobre racismo, raça e as possibilidades de fazer com que pessoas brancas (e porque não algumas negras), além de um olhar crítico, possam passar a ter ações antirracistas.

CLARA	57 58 59 60	Não tinha, é (::) e a minha preocupação com ele, é (::) Era, ele já tinha, além de ser um jovem negro, ele já tinha passagem. Na hora que o policial batesse.
ANDRÉ	61	Reconhecer
FRANCISCO	62	Nossa. Graças a Deus que-
CLARA	63	Já era. Né? Muito refém dele ser-
ANA	64	Vocês ficavam muito tensos?
CLARA	65	É (::) machucado, né?
ANA	66	Uhum.

CLARA	67 68 69 70	Por um policial, alguma coisa assim. Que a gente sabe que, <i>infelizmente, é assim</i> , que é no nosso Rio de Janeiro, então, e tudo mais, que a gente tenha conhecimento, conosco presente, não.
-------	----------------------	---

No restante de nossa conversa, entre as linhas 57 e 70 acima apresentadas, observamos mais visões avaliativas acerca da abordagem policial além do medo do que poderia ocorrer já que “Era, ele já tinha, além de ser um jovem negro, ele já tinha passagem” (linhas 58 e 59). Nesse momento Clara faz alusão ao histórico de delitos (vide anexo 11.3.2) cometidos por Antônio antes de fazer parte de sua família, que acabam por estigmatizá-lo, marcá-lo e inabilitá-lo para a aceitação social plena (Goffman, 2004).

Há, nas expressões empregadas por Francisco (Nossa. Graças a Deus que-, linha 62) e por Clara, (Por um policial, alguma coisa assim. Que a gente sabe que, **infelizmente, é assim**, que é no nosso Rio de Janeiro, linhas 67 a 69) uma construção discursiva de suas emoções. Baseio-me na proposta de Le Breton (2019) de que elas são avaliativas por se configurarem em interpretações de nossas experiências. O autor emprega uma perspectiva socioconstrucionista para estudar as emoções e afirma que elas são coconstruídas em circunstâncias específicas e inseridas em um contexto sócio-histórico-cultural. Por isso, saber que seu filho, que é negro, está na rua e pode ser a qualquer momento um alvo do racismo em todas as suas nuances é, sem dúvidas fator de apreensão para todos os pais e todas as mães.

A expressão em destaque “**infelizmente, é assim**” mostra postura conformada, ou, quem sabe, melhor dizendo, uma sensação de impotência diante de determinadas ações e sanções que negros sofrem em sociedade; em especial, quando vêm das mãos do Estado.

7.3

Meus entendimentos e o que disseram Ana e Clara sobre as análises

Pensando na pergunta deflagradora dessas conversas e nos trechos que compõem as análises feitas dos relatos de Ana e Clara penso que as duas lidam – quando conseguem identificar o racismo que os filhos sofrem ou podem vir a sofrer – da maneira que a sociedade espera que seja o comportamento de uma mãe. Tal postura, no contexto macrossocial, remete aos Discursos (Gee, 2015) em circulação e a como é nosso posicionamento em relação a naturalizar, legitimar, contestar e refutar (estes dois últimos, como elas fizeram) algumas visões de mundo cristalizadas.

O envolvimento emocional das duas potencializou afetos negativos como indignação, raiva, impotência. O fato de serem seus filhos pode ter trazido à tona, junto de tantas emoções negativas, um sentimento positivo: o amor. Afinal de contas, é ele que faz com que o senso de justiça que essas mães parecem perseguir para defender seus meninos seja tão forte em seus relatos. Vale lembrar, porém, – que o amor não desfaz a estrutura social, o amor não acaba com o racismo, mas muitas vezes, o racismo pode tentar minar o amor. Por isso, é importante lembrar do amor-ação (hooks, 2020), aquele em que “cuidado e a preocupação com o outro, e a responsabilidade frente a essa emoção resulta na nossa capacidade e na nossa vontade de atender às necessidades daqueles que nos cercam.” (cf. 6.1.2). Sem ação, contra o racismo, o amor pouco pode.

Para fazer jus à proposta da pesquisa do praticante, todos foram informados do passo-a passo da pesquisa. A culminância da participação nesse processo era que eles lessem e que trocássemos ideias acerca de suas impressões e sentimentos sem o compromisso ou a necessidade de haver alguma interferência em minha escrita.

Assim que acabei as análises de Ana, imprimi o texto para que ela lesse. Sua primeira reação foi declarar que se sentiu exposta até porque era eu determinando – de acordo com minhas leituras e conhecimento – suas emoções. Depois, entendeu o norte do trabalho: não era sobre ela a questão, mas sobre a branquitude e não fez mais nenhum comentário a não ser que eu continuasse o trabalho que ela julga ser tão necessário.

No caso de Clara, enviei para ela e para Francisco o resultado do estudo das conversas exploratórias que tivemos por WhatsApp. Ela enviou uma mensagem de áudio que dizia o seguinte:

Oi! Então, acabamos de ler agora! Para mim... bom achei ótimo, né? Porque eu acho que pra mim é sempre uma grande oportunidade de rever minhas falas, de rever meus pensamentos, né, de refletir sobre meu processo também de é... letramento racial, de entender do meu lugar né? São tantas coisas, tantas camadas que a gente não vê, que a gente não percebe e a gente não vai saber mesmo, mas a gente pode é se aproximar, refletir... Enfim tantas coisas né? Estar do lado e... enfim. Minha fala está truncada porque refletindo ainda sobre tudo que lemos e sobre o que conversamos aqui. Então, para mim, está tá ótimo! Estou no processo de reflexão! Segue em frente, amigo, e vai dar tudo certo! Beijo!

(Clara. Mensagem de WhatsApp, áudio, Fev. 2024)

Na seção seguinte, os fragmentos retirados das conversas com Francisco, Matheus e Marcos em relação à pergunta: onde você guarda seu racismo?

7.4

Onde você guarda seu racismo?

Por Francisco Matheus e Marcos

Essa pergunta foi o cerne da segunda conversa exploratória que tive com meus parceiros de pesquisa. Como já fora exposto antes, esse momento acontecera primeiro com Ana, Matheus e Marcos e depois, em outro dia, com Francisco e Clara.

Comecei lembrando como fora e o que fora abordado na primeira coconstrução de dados para evitar que nos repetíssemos e parti direto para o ponto: Onde você guarda seu racismo? Durante a conversa, fiz interrupções e adendos questionando ainda se o fato de serem pais de negros isentava-os de serem racistas. Todos disseram que não e justificaram fazendo referência à estrutura social, implicitamente falaram dos privilégios da branquitude e de como a própria construção imagética a respeito do negro, desde sempre, permeava a naturalização de atitudes racistas. Vale ainda ressaltar que, mesmo que não tenhamos da parte de Francisco, Matheus e Marcos, em suas respostas à minha pergunta, elementos narrativos explícitos, considerei que seus comentários – por remeterem a eventos

importantes de suas vidas – seriam dados suficientemente relevantes para serem estudados sob a ótica das lâminas de observação. Dito isso, vamos às análises.

7.4.1

Fragmento 3: Onde você guarda seu racismo, Francisco?

Francisco	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012 013 014 015 016 017 018 019 020 021 022	Tem uma coisa assim que. Posso começar? Não sei. Tem uma coisa assim, que eu estava recentemente conversando num espaço de debate, que conhecer é desnaturalizar. Então, quando você começa a observar aquilo com outros olhos, algo que, anteriormente, era natural. Então, você vai até perdendo (Hh) você vai, de certa forma, até se desencantando, porque você (::) quando tá num lugar em que a ignorância prevalece, né? A inocência tá hiperpresente, você tem um olhar encantado sobre o mundo, sobre a realidade. Você vai se desencantando na medida que você vai conhecendo, você vai encontrando (::) (Hh) as situações e as verdades como elas são. Então, entender, encarar nos lugares em que o racismo se manifesta no meu comportamento (=) foi um processo, em que isso aconteceu de forma gradativa (::) e com a presença do Antônio se tornou mais clara
Francisco	023 024 025 026 027 028 029 030 031	(...) E o espelhamento do meu comportamento, principalmente no que diz respeito à fala, né, como (::), em alguns momentos, alguns termos usados, é... Em que a gente fala que era natural, estava presente no vocabulário e isso não cabe, né, ah, isso aqui, por mais que a gente tenha <u>assim</u> , eu sempre tive um ideal humanitário, entendendo todas as pessoas como irmãs...
André	032 033 034 035 036 037	Entendo sua visão humanitária porque te conheço há muito tempo, mas você não acha que essa postura de todo mundo como irmão não se assemelha àquele discurso de que todos são iguais e, por isso, tem gente que diz que o racismo não existe?
Francisco	038 039 040 041 042 043 044 045 046	É (-), a presença desse racismo, ela existe entranhada no comportamento, na forma de se comportar, na hora de discriminar, isso tá evidente, isso tá posto, mas eu, talvez, hoje, tenha muito mais (::), esteja muito mais alerta pra esse tipo do que está entranhado nesse comportamento, principalmente no que diz respeito a algumas frases, aquele livro da Djamilia Ribeiro, né?

Para facilitar a análise, dividi o fragmento acima em dois excertos:

7.4.1.1

Excerto 5: “conhecer é desnaturalizar”

Francisco	001	Tem uma coisa assim que. Posso começar? Não
	002	sei.
	003	Tem uma coisa assim, que eu estava
	004	recentemente conversando num espaço de
	005	debate, que conhecer é desnaturalizar.
	006	Então, quando você começa a observar aquilo
	007	com outros olhos, algo que, anteriormente,
	008	era natural.
	009	Então, você vai até perdendo (Hh) você vai,
	010	de certa forma, até se desencantando, porque
	011	você (::) quando tá num lugar em que a
	012	ignorância prevalece, né? A inocência tá
	013	hiperpresente, você tem um olhar encantado
	014	sobre o mundo, sobre a realidade. Você vai se
	015	desencantando na medida que você vai
	016	conhecendo, você vai encontrando (::) (Hh) as
	017	situações e as verdades como elas são. Então,
	018	entender, encarar nos lugares em que o
	019	racismo se manifesta no meu comportamento (=)
	020	foi um processo, em que isso aconteceu de
	021	forma gradativa (::) e com a presença do
	022	Antônio se tornou mais clara

. Há uma frase da sabedoria popular que afirma ser o conhecimento libertador. De que conhecimento estaríamos falando ao nos referirmos ao racismo? A leitura de livros, por exemplo, embora seja um primeiro passo, não é, a meu ver, o suficiente para – conforme diz Francisco - começar “a observar aquilo com outros olhos, algo que, anteriormente, era natural... quando tá num lugar em que a ignorância prevalece, né?” (linhas 6 a 12). Posso inferir que a seleção lexical feita por ele vai delineando, de forma ainda não muito clara, suas emoções e consequentemente sua avaliação sobre como o desconhecimento interfere na atitude das pessoas brancas. No trecho “observar aquilo com outros olhos, algo que, anteriormente, era natural”, o que seria esse “natural” quando se fala de relações raciais? O estereótipo do negro marginal? O estigma de uma raça inferior? Ou o discurso de quem – de certa forma – nega (ou mascara) seu

racismo com frases como “não vejo cor, só vejo seres humanos” ou “só existe uma raça, a humana.” A verdade é, porém, que nem todas as pessoas que disseminam esses pensamentos o fazem por desconhecerem que estão sendo racistas.

Muito importante é o (re)conhecimento da branquitude. Palavras como “inocência” e “desencantando” me dão a ideia de que o branco vive em um mundo paralelo e age de forma involuntária até pelo fato de que, quando confrontado com esse conhecimento... “(...) vai se desencantando na medida que você vai conhecendo, você vai encontrando (::) (Hh) as situações e as verdades como elas são. (linhas 14 a 17). Encontrar as situações e as verdades como elas são passa por um processo de as pessoas brancas, que não pensam muito sobre o que é ser branco, já que a discussão racial sempre é focada nos negros, refletirem sobre como eles também devem ser racializados por se enxergarem “como a única identidade racial normal” (Schucman, 2012, p. 24) e como se fosse dever dos outros, considerados destoantes, alcançá-los”. Shcuman indica ainda que muitas das discussões e trabalhos a respeito da branquitude têm como objetivo “preencher as lacunas nos estudos sobre relações raciais que por muito tempo ajudaram a naturalizar a ideia de que quem tem raça é apenas o negro (ibid., p.22).

Em seguida, ao declarar que “Então, entender, encarar nos lugares em que o racismo se manifesta no meu comportamento (=) foi um processo, em que isso aconteceu de forma gradativa (::) e com a presença do Antônio se tornou mais clara (linhas 19 a 24)”, Francisco ressalta a percepção do racismo em alguns de seus comportamentos e como foi descobrindo isso “gradativamente” (esse modalizador também é avaliativo já que explicita a ideia já exposta nos verbos citados anteriormente em sequência “entender, encarar”) além de chamar de “processo”, outro termo que explicita uma autoavaliação sobre como ele tem feito para desconstruir esse pensamento dentro de si. A chegada de Antônio, como ele mesmo diz, tem deixado tudo mais claro. Ou seja, o filho traz a discussão racial para o centro da família uma vez que as questões dele passam a ser questões de todos.

Outro ponto muito curioso, no excerto 5, é a repetição do “Então”. Nos três casos em que aparece, tal marcador discursivo inicia as frases com a função de dar sequência ao discurso, mas, ao mesmo tempo, parece-me mostrar um cuidado no que ele vai dizer como se houvesse uma preocupação em evitar falar algo que soe racista. Pode ser que Francisco sinta alguma dificuldade de identificar de maneira objetiva onde está seu racismo ou algum constrangimento de sua parte, talvez por estar na frente de um amigo negro e/ ou por ter um filho também negro.

7.4.1.2

Excerto 6: “Em que a gente fala que era natural, estava presente no vocabulário e isso não cabe, né”

Francisco	023 024 025 026 027 028 029 030 031	(...) E o espelhamento do meu comportamento, principalmente no que diz respeito à fala, né, como (:::), em alguns momentos, alguns termos usados, é... Em que a gente fala que era natural, estava presente no vocabulário e isso não cabe, né, ah, isso aqui, por mais que a gente tenha <u>assim</u> , eu sempre tive um ideal humanitário, entendendo todas as pessoas como irmãs...
André	032 033 034 035 036 037	Entendo sua visão humanitária porque te conheço há muito tempo, mas você não acha que essa postura de todo mundo como irmão não se assemelha àquele discurso de que todos são iguais e, por isso, tem gente que diz que o racismo não existe?
Fra	038 039 040 041 042 043 044 045 046	É (-), a presença desse racismo, ela existe entranhada no comportamento, na forma de se comportar, na hora de discriminar, isso tá evidente, isso tá posto, mas eu, talvez, hoje, tenha muito mais (:::), esteja muito mais alerta pra esse tipo do que está entranhado nesse comportamento, principalmente no que diz respeito a algumas frases, aquele livro da Djamila Ribeiro, né?

Das linhas 23 a 31, Francisco continua sem responder diretamente onde guarda seu racismo. Acredito – como disse anteriormente – por se sentir desconfortável em falar do assunto.

Em “E o espelhamento do meu comportamento, (...) alguns termos usados (linhas 23 a 26), fico sem saber que a que termos ele alude por mais que ele afirme que são formas naturalizadas. Quando

Francisco se refere a termos que “a gente fala que era natural” (1.26-27) e que “estava presente no vocabulário” (1.27), ele deve estar se referindo às palavras e expressões empregadas por muitas pessoas diariamente na sociedade, fazendo com que o racismo seja normalizado e, muitas vezes, eufemizado.

Dentro do escopo das relações de poder que o racismo impõe, esses termos, como lembrado por Francisco, sempre colocam o negro em uma posição subalterna seja nas expressões que imputam negatividade à negritude seja nas piadas racistas nas quais os negros sempre são ridicularizados. Sobre este último aspecto, o do humor, Moreira (2023) afirma o seguinte:

O humor hostil cumpre então uma função importante: preservar a distinção social positiva de um grupo em relação a outro por meio da ênfase nos aspectos negativos que são representados em expressões humorísticas. Isso ocorre a todo momento, mas principalmente quando o avanço dos direitos de minorias ameaça desestabilizar o sentimento de superioridade. (ibid., p.73)

Ao caracterizar determinadas brincadeiras como humor hostil, o autor aponta-nos para o fato de que nem todo mundo se diverte. Afinal de contas, quem – tratado com hostilidade -sorriria para seu algoz? Tais atos só reforçam os laços que unem quem bate e afrouxam e separam aqueles que sofrem com esse racismo recreativo.

Embora se enxergue como móvel desse racismo que está guardado em termos naturalizados, Francisco afirma ter um olhar humanístico porque vê todos como irmãos, o que chega a ser um paradoxo. Por isso, avaliando sua colocação e baseando-me **na terceira lâmina narrativa**, pergunto se tal visão humanística não acaba sendo um caminho para que algumas pessoas neguem a existência do racismo já que defendem que todos somos iguais. Pensando na diferença, estabelecida por de Gee (2015) entre “‘Discurso’ com D maiúsculo” e “‘discurso’ com d minúsculo”, entendo que, ao avaliar a visão humanística de Francisco acerca de si mesmo, há a manifestação da linguagem em uso. Isso ocorre porque, na condição de interlocutor, usei meus entendimentos a fim de dizer/informar, fazer e/ou ser algo, o que é considerado pelo autor como o “discurso (com ‘d’ minúsculo)”. Para tal, é necessário que eu conheça determinadas convenções sociais e que eu

compreenda o que pode ser dito (ou não) e como devo agir/falar para ser validado, ouvido e/ou aceito, como acabou acontecendo quando tive a concordância de Francisco com a minha ponderação, por exemplo, sendo este o “Discurso (com ‘D’ maiúsculo)”.

Novamente faço uma leitura de suas emoções como quem tem dificuldade de avaliar e de materializar onde realmente guarda seu racismo. Afirmo isso pela seleção com a repetição de termos já expostos antes como “entranhado”, “comportamento”, “algumas frases” que nos informam que ele sabe que faz parte de uma estrutura racista, mas pouco nos esclarece sobre a verdadeira profundidade desses atos. No início do fragmento, Francisco afirma como a chegada de Antônio foi abrindo-lhe os caminhos para entender o quanto “conhecer é desnaturalizar” (1.5). A alusão por ele feita à leitura de obras de Djamilia Ribeiro é o início de um bom caminho, mas não se pode parar apenas nisso.

7.4.2

Fragmento 4: Onde você guarda seu racismo, Matheus?

Matheus:	001 002 003 004 005 006 007 008 009	É, como eu falei, eu tenho uma naturalizada pra mim por conta de convivências passadas, então não tem esse choque pra mim, sabe? Agora, de fato, uma coisa que eu penso assim, por exemplo, quando o Lucas olha pra gente com aquela cara de ódio, como é que a cultura apresenta os vilões, apresenta nos filmes? Qual é a cara de ódio que nós mais conhecemos?
André	010 011	Se é essa é uma pergunta para mim, eu não sei...Qual a cara de ódio que você conhece?
Matheus	012 013 014 015 016 017 018 019 020 021 022	O que é passado sempre é relacionada à criminalidade, a versões pejorativas de seres humanos. Então, eu penso assim, se fosse um branco, me olhando como essa cara de raiva, eu ficaria tão impactado assim? Certamente não ficaria. Então existe esse racismo em que eu aprendi e que me impacta mais. E uma outra coisa também, eu não sei avaliar o quanto é relacionada ao racismo ou o quanto é o desejo, por exemplo, de ter um filho que se pareça com você, né? Por

	023 024 025 026	exemplo, eu até comparo, poxa, o Andrezinho e o Kayo se parecem, então eu acho que de repente, numa foto assim eles devem, eu não sei...
André:	027 028	Os dois eu não acho não, nenhum dos dois, nem a Ana, nem o Kayo eu acho.
Matheus:	029 030 031 032 033 034 035 036 037 038 039 040 041	Tô dizendo assim, no seu lugar, no seu lugar, não estou dizendo que você pensa desse jeito, eu falei poxa, parece comigo, parece que foi feito por mim, entende? Então, eu não sei nesse caso avaliar, meramente por uma questão de similaridade biológica ou também em relação ao racismo que tem componente racista aí... o quanto é, então em relação ao Lucas é isso e atualmente eu tenho pensado muito nessa temática, atualmente é o que mais me mexe em relação a essas questões transversais na escola, é isso que eu tenho tentando mais lutar e me educar. (...)

Assim como nos outros casos, dividi o fragmento em excertos para facilitar a análise.

7.4.2.1

Excerto 7: “Qual a cara de ódio que nós mais conhecemos?”

Matheus:	001 002 003 004 005 006 007 008 009	É, como eu falei, eu tenho uma naturalizada pra mim por conta de convivências passadas, então não tem esse choque pra mim, sabe? Agora, de fato, uma coisa que eu penso assim, por exemplo, quando o Lucas olha pra gente com aquela cara de ódio, como é que a cultura apresenta os vilões, apresenta nos filmes? Qual é a cara de ódio que nós mais conhecemos?
André	010 011	Se é essa é uma pergunta para mim, eu não sei...Qual a cara de ódio que você conhece?
Matheus	012 013 014 015 016 017 018 019	O que é passado sempre é relacionada à criminalidade, a versões pejorativas de seres humanos. Então, eu penso assim, se fosse um branco, me olhando como essa cara de raiva, eu ficaria tão impactado assim? Certamente não ficaria. Então existe esse racismo em que eu aprendi e que me impacta mais.

Para responder à minha pergunta, Matheus traz a seguinte informação: “Agora, de fato, uma coisa que eu penso assim, por exemplo, quando o Lucas olha pra gente com aquela cara de ódio, como é que a cultura apresenta os vilões, apresenta nos filmes? Qual é a cara de ódio que nós mais conhecemos? (l. 4 a 9).

As emoções e avaliações de Matheus começam a eclodir logo no início desse trecho. Ao usar o modalizador “de fato”, ele indica uma certeza, ou seja, vai direto ao ponto de como o racismo reside dentro dele, além de destacar a reportabilidade daquilo que vai começar a declarar. A seleção lexical e a metáfora relacionada aos vilões são bem ricas e expressivas, principalmente, ao usar termos – de alguma forma – estereotipam, estigmatizam (Goffman, 2004) e colocam o negro na posição de ameaçador à qual já me referi algumas vezes neste texto. (Fanon, 2008; Bento, 2002).

Acredito também que o fato de Lucas ter chegado à família pela adoção de crianças mais velhas e de adolescentes – de alguma forma – potencializa a insegurança de Matheus. Se fosse uma criança turrona, menor, levada e até com postura desafiadora, far-se-ia alguma relação entre a cara dela e a da criminalidade? Como Matheus mesmo assevera, há uma cultura que desenha o negro dessa forma e faz com que muitas pessoas (in)voluntariamente se sintam ameaçadas diante de sua “cara de ódio”.

Em relação à segunda lâmina narrativa que pretende dar conta de nossa interação e negociação de significados, ele termina parte de sua fala com uma pergunta: Qual é a cara de ódio que nós mais conhecemos? Devolvo a questão para ele sobre qual a cara de ódio que ele conhece. Como eu reproduziria uma imagem que confirmaria o discurso corrente de que um negro com cara de raiva seria relacionado ao imaginário popular – alimentado culturalmente – de quem vai cometer um crime?

Sua resposta ratifica o que falara antes sobre a cultura: “O que é passado sempre é relacionada à criminalidade, a versões pejorativas de seres humanos. Então, eu penso assim, se fosse um branco, me olhando como essa cara de raiva, eu ficaria tão impactado assim? Certamente não ficaria.

Então existe esse racismo em que eu aprendi e que me impacta mais.” (1.12 a 19)

Nas partes destacadas acima, observam-se mais expressões e emoções negativas muito avaliativas que reforçam ainda mais a insegurança de Matheus. A ameaça de quem o olha e é estigmatizado socialmente como uma versão pejorativa do ser humano seria motivo de medo para muitas pessoas. Além do mais, embora use verbos que indiquem possibilidade e hipótese, ele mesmo as transforma em certeza ao usar o advérbio “certamente” e assume, no que diz respeito aos embates discursivos da terceira lâmina, que reproduz internamente, o racismo que aprendeu.

Mesmo sabedor das grandes mazelas que o racismo pode causar, ele não consegue se livrar de visões estereotipadas que essa prática pode ocasionar, como o olhar de ódio de Lucas. Em tempo: esse olhar de ódio, muitas vezes, diante das ordens e regras que pais impõem aos filhos é, às vezes, normal. Independente de raça.

7.4.2.2

Excerto 8: “é isso que eu tenho tentado mais lutar e me educar. (...)”

Matheus	019 020 021 022 023 024 025 026	(...) E uma outra coisa também, eu não sei avaliar o quanto é relacionada ao racismo ou o quanto é o desejo, por exemplo, de ter um filho que se pareça com você, né? Por exemplo, eu até comparo, poxa, o Andrezinho e o Kayo se parecem, então eu acho que, de repente, numa foto assim eles devem, eu não sei...
André:	027 028	Eu não acho não, nem a Ana, nem o Kayo também
Matheus:	029 030 031 032 033 034 035 036 037 038 039 040 041	Tô dizendo assim, no seu lugar, no seu lugar, não estou dizendo que você pensa desse jeito, eu falei poxa, parece comigo, parece que foi feito por mim, entende? Então, eu não sei nesse caso avaliar, meramente por uma questão de similaridade biológica ou também em relação ao racismo que tem componente racista aí... o quanto é, então em relação ao Lucas é isso e atualmente eu tenho pensado muito nessa temática, atualmente é o que mais me mexe em relação a essas questões transversais na escola, é isso que eu tenho tentado mais lutar e me educar. (...)

Matheus completa sua resposta com outro viés do racismo que traz dentro de si. Em, “E uma outra coisa também, eu não sei avaliar o quanto é relacionada ao racismo ou o quanto é o desejo, por exemplo, de ter um filho que se pareça com você, né? (linhas 19 a 22), volto à dicotomia por mim apresentada no capítulo 4: a ideia do filho ideal x o filho real. Assistentes sociais e especialistas em adoção abordam o fato de que muitas pessoas procuram, na criança adotada, o filho biológico que não puderam ter, com todas as características que este deveria possuir.

O pensamento trazido por Matheus expõe uma ideia comum relacionada ao fato de que os laços familiares se restringem a uma ordem biológica, por isso as pessoas desejarem que seu filho adotivo, de alguma forma, se pareça com elas para amenizar o fato de, por algum motivo, não o terem gerado. Nesse caso, há uma visão determinista que desconsidera ser a família uma “instituição que se constrói no tecido social na qual está inserida” e que “é preciso pensar que as classificações raciais são bastantes fluidas” (Schucman, 2018, p. 33) e, claro, um componente racista como “cereja do bolo”.

Ele parece apresentar uma emoção de insatisfação e de incômodo principalmente quando compara ele e Lucas a mim e Kayo. Em “eu até comparo, poxa, o Andrezinho e o Kayo se parecem... numa foto assim eles devem, eu não sei...” (l. 23 a 26), começa a explicitar essa emoção e, conseqüentemente, essa avaliação ao usar o “Poxa”. Na comparação, é como se dissesse que não se vê no filho como eu me veria em Kayo.

Embora eu fale que nem eu, nem Kayo nem Ana achamos que há alguma similaridade; ele insiste na ideia ao indicar que “Tô dizendo assim, no seu lugar... parece que foi feito por mim, entende? (l. 29-32). De que lugar ele estaria falando? Do meu lugar de homem negro que, por ter um filho adotivo negro fico satisfeito por termos a mesma cor de pele? Se eu fosse pensar de forma biológica, será que Ana e eu teríamos um filho retinto como Kayo já que ela é branca e minha pele não é tão escura como a dele?

Matheus ainda completa dizendo que “Então, eu não sei nesse caso avaliar, meramente por uma questão de similaridade biológica ou também em relação ao racismo que tem componente racista aí (linhas 33 a 36). Ele faz uma avaliação

de si próprio e do próprio relato quando afirma não saber como mensurar o que sente. Ainda que use o modalizador “meramente”, vê-se que esse assunto não é algo tão simples para ele. Caso contrário, ele não o traria para esse momento de interação e, principalmente, como resposta a um tópico tão importante.

Para finalizar, assim como Francisco, que nos disse que tem estudado sobre a pauta antirracista desde a chegada de Antônio; Matheus afirma o mesmo com relação à Lucas: eu tenho pensado muito nessa temática, ... é isso que eu tenho tentado mais lutar e me educar. (...) (1. 37 a 42) . De acordo com suas palavras, como professor de escola pública, onde há um quantitativo considerável de jovens negros e como pai de um menino negro, está mais que na hora de “conhecer para desnaturalizar”. Ao declarar que tem tentado lutar mais e se educar, vê-se uma autoavaliação de quem busca evitar atitudes e pensamentos racistas embora ainda os tenha.

Na próxima seção, é a vez de Marcos dizer onde guarda seu racismo.

7.4.3

Fragmento 5: Onde você guarda seu racismo, Marcos?

Marcos:	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012 013 014 015 016 017 018 019 020	Eu quero elencar três tópicos de resposta, tá? É... Eu nasci numa família branca, no interior do estado, rural, né. Tem essa coisa, é uma geração anterior, uma geração anterior ela atua numa rota, né. Eu acho que isso influencia, sim, bastante, assim, eu lembro, assim, eu tenho um irmão que ele, a família dele é bem mais escura do que eu e ele se entende como moreno, e ele falou várias vezes assim "ah não, negro, é... o pensamento não funciona bem, é..." fala, explícito, explicitamente. assim, é preguiçoso... É... E cresci ouvindo isso, de diversos isso, de diversos... de diversas fontes, familiares, inclusive. É... meu avô de olhos verdes, cabelos claros, é... achava um absurdo a... a meu tio também de olhos claros se casasse com a esposa dele negra, assim né... e falava isso, então isso permeava.
André:	021	O seu tio é casado com uma mulher negra, né?
Marcos	022 023 024 025	É. E isso permeava a família assim, e eu acho que isso 'tava lá, perto de mim, mas eu sempre fazia um esforço assim... eu lembro das conversas que eu tive com meu irmão com

	026 027 028 029	clareza, meu irmão até hoje é uma pessoa muito difícil de lidar, toda vez que a gente conversa, eu 'tô contrapondo: "Olha não é assim, 'tá diferente..."
André	030	O que ele diz em relação ao Lucas?
Marcos	031 032	Não, ele não tece comentários em relação ao Lucas...
Matheus	033	Ele não é maluco.
Marcos	034 035 036 037 038 039 040 041 042 043 044 045	Mas assim (Hh) como eu vejo essas coisas atravessando a minha relação direta com o Lucas... Quando eu vejo o Lucas de deitado na cama o dia todo, quando eu falo assim: "Lucas, vamos fazer isso", "Ah não quero" esse pensamento vem pô olha o que o meu irmão falou, aí imediatamente vem assim, "não pera aí o que o meu irmão falou, é maluquice dele, a causa é outra", mas eu não posso negar que isso me atravessa, essas memórias me atravessam, ah é indolente, é... é... bom, esses adjetivos estão no livro de História.
	046	Sim, sim...
	047 048 049	E atravessaram minha família, e toda vez que eu encaro esses atributos ao Lucas, isso emerge, emerge com a memória.

Como fiz nas demais seções, dividi o fragmento acima em dois excertos:

7.4.3.1

Excerto 9: "Eu nasci em uma família branca..."

Marcos:	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012 013 014 015 016 017 018 019 020	Eu quero elencar três tópicos de resposta, tá? É... Eu nasci numa família branca, no interior do estado, rural, né. Tem essa coisa, é uma geração anterior, uma geração anterior ela atua numa rota, né. Eu acho que isso influencia, sim, bastante, assim, eu lembro, assim, eu tenho um irmão que ele, a família dele é bem mais escura do que eu e ele se entende como moreno, e ele falou várias vezes assim "ah não, negro, é... o pensamento não funciona bem, é..." fala, explícito, explicitamente. assim, é preguiçoso... É... E cresci ouvindo isso, de diversos isso, de diversos... de diversas fontes, familiares, inclusive. É... meu avô de olhos verdes, cabelos claros, é.... achava um absurdo a... a meu tio também de olhos claros se casasse com a esposa dele negra, assim né... e falava isso, então isso permeava.
---------	--	--

Nesse primeiro excerto, Marcos faz uma introdução para a resposta à minha pergunta e percebo uma emoção de insegurança presente no grande número de hesitações que há no trecho. Parece-me que ele está constrangido de dizer onde guarda seu racismo. Talvez, como já avengei na análise da resposta de Francisco, por estar diante de um amigo negro e/ ou por agora ter um filho negro. Assim como avaliei na resposta de Francisco, talvez abordar o assunto seja algo desconfortável para ele.

O trecho que vai das linhas 2 a 5 é recheado de avaliações como nas descrições da família. Há uma gradação na adjetivação: “branca, no interior do estado, rural.” Vejo um crescendo de quem vai justificar comportamentos e pensamentos retrógrados de um grupo que sempre usufruiu dos privilégios próprios da branquitude e por isso atuam “em outra rota”. Seria a do preconceito? O irmão que tem a pele escura, mas não se entende como negro, e sim como moreno para se desviar do pensamento do negro preguiçoso quer eufemizar ou evitar o quê? Apenas a pecha de quem não gosta de trabalhar ou da negritude que, para aquele núcleo, não há na família?

O trecho é todo avaliativo. Há uma quantidade considerável de discurso reportado seja do irmão, do pensamento familiar, o que – de certa forma – o isentaria de culpa de qualquer atitude ou pensamento racista, principalmente àquela época, já que ele cresceu nesse meio e não recebeu informação e formação crítica diferente.

. A “branquice” da família é reforçada em “É... E cresci ouvindo isso, (...) de diversas fontes, familiares, inclusive. É... meu avô de olhos verdes, cabelos claros, é... achava um absurdo a... a meu tio também de olhos claros se casasse com a esposa dele negra, assim né... e falava isso, então isso permeava (l. 13 a 20).” e com a avaliação de que brancos são melhores que negros, visão que fez o avô achar um “absurdo” (novamente a fala reportada do reforçando a autoimagem que a família e por que não a que branco tem de si) o tio se casar com uma mulher negra. Essa ideia remete à Bento (2002) que traz à tona dois processos pelos quais o homem branco passa: considerar-se como um padrão e projetar sobre o outro as mazelas que sujam o modelo. Segundo a autora,

O primeiro (processo) está associado ao narcisismo e, o segundo, à projeção. No entanto, no contexto das relações raciais eles revelam uma faceta mais complexa porque visam justificar, legitimar a ideia de superioridade de um grupo sobre o outro e, conseqüentemente, as desigualdades, a apropriação indébita de bens concretos e simbólicos, e a manutenção de privilégios

(ibid., p.6-7)

Além do mais, ao falar que “então isso permeava.” (l. 20), Marcos resume como toda essa formação o impactou. Ele cresceu nesse meio. Ao falar dos outros, da família, acaba por falar de si mesmo. Mina (2021, p. 19) defende a ideia de que a “vivência do racismo estrutural é diária para nós pretos e muitos momentos acabam passando despercebidos, justamente pelo fato de estar forjado na estrutura da nossa sociedade.” O autor afirma ainda que uma criança só é racista porque nasce e é formada em um ambiente em que o segregacionismo é informalmente institucionalizado. Por isso, a branquitude naturaliza determinadas posturas em relação à negritude por aquela ter se acostumado a não ver problemas em relação ao que fala, ao que pensa e a como age em relação a esta, afinal de contas são somente e exclusivamente superiores a nós.

7.4.3.2

Excerto 10: “Esses adjetivos estão no livro de História.”

Antes do excerto abaixo, já consigo entender que há uma raiz familiar nisso tudo. Ele volta a falar do irmão (acredito que seja aquele que se considera “moreno”) e diz que ele é uma pessoa muito difícil e do esforço que é feito para contrapor certas posturas desse parente. Chego a perguntar se ele já fizera algum comentário acerca de Lucas. Marcos responde que não e Matheus completa com um “Ele não é maluco” (l. 34), fala altamente avaliativa que mostra o quanto o pai defenderia o filho de qualquer atitude racista contra ele.

Marcos	035	Mas assim (Hh) como eu vejo essas coisas
	036	atravessando a minha relação direta com o
	037	Lucas... Quando eu vejo o Lucas de deitado
	038	na cama o dia todo, quando eu falo assim:"
	039	Lucas, vamos fazer isso", "Ah não quero" esse
	040	pensamento vem pô olha o que o meu irmão
	041	falou, aí imediatamente vem assim, "não pera

	042 043 044 045 046	aí o que o meu irmão falou, é maluquice dele, a causa é outra", mas eu não posso negar que isso me atravessa, essas memórias me atravessam, ah é indolente, é... é... bom, esses adjetivos estão no livro de História.
André	047	Sim, sim...
Marcos	048 049 050	E atravessaram minha família, e toda vez que eu encaro esses atributos ao Lucas, isso emerge, emerge com a memória.

No trecho que vai da linha 35 a 46 ("Mas assim (Hh) como eu vejo essas coisas atravessando a minha relação direta com o Lucas... aí imediatamente vem assim, "não pera aí o que o meu irmão falou, é maluquice dele, a causa é outra", mas eu não posso negar que isso me atravessa, essas memórias me atravessam, ah é indolente, é... é... bom, esses adjetivos estão no livro de História) enxergo muitas avaliações da parte de Marcos que o levam a um conflito entre tudo o que ele já escutara desde a infância e sobre como enxergar seu filho. Há de se levar em consideração que o fato de Lucas, um adolescente, estar deitado e mostrar-se refratário a realizar determinadas tarefas nada, a meu ver, tem a ver com o fato de ser negro. Se o menino fosse branco, ele "imediatamente" se lembraria do que sempre falara seu irmão sobre a indolência do negro que, inclusive, é reforçada -segundo ele- pelos livros de História? E mais: um adolescente branco prontamente se levantaria para atender a um pedido do pai?

Todo esse histórico colabora para a construção de emoções negativas porque "toda vez que eu encaro esses atributos ao Lucas, isso emerge, emerge com a memória." (l. 48 a 50). Ao mesmo tempo que ele tem bem presente essas memórias que sempre o atravessaram, ele também avalia o discurso do irmão como uma "maluquice" e, **à luz da terceira lâmina de observação**, tenta desnaturalizar o que lhe foi sempre apresentado e imposto como certo em relação ao negro.

7.5

Meus entendimentos e o que acharam Matheus, Marcos e Francisco das análises

Retornando à pergunta inicial que impulsionou a escolha dos fragmentos de Francisco, Matheus e Marcos que foram analisados, julgo que a questão “onde você guarda seu racismo?” coloca a pessoa em um lugar em que ela assume automaticamente uma passividade e uma impossibilidade de discordar. Acho que não dei a eles a oportunidade de negarem que são racistas (porque há muitos brancos que se sentem ofendidos quando alguém dá entender que eles o são). O racismo não é uma coisa, um objeto para levarmos no bolso. Por outro lado, todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista. Entretanto, se eu trabalhasse com uma noção mais aberta de racismo como algo que está aqui, mas também não está; que é enxergado e entendido de forma diferente por diferentes pessoas, eu teria mais dificuldade de fazê-los entender que guardar ou mostrar (mesmo negando-o ou relativizando-o) faz parte também do pacto da branquitude que, inclusive, dá aos brancos o poder epistemológico de definir o que é racismo. A respeito das impressões dos três em relação às análises realizadas, Francisco e Matheus me enviaram resposta pelo mesmo meio pelo qual receberam, mensagem de WhatsApp. Começando com Francisco, trocamos mais de uma mensagem para falar de suas impressões. A primeira foi a seguinte:

Fala aí, meu amigo, tudo bem? É... estou aqui para trazer um feedback que você tinha pedido pra Clara. Pensando antes de responder... também tem um tempo de reflexão minha sobre o que você traz... vários pensadores, vários acadêmicos que debatem, né, a fundo a questão do racismo estrutural com pontos importantes para serem refletidos, passados... tá muito bem respaldado aqui e eu achei muito rico, mas ao mesmo tempo discordo de alguns apontamentos ali e é isso! Você pede um feedback eu vou dar cru. Acho que a questão quando eu trago de desnaturalizar tá numa questão epistemológica... eu acho que o escrito ali está um pouco descontextualizado com o que a gente tá batendo ali. Também a questão de quando eu falo “então”, você fala que eu falei muito então e uma interpretação sua particular e eu respeito tá? Porque você tem aí seu projeto acadêmico, mas foi um apontamento que eu não sei não foi pra mim assim. Eu achei que não bateu muito com o que eu queria na minha fala. É claro que está debaixo de um lugar de quem tem uma escuta e quem tá falando tem outra, mas não sei não soou muito compatível com a intenção da minha fala, mas beleza, cara. É algo que respeito, mas você percebe e está tudo certo. Só esses apontamentos que eu queria fazer para você! Bom qualquer coisa a gente troca uma ideia se for o caso! (Francisco. Mensagem de WhatsApp, áudio Fev. 2024)

Ao contrário da mensagem de Clara, senti na mensagem de Francisco um certo desconforto das minhas análises. Respondi-lhe que devíamos conversar sim e para entendermos o porquê de ele estar se sentindo daquela forma. A resposta veio em seguida em uma mensagem de texto.

Os apontamentos não foram no intuito de gerar mudanças no que você escreveu, tô falando de boa. Eu quis compartilhar essas impressões contigo porque esse barulho que faz na cabeça ao pensar sobre tudo o que envolve esse contexto precisa acontecer e eu entendo que você seja a melhor pessoa para me dar a mão e aprofundar a reflexão de tudo isso. Próxima vez que tu tiver no Rio vem aqui em casa que a gente abre um vinho e conversa. Abraço. (Francisco. Mensagem de WhatsApp, texto. Fev. 2024)

O resultado das impressões de Matheus veio na seguinte mensagem de texto:

Amigo, gostei bastante das suas discussões sobre meus depoimentos. Achei especialmente interessante vc conseguir avaliar tão bem os meus sentimentos e emoções com o uso de palavras e termos ditos por mim. Concordo com quase todos os seus comentários (...) gostei demais de todos os outros trechos, pois refletem bastante o racismo que há em mim e não considero necessário mais observações, pois concordo com seus comentários. (Matheus. Mensagem de WhatsApp, texto. Fev. 2024)

Depois de tanto eu insistir para Marcos que me desse um retorno, veio a resposta: “quero falar olho no olho...isso não é coisa para uma mensagem”. Marcamos então de almoçarmos juntos, ou seja, mais uma conversa exploratória. Não poderia haver evento melhor para o encerramento desta seção da tese. Ele disse que lera duas vezes. Na primeira, pensou no porquê de eu estar apontando nele tantas coisas ruins. Na sua opinião, a história de sua família era só uma explicação para seu pensamento, mas ele não era assim. Na segunda, uma leitura com base na bibliografia apresentada, ele reconheceu-se nas minhas análises. Não gostava do que sentia, mas tudo o que fora dito e estava sendo analisado mostravam que ele tinha que se livrar daquilo tudo e me agradeceu. Ele ainda levantou outra questão: lembrou que todos os participantes são espíritas e que um possível desconforto por terem erros apontados poderia (no seu caso, para ele, estava explícito) ter relação com a própria crença na busca da perfeição que a Doutrina Espírita defende. Segundo ele, é como se um espírita pensasse “como alguém vem apontar que sou racista ou que não percebi que meu filho sofreu racismo, logo eu que me ligo à crença na reencarnação e busco constante evolução?”. Como em nenhum dos dados selecionados a questão do ser espírita veio à tona (há a menção em uma fala específica de Clara que está nos anexos), não cheguei a levantar tal bandeira em minhas análises.

8

(In)conclusões momentâneas sobre inquietações de sempre

Vejo a vida passar num instante
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?
 Não sei, não posso saber
 Quem segura o dia de amanhã na mão?
 Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
 Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
 Seria, sim, seria, se não fosse o amor
 O amor cuida com carinho
 Respira o outro, cria o elo
 O vínculo de todas as cores
 Dizem que o amor é amarelo

É certo na incerteza
 Socorro no meio da correnteza
 Tão simples como um grão de areia
 Confunde os poderosos a cada momento
 Amor é decisão, atitude
 Muito mais que sentimento
 Alento, fogueira, amanhecer
 O amor perdoa o imperdoável
 Resgata a dignidade do ser
 É espiritual
 Tão carnal quanto angelical
 Não 'tá no dogma ou preso numa religião
 É tão antigo quanto a eternidade
 Amor é espiritualidade
 Latente, potente, preto, poesia
 Um ombro na noite quieta
 Um colo pra começar o dia

Filho, abrace sua mãe
 Pai, perdoe seu filho
 Paz é reparação
 Fruto de paz
 Paz não se constrói com tiro
 Mas eu miro, de frente
 A minha fragilidade
 Eu não tenho a bolha da proteção
 Queria eu guardar tudo que amo
 No castelo da minha imaginação
 Mas eu vejo a vida passar num instante
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?
 Eu não sei, eu não posso saber
 Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida
 Farei um altar pra comunhão
 Nele, eu serei um com o mundo até ver
 O ponto da emancipação
 Porque eu descobri o segredo que me faz humano

Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo

Trecho de “Principia”⁵⁹

Compositores: Leandro Roque De Oliveira / Vinicius Leonard Moreira

Ufa! Acabei! Acabei? Ao chamar este capítulo de “(In)conclusões momentâneas sobre inquietações de sempre” vislumbro que muito ainda eu poderia dizer. Nas conversas exploratórias que se encontram nos anexos desta pesquisa, houve tantas histórias que não foram analisadas e que poderiam se desdobrar em outras teses, outros temas. Posso mencionar também as autoapresentações do capítulo 2 que, sozinhas, já seriam mote para outra pesquisa. Vale ressaltar que parte delas foi apresentada em uma comunicação oral⁶⁰ feita por mim e por Emanuelle de Souza Fonseca Souza no XVIII Congresso da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ALSFAL) e o II Congresso Brasileiro de Linguística Sistêmico-Funcional, no Instituto de Letras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em setembro de 2023.

Se não acabei, me esforcei bastante para chegar até aqui. Aproveitei cada momento dessa trajetória de 4 anos do Doutorado. As leituras, as aulas e os aprendizados foram vários. Teve uma pandemia no meio do caminho, no meio do caminho teve uma pandemia que nos afastou fisicamente, mas nos aproximou de várias formas e nessa aproximação foi que reencontrei os amores que cultivei e que permitiram que eu usasse suas vozes aqui. Foi um reencontro sim, porque, depois de tantas idas e vindas, de trabalhos no movimento espírita, de visitarmos uns a casa dos outros e de muitos outros momento em que estivemos juntos, foi a primeira vez que conversamos e trocamos ideias sobre adoção e sobre sermos pais do Kayo, do Antônio e do Lucas e, com certeza, foi um divisor de águas para que nos víssemos de outra forma. Com isso, reforço a ideia colaborativa da pesquisa do praticante (Allwright, 2005) que aponta para o fato de que não devemos realizar investigações “sobre” o outro, mas sempre “com” o outro. É nesse ponto que cada praticante deixa de ser um alguém passivo e passível apenas de ser analisado e passa a coconstruir conhecimentos.

⁵⁹ EMICIDA.AMARELO. Principia. Emicida / Nave. Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário) - Emicida - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 29/02/2023

⁶⁰ “Minha vida mudou para sempre”: avaliações e emoções no processo de tornar-se mãe/pai pela via da adoção de crianças mais velhas e de adolescentes” (Passos; Souza, 2023)

Embora essa troca de experiências tenha sido rica, confesso que a fase das análises foi dura para mim. Apontar o racismo e/ou as percepções (ou não percepções) sobre ele na fala de meus amigos e de minha esposa não foi um processo agradável e eu travei. Se falar das minhas emoções já é difícil, imagina ter que falar da emoção dos outros a partir das minhas leituras, crenças e experiências. Lembrei-me, porém, de todo o caminho até aqui: das conversas exploratórias gravadas e da promessa de compartilhamento de minhas análises antes da entrega do texto final à banca para que eles tivessem ciência do que fora identificado em suas falas. Vale ressaltar que o compartilhar, para mim, corrobora os princípios da Prática Exploratória como a busca da qualidade das vidas dos participantes além de ratificar umas das características dessas conversas que é “estimular a busca por entendimentos ético, democrático, fluido, afetuoso, honesto, respeitoso, colaborativo e intencional acerca do contexto em que nós, participantes-praticantes, nos encontramos” (Dias et al, 2021). Recordei que lhes disse ainda que o exame sobre o que falariam não tinha o objetivo de criticar nenhum deles de maneira particular, mas sim o sistema racista de que os negros são vítimas e o sistema de branquitude do qual eles (querendo ou não; reconhecendo ou não) fazem parte. Nesse momento, meu coração aquietou.

Ao pensar a respeito de como esta tese contribuirá de alguma forma para a sociedade, penso que é necessário “reinventar formas de produzir conhecimento” (Moita Lopes, 2006, p. 85). Com isso, os relatos e narrativas aqui presentes se mostram muito importantes para os entendimentos de todas as pessoas que vierem a ler minha pesquisa e, principalmente, para a identificação, por parte de futuros pais brancos que se dispuserem a uma adoção inter-racial, de como as emoções que emergirem em situações de racismo pelas quais seus filhos possam passar (cf. objetivo geral, cap.1) são importantes para que eles lutem contra esse ato e lidem com a estigmatização (cf. objetivo ii, capítulo 1) que assola tantos negros, e que, invariavelmente, afetará seus filhos.

Esse posicionamento pode explicitar as emoções que servirão como avaliações (cf. objetivo i, capítulo 1) dos episódios em que o racismo escancara a maldade ou a ignorância alheia. Além do mais, posicionar-se pode torná-los mais éticos e mais fortes e, principalmente, pode levá-los a se transformarem em pessoas mais críticas e a refletirem sobre a sua posição como indivíduos que fazem parte de uma sociedade racista (cf. objetivo iii, capítulo 1).

Ao reler a tese, perguntei a mim mesmo: entre tudo que foi escrito, o que poderia ser usado como mote para concluir esta pesquisa e que, de alguma forma, se relacionasse com o título “Adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes: reflexões sobre a construção de emoções em narrativas de pais brancos acerca do racismo.”? A fim de fechar minhas reflexões, elegi a discussão a respeito da branquitude já que todos os pais com quem conversei são brancos e o fato de que, sem ação, contra o racismo, o amor pouco pode. É o que tentarei apresentar a partir de agora.

Sobre a branquitude

Bento (2022) indica que os privilégios advindos do ser branco em nossa sociedade originam-se de um pacto narcísico. Tal pacto não surgiu de um acordo ou combinado em uma reunião marcada por indivíduos brancos para discutir tal assunto, mas ele escancara o compromisso de muitos brancos em manter uma estrutura racial injusta, pois assim continuam protegendo e privilegiando suas próprias identidades. A autora ratifica essa ideia afirmando que, nos diferentes espaços, há o mesmo perfil de pessoas liderando e isso quer dizer que elas tomam decisões que influenciam a sociedade.

Quem se beneficia desse pacto de maneira consciente deixa claro como o excesso de vaidade e a ausência de empatia são prejudiciais e podem acarretar consequências funestas. Em sociedade, os brancos narcisos muitas vezes não admitem que suas atitudes possam prejudicar os outros; em outras, defendem que não existem desigualdades e que os negros se vitimizam todo o tempo e, enquanto isso, cada vez mais, os negros estão morrendo no nosso país e no mundo. Por outro lado, existem também pessoas brancas que desejam se tornar aliadas de uma luta antirracista e tentam se instrumentalizar para isso, mas, mesmo assim, são amparadas pelo sistema que as privilegia. É o caso, por exemplo, dos meus parceiros nessa pesquisa.

Atestam-se determinadas atitudes vindas da branquitude, mas se vierem de pessoas negras pode ser que sejam avaliadas de outra forma. Como eu indiquei nos dados gerados na conversa com Ana, quando ela avalia que, de outra feita, sem ser pega de surpresa, chamaria a polícia para resolver a situação de racismo contra o

Kayo. O que seria feito se uma mulher negra realmente convocasse os agentes da lei? Acho que seria invisibilizada e não teria sua voz ouvida. Um fenômeno responsável por essa diferença de tratamento? Acredito que possa ser o pacto narcísico da branquitude.

Como já aventei antes, não tive, em hipótese alguma, o objetivo de criticar Ana nem Clara, nem Francisco e muito menos Matheus e Marcos, mas – mesmo que não queiram – o fato de serem brancos os coloca em situação de vantagem em relação a seus filhos. O fato de os meninos serem filhos de pessoas brancas não lhes dá nenhum privilégio. Muito pelo contrário, como pode se ver nos anexos nas conversas na íntegra, alguns dos adotantes foram vistos como pessoas boas por terem acolhido jovens com esse perfil. Esse pensamento coloca o branco como um herói, como um redentor.

Este mesmo pacto faz com que o branco possa determinar fatos que acontecem com os negros de acordo com sua visão. Um exemplo é o caso de Clara que avaliou que a atitude de sua mãe, ao guardar a bolsa quando Antônio é levado para a casa, como motivada apenas pelo fato de ele ser menor infrator. Acredito mesmo que sua intenção, ao negar a existência do racismo nesse momento, não tem só a ver com uma proteção da imagem da mãe, mas também com o fato de desconhecer ou de não perceber as nuances do racismo. O que ocasiona essa dificuldade de percepção? Quem sabe não seja o pacto narcísico da branquitude?

Ainda sobre a visão da branquitude em relação ao negro, destaco o que Matheus fala a respeito do olhar de ódio de Lucas em uma situação de tensão entre eles. Veja bem, Lucas fora para uma família totalmente branca; sai do convívio de sua família biológica que fora desmantelada já que cada irmão menor de idade passou a viver em lugares diferentes, ou seja, muita coisa (para não dizer tudo) em sua vida mudou. Há mais ódio ou vulnerabilidade em seu olhar? O que faz com que Matheus se sinta ameaçado? O que fortalece a ideia, como ele mesmo fala, ligada à imagem de criminosos, ou seja, a imagem do mal no olhar do filho? Seria lícito dizer que é o pacto narcísico da branquitude?

Lembrando de um momento da fala de Marcos que, ao ver o filho não realizando adequadamente as tarefas que lhe foram confiadas, faz logo uma relação com o que aprendera em família quando mais novo: negro indolente. É fundamental entender que o processo de escravização foi fortemente sustentado pelo uso de estereótipos negativos, pelo racismo e pelas relações de poder. O que faz alguém

branco pensar logo nessa imagem perpetuada historicamente e não admitir que a preguiça de um jovem negro seja reflexo apenas do ser adolescente? Infirmo que possa ser o pacto narcísico da branquitude.

Ao lembrar da análise das falas de Francisco nas quais tive dificuldade de identificar onde ele guardava seu racismo, há informações de comportamentos que ele pretende não mais reproduzir. No Brasil, o racismo é negado e se impõe por meio de um discurso sutil e eficaz, que se disfarça de inocência, de brincadeira, seja nas ações ou no vocabulário, por exemplo. O que reforça a ideia de que as ações do branco são inocentes, sem maldade? O que dá direito de erro ao branco? O pacto narcísico da branquitude?

Além da questão dos filhos negros e de enxergarem o racismo dentro de si ou de identificarem ou não as sutilezas do racismo, vimos neste trabalho o advento da adoção de crianças mais velhas e de adolescentes. Com certeza, o viés da indolência de Lucas e a ameaça iminente de Antônio, por exemplo, são reforçados por serem mais velhos. No entanto, seus pais não os devolveram. Não sei se já falei sobre isso, mas – durante o processo de adoção – há quem devolva crianças e/ ou jovens e esse assunto carece de uma maior atenção porque o retorno à situação anterior pode trazer traumas tão ou mais devastadores quanto o fato de permanecerem muito tempo nos abrigos. No caso das adoções inter-raciais e de crianças mais velhas e de adolescentes, as devoluções ocorrem em maior número. Entender, ao final, que alguns comportamentos dos filhos podem ter relação apenas com a fase da vida pela qual passam e não têm nada a ver com o viés racial é uma forma segura para entendê-los, acolhê-los e amá-los porque “O amor cuida com carinho/ Respira o outro, cria o elo” e em família, é preciso que nossos filhos se considerem parte integrante e que tenham uma sensação de pertencimento. Em relação à racialidade, lembro-me de algo que defendi em algumas páginas desta tese: a necessidade de letramento racial por parte dos pais. Embora tenha havido certo desconforto externado por alguns deles, notei uma propensão a buscar esse conhecimento nos feedbacks recebidos a respeito das análises. Por isso, encerro esta seção com Francisco cujas palavras nos alertam de que é preciso “conhecer para desnaturalizar”.

“Amor é decisão, atitude/ Muito mais que sentimento”

Aproprio-me de alguns versos da canção que usei como epígrafe deste capítulo e que dialogam com a ideia já aventada por mim de que o amor é mais que um sentimento. Diz-se que adotar é um ato de coragem e amor incondicional, sem preconceito. Não vou rebater essa ideia, vinda do senso comum; porém – quando se fala de amor na adoção– que alcance as pessoas dão a tal palavra? Será o amor pelo filho uma grande afeição? hooks (2020, p.42) assevera que “afeição profunda não descreve de forma realmente adequada o significado do amor”.

Segundo a autora,

a afeição é apenas um dos ingredientes do amor. Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta (ibid., p.43)

Para hooks, o amor é um ato de vontade, ou seja, uma ação e uma intenção. Não precisamos amar. Decidimos amar. A autora nos chama para nos voltarmos para o amor. Se o desamor é a ordem do dia no mundo moderno e o racismo é uma das faces dessa ausência, falar sobre amor pode ser revolucionário. Então, como pais brancos podem mostrar seu amor pelos filhos negros e com isso lutarem contra o racismo?

Os pais – copesquisadores nesta tese – estão em busca de conhecimento, de desconstrução do racismo dentro de si e de buscar atitudes antirracistas. Isso demonstra, em certa medida, amor pelos filhos. Se foi a partir da chegada deles que começaram a olhar o mundo com outras lentes, é um começo e é preciso seguir neste caminho. Entretanto, ainda é pouco porque o amor não desfaz a estrutura social, e, sem ação, contra o racismo, o amor pouco pode (cf. 7.2). De que adianta um pai branco dizer que ama seu filho se não consegue se enxergar com privilégios advindos do pacto narcísico da branquitude? Na verdade, até aceitarmos que as relações raciais historicamente indicam um sistema de dominação branca e que esse pacto é uma forma de mantê-lo, continuaremos a agir de forma a enfraquecer e não legitimar as lutas individuais e coletivas pela libertação.

Então, se a existência da branquitude é uma forma de hierarquizar a cor, é necessário que a ética do amor se faça presente nas palavras, mas principalmente nos atos de cada pessoa branca que adota uma criança ou um jovem negro. É preciso despir-se dos privilégios (isso é possível?) para que se dê lugar à empatia cada vez mais escassa em nossa sociedade.

Anteriormente, aventei que o fato de Ana considerar chamar a polícia, se comparada a uma mãe preta, e ser possivelmente atendida, tinha a ver com o privilégio da branquitude. Por outro lado, o desconcerto de não saber o que fazer aliado ao fato de tirar Kayo de dentro da loja é fruto do amor que nutre pelo filho. Creio que possa traçar um paralelo com o caso de Clara que, embora não tenha identificado diretamente no ocorrido o racismo, adverte a mãe quando esta esconde a bolsa na chegada de Antônio. A indignação e o espanto, emoções identificadas nas narrativas de Ana e Clara e que reforçam avaliações negativas em relação ao que presenciaram, são frutos da capacidade de amar (cf. objetivo geral, capítulo 1). Há também cuidado, compromisso e responsabilidade com o outro; elementos importantes para uma experiência de amor verdadeiro que pode alimentar alguém contra o desamor (hooks, 2020) como é o caso de qualquer reação contra um ato de racismo. Porém, reitero a advertência de hooks: este amor precisa ser uma intenção, uma ação.

Acredito também que há indícios de amor quando Francisco, Marcos e Matheus encaram o racismo dentro de si (cf. objetivo iii, capítulo 1) e tentam expressar que não coadunam com essa prática cristalizada pela ordem social e se sentem com vontade de superar esses pensamentos retrógrados e desumanos.

Neste momento, percebo como as famílias aqui apresentadas têm muito a superar. Kayo, Lucas e Antônio tiveram traumas em relação à separação de sua família biológica. Ana, Clara, Francisco, Matheus e Marcos precisam continuar superando a maneira brancocêntrica que lhes foi imposta de ver o mundo. Por mais que busquem um olhar antirracista, é no amor a esses meninos, no buscar entender as dores que a negritude carrega que terão os instrumentos necessários para apoiar os filhos. Eu, de um lado, sou esses pais que querem cuidar deles, amando-os para que não sofram, ou melhor, sofram menos e lutem para um mundo menos racista. Do outro, me sinto próximo desses garotos, com eles me identifico; porque, como negro, aprendi, desde cedo, o quão cruel é essa sociedade que quer sim nos ver

mortos. Entretanto, foi no amor da minha avó (já falei dela no capítulo 3) que vi que eu podia ser mais. Ela sim era a personificação do que hooks defende. Do seu jeito, com sua experiência de vida, mostrou-me que o amor tudo pode quando é sentido e materializado em ação.

Para ela, minha avó, todo o meu Amor preto e potente, com um trecho da epígrafe desta “inconclusão”:

Eu não tenho a bolha da proteção
Queria eu guardar tudo que amo
No castelo da minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida
Farei um altar pra comunhão
Nele, eu serei um com o mundo até ver
O ponto da emancipação
Porque eu descobri o segredo que me faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo

Agora sim, por ora, acho que acabei!

9

Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Moderna Plus Literatura. Volume Único**. Rio de Janeiro: Moderna, 2010.

ALBA-JUEZ, L.; THOMPSON, G. Introduction. In: THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. (ed.). **Evaluation in context**. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 2014. p.3-26

ALLWRIGHT, D. **Practitioner research: the case for exploratory practice**. The Modern language Journal, 89 (3), 2005, p. 353-366.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ANGELOU, Maya. **Mamãe & eu & mamãe**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; CAJAZEIRA, Roselma Vieira. **Emoções, crenças e identidades na formação de professores de Inglês**. CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, v. 16, n. 2, 1º sem. 2017, pp. 109- 131.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**, v.28, n.3, p.377-396. 2008.

BARCELOS, A. M. F. Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Orgs.) **Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes Editores, 2013, pp. 153-186.

BASTOS, L. C. (2004). **Narrativa e vida cotidiana**. Scripta, 8(14), pp. 118-127. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>>. Acesso em 02/10/2022

_____. **Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa**. Calidoscópico, v. 3, n. 2, maio-agosto 2005, pp. 74-87.

_____.; BIAR, L. A. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. DELTA, v.31, 2015, pp. 97-126.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 25-58.

_____. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. São Paulo, 2002. 169p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo.

_____. Pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148p

BIAR, L. A.; ORTON, N.; BASTOS, L. C. **A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de pós-verdade**. Linguagem em (Dis)curso (Online), v. 21, p. 231-251, 2021.

BRAGA, ANA C. S. "E, às vezes, funciona como um placebo, né?": **A construção de emoções e crenças docentes sobre o uso compulsório do material didático de língua inglesa para crianças** / Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. Disponível em Lei Nº 8.069/1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. | SITEAL (unesco.org). Acesso em 7/11/2022 às 18h

BRASIL. **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA)**. Disponível em: <<https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-74b5b5b31a2&sheet=4f1d9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&opt=cursel&select=clearall>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BUTLER, JUDITH. **Em perigo/perigoso: racismo esquemático e paranoia branca**. Tradução: Fabiana A. A. Jardim. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 46, e460100302, 2020.

CHABOT, S. (2008). Love and Revolution. Critical Sociology. In: ZEMBYLAS, M; LANAS, M. **Towards a Transformational Political Concept of Love in Critical Education**. Springer Science+Business Media Dordrecht, 2014.

COELHO, Maria Cláudia. **Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções**. Mana, n. 16 (2), 2010, pp. 265-285.

CORTAZZI, M.; JIM, L. Evaluating evaluation in narrative. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). **Introduction. Evaluation in text**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

COSTA, Nina Rosa do Amaral, ROSSETTI-FERREIRA, M.C. (2007). **Tornar-se Pai e Mãe em um Processo de Adoção Tardia**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 425-434, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a10v20n3.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, jan. 2002, pp. 171–188.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etmológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, A. N. S. et al. *Prática Exploratória em contextos de pesquisas acadêmicas: contribuições ético-metodológicas em investigações recentes*. VIII Congresso Latino-americano de formação de professores de línguas. **Anais do Congresso Latino-americano de Formação de Professores de Línguas**, Uberlândia (MG): UFU, 2021. pp. 21-37. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/clafpl2021/>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Ronara Veloso Bonifácio da; FONSECA, Célia Maria Souto Maior de Souza. **A adoção de crianças maiores na perspectiva dos pais adotivos**. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 1, nº1, jun. 2008, pp. 28-35. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a04.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

DVOSKIN, Gabriel. **Discurso relatado e posicionamentos ideológicos: a distribuição social do saber e do poder no discurso midiático**. In Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso 15 (4) São Paulo • Oct-Dec 2020 pp. 193-213

ESPÍNDOLA, Sandro Pitthan. **Filho, qual é a sua raça?: racismo institucional através do Cadastro Nacional de Adoção**. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2019, 177 f.

FABRÍCIO, Branca Falabella. *Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem” – Redescobertas em curso*. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006, pp.45-65.

_____ ; BASTOS, L.C. (2009). *Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do nós perante o outro*. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição. (Org.). **Discursos socioculturais em interação. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos**

contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 39-66.

_____ ; MOITA LOPES, L.P. **Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada.** Calidoscópio, v. 17, n. 4, dezembro 2019, pp. 711-723.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Cleoni. **Dicionário Paulo Freire.** STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). 2ª ed., rev. amp. 1. reimp., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 37-38.

FERREIRA, Aparecida Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas.** Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GABER, Ivor; ALDRIGE, Jane. (eds). **In the Best interest of the Child. Culture, Identity and Transracial Adoption.** London: Free Association Books, 1994. In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios do racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GEE J. P. Discourse, small-d, big D. In: TRACY, K.; SANDEL, T.; ILLIE, C. (Eds.), **The international encyclopedia of language and social interaction.** Wiley-Blackwell, 2015

GÓES, José Roberto; FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: DEL PRIORE; Mary (Org). **História das Crianças no Brasil.** São Paulo, SP: Contexto, 2006.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **A força educativa e emancipatória do movimento negro em tempos de fragilidade democrática.** Revista Teias v. 21 • n. 62 • jul./set. 2020 • Ensaio • Seção Temática Raça e Cultura (p.360 a 371)

GUTIERREZ, Horácio. **O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII.** Revista de História, São Paulo, n. 120, pp. 59-72. jan/jul. 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar.** 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994.

HOUAISS, Antônio (dicionário)
https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em 24/10/2023 às 14:07

HRAPCZYNKI, K. M.; LESLIE, L. A.; KIM, H. **Family functioning and racial socialization in transracial adoptive families.** *Family Relations*, 71(5), pp. 1917–1932, 2022.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2020.

JUBÉ, Joaquim Fleury Ramos **Adoção tardia: um novo (re)começo?** Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios do racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____; WALETZKY, J. **Narrative analysis: oral versions of personal experience.** IN: HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts.* Seattle: University of Washington Press, 1967.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias. Antropologia das Emoções.** Petrópolis: Vozes, 2009.

LINDE, Charlotte – **Evaluation as Linguistic Structure and Social Practice In – The Construction of Professional Discourse.** GUNNARSSON, Britt Louise; LINELL, Per; NORDBERG, Bengt (Org.) – Routledge – New York, 1997.

_____. **Life stories. The creation of coherence.** New York: Oxford University Press, 1993.

MARINGONI Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição.** Desafios do desenvolvimento, ano 8, edição 70, 2011. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2673:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MATURANA, H. Uma Abordagem da Educação Atual na Perspectiva da Biologia do Conhecimento. In: MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade.** Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MILLER, Inés Kayon; BARRETO, Beatriz de Castro; MONTEIRO, Maria Cristina Guimarães de Goes. Por que trabalhar com a prática exploratória na formação inicial de professores? In: SANTOS, William Soares dos; REIS, Maria Cláudia Bokel. **Formação de professores de línguas em múltiplos contextos: construindo pontes de saberes e agenciamentos**. Campinas. SP: Pontes Editores, 2015.

MINA, João Pedro Pereira. O dia em que conheci o racismo. In: PASSOS, André Luiz dos. (Org.) **Conversas Pretas e Outros Papos**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021, pp.17-21.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

_____. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: Interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

_____. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, vol. 10, n. 2, 1994, pp. 329-338.

_____. Narrativa como processo de construção de identidade social e de raça. In: MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MORAES BEZERRA. I. C. R. **“Com quantos fios se tece uma reflexão” Narrativas e argumentações no tear da interação**. 2007. 302 f. Tese (Doutorado). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Prática Exploratória e a formação inicial do professor reflexivo: “o que vai ficar para os alunos?”**: Revista Contemporânea de Educação, n.13, p.59-76, 2012

_____; NUNES, Diego Fernandes Coelho. Afeto e aquisição de segunda língua: a estória de uma licencianda. In: CARVALHO, Gisele; ROCHA, Décio; VASCONCELLOS, Zinda (Org.). **Linguagem: Teoria, Análises e Aplicações** (7). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras/UERJ, 2013.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo / Adilson Moreira**. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

MOREIRA, Silvana do Monte. **Adoção: desconstruindo mitos entre laços e entrelaços**. Curitiba: Juruá, 2020.

MOURA, Sabine Mendes Lima. **Parangolelizando entendimentos: agentividade e enquadres em um evento exploratório**. VEREDAS ONLINE, TEMÁTICA – v. 22, nº 1, 2018, PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA. Disponível em: <XXXXXXXXXX>. Acesso em: XX de XX de XXXX.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978

NÓBREGA, A. N. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

NUNES, Diego Fernandes Coelho. **De onde viemos, para onde iremos: conversas sobre a prática exploratória e sua ecologia de saberes**. 149 f. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. **Experiências de ontem na construção de quem somos hoje: Prática Exploratória como fundamento sustentável no ensino e na pesquisa**. 161 f. 2017. Mestrado (Dissertação em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PASSOS, André Luiz dos. **Reforço escolar - um instrumento para a qualidade da educação do Rio de Janeiro**. 118 p. 2013. Mestrado (Dissertação em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

_____. (Org.). **Conversas Pretas e Outros Papos**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.

PENNYCOOK, Alastrair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006, pp.67-83.

PIEIDADE, Renan Silva da. **(Des)aprendizagens crítico-reflexivas no/sobre os Candomblés : trajetórias, performances e formas de vida autoetnografadas** / Renan Silva da Piedade ; orientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. – 2023. 270 f. : il. color.; 30 cm Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023

PIRES, Amanda da Silva Madeira; SALES, Mara Marçal. **Filho não se acolhe, filho se escolhe: a experiência de pais e mãe na adoção de crianças maiores e de adolescentes**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 5, n. 10, jul./dez. 2020, pp.312-334.

PIRES, Carolina Zeferino; DOMANSKI, Letícia. **Engajamento sob o viés da linguística sistêmico-funcional em texto midiático: análise de um artigo de opinião de Miriam Leitão**. *Organon*, Porto Alegre, v. 36, n. 71, pp. 71-90, jan./jun. 2021.

REZENDE, C.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

_____. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTIAGO, Lucas Felipe de Oliveira. **Rimando com a outridade: (meta)pragmáticas nas/sobre Batalhas de Rap femininas no YouTube**. 136 f. 2022. Mestrado (Dissertação em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre a cor e o amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

_____. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia, e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2012.

SILVA, Vinícius Rodrigues Costa da.; FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Políticas do amor e sociedades do amanhã**. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, set. 2019, pp. 168-182.

SHOSHANA, A. **Translating a national grand narrative into a personal biographies: Alternative biographies among siblings in everyday life**. *Narrative Inquiry*, v. 23, n. 1, p. 171-191, 2013

SIMONETTI, Richard. **Uma razão para viver**. São Paulo: CEAC, 2000.

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações da família escrava (Brasil Sudeste, Século XIX)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUZA, A. M. N. **A Família e seu Espaço: uma proposta de terapia familiar**. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Adoção tardia: devolução ou desistência de um filho? A necessária preparação para a adoção**. Curitiba: Juruá, 2012.

VARGAS, Marлизete Maldonado. **Adoção tardia: Da família sonhada à família possível**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. pp. 17-35.

ZEMBYLAS, M; LANAS, M. **Towards a Transformational Political Concept of Love in Critical Education.** Springer Science+Business Media Dordrecht, 2014.

10

Anexos

Anexo 1

Parecer do projeto aprovado

**CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio****Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 029/2021 – Protocolo 47/2021**

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: "Socioconstrução de emoções em narrativas de adotantes de crianças negras diante dos estigmas a que os filhos são submetidos: Um olhar autoetnográfico" (Departamento de Letras da PUC-Rio)

Autor: André Luiz dos Passos (Doutorando do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Orientadora: Inês Kayon de Miller (Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio)


Coorientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega (Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa qualitativa de cunho autoetnográfico que visa investigar a construção discursiva das emoções que emergem de narrativas de pais de crianças e adolescentes, de adoção tardia, diante de situações de preconceito racial pelos quais seus filhos passaram ou passam. Adota a metodologia de pesquisa do praticante, abordando três casais, pais de crianças e adolescentes negros, adotados, por meio de "conversa exploratória" (entrevista) através de plataforma digital. Tem como suporte teórico básico a Teoria Linguística Aplicada Contemporânea.

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo expõe com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garante o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informa sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado


Prof. José Ricardo Bergmann
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio


Profª Ilda Lopes Rodrigues da Silva
Coordenadora da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2021.

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea – 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
e-mail: vrac@puc-rio.br

Anexo 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Este

projeto segue as normas éticas estabelecidas na Resolução de Nº 510 de 7 de abril de 2016.

TÍTULO: Socioconstrução de emoções em narrativas de adotantes de crianças negras diante estigmas a que os filhos são submetidos: um olhar autoetnográfico. (TÍTULO PROVISÓRIO)

OBJETIVO DO ESTUDO: Entender, através da promoção de conversas exploratórias, o cunho micropolítico das emoções que emergem das narrativas dos pais de crianças e adolescentes negros adotados diante de situações de preconceito racial pelas quais seus filhos passam ou passaram e, no caso dessa pesquisa, pelo fato de serem adotados.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, realizaremos conversas com os outros participantes presentes, as quais serão gravadas em áudio e/ ou em vídeo e, posteriormente, transcritas. É possível que tenhamos uma conversa individual, caso você não possa estar presente na conversa coletiva e/ou não se sinta confortável de integrá-la por quaisquer razões, as quais serão respeitadas. Utilizaremos os dados gerados na conversa como o foco da pesquisa.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO E/ OU EM VÍDEO: As interações serão gravadas em áudio e/ou em vídeo (se você permitir) As gravações serão utilizadas para estudos acadêmicos. Você escolhe se usará o seu nome, ou se optará pelo anonimato. Tais gravações serão utilizadas somente para geração de dados para a pesquisa. Se você não quiser ser gravado, informe ao pesquisador, o qual poderá buscar outras formas de gerar dados, como a escrita de textos, por exemplo.

QUAIS SÃO OS EVENTUAIS RISCOS AO PARTICIPAR DO ESTUDO?
Esta pesquisa possui riscos mínimos. Você pode considerar certas perguntas desconfortáveis porque as informações geradas são sobre suas experiências subjetivas e posicionamentos pessoais. De modo a reduzir esse possível mal-estar, a conversa será construída de maneira aberta e flexível, sendo possível sua eventual

reformulação (quanto ao tema em si ou ao ângulo em que o mesmo é abordado) ou até o seu encerramento, caso assim deseje qualquer um dos participantes. Dessa forma, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o/a façam sentir-se incomodado(a), sugerir redirecionamentos no desenvolvimento da conversa ou solicitar o seu encerramento, tendo em conta que tal escolha não acarreta qualquer ônus, a qualquer momento, antes, durante ou após a entrevista.

QUAIS SÃO OS POSSÍVEIS BENEFÍCIOS DE PARTICIPAR? Sua participação será de fundamental importância para o desenvolvimento deste estudo, pois, através da análise das interações gravadas durante a entrevista, poderemos tecer novos entendimentos sobre a relevância e a importância de se discutir o ato de adotar crianças com perfis diferentes dos mais procurados pelos pretendentes habilitados no SNA. Aliado a isso, é necessária uma desconstrução do racismo estrutural que assola nossa sociedade e do estigma que alguns filhos adotivos ainda carregam

REMUNERAÇÕES FINANCEIRAS E DESPESAS COM A PESQUISA: Nenhum incentivo ou recompensa financeira será dado pela sua participação nesta pesquisa, mas você também não terá nenhuma despesa ou qualquer tipo de custo pela sua participação nesta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi dito acima, se for de sua vontade, seu nome não aparecerá nas transcrições das gravações, bem como em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo dessa pesquisa revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa, bem como a instituição à qual são vinculados. Com isso, reafirmo a garantia do sigilo, a não identificação e a confidencialidade dos dados gerados em nossa entrevista, que serão utilizados para fins estritamente acadêmicos (na tese, em monografias de fins de curso, em artigos científicos), visando assegurar o sigilo da identidade dos participantes e de seus vínculos institucionais.

Ciente de que este termo de consentimento será assinado em duas vias, uma para mim, participante, e outra para o pesquisador, afirmo ter sido suficientemente esclarecido no que diz respeito às informações sobre o estudo acima citado, que li ou que foram lidas para mim. Ficaram claros para mim os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades ou prejuízo. Estou de acordo também com a utilização dos dados gerados na divulgação dos resultados da pesquisa em eventos científicos, periódicos da área, livros e eventos acadêmicos desde que se respeite a confidencialidade dos nomes dos participantes, a não ser no caso dos participantes que autorizarem a utilização de seus nomes.

Obrigado por ler essas informações! Se deseja autorizar sua participação neste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao pesquisador.

1 – Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de tirar dúvidas.

2 – Entendo que a minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima,

() autorizando o uso do meu nome.

() optando pelo anonimato.

Nome do/a participante:

Assinatura do/a participante:

Assinatura do Pesquisador:

Data: ____/____/____

CONTATO PARA INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Caso deseje, você poderá obter mais informações sobre esta pesquisa ou sobre o Câmaras de Ética em Pesquisas com:

a) André Luiz dos Passos, doutorando em Estudos da Linguagem, responsável por esta pesquisa, orientado pela Professora Doutora Inés Kayon de Miller:

Pesquisador: André Luiz dos Passos

Telefone: (21) 98440-2507

E-mail: prof.andrepassos@gmail.com

Pesquisadora Orientadora: Professora Doutora Inés Kayon de Miller

Telefone: (21) 3527-1444

E-mail: inesmiller@hotmail.com

b) Câmaras de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio):

Rua Marquês de São Vicente, 225

Edifício Kenedy, 2º andar
 Gávea - Rio de Janeiro (RJ)
 CEP: 22453-900
 Telefone: (21) 3527-1618

c) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio:

Departamento de Letras
 Rua Marquês de São Vicente, 225
 Ed. Padre Leonel Franca, 3º andar
 Gávea - Rio de Janeiro (RJ)
 CEP: 22451-900
 Telefone: (21) 3527-1447

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para o pesquisador.

Anexo 3

Conversas exploratórias na íntegra - Casos de racismo sofridos pelos filhos

11.3.1

Ana

André		Tim-Tim. Você lembra em que contexto e o porquê que a gente decidiu adotar?
Ana		Lembro. Foi quando você descobriu o diagnóstico, teve o diagnóstico de neurofibromatose plexiforme em dois mil e oito e a gente começou a procurar especialistas e... os especialistas, o doutor João, né, os outros também sempre desaconselharam que a gente tivesse filhos biológicos. E, então, a gente, é... pensou na adoção, justamente pelo seu quadro de saúde. Essa é uma doença genética e incurável, e a probabilidade da gente ter um filho portador dessa doença, né? Minimamente, cinquenta por cento. Então, a gente fez a opção pela adoção.
André		Pra você foi um problema?
Ana		Não. Nunca foi uma questão. A decisão da adoção não. Nunca foi uma questão.
André		Não ter filhos biológicos.

Ana		Também nunca foi um problema. Nunca foi uma situação. Tanto se a gente tivesse optado por não ter filhos biológicos, é... independente da sua, do seu problema de saúde? também não seria um problema pra mim.
André		E por que essa adoção, que é chamada de tardia? E por que a opção pela adoção interracial?
Ana		Bom, tardia, é... foi... é... foi, não foi bem uma escolha, porque o nosso perfil, a gente delimitou uma criança até seis anos de idade. Porque a gente tinha o objetivo de acompanhar a alfabetização, né? Esse início da escolarização da criança. Então, nosso perfil era até seis anos e adoção tardia não foi uma opção em primeiro, nUM primeiro momento, né? Ele, ela surge depois da Busca Ativa, né? Mas não foi uma opção, não tava dentro do nosso perfil. E... O que você perguntou?
André		A interracial.
Ana		Ah, a interracial. Porque você é negro e eu sou branca, e a gente queria adotar uma criança que fosse negro, parda. Na verdade, no nosso perfil, feito lá na equipe, né, com a psicóloga e com a assistente social, não, a gente não delimita, a gente colocou que não tinha problema nenhum, né? Independente da etnia, da cor da pele. Então, isso também nunca foi uma questão.
André		É. Quando, então, você já falou, então, que foi pela Busca Ativa, né? Mas, como foi, pra você, assim, a chegada do cara? Esse processo de chegada do Kayo, de adaptação, como e que foi?
Ana		Quando ele chegou ou na fase de aproximação?
André		Não. É, o que você queira falar, pode ser aproximação, adaptação ou só adaptação.
Ana		Bom, aproximação, acho que foi bem tranquila, né? Apesar da gente ter muitos deslocamentos até Belo Horizonte, porque, na ocasião, a gente morava no Rio de Janeiro, né? Na capital. Então, a gente teve muitos deslocamentos, muitas visitas e... é... entre os intervalos, nos dias de intervalo entre as visitas, a gente ligava pra ele, eu e você, e conversávamos e procuramos manter o vínculo,

	<p>né? Então, a aproximação não foi difícil, foi até bem tranquila. A equipe também, do Lar do Abrigo, onde ele tava, é uma equipe excelente, a gente foi muito bem recebido, muito bem assistido, são pessoas incríveis, o trabalho deles é de excelência. Então, não tive, não vejo, tenho nada que eu possa dizer. A não ser que foi excelente, foi ótimo e foi tranquilo. É... Quando o Kayo chegou mesmo, que a gente veio com período de experiência, né, nas férias de dezembro e iníciozinho do mês de janeiro, porque a juíza determinou que a gente deveria voltar dia vinte de janeiro com ele lá, na Vara da Infância de Belo Horizonte. É... Também foi tranquilo, né? Posso dizer.</p>
André	<p>Teve aquele momento de conhecer todo mundo, né? Momento de.</p>
Ana	<p>É. Momento mais de euforia, né? A chegada na família, conhecer todo mundo e passear. Foi o período de férias pra gente também, né? Que a gente é professor. É uma coisa muito importante, né? Eu tava acompanhada. Você tava comigo cem por cento do tempo. É... As pessoas da família também me apoiaram muito, os nossos amigos mais próximos também me apoiaram muito. Então, eu tive uma rede de apoio incrível nesse período. As coisas mudaram um pouquinho depois, no início da licença-maternidade, quando a gente veio, quando a juíza concedeu a guarda provisória pra dar continuidade ao processo de adoção até sair a sentença de adoção aqui, no Rio de Janeiro, né? Transferiu o processo da Vara, lá de Belo Horizonte, pra Primeira Vara da Infância, da Juventude e do Idoso na cidade do Rio de Janeiro.</p>
Ana	<p>- Eu tive muitas dificuldades, porque, é... Acho que, primeiro de tudo, porque eu me vi sozinha, e quando eu digo sozinha é sozinha no cotidiano mesmo. No dia a dia, né? A gente não tinha ninguém pra ajudar nas tarefas domésticas, né? Nenhuma empregada doméstica, diarista, babá ou qualquer coisa do gênero. A licença-paternidade nesse país é uma coisa lamentável, porque, na verdade, a licença-paternidade tinha que ser equivalente à licença-maternidade, né? Porque a filha do casal, então você teve pouquíssimo tempo comigo, com ele e eu fiquei, é... seis meses num primeiro. Seis não, quatro meses e meio no primeiro momento, né? Porque eu trabalhava em três escolas, uma delas particular, sozinha com ele, no cotidiano, né? Dar, manda tomar banho, escovar os dentes, fazer lição</p>

		de casa, leva pra escola, busca na escola, faz almoço, uma rotina cem por cento doméstica.
André		Sem ser nas férias, né?
Ana		Sem ser nas férias, é. Né? Por motivo de licença nenhuma, né? Já tive algumas licenças por motivo de saúde, mas, geralmente, eram curtas, enfim. Algumas questões assim. Então, me vi sozinha nos cuidados com o filho de nove anos de idade, sem o meu marido por perto. É... Aí tem uma personalidade um pouco difícil, demora a acatar ordens, né? Tem dificuldade com a questão da hierarquia, enfim. E, além disso, eu sou uma mulher branca, né? Eu fazia, eu acho, eu sou totalmente contrário do registro que ele tinha de mãe. Da mãe biológica dele, uma mulher negra que deixava ele fazer o que queria, porque, em diversas ocasiões, ela tava ausente em virtude da doença dela, né? Da dependência química. Então, ela largava as crianças. Ele, como irmão mais velho, é que cuidava dos irmãos e da casa. Então, ele se sentia muito, muito senhor de si. Não aceita ordem, né? Aceitar, cuidar era muito difícil pra ele, né? E fora que ele não entendia muito bem, né? Essa questão, né, que a figura feminina sempre foi um problema pra ele. Depois, eu vim entender isso na terapia com ele, né? Mas foi bem difícil chegar, tivemos vários.
André		A terapia...
Ana		Enfrentamentos, né?
André		A terapia dele, que você diz, que foi terapia pra todo mundo, né?
Ana		Pra todo mundo. É, pra família toda. E, além disso, eu também me senti muito reclusa. Eu, não só por não estar trabalhando, porque eu sempre tive uma vida muito autônoma, muito independente, né? Sempre fiz as mesmas escolhas, sempre fiz o que quis da minha vida, desde que eu me tornei adulta. Dentro do possível, né? Dentro das convenções sociais. E, de repente, eu me vi em casa, não saía pra nada. Eu fiquei cinco meses, é... voltados exclusivamente para os cuidados com o Kayo, com a maternidade. Eu saía, não ia a shopping, não ia ao salão de beleza, eu não ia ao teatro, eu não ia ao cinema, não ia à festa, que não fosse com ele, né? Eu não ia a reunião com os meus amigos, coisas que eu

		fazia com uma certa rup-... uma certa frequência.
André		Frequência.
Ana		- Então, eu me vi numa situação muito difícil. Não sei como é que eu não adoeci naquele período.
André		Você falou da mãe dele, né? Às vezes, você faz umas observações legais sobre ela, que você fala aqui. Quando ela faz a entrega, que, de alguma forma, também ela fez um bem, né? Por quê?
Ana		Porque eu acredito que, pra uma mãe, né, deve ser muito difícil. Primeiro, reconhecer a impossibilidade de criar os seus filhos, né? Eu acho que, pra essa mulher, deve ter sido um... Assim, ela deve ter sentido uma dor, uma tristeza, uma sensação de fracasso muito grande, né? Porque, no meu atendimento, a maternidade, por mais que ela não seja planejada ou desejada, e... Mas quando a mãe faz a opção de ter a criança né, de cuidar, como foi o caso dela, né? Ela optou por ter os filhos e cuidar dos filhos, e ela se vê impossibilitada disso por conta de uma doença grave, uma doença que traz impactos sociais e financeiros muito grandes, deve ser muito difícil, né? Deve ser uma dor muito complicada. E ela era muito jovem quando ele nasceu, enfim. Pelo que eu sei, não teve rede de apoio, não teve estrutura, enfim, uma série de coisas.
André		E voltando pra essa questão racial, né, que você falou, da falta de identificação e tudo, mas, na família, você sentiu? É, por conta da adoção ou da racialização? Você sentiu alguma, é... algum estranhamento, alguma dificuldade na família ou fora da família?
Ana		Na família, a gente sentiu inicialmente da sua mãe, né? Um distanciamento muito grande. A sua mãe demorou muito a fazer contato com o Kayo, a demonstrar algum interesse e algum afeto. Claro que isso foi superado muito rapidamente. Mas, no início, isso trouxe um incômodo pra gente, um questionamento. Ela foi a pessoa mais distante. Com relação à racialidade, não. Principalmente, na minha família mesmo. A minha mãe, as minhas irmãs, não. Talvez o marido da minha irmã do meio, mas ele não é uma pessoa que eu considero da

		minha família. Não tem significação nenhuma parental pra mim. Agora, de fora, sim. Os coleguinhas da escola do Kayo, algumas pessoas quando eu entrava em alguma loja, em algum lugar com ele, né? Imagina uma criança preta daquele tamanho: "Mãe, mãe, mãe", atrás de mim, as pessoas olhavam muito, né?
André		O que você sentia nesses olhares?
Ana		Curiosidade, espanto, algumas vezes ternura, acolhimento, acho que perpassa por tudo(.) enfim.
André		E: alguma situação de(.) preconceito que ele tenha passado, que você tenha presenciado(.) Você sentiu que foi uma questão racial?
Ana		Sim, sim-
André		E como é que foi pra você? Qual foi a situação? Como é que foi pra você?
Ana		Eu... Bom, a situação foi que eu entrei numa loja, a gente já tava morando aqui, em Teresópolis. Isso foi o que eu percebi claramente, que ficou assim muito evidente pra mim, né? (.) Não, aconteceram duas, mas uma (.) eu acho que é muito pelo desconhecimento das crianças talvez, não sei. Ele estudava numa escola lá no Rio, próximo a nossa casa, né? Ele tava no quarto ano, que a gente matriculou, e aí eu ia buscá-lo na escola sempre, né? Durante a licença e até mesmo depois que eu voltei a trabalhar aos poucos, eu consegui buscá-lo(.) E aí(.) as crianças da turma dele, os coleguinhas, achavam que eu era tia. Era tipo assim: a tia que ia buscar, a tia do transporte, alguma coisa do gênero (.) E aí um dia eles ouviram ele falar: "Ah, minha mãe, minha mãe, minha mãe chegou". E aí alguns perguntaram: "Ué, sua mãe? Achei que fosse sua tia. Ele: "Não, é a minha mãe". E aí alguém, um dos, uma das crianças, um dos meninos perguntou: "Ah, mas ela é branca"?. Ele: "É, mas é minha mãe". Então assim, não vejo exatamente como racismo, talvez um estranhamento, porque eram crianças do quarto ano, tinha uma faixa etária de dez anos. Então, talvez nesse sentido. E não foram todas não, algumas só, alguns meninos. E da outra vez que eu percebi nitidamente também foi uma situação de racismo, né? Fora alguns olhares, mas, no olhar, a gente não tem como atestar verbalmente. A gente já tava morando aqui, em Teresópolis, eu entrei numa loja, uma loja popular, uma loja até de médio porte aqui, da cidade, no centro da cidade, na base. Entrei pra ver alguma coisa, uma coisa corriqueira. E aí, é uma loja que tem duas entradas, porque

		é uma loja que fica exatamente de esquina. Sabe aquelas lojas que têm, que a entrada é dividida assim, por uma pilastra?
André		Uhum.
Ana		Então, eu entrei por um lado e aí ele entrou pelo outro. E eu me dirigi diretamente ao balcão pra perguntar alguma coisa que eu queria, eu já nem me lembro mais, e ele entrou pelo outro lado. E era próximo ao Carnaval, ao Halloween, era uma data comemorativa e tinha umas máscaras, umas fantasias e ele começou a mexer. Criança, né? Começou a pegar, mexer. E aí o balconista, não sei se é o dono da loja, se era só o vendedor, imediatamente veio enxotando: "Sai daqui, que que você quer garoto?". Assim, de forma bastante rude (.) e deselegante, enfim, <u>grosseira</u> . Imediatamente, eu fiquei tão perplexa que eu não consegui nem responder. Eu só falei assim: "Ele é meu filho". E segurei na mão do Kayo e saí da loja e nunca mais entrei nessa loja.(.) ININTELIGÍVEL. Hoje, com a cabeça, depois que eu saí de lá, com a cabeça mais assim, né? E até mediante as coisas, eu poderia ter chamado a polícia, poderia ter dado queixa, né? Poderia ter dado uma resposta à altura. Mas, na hora, eu fiquei tão perplexa, que eu não tive reação mesmo. Foi tão assim:: chocante pra mim, né? E segundo, porque a gente tava novo aqui, na cidade, tinha pouco tempo que a gente tava morando aqui (.) e ele não se deu conta, o Kayo não percebeu o que aconteceu. Eu que percebi, depois contei pra você. Mas ele mesmo não percebeu. Talvez se fosse hoje, sei lá, hoje, se eu passar, Deus me livre! Espero que não passe mais(.) Mas, enfim, a gente tá sujeito, né?
André		Mas sua reação seria diferente?
Ana		Seria outra. Imediatamente eu ia chamar o policial, eu ia na delegacia registrar queixa, né? Ia fazer um boletim de ocorrência e tudo. Mas, naquela ocasião, realmente eu fiquei muito perplexa e eu só pensei em tirá-lo dali, né? Já que ele não tinha, é... noção do que tava acontecendo efetivamente. Mas não foi covardia, foi choque, eu fiquei muito chocada.
André		Uhum
Ana		Eu fiquei muito sem reação, né? Fiquei perplexa assim, estática.
André		É porque era seu filho, né? Então, mais aquela reação de.
Ana		Sim, sim.

André		De proteção.
Ana		Sim.
André		De livrar daquela situação?
André		Né? Como você sente a sua consciência racial, hoje, em relação a ter um filho, filho negro?
Ana		Eu acho que eu tenho consciência racial desde sempre, na verdade. Né? A luta antirracista, na época que nem se falava nesse conceito, já era uma prática minha de muito tempo. Muito.
André		Seus alunos, com seus amigos.
Ana		Com os meus amigos. Eu tava outro dia me lembrando, né? No ensino médio, tinha uma amiga na turma que era negra, a Verônica. E ela era da minha panelinha, como diz você, que eu sou uma pessoa de panelinhas. Ela era do meu grupinho, né? Então, eu me vejo, já namorei vários rapazes negros, né? talvez com esclarecimento que a gente tem hoje em dia. Com conhecimento, né? Com as práticas antirracistas, com tudo que a gente tem de ferramenta pra lutar contra essa mancha horrorosa, contra essa coisa perniciososa. Mas, eu acredito que, nos últimos anos, mesmo antes do Kayo, né? Quando a gente se casou e que a gente, que você principalmente começou a se dedicar mais a esse tema, estudar, que a gente começou a ter mais esclarecimento. Que é uma pauta que vem fortemente sendo debatida nas escolas, principalmente eu, que sou professora de escola pública há muitos anos, né? Há quinze anos pelo menos. E que a gente vem conversando muito, muitos alunos nossos pretos, pobres e periféricos, né? Então, é algo que a gente sempre vem valorizando, né? Porque a gente realmente quer, acredita que a educação é a melhor ferramenta pra que a gente possa acabar com isso e que as pessoas possam entender, né? Que não tem nada, absolutamente nada, que justifique o racismo, qualquer forma de preconceito. Mas, eu acredito que esse engajamento, esse conhecimento, né, bibliográfico, didático, argumentativo, fundamentado, ele tá mais forte, né, nos últimos anos, a partir do momento que a gente vem estudando e conversando muito sobre a política de cotas, da inserção das pessoas negras no mercado de trabalho, ocupando posições de destaque, com acesso à universidade, com acesso a cargos, é...

Ana		De destaque, né?
André		Importantes, de chefia, até mesmo cargos públicos, né? Na esfera pública, enfim.
Ana		Então, é isso. Obrigado, meu amor, pela sua colaboração.
André		De nada.

11.3.2

Clara e Francisco

ANDRÉ		Então, é isso. Vamos começar. A pergunta-base, né, já que a... A tese vai versar dentre outros assuntos sobre adoção, né? É... Se vocês podem falar como é que foi esse processo da chegada do Antônio à família de vocês.
CLARA		Bom, é... O Antônio fazia parte, né, da, da evangelização espírita, da casa espírita que a gente frequentava. E... É, no horário da manhã, eu à tarde, e ele passou por um processo de primeira apreensão, né? E aí foi pra um abrigo. Eu, na época, coordenava esse grupo. E aí, é, a gente articulou. Ficamos sabendo e aí a gente articulou pra, pra ele sair do abrigo. Ok. Na segunda vez, ele foi pra uma instituição, que foi a Dom Bosco. E aí, é... Teve uma audiência. E aí nessa audiência a defensora pública, né, amiga nossa, nos convidou, sabendo que ninguém da família dele tinha se habilitado pra ir à audiência. É... Me convidou e um outro amigo, é... Pra que a gente fosse lá falar, depor, né, a favor do próprio, do Antônio, né? Pra que ele, é... Não tivesse, né, a... Como é que fala? A... Não é, a sentença, né?
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		De ficar até os 18 anos. Ele tinha 15 anos. Na época. E assim foi. E aí teve a audiência. Fui eu e Francisco e esse nosso amigo Matheus com o Marcos.
FRANCISCO		()
CLARA		Aham.
FRANCISCO		Porque eu e a CLARA, nós já manifestávamos interesse em adoção. Então, já era dos nossos planos, né? Nós. É. Clara, é, e eu sempre quise-, quise-. Nós sempre quise-. Qual é a palavra?
ANDRÉ		Quisemos.

FRANCISCO		Quisemos. Obrigado, meu amigo, mestre em Português. Nós sempre quisemos filhos. É... Pelo menos um filho nosso, né, que estivesse sob nossa tutela. E não imaginávamos, é... Por exemplo, um episódio como o momento da adoção. Mas nós tínhamos o interesse em adotar.
CLARA		A gente tava no processo de fertilização.
FRANCISCO		De fertilização. Nós tínhamos parado o processo. Vamos investir na adoção?
ANDRÉ		Mas não tinham se habilitado ainda?
CLARA		Não.
FRANCISCO		Não.
ANDRÉ		Não tinham começado processo nenhum ainda.
FRANCISCO		Não, mas estávamos decididos a.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Mas não tínhamos.
CLARA		É, isso era uma coisa que, né, já, já... Já era um desejo da gente, né? E aí ok. Fomos pra audiência, a gente, antes de sair, a gente fez uma reunião em casa, pensando nas possibilidades do que poderia acontecer. E a gente sabia que uma das possibilidades era uma guarda.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		() Antônio até pra entender, né, como é que seria a permanência, né, talvez de um pós, uma pós-situação. Porque ele tava abandonado. Quando a Clara fala assim, "ah, porque surgiu assim", a segunda vez que ficou, é, ali internado e se ninguém aparecesse ali em defesa ele ia ser sentenciado e permaneceria na instituição à noite.
CLARA		Até 18 anos.
FRANCISCO		Até 18 anos.
ANDRÉ		Mas ele não poderia ir pra um abrigo? Ele seria sentenciado por conta da infração, né?
CLARA		Porque já era a segunda vez. É.
FRANCISCO		Por conta da infração
ANDRÉ		Por conta da infração. Então, não caberia, nesse caso, ir pra um abrigo?
CLARA		Não.
FRANCISCO		Não, não.
ANDRÉ		E ser habilitado à adoção, né?
CLARA		Não. Ele ficaria lá até no julgamento, pra saber se ele sairia antes ou. Como teve vítima, ele, a vítima tava lá, depondo.
FRANCISCO		Tava lá, depondo.
CLARA		O policial que salvou ele, ele quase foi linchado nessa, nessa infração. Então, o policial tava lá, depondo também. Por isso que a... a Daiana, no caso, me chamou, porque ela sabia, ela tava acompanhando o processo, ela sabia que ia tá a vítima, que ia tá o policial.

ANDRÉ		Uhum
CLARA		E ninguém pra falar nada a favor.
FRANCISCO		A favor dele.
CLARA		Aí ela chamou eu e o Matheus pra falarmos algo, né, que, que fosse favorável a ele, pra que ele não ficasse lá até os 18 anos.
ANDRÉ		Uhum
CLARA		Porque fato é que... Ele estava abandonado pela família. Né? E a gente presenciou, nesse dia da audiência, vários adolescentes.
FRANCISCO		Na mesma situação.
CLARA		Que chamavam pela família e ninguém aparecia. Ponto. Sentença, volta pra instituição. Sentença, volta pra instituição. Porque não aparecia ninguém.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Né? Então.
FRANCISCO		É o filão dos abandonados ali.
CLARA		É. É uma, uma situação muito triste, muito triste. E... Então, a gente fez essa reunião antes de ir e fomos. Mas, na nossa cabeça, o que seria, qual seria o processo? Vamos para a audiência, vai ter todo o trâmite, é...
FRANCISCO		Legal.
CLARA		Burocrático, legal, jurídico rã rã rã. E tudo bem. Porque a gente, o dia que marcaram a audiência, era o dia que a gente tinha uma viagem familiar à noite. Então, a gente entendeu que pô, não ia ser ali, né? Ali, a gente ia manifestar o nosso desejo, mas tinha todo um trâmite.
ANA		()
CLARA		Tinha avô, né? Ele tem avô, ele tem um pai. Então, a gente.
ANDRÉ		De repente, tinha que comunicar essas pessoas pra.
CLARA		É. Ele tem um irmão mais velho, que era com ele tava morando. Então, a gente entendeu que, na nossa cabeça, ia levar um tempo pra tudo isso se ajeitar. E fato é, nós não conhecíamos o Antônio. Porque ele era do turno da manhã e eu, à tarde. Mas a gente não se encontrava.
FRANCISCO		Não tinha convívio.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Não tinha convívio. A gente teve um mínimo convívio num encontro de COMEERJ, encontro de carnaval que a gente participa e que tá aí.
FRANCISCO		Não houve.
CLARA		E nem era do nosso grupo.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Não houve interação momento algum.
CLARA		Não houve interação.
ANA		Gente, que louco.
CLARA		E aí fomos pra audiência. Chegamos na audiência, é uma situação muito

		constrangedora, porque o adolescente fica sentado com um policial do lado e você senta numa cadeira de frente pra juíza e você não pode falar com o adolescente. Você não pode ter contato.
FRANCISCO		Contato visual.
CLARA		Entendeu? Então, é muito estranho. Se eu não tinha nenhuma relação até então, continuava não tendo, porque ali eu não podia nem falar oi.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		E aí eu entrei primeiro que o Matheus, e aí ela me perguntou sobre, é, o que eu achava dele e tal. O que eu tinha de informação até então era que ele era super tranquilo e era abandono. E foi o que eu falei pra ela. Eu disse "olha, eu não acredito que ele tenha feito é o que fez, por, por...
ANDRÉ		Má índole.
CLARA		Que você chame de má índole, eu falei assim pra ela, ou por, né, arquitetar isso, não. Ele tava com um grupo e foi. "Ah, o que você gostaria que acontecesse com ele?". "Que ele tivesse uma nova chance e que ele não voltasse pra instituição pra ficar até os 18 anos". Porque eu já sabia, né?
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		E aí ela pergunta pra mim. "Você levaria ele pra casa?".
ANDRÉ		Assim, na lata?
CLARA		Na lata.
ANA		Eu tô falando, esse pessoal jurídico joga baixo.
CLARA		É. "Você levaria ele pra casa?". Aí eu...
FRANCISCO		Ela já falou isso já sabendo de uma possível negativa, que é o acontece noventa e nove por cento das chances.
ANA		É.
ANDRÉ		Uhum.
ANA		Com certeza.
ANDRÉ		Então, quando você fala que sim foi uma surpresa pra ela, né?
CLARA		Ela chorou e tudo.
ANA		Ah, meu Deus.
CLARA		A juíza chorou e tudo. Porque, quando ela falou, quando ela pergunta se eu levaria ele pra casa e aí inevitavelmente com todas as suas crenças, você pensa, agora. Sabe um momento glorioso na sua vida?
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Você. É... Se eu digo não, eu nego um monte de coisa que eu acredito, acima de tudo.
ANDRÉ		É.
CLARA		Fora. Sem, sem o desejo de, de, de adotar alguém, né? É... De um filho, é... Passa um

	monte de coisa na sua cabeça. Em segundos assim, sabe? Aquele flash. Eu falei sim. Agora? Eu falei caraca, agora não dá, né? A família inteira tá viajando às 8 da noite, agora são 3 e pouco da tarde, como é que eu, como é que eu faço?
ANDRÉ	Mas você falou isso pra ela?
CLARA	Falei. Eu falei "olha, eu vou viajar às 8 da noite, com a família inteira, a gente vai passar 10 dias fora. Não tem como levá-lo pra fora do país, não tem nem como ir. É.". "Uhum". "Como é que faz?". Aí ela insiste. "E não tem ninguém que possa ficar com ele?".
ANA	O Matheus já conhecia?
FRANCISCO	Já.
CLARA	Já. O Matheus era.
FRANCISCO	O Matheus era evangelizador e talvez a grande referência que ele tinha na Casa de Jesus. Tanto é que ele é o padrinho do Antônio.
CLARA	É. Era mais fácil ela perguntar isso pro Matheus.
FRANCISCO	Isso.
ANDRÉ	Mas você entrou primeiro.
FRANCISCO	Ela entrou primeiro.
CLARA	Eu, ().
ANDRÉ	Você entrou primeiro.
CLARA	Isso. Se o Matheus entra primeiro, talvez o Antônio não tivesse sido adotado.
FRANCISCO	Ou tivesse.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Tivesse sido adotado por ele.
ANDRÉ	E como a gente sabe que nada acontece por acaso.
FRANCISCO	Exatamente.
ANDRÉ	Mesmo, né?
ANA	Exato.
ANDRÉ	Primeiro, pode ser tudo. Primeiro as damas, C vem antes M de qualquer lógica.
CLARA	É. Qualquer coisa. Fui eu. Né? E aí eu falo isso. Aí eu falei assim, eu falei "olha, a única pessoa que pode, passa na minha cabeça é o Matheus, que tá aí fora, que a senhora vai entrevistar daqui a pouco". Ela, "então, tá bom. Chama o Sr. Matheus". Aí ela me passa pra cadeira de trás e eu fico do lado do Antônio sem poder.
ANDRÉ	Falar com ele.
CLARA	Interagir. Matheus senta na minha frente, de costas pra mim, de frente pra ela. E aí ele, ela faz a primeira pergunta igual, o que ele conhecia do Antônio, o que ele achava do Antônio. Aí ele contou a história, né, que era evangelizador pá pá pá bé bé bé. "Então, Sr. Matheus, eu estou dando a guarda temporária pra Sra. Clara, só que ela está

	indo viajar hoje e ficar 10 dias fora. O senhor pode ficar com ele na sua casa enquanto ela viaja?". Matheus vira pra trás. Eu só faço assim pra ele (faz um gesto de "fazer o quê" com as mãos).
ANDRÉ	Gente do céu. Que juíza, gente
FRANCISCO	Que juíza.
CLARA	Aí o que eu fiz?
FRANCISCO	Tudo que eu sonho é reencontrá-la.
ANA	É.
CLARA	Não, a gente quer reencontrá-la. Né? Até agora, porque ele terminou o ensino médio e tal, a gente quer reencontrá-la. Eu. A cara do Matheus é muito marcante na minha cabeça, porque ele só vira assim pra mim, tipo...
ANA	E agora?
CLARA	O que é isso? O que tá acontecendo? Eu só fiz assim pra ele, tipo. Eu não podia falar com ele também.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Meu gesto foi esse.
ANA	Foi surpreendente.
CLARA	É isso, amigo, que temos para hoje. E aí, "ok, posso". Só que o Francisco estava do lado de fora.
ANDRÉ	E o Francisco não sabia disso ainda.
FRANCISCO	Não.
CLARA	Não
FRANCISCO	Alienado de todas as informações.
CLARA	Não. E o Marcos também não.
FRANCISCO	Antes de entrar, Clara pegou assim. "Aconteça o que acontecer, a gente vai junto". Eu, "Com certeza. A gente vai junto pro que der e vier. Seja feita a vontade de Deus". Entrou.
CLARA	Mas nunca imaginava.
FRANCISCO	A gente nunca imaginava.
CLARA	Que ia desenrolar dessa forma.
ANA	Dessa forma.
FRANCISCO	Desse jeito.
CLARA	E aí quando o Matheus disse que sim, aí ela se emocionou. Deu um sermão no Antônio, dizendo "olha, isso é muito raro de acontecer. Essa é uma oportunidade que a vida tá dando de ouro e tal, rã rã rã". Aí falou um monte, que eu não lembro todas as palavras dela, mas foi nesse caminho, né? Dele entender o que tava acontecendo. Tadinho, ele não entendeu, porque era tudo muito misturado.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	É.
CLARA	Na cabeça dele.
FRANCISCO	E até () um processo. Hoje talvez ele tivesse bem condições de compreender o que estava

	sendo falado. Mas, naquele momento, da emoção.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	E o processo de construção. Né?
CLARA	O medo também.
FRANCISCO	É, o medo. Vários fatores ali, é, naquela, naquele ambiente, eu acho que foi um momento de uh, onde o vento soprar eu tô indo.
CLARA	Porque ele já tinha. É. Porque ele já tinha ouvido a...
ANDRÉ	As testemunhas.
CLARA	A testemunha, né? A vítima.
FRANCISCO	Atacando.
CLARA	E um... e o PM. Nós fomos os últimos, entendeu?
ANA	Então, ele já viu que a situação 'tava.
ANDRÉ	Feia.
CLARA	Tava crítica. Né? É... Então, assim. E aí ela se emocionou, não sei o quê. E aí começa uma maratona, né? Porque já era, já era quase 4 horas e eu ainda tinha que arrumar, é... Coisas, tinha que buscar a Bruna no Catete, pra ir pro.
ANDRÉ	Pro aeroporto.
CLARA	Pro aeroporto. Ele não tinha roupa, porque ele tava com o uniforme da instituição, do Dom Bosco.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Aí, eu não sei por quê. É... Você conhece a Adriana Pereira e o...
ANDRÉ	Sim, sim.
CLARA	Herbert. Eu não sei por que eles brotaram lá, se o Herbert voltou, se ele foi buscar a Taiana, eu não sei o que houve. Eu sei que ele brotou lá e ele arrumou roupa pro Antônio. Eu não sei como. Até hoje eu nunca perguntei isso pra ele. Eu sei que. Não foi, amor?
ANDRÉ	Taiana é filha deles?
CLARA	Não, é sobrinha.
ANDRÉ	Sobrinha.
CLARA	Eu não sei o que houve. Eu sei que brotou roupa dele lá, porque ainda tinha todo o trâmite, sabe?
FRANCISCO	Isso. Eu sei que ele saiu vestido.
CLARA	E de chinelo.
FRANCISCO	Saiu com uma roupa grandona, um short
CLARA	Porque é isso. Ele ia passar 10 dias com o Matheus, sem roupa.
FRANCISCO	De volta aos anos 80.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Entendeu? Não tinha roupa pro menino. Passar 10 dias.
FRANCISCO	() sem nada.

ANDRÉ	É, porque as coisas dele deviam estar na casa do avô, na casa do irmão, né?
CLARA	Do irmão. Exato.
FRANCISCO	Foi, é, literalmente um lugar de renascimento, sabe?
CLARA	É.
FRANCISCO	Porque foi um lugar em que ele começou com a roupa, como veio ao mundo. É muito simbólico esse.
ANA	É.
ANDRÉ	E, e...
CLARA	7 de julho.
ANDRÉ	E assim, o mais, o mais... Não sei se é estranho, né, mas assim, porque quando a gente adotou o Kayo, a gente teve todo o processo de, de aproximação. Né? A gente. Foi quanto tempo, amor? Dois meses quase.
ANA	Dois meses.
ANDRÉ	Quase dois meses, de 15 em 15 dias.
ANA	De outubro a dezembro.
ANDRÉ	Indo e voltando.
ANA	É.
ANDRÉ	A, a...
ANA	BH.
ANDRÉ	A BH. Tudo, até, né? Criamos um vínculo com ele de, naqueles quinze dias que a gente não ia, a gente ligava todos os dias pra ele. Ficava ali 15, 20 minutos cada um. A gente combinou de ligar separadamente, né? Pra ele ver essa importância. A gente teve, vocês não tiveram, né?
FRANCISCO	Não.
ANDRÉ	Foi assim, toma literalmente.
FRANCISCO	Foi no susto.
ANDRÉ	Toma que o filho é teu.
CLARA	Exato.
ANDRÉ	Não é? E assim, quando.
ANA	Caiu no seu colo.
ANDRÉ	Quando vocês pensavam em adotar, falavam, vocês tinham uma idade? Até uns, ou vocês não.
CLARA	Não. Criança a gente não queria pequena pela minha vida, né?
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Porque eu viajo muito a trabalho. Então, criança pequena não seria uma opção pra gente.
ANDRÉ	Então, uma criança mais velha já era...
FRANCISCO	É...
ANDRÉ	Já estaria no, no... radar.
FRANCISCO	Aí já pensaria, de repente uns 10, 11 anos, era uma idade que a gente.
CLARA	É.

FRANCISCO	Talvez fosse nesse lugar. Surgiu essa situação. Na época, o Antônio com 15 anos, já toda uma história construída. E foi uma história assim, como a gente fala que é, como a Clara falou que era um abandono. Você não imagina os bastidores da história, né? O pai, é, ele apareceu, depois disso, dessa situação.
CLARA	Enquanto a gente tava viajando.
FRANCISCO	Quando a gente viajou, o pai voltou a visitá-lo. Né? Ele nunca teve contato com o pai. Ele voltou, "ah, qualquer coisa eu volto". Mas aí ele. O Matheus investigando, tava sob a custódia do Matheus, ele investigando, o pai tava sob, é...
CLARA	Condicional.
FRANCISCO	Condicional. Ele já tinha se envolvido com criminalidade, morava fora. E aí ele, "ah, um dia eu vou voltar" e não voltou. Né? Então, ele foi, criou uma expectativa de possível retorno e não retornou mais uma vez.
CLARA	Mais um abandono.
FRANCISCO	A mãe, é... Porque. Ele sempre viveu numa situação de muita vulnerabilidade social, né? Ele teve essa condição de pobreza mesmo, né? Morou, é, numa situação bem, bem hostil. E a mãe, ela, em determinado momento, começou a usar drogas pesadas, como crack. E isso fez com que ela saísse de um eixo, entrasse numa rota de autodestruição, e os filhos acompanhando esse processo. Ela morre atropelada. E aí ele vai, ele é adotado pelo irmão mais velho.
CLARA	Primeiramente pelo avô.
FRANCISCO	É. Primeiramente pelo avô.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	O avô fala "eu não tenho condições de ficar".
CLARA	Porque.
FRANCISCO	"com os três". Porque são quatro irmãos. A mais velha foi criada por uma outra família, então, na verdade, quem conviviam eram os três.
CLARA	Não, eram cinco, né?
FRANCISCO	É. Cinco, perdão.
CLARA	Porque tem o Ronaldo.
FRANCISCO	É verdade.
CLARA	O Ronaldo, que é o mais velho.
FRANCISCO	O mais velho.
CLARA	A Mariana, desde pequena, foi adotada por uma outra família. E aí tinha o Lucas, a Suzana e o... e o Antônio.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	A Suzana é a mais novinha. A Suzana, o avô falou "eu fico com a Suzana, mas com"....
ANDRÉ	Com os dois.

CLARA	"Com os três, não dá". Aí foi Antônio e Lucas morar com o mais velho, com o Ronaldo.
FRANCISCO	Isso.
CLARA	Entendeu? Ele ficou com a Suzana
FRANCISCO	E o Ronaldo, ele entrava em apertos constantes.
CLARA	Aí ele ainda volta um tempo com, pro avô. O avô fala que não, que não dá conta. E aí nessa coisa de vai pra lá, vai indo pra cá, ele foi morar na rua. Foi morar com um amigo.
FRANCISCO	Exatamente. E aí deu todo um.
ANDRÉ	Na rua?
FRANCISCO	É.
ANDRÉ	E o Lucas chegou a ir também pra rua?
CLARA	Não.
FRANCISCO	Não. O Lucas ficou.
CLARA	O Lucas ficou com o Ronaldo.
ANDRÉ	Com o Ronaldo.
FRANCISCO	Mas o Antônio foi morar com amigos.
CLARA	No Jacarezinho.
FRANCISCO	É, no Jacarezinho. Numa comunidade de menores infratores, né, que saiam pra fazer seus ganhos.
ANDRÉ	O <i>Capitães da Areia</i> do, do Jacarezinho.
CLARA	Do Jacarezinho. Exatamente.
FRANCISCO	O Antônio, foi um capitão, se ele ler <i>Capitães da Areia</i> ele vai.
ANDRÉ	Ele vai se reconhecer.
FRANCISCO	Ele vai se reconhecer. Porque é um lugar que ele fez parte assim, né? E aí acabou sendo, nunca tinha havido feito nenhum, mesmo com aquelas vivências que ele tinha com a mãe.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	Nunca foi envolvido com criminalidade.
CLARA	É, ele vendia coisas.
FRANCISCO	É. Exatamente.
CLARA	É... no sinal.
FRANCISCO	No sinal.
CLARA	Ela botava eles, né, pra vender as coisas e levar.
FRANCISCO	A partir da hora que ele sai de casa, ele se envolve. E aí é direto.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	Aí utiliza drogas, né? Consumo de maconha. Então, vem todo um processo também.
ANDRÉ	É... Tá sendo oferecido ali, né?
FRANCISCO	Exato.
ANDRÉ	Tá naquela meiuca.
ANA	Eu acho até que como forma de anestésiar tanto sofrimento, né?
ANDRÉ	É...
ANA	Acho que a pessoa meio que se desloca ali, né?

FRANCISCO	Isso. Eu sei que ele teve uma vivência muito intensa nesse lugar e acaba...
ANDRÉ	Isso.
FRANCISCO	E a gente foi decodificando isso.
ANDRÉ	Com o passar do tempo.
FRANCISCO	Na convivência. Em que os fragmentos. O que acontece? Algumas situações do Antônio, é, não ficaram gravadas na memória.
CLARA	Ai.
FRANCISCO	Desculpa. Saiu uma paulada na gravação. Mas são pequenos retalhos que a gente foi juntando um quebra-cabeças.
CLARA	É, às vezes ele lembra de uma coisa, depois, aí conta de um jeito, depois ele contava de outro, sabe?
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	As coisas se misturam na cabeça dele.
FRANCISCO	Isso. Então...
ANA	Mas isso.
FRANCISCO	Fala.
ANA	Não, é... é porque é um mecanismo de defesa, eu acho.
FRANCISCO	Claro.
ANA	Esse apagamento, né?
FRANCISCO	Já não tem lugar pra essa dor tão intensa que foi vivida.
ANA	É.
FRANCISCO	E aí o que acontece? Uma das primeiras, é... Estratégias nossa foi colocar na terapia. Então, Antônio tá em terapia desde que botou o pé lá em casa.
ANDRÉ	O Kayo também. Kayo ficou 2 anos, com, com...
ANA	Álvaro.
ANDRÉ	Com o Álvaro. E aí logo, a gente veio pra cá, ficou 1 ano e meio, né? E aí começou a pandemia, metade da pandemia a gente colocou de novo. É necessário, né?
ANA	É.
CLARA	Não, ele foi.
ANDRÉ	Porque muitas coisas eles não falam pra gente.
CLARA	É.
ANDRÉ	Não conseguem, né?
FRANCISCO	Exato. É um mundo particular deles.
CLARA	O que a gente percebeu, né? Ele tinha uma questão cognitiva muito importante, porque ele 'tava na terceira série.
FRANCISCO	Primário.
ANDRÉ	Com 15 anos?
CLARA	Com 15 anos.
FRANCISCO	Com 15 anos. Terceira série primaria.
CLARA	Aí gente identificou um, um... Um atraso assim cognitivo, né? E aí.

CLARA	Fala, meu amor.
CRIANÇA	Minha mãe.
FRANCISCO	Tá voltan-.
CLARA	Tá lá em cima, com o Mateus.
FRANCISCO	Tua mãe?
CRIANÇA	Aham.
FRANCISCO	Se ela não chegou.
CRIANÇA	Ela já chegou.
FRANCISCO	Ela deve tá lá em cima com o Pepeu. Vê lá.
ANDRÉ	Já parou de jogar, filho?
FILHO	Oi?
ANDRÉ	Parou de jogar?
FILHO	Vou jogar no celular. É... Mãe, é... Cadê tua bolsa?
ANA	Tá aqui. O que você quer? O carregador?
FILHO	É.
FRANCISCO	Salvador da Pátria, esse carregador aí.
ANDRÉ	Mas ele, hoje, ter terminado o ensino médio, eu vi a foto lá, agradei.
ANA	É. Muito legal.
ANDRÉ	Agradei suas palavras. É uma vitória mesmo.
FRANCISCO	Você teve um, você sabe, né? Eu até me emociono de falar um pouquinho. (). Aquele momento de troca de escola, a gente ficava. Meio perdido, né? Como é que vai ser? Como é que as coisas vão acontecer? E a gente teve muita gente do lado pra gente poder ter vivido (). Se não fosse sem os amigos, se não fossem aquelas pessoas que cuidassem (). Eu vou comprar por vocês esse barulho. Sabe? Tanto no aspecto familiar, ele foi também muito acolhido pela família, né? Assim, Gabi. Gabi. Ela. Caraca. Era o chamego.
ANDRÉ	Gabi é a sobrinha?
FRANCISCO	É a sobrinha. Chamegou o Antônio.
CLARA	Desde o início.
FRANCISCO	Desde que ele colocou o pé lá. Foi muito interessante.
ANDRÉ	Isso que eu ia perguntar. Vocês chegaram com um garoto de 15 anos.
CLARA	É, mas foi interessante a nossa viagem. Olha só.
ANDRÉ	Aí já preparou a galera.
FRANCISCO	É.
CLARA	A gente teve 10 dias pra gente se preparar internamente. A Bruna, minha filha mais velha, tinha saído de casa.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	É.
CLARA	No início do ano. Isso era julho. Em janeiro, ela tinha saído de casa. Então, o quarto dela vagou.
FRANCISCO	Caralho, foi muito inexplicável.

CLARA	Aí a gente, na viagem, foi se organizando, como é que ia ser a chegada dele. Tinha que avisar minha mãe, minha mãe mora com a gente.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Então, né, tinha que avisar minha mãe.
ANDRÉ	Uma pessoa estranha dentro de casa.
CLARA	É.
ANDRÉ	Pra ela.
CLARA	Minha mãe é uma idosa. Então, a gente foi, teve esse tempo, né, de se organizar, né? Internamente, vamos dizer assim, pra que ele chegasse, né? Entendeu?
ANA	Ir processando, né?
CLARA	É.
ANDRÉ	Mas fora isso, o em torno, a família foi legal? Muitos amigos. Mas houve, é, quem estranhasse? O fato de ser um moleque de 15 anos, negro, ou isso passou batido?
CLARA	Não. A gente. Eu ouvi muito, não sei Francisco pessoalmente, mas eu ouvi muito "que coragem".
FRANCISCO	Era a palavra do momento. A gente ouviu.
CLARA	Você é muito corajosa. Vocês são.
FRANCISCO	Ouvimos de amigos em comum que era um absurdo a gente ter feito isso.
ANDRÉ	Não por ele ter 15 anos, mas pelo histórico dele?
CLARA	Sim.
ANDRÉ	Porque se ele tivesse num abrigo, será que se ele tivesse num abrigo. Um abrigo como o Kayo vivia.
CLARA	É. Adotar um menor infrator, não. Entendeu? Para as pessoas isso é muito absurdo.
FRANCISCO	É.
ANA	É muito fora, né?
FRANCISCO	É.
ANA	Da curva, né?
FRANCISCO	E pessoas assim que eu. E pessoas que depois vieram até também a... A viver uma experiência de adoção, sabe? E eu acho que, tipo assim, eu acho que também, é, as pessoas mudam, a cabeça muda, né? A gente amplia a cabeça, vive experiências que fazem com a gente também tenha novas leituras da vida, das coisas, sabe? Mas a gente ouviu umas coisas que a gente ficava assim, né? Meio.
ANDRÉ	Não.
FRANCISCO	Até salvacionista, sabe?
ANDRÉ	É porque vocês são, são uns amorzinhos, né? Porque hoje, sete anos depois, né? Olhando pra trás assim, eu, eu revisitaria essas pessoas e "aqui meu filho". Né? Gente, porque assim.

CLARA	Não, é porque eu tenho uma leitura desse processo, dessa história, um pouco diferente, né?
ANDRÉ	Como assim?
CLARA	Como a minha relação com ele nunca foi boa. Minha relação com o Antônio não é boa.
FRANCISCO	()
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Então, eu sempre tive a clareza que era um reencontro e uma relação de resgate. Porque quando as pessoas chegavam assim, "nossa, você é corajosa, você é maravilhosa, que você".
FRANCISCO	Não sabe da missa a metade.
CLARA	Você não sabe da história. Eu já falava assim. Não, não é bem assim. Não é bem assim.
FRANCISCO	Clara foi muito pé no chão.
ANDRÉ	Mas é, mas é a tal coisa, né? Ele é um amorzinho, né?
CLARA	Com as pessoas, do lado de lá.
ANDRÉ	Mas gente.
ANA	Te entendo.
ANDRÉ	Mas a gente entende isso como. A gente, a gente vive, é... A gente. No início, no início da chegada do Kayo, a Ana ficou de licença-maternidade, né? E aí assim, a Ana viveu intensamente aqueles primeiros meses. Um moleque de 10 anos na nossa casa. 10 anos não eram 15, mas já vem com uma história toda. E principalmente a história de vida dele, né? Que é bem.
ANA	Já tem um registro.
ANDRÉ	Que é bem parecida. Eram 3 irmãos também, a mãe também usuária de, de crack, essa coisa toda.
FRANCISCO	Aham.
ANDRÉ	Então, a Ana viveu aquilo muito intensamente e eu era o amorzinho dele. No início.
ANA	Porque você ocupou um lugar que...
ANDRÉ	Que não existia na vida dele.
ANA	Não existia. O pai, né? E ele tinha o registro da mãe. Então.
FRANCISCO	É muito semelhante essa.
CLARA	É.
ANDRÉ	Também tem muito a ver, né?
CLARA	Tem.
ANDRÉ	Mas é, mas quando ele adolece, vem todas as questões da adolescência em cima de nós dois.
ANA	Uhum.
ANDRÉ	A nossa relação com o Kayo, hoje, é uma relação de conflito constante. É porque muitas vezes a Ana Paula, que é mais centrada que eu, me coloca no meu lugar, porque, às vezes, eu esqueço e eu me coloco na idade dele. Né? Com as coisas que eu não admito,

	<p>né? Mas eu acho que é muito isso. E as pessoas também, né? Quando, quando ele chegou, muito, muito parecido. "Mas nessa idade?". E há. Era quase a mesma coisa que vocês. A gente tinha um perfil, a princípio, até 6 anos de idade. A gente resolveu, quando conhece a história do Kayo, a largar um pouquinho esse perfil. Né? A gente não queria uma criança pequenininha, bebê. Não dava. Pra gente.</p>
FRANCISCO	É, a gente também não queria.
ANDRÉ	Não dava, isso aí pra gente era muito certo, né? Um bebê. A não ser que realmente acontecesse. Mas não era a nossa vontade. Né?
CLARA	É. Eu acho que a, a grande diferença é que vocês sabiam, é, minimamente um histórico.
ANA	Isso.
ANDRÉ	Sim.
CLARA	E a gente não sabia nem doença nem de nada. Então, a gente. Nem da história dele.
FRANCISCO	()
CLARA	Exato. Então, a gente foi descobrindo no processo. Então, a gente, por exemplo, a gente levou ele pra fazer uma série de exames, porque a gente não sabia que doença ele tinha.
FRANCISCO	Pra fazer terapia.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	A gente levou ele numa neurologista. Sabe? A gente foi tentando descobrir, mapear alguma coisa, né?
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	() se tava tudo bem com a gente.
CLARA	Sim. Porque, é... A gente sabia que tinha alguma questão ali, tanto que, por exemplo, é... Logo de cara, a gente entendeu de que ele tinha uma defasagem. Então, por exemplo, ele hoje tem 21, mas ele é tratado, assim, em alguma, em alguns aspectos, nós cuidamos dele como um adolescente de 16 anos.
ANDRÉ e ANA	Uhum.
CLARA	Ele tem em torno de cinco anos assim, sabe, de entendimento de. Cognição mesmo. Então. De elaboração, vamos dizer, né, amor.
FRANCISCO	É, porque assim, o nível de abstração dele foi se consolidando ao longo. Quando você pedia pra ele contar uma história, ele não sabia construir a narrativa.
ANDRÉ	Hum.
FRANCISCO	O encadeamento.
ANDRÉ	O início, meio e fim encadeados.
FRANCISCO	Exatamente. Ele não conseguia. Ele foi elaborando isso nas suas experiências escolares. Foi muito engraçado. Teve uma vez, ele ainda, naquele momento em que ele tava

		nessa terceira série primária, ele foi fazer o... Passou pro. Qual o nome daquela escola?
CLARA		Francisco...
ANDRÉ		Jobim?
CLARA		Não, não. Que a Denise é coordenadora.
ANDRÉ		Ah.
FRANCISCO		Ali, perto do Maracanã.
CLARA		Qual o nome? Francisco Botelho? Uma coisa assim.
FRANCISCO		É. Isso.
CLARA		Nossa, esqueci o nome da escola.
FRANCISCO		E, ao mesmo tempo, a gente inscreveu ele no FIA. Que era o, que era um lugar já pra ensino médio.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Eu tinha noção de que ele não ia entender bulhufas. Mas a gente inscreveu ele pra que ele tivesse experiência de, é... Rotina de escola.
ANDRÉ		Uhum, uhum.
ANA		Uhum.
FRANCISCO		É assim que se faz. Você vai pra lá, você estuda, você volta. Porque, o que acontece é que o Antônio, ele não, durante a infância dele, ele cursou bem primeiro primário.
CLARA		O primeiro ano.
FRANCISCO		O primeiro ano do primário, o segundo ano do primário e depois começou a ir soltar pipa e jogar bola, porque coincidiu, provavelmente, isso aí é especulação minha, com a derrocada da mãe na questão das drogas.
ANDRÉ		Que aí não controlava.
FRANCISCO		E aí... O que acontece, ele, volta pro abrigo, ele nunca gostou de escola. Não teve essa cultura de escola.
CLARA		Não aproveitava.
ANDRÉ		Vocês colocaram na Denise por conta da Denise estar lá?
FRANCISCO		Também.
CLARA		É. E também porque, como tinha essa questão da cognição e tudo, lá era uma escola é... Que cuidava.
FRANCISCO		Especializada, né?
CLARA		De, de... De déficit de atenção, né?
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Defasagem de aprendizagem e tudo. A gente colocou lá pra ter uma atenção sobre isso. Mas, é... Lá é misturado, tá?
ANDRÉ		Sim, sim, sim.
CLARA		É uma escola exclu-, é, inclusiva. Então, é, a gente colocou lá pra ele ter uma. Porque ele fazia o EJA, é... Numa escola municipal, que quando eu fui na reunião.
FRANCISCO		Nossa Senhora.

CLARA	Jesus Cristo.
FRANCISCO	Teatro dos Horrores.
CLARA	Aqui não vai dar pra ele.
FRANCISCO	Aqui, não.
ANDRÉ	Então, ele fazia o... como é o nome, amor? O Acelera.
ANA	Acelera.
ANDRÉ	Acelera.
ANA	É. Acelera.
FRANCISCO	Aí fez a primeira reunião de pais lá.
CLARA	No EJA não dava, não.
FRANCISCO	Não dá. Aí a gente contactou.
ANDRÉ	Ah, não, tem EJA.
CLARA	Ainda bem que a gente teve essa percepção.
ANDRÉ	Tem EJA, sim. Igual eu trabalhei.
CLARA	Não, é EJA.
ANA	É.
CLARA	Depois que ele foi pro Acelera. Primeiro, era EJA mesmo.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	A coisa que eu acho que talvez seja a mais, que meu coração mais se aquece dessa história toda, é que hoje o Antônio valoriza esse aspecto escolar.
ANA	Que bom.
FRANCISCO	Da produção de conhecimento, de expandir. Porque antes não existia.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	Pra ele era uma formalidade, escola. Um lugar de socializar.
CLARA	Um saco.
FRANCISCO	É, um saco. E ele conseguiu construir, pelo menos ele desconstruiu e ressignificar em algum lugar. Não que ele tenha sido convencido.
ANDRÉ	Sim, sim.
FRANCISCO	Mas, tipo assim, é ele olhar pro vestibular e fazer, foi mal, e sofrer com aquilo que ocorreu, sabe? O entendimento.
CLARA	É isso.
FRANCISCO	Dessa colocação em relação à, à dedicação, hoje tá em outro lugar diferente do que era.
ANDRÉ	Sim. Eu vejo, o Matheus falou, né, a dedicação dele no pré-vestibular, né.
CLARA	Sim, sim.
ANDRÉ	Muito legal. É, mas, voltando ainda a falar desse negócio do fato dele ter caído numa família branca.
FRANCISCO	Aham.
ANDRÉ	Né? Como é que fica pra vocês esse lance, é... É, ainda bem que essa parte de, dele chegar, foi acolhido e tudo, mas, tem algumas coisas que eu não sei se vocês conseguem mensurar, né? O fato de ele ser um homem negro agora.

	Né? Vocês lembram, é... Aí Paula, se você puder falar também, né, assim, de algum caso de, de racismo que ele tenha sofrido durante esse tempo que ele tá com vocês. Perto de vocês ou que ele tenha narrado.
CLARA	Certo familiar, não, né? Familiar. Não. A gente teve uns episódios. A minha mãe, no início, por exemplo.
ANDRÉ	Quem?
CLARA	Minha mãe.
ANDRÉ	Ah.
CLARA	No início, é... Guardar bolsa.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Mas assim, não era pelo fato de ele ser negro, era pelo fato de ele ser menor infrator.
ANDRÉ	E dá para separar? Principalmente ele sendo mais velho? A negritude não seria um reforço?
CLARA	Conjugava duas coisas, né? Vamos dizer assim para as pessoas.
ANDRÉ	Para as pessoas, mas não para ela?
Clara	Eu acho que não... Ela nunca fez nenhum comentário racista.
André	E qual foi sua atitude?
CLARA	E aí eu cheguei pra ela, muito diretamente. "Por que tá fazendo isso? A pessoa aqui não é".
ANDRÉ	Ele não notou isso?
CLARA	Ele não notou isso. Eu notei.
FRANCISCO	()
CLARA	Ele não tinha noção, mas eu notei.
ANA	Não tinha essa percepção.
CLARA	É. Mas eu notei, né? Então, é... Mas. Você lembra de algum episódio?
ANDRÉ	Ou que ele tenha narrado?
FRANCISCO	Ele narrou a questão do, na rua.
CLARA	Ah, na rua. Sim.
FRANCISCO	Um policial.
ANDRÉ	Um policial.
ANDRÉ	Ah, o que ele fala no texto, né?
CLARA	Sim, sim, sim.
FRANCISCO	O policial.
CLARA	E aí começa. Também o aprendizado nosso, né, aquela coisa que todo pai de jovem, é, negro fala, que a gente assim, "não sai de boné", "não sai sem identidade".
ANA	É.
FRANCISCO	() uma bicicleta.
CLARA	Não. É. Pô, essa é uma coisa que, pra mim, era nova também.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Era uma coisa nova.
ANDRÉ	Você não falava, não tinha esse discurso com seus filhos, a não ser toma cuidado.

CLARA	Não tinha. É. E a minha preocupação com ele, é... Era, ele já tinha, além de ser um jovem negro, ele já tinha passagem. Na hora que o policial batesse.
ANDRÉ	Reconhecer.
FRANCISCO	Nossa. Graças a Deus que.
CLARA	Já era. Né? Muito refém dele ser.
ANA	Vocês ficavam muito tensos?
CLARA	É... machucado, né?
ANA	Uhum.
CLARA	Por um policial, alguma coisa assim. Que a gente sabe que, infelizmente, é assim.
ANA	Ainda mais no Rio de Janeiro.
CLARA	Então, e tudo mais. Que a gente tenha conhecimento, conosco presente, não.
ANA	É. Pois eu acho que isso. É, o que você falou, com a gente, né? É meio que... Por que eu falo isso? Porque quando eu tô perto do Kayo, eu falo "ah, filho, não sei o quê". Porque eu percebo que as pessoas no em torno me olham. Sabe? Olham pra gente. Pra mim, pra ele. Meio engraçado isso. Aí eu fico pensando se eu não tivesse ali, qual seria o tipo de tratamento que as pessoas dariam a ele? Sabe?
CLARA	Sim.
ANA	E é... Às vezes é incômodo isso, né? Porque a gente não vai tá ali, não cabe isso, né? Eu não tenho, é, ele não precisa de mim pra legitimar quem ele é, né?
CLARA	Sim.
ANDRÉ	Mas.
ANA	Mas, infelizmente.
CLARA	É.
ANA	Eu tenho essa percepção, sabe? De alguns lugares, algumas pessoas. Não assim, de alguém falar ou fazer alguma coisa, mas das pessoas olharem de uma forma diferente.
CLARA	Sim.
ANDRÉ	Mas isso angustia vocês? Assim, o fato de um dia vocês não estarem, né? E a gente vê tanta. Assim, é, é, é... A gente vê tanto jovem negro morrendo, é... E, pra mim, a morte de um jovem negro é sempre injusta, né? Porque, assim, seja ele um infrator, e muito pior quando não é um infrator, a morte é injusta. Porque se ele é um infrator, vamos prender, vamos corrigir, vamos aplicar a lei. Porque a lei não é matar.
CLARA	Sim.
ANDRÉ	Né? E é isso que mais me... Eu, enquanto homem negro, é o que mais me angustia. No meu filho. Mas. Vocês assim, é... Pegando isso que a Ana falou. Essa percepção do que é o racismo, de como se vive o racismo, vocês têm algum tipo

		de apreensão em relação a isso? O que a vida pode fazer.
CLARA		Com certeza.
FRANCISCO		Na verdade, ()
CLARA		Pode falar, amor.
FRANCISCO		A gente tem assim, pelo entendimento, assim, dessa, né? A gente não experiencia, mas a gente compreende que tudo que a gente, é, pela () de vida e, (), de conhecimento. E a gente entende que o principal instrumento pra que ele possa lutar contra isso, pra poder se firmar em sociedade, é através do projeto educativo.
ANA		Uhum.
FRANCISCO		Instrução, educação, crescimento. Que eu acho que hoje ele talvez seja um pouco mais munido. Quando ele chega na terceira série, sem. "Antônio, vamos ver Emicida, Amar-Elo". "Vamos ver". "Vamos ver Vozes Negras". "Ah, não". "Vamos ver, vamos ver pra poder". Porque existe também um movimento de entendimento, a gente notou no começo.
CLARA		Da identidade dele.
FRANCISCO		Da identidade.
CLARA		Ele não se reconhecia como negro.
FRANCISCO		Ele achava que o que. Por exemplo, o Lucas era negro, ele não
ANA		Uhum. Entendi.
ANDRÉ		O colorismo.
CLARA		É.
FRANCISCO		O colorismo. Exatamente. Exatamente. E aí a gente foi numa, assim, né? Às vezes de forma.
CLARA		A gente era mais antirracista, mais ativista do que ele. Entendeu?
FRANCISCO		Isso. E aí foi um lugar de fazer com que ele tivesse o entendimento sobre o que ele poderia até, é, lutar por.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Por. Pela condição, pela história, pela trajetória. E ele olhar aquilo e resignificar aquilo tudo. Então, eu acho que eu tenho a, talvez um pouco de angústia, é... Será que ele vai aproveitar todas as oportunidades pra que esse, essa capacidade de compreender o seu lugar de luta seja preenchido de fato?
ANDRÉ		Sabe o que mais me preocupa? Tava falando isso com a Ana Paula, né? É, a escola do Kayo teve uma atividade. Foi uma semana inteira de, da consciência negra, foi muito bom. Convidaram várias pessoas, faz coisas ótimas. Por exemplo, primeiro dia foi uma mãe de santo, um babalorixá e um mestre de capoeira pra falar com a galera, né, sobre a origem da capoeira, essa coisa toda, né? A origem dos

	orixás, essa coisa toda. Mas é uma escola essencialmente branca. Só tem 3 alunos negros na escola toda. E aí eu tava falando com a Ana Paula. E aí eu tô falando muito por mim também, porque meu despertar. Eu sempre me reconheci como preto, né? Mas o despertar pra luta e pra uma luta, nem que seja eu fazendo a minha parte aqui, foi, se deu muito tardiamente. Mas eu sempre estive num ambiente extremamente branco.
ANA	Branco.
ANDRÉ	Tirando a minha família, que era preta, mas a minha família nunca. Meus tios acham que racismo não existe. Né? É... E todos os ambientes, escolas que eu frequentei, eu estudei no Pedro II. A UERJ, a Estácio, o Centro Espírita. O Centro Espírita até terceiro ciclo, acho que acontece isso. É um fenômeno. Até o terceiro ciclo, na maioria das casas espíritas, tem muito negro.
CLARA	Depois.
ANDRÉ	Depois que vai pra mocidade, o pessoal. Geralmente, os negros são os assistidos, que eu odeio essa palavra.
CLARA	Também.
ANDRÉ	Mas são os assistidos.
FRANCISCO	Aham.
ANDRÉ	E aí ficam na juventude na maioria das vezes, né? Os filhos dos trabalhadores, dos frequentadores.
FRANCISCO	Classe média.
ANDRÉ	Que são os brancos. Né? Então assim, essa coisa também do não pertencimento, talvez da não. Primeiro, tem essa proporção. Olhar pro Lucas, ainda mais preto que eu. Então, ele é preto, eu sou moreninho.
CLARA	É, ele, era assim que ele chamava.
ANDRÉ	Ele é preto, eu sou moreninho. Né? E. Mas também esse lugar de não conviver com muito preto.
CLARA	É, no caso dele, é o contrário, né? Ele convivia com muitos pretos, mas, é. Porque tem uma questão assim.
FRANCISCO	A Casa de Jesus também tem um diferencial nesse processo.
ANDRÉ	Sim, a Casa de Jesus, por isso eu falei a maioria das casas espíritas.
CLARA	É.
ANDRÉ	Porque eu sei que a Casa de Jesus tem.
FRANCISCO	Ele também tá, frequenta lugares, esse lugar fora da curva, que é a Casa de Jesus, em que tem várias pessoas que também.
ANDRÉ	Uhum.
FRANCISCO	Tão ali no espectro de identidade ali. Mas.

CLARA		Mas eu acho que traz uma, uma, é... Como espírita, eu não posso deixar de olhar num aspecto, tá? Porque desde que Antônio chegou, é, eu tento entender que espírito é esse.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Entendeu? Que chega pra mim. Que não me chama de mãe, eu não chamo ele de filho, tá? Não tem essa relação, não nos nomeamos assim. Porque, quando ele chega, ele chega com uma imagem de uma mãe muito idealizada.
ANA		Uhum.
CLARA		Né? Então, ela era a supermãe. Quando eu começo a dar limite, eu sou a bruxa má.
ANA		Uhum.
CLARA		E aí certa hora.
FRANCISCO		()
ANDRÉ		Olha, Antônio.
CLARA		A referência era quem dava.
FRANCISCO		A referência era a que dava liberdade pra tudo assim.
CLARA		É, que dava liberdade pra tudo.
FRANCISCO		Total.
CLARA		Então, é... Esse processo, até da terapia e tal, de começar, é muito recente, da gente começar a... humanizar a mãe, entendeu?
ANDRÉ		Uhum, uhum.
CLARA		Sair desse lugar idealizado de mãe que permitia tudo, pra entender a mãe humana que ele teve.
ANDRÉ		Ele não te chama de mãe?
CLARA		Não.
ANDRÉ		Mas toda vez que ele.
CLARA		Não, comigo não. Para os outros, sim.
ANDRÉ		Pros outros. Ele fala meus pais.
CLARA e FRANCISCO		Isso.
ANDRÉ		Tem que falar com os meus pais.
CLARA		Sim.
FRANCISCO		Isso.
ANDRÉ		O tempo todo. Todos eles com quem eu conversei.
CLARA		Entre nós, ele chama Francisco.
FRANCISCO		Chico.
CLARA		Chico, né? E tia Clara. ().
ANDRÉ		E, mas sempre que eu falo com ele alguma coisa que. Às vezes que eu falei com ele alguma coisa que dependia não só dele, ele fala "não, André, Andrezinho, tenho que falar com os meus pais".
CLARA		É.
ANDRÉ		Então, não nomeia, mas tem esse reconhecimento.
CLARA		Sim. ().
FRANCISCO		Pra fora, sim.

CLARA		Pra fora, sim, mas internamente.
ANDRÉ		Uhum, uhum.
CLARA		Tem alguma questão. Ao mesmo tempo, eu tenho dois filhos biológicos e Francisco não tinha passado pela experiência de ser pai. Diretamente. Então, é, é meio que uma dança que a gente faz nesse processo.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Entendeu? Porque, como eu batia muito de frente com ele, de uma questão vibracional. Eu não consigo. Hoje eu posso dizer que eu. Estamos num momento bom, que eu consigo abraçá-lo. Às vezes. Né? Às vezes.
FRANCISCO		Às vezes.
CLARA		Mas nós já tivemos momentos muito difíceis. E aí a gente faz, a gente combina uma dança. Francisco vai na frente pra algumas coisas, até pra experimentar, experienciar.
ANDRÉ		Uhum, uhum.
CLARA		A paternidade.
ANA		É, não é fácil.
CLARA		Eu fico mais na retaguarda e a gente vai, vai nesse, nessa dança mesmo, sabe? Assim, de vai lá e vem cá. Então, a gente não. Mas o... O tratamento verbal entre a gente não é de mãe e filho, pai e filho, entendeu?
FRANCISCO		Acabei de me lembrar de uma coisa. Tem duas coisas assim. A gente falou da Casa de Jesus, tem que falar do Polo 18, dos polos de COMEERJ que talvez seja um dos mais inclusivos.
CLARA		Sim.
FRANCISCO		Em vários aspectos, né? Então, tem um lugar de trânsito muito interessante. Não que não haja preconceito, mas existe um esforço, eu percebo.
ANA		Nesse sentido.
FRANCISCO		Né? Nesse sentido.
CLARA		Sim.
ANDRÉ		É. É. Não, é porque. É aquilo que a gente sempre fala, né? Eu só falei ué, não por pensar em ninguém específico, não. É quando a fala de racismo estrutural, né?
CLARA		Sim.
FRANCISCO		Sim.
ANDRÉ		O movimento espírita tá dentro da estrutura social.
CLARA e FRANCISCO		().
ANDRÉ		Então, não dá pra dizer que não existe racismo ali.
FRANCISCO		Não, não, não.
ANDRÉ		Se todos nós estamos nessa sociedade.
FRANCISCO		Eu acho que há um esforço. De uma parte ali.
ANDRÉ		Sim, sim.
CLARA		Certo.

FRANCISCO		Mas.
CLARA		Deixa eu só terminar uma coisa que eu tava falando, porque você.
FRANCISCO		Tá, tá.
CLARA		Porque quando eu tava falando de olhar ele como um espírito que é. Por quê? Eu trago em minha memória espiritual, é, que eu não sei o que é, mas uma relação com a negritude muito próxima. Entende? Por várias vezes eu, eu reencarnei num corpo branco, mas eu trago uma memória, sabe, de alguma experiência como negra.
ANDRÉ		Entendi.
CLARA		Entende? Então, quando ele chega e não se identifica, pra mim aquilo era assim de pronto, não, mas você tem que se identificar. Vambora lá fazer alguma coisa pra tu se identificar. Porque, é... Francisco já passou por uma experiência comigo, de assistir um filme sobre a África e eu fiquei chorando tempos e tempos. Todo mundo foi embora do cinema. Só pra você entender essa minha.
FRANCISCO		Duas semanas de namoro.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Relação. Duas semanas de namoro, chorando. Eu tenho uma relação com a África, eu tenho uma relação assim.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Que é. Não tenho detalhes, não tenho informação, só tenho um sentimento, sabe?
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Então, é... Aí eu tentei entender por que ele, sabe, um jovem negro, veio ter uma relação comigo de, de filiação com o Francisco, né? Francisco tem as perguntas dele, as questões dele. Mas eu fiquei tentando entender essa relação neste momento, sabe? O que constitui essa relação? Sabe? E tentando me dar, é... Pequenos objetivos nessa relação.
ANA		Uhum.
ANDRÉ		Pra que ela caminhe, né? Pra que ela evolua.
FRANCISCO		Eu comecei a falar do COMEERJ Polo 18, porque existe também a socialzinha da galera COMEERJ.
ANDRÉ		Ah, a antiga Festa do reencontro.
FRANCISCO		É, teve Festa do reencontro.
CLARA		Não, tem outras sociais.
FRANCISCO		É, tem outras, porque agora quase não existe mais esse momento do.
ANDRÉ		Sim, sim.
FRANCISCO		Ficar, fica pós. Rola mas de forma mais pós-moderna. ININTELIGÍVEL.
ANDRÉ		Uhum. Entendi. Não é da nossa época, né?
FRANCISCO		É.

ANDRÉ	A gente, a gente já. Clara não pegou isso, né? A Festa do reencontro? A gente já, já, tava na COMEERJ marcando a festa pro sábado seguinte, né?
CLARA	É. Vamos ver se você vai falar alguma coisa que eu ia falar.
FRANCISCO	Tutututututu.
ANDRÉ	Fomos muito, Francisco, fomos muito.
FRANCISCO	Isso.
CLARA	Fomos muito.
FRANCISCO	Seguindo a nossa.
CLARA	Hã, vai.
FRANCISCO	Narrativa, (). É... Aí ele, teve um momento que ele foi com um pessoalzinho numa festa que ia acontecer em Ipanema, de uma menina que tava meio a fim de ficar com ele. Branca. Zona sul. E ele foi lá encontrá-la.
ANDRÉ	Hum.
FRANCISCO	Pra dar uns beijinhos e tal.
ANA	Normal.
FRANCISCO	E eu lembro que ele ficou extremamente nervoso, constrangido. Eu queria saber dele. "E aí, Antônio, como é que foi?". "É...". "Encontrou com ela, assim". "É...". "E mas voltou cedo". Ele, "é... Não tinha muito o que fazer lá". Ele ficou isolado num canto. Porque a festa que rolou, né, não foi da galera. Ele encontrou essa pessoa, a qual ele foi.
ANDRÉ	Essa menina da festa.
FRANCISCO	Da festa. Tinha mais duas ou três pessoas amigas dela.
ANA	Uhum.
CLARA	E o restante.
FRANCISCO	E o restante da zona sul. Ipanema.
CLARA	Com certeza branco.
FRANCISCO	Branco. E ele lá.
ANA	Ele ficou ali segregado, né? Possivelmente.
FRANCISCO	Segregado. E eu lembro que ele volta de uma forma bem... Abatida assim, sabe? (), felicidade, encontrar. Bateu num muro, entendeu?
ANA	Entendi.
FRANCISCO	E isso foi um caso pra mim que... foi, foi uma parada assim.
CLARA	E aí o que eu complementar disso é que, é...
FRANCISCO	Deixa eu só, só... Desculpa. Ele saiu de um lugar. Quando eu falo. Ele achou que ia ter o mesmo espaço de acolhimento lá.
ANDRÉ	Uhum, uhum.
ANA	Entendi.
FRANCISCO	E ele toma uma murada na cara.
ANA	Entendi.
FRANCISCO	Porque os lugares que ele frequenta. Oficina, COMEERJ, são lugares que.

ANDRÉ	Majoritariamente branco, mas onde há o acolhimento.
CLARA	Isso. ().
ANDRÉ	E de repente isso, de repente, é, é... Ajudou-o ou impulsionou-o a se reconhecer como preto. Né? Ou colocou uma pulguinha, né?
CLARA	Ou não querer ser.
ANDRÉ	Ou não querer ser. Não, tem a negação também. Mas assim, mas o não querer ser, porque se reconheceu como.
CLARA	É, sim.
FRANCISCO	Isso.
ANDRÉ	Porque o pé de comparação dele já não era mais o irmão, que tem, é mais retinto que ele. O pé de comparação foi um mundaréu de pessoas que são muito mais Claras do que eu. Então, o que eu sou nessa parada? Né?
CLARA	Sim. E aí qual é o meu pensamento? Assim, é... Se já tem, porque ele, ele podia sofrer duplo preconceito. Das pessoas. Pela cor e pela inabilidade ou falta de conhecimento e troca na conversa.
ANA	Hum.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Entendeu? E aí ele ia sofrer duplamente, né? Então, eu falei "bom, não posso mexer na estrutura". Né? Não podemos mexer na estrutura que está aí, mas podemos dar isso.
ANDRÉ	Subsídios.
CLARA	Pra ele se firmar e ele ter, né, condições de estar, né, mais seguro nos lugares, entende?
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Porque pensa que. E se soubesse que ele tinha sido menor infrator, amigo, aí já seriam três.
ANA	É.
CLARA	Tipos de preconceito.
ANDRÉ	Mas isso também preocupa? Óbvio. Preocupava vocês a ponto de vamos dar subsídios pra ele.
FRANCISCO	Sim, total. A nossa preocupação.
CLARA	Sempre foi. Tanto que. Oh. É... Psicopedagoga, terapeuta, neurologista, sabe? A gente foi. Aí bota ele na aula de arte, bota ele pra fazer Jovem Aprendiz. A gente foi munindo ele.
ANDRÉ	Uhum.
ANA	Se fortalecendo.
CLARA	Pra que ele tivesse. Hoje, ele faz, né, é, um projeto de iluminação cênica, porque aí tem vários pretos.
ANDRÉ	Uhum, uhum.
CLARA	Né? Que é num espetáculo. É um trabalho fantástico, esse espetáculo. Então, a gente vai colocando ele em lugares pra que ele vá tendo insumos de coisas, sabe, pra ter lastro, pra ter história, pra ter.

ANDRÉ		Uhum, uhum.
CLARA		Sabe? Sustância na troca e se firmando. Porque senão, ele só ia tomar pancada de várias formas.
FRANCISCO		É, qual é, pô, é.
CLARA		É.
FRANCISCO		Né? Sem nenhuma.
ANDRÉ		É. A gente fala muito isso também, né?
ANA		Isso é muito importante, né? A pessoa se apropriar pra se comunicar.
CLARA		Sim.
ANDRÉ		Fala, filho. Acabou? Vai jogar o quê?
FILHO		Oi? Vamos jogar com o celular.
CLARA		Então, são preocupações, né, que a gente, é... Hoje, a gente, né, amor, a gente tem mais, é... Não é mais tranquilidade, mas a gente tá entendendo que tá caminhando, né?
ANA		Isso.
FRANCISCO		É uma outra fase.
CLARA		É outra fase. Mas no início.
ANDRÉ		E é bom, é bom ver isso, né?
FRANCISCO		É bom, é bom.
CLARA		É.
FRANCISCO		É, é contraditório falar, né, mas esse meio caminho foi muito marcante, né? Porque tava num lugar, (), foi fazer isso com a gente. Não tem simulado lá, não, cara? Esse simulado aqui, né?
CLARA		A gente fez.
FRANCISCO		A gente fez todo domingo o simulado com ele, pra ele experimentando.
ANA		É isso.
FRANCISCO		E ele criando aquela, aquele compromisso com aquele lugar, né? Do estudo. E aí ele, né, comprometido em chegar. A gente deixou ele lá no primeiro dia, né, que a gente tava lá, aqui no Rio, a gente conseguiu deixar ele lá, fazendo o ritual.
ANDRÉ		Uhum, uhum.
FRANCISCO		Os pais do ENEM, né? Que levam seus filhos. Deixei lá pra ele fazer prova. Aí depois a gente ir lá, pegá-lo de volta e tal. Isso eu acho que foi muito. E ele voltar, olhou pra prova, ficou puto, chorou, foi mal, não sei o quê. A gente chegou pra ele. E aí o que acontece? O...
ANDRÉ		Que ele se deu mal.
FRANCISCO		E ele voltou angustiado, daquele jeito assim. Por um lado, foi assim, pô, cara, ele tá num sofrimento. Mas por outro lado.
CLARA		Eu tava vibrando.
FRANCISCO		Porra, cara.
CLARA		Porque foi a primeira vez em seis anos que ele, tipo, tinha alguma reação, entendeu?

ANDRÉ		Por alguma coisa.
CLARA		Por alguma coisa que ele tinha ido mal.
ANA		Mal.
CLARA		Vamos dizer assim.
ANDRÉ		Que geralmente ele vai mal e deixa pra lá.
CLARA		Com as coisas. As maiores cacas que ele já tinha feito, que não foram poucas, é, ele.
ANDRÉ		A gente sabe como é que é.
CLARA		Essa cara de paisagem, entendeu?
ANA		É, é.
CLARA		Não tem uma reação, sabe, nem corporal, sabe?
ANDRÉ		Uhum, uhum.
ANA		De nada.
CLARA		De nada, né? Então, apatia, né?
ANDRÉ		É, mas essa aparência, esse ir mal, é, é... Parte desse histórico também, né?
ANA		Tudo isso conta.
ANDRÉ		Em sete, ele fez em seis anos.
CLARA		Seis anos.
ANDRÉ		Quantas séries?
CLARA		Nossa.
ANDRÉ		Terceira, quarta, quinto, sete, dez séries em seis anos.
CLARA		Em seis anos.
ANA		É.
ANDRÉ		Né?
FRANCISCO		E repetiu o primeiro ano lá na Olinto.
CLARA		É.
FRANCISCO		Porque foi o primeiro impacto dele com o ensino regular. Porque tipo assim, é claro que nós estamos num lugar. Ele poderia ter ido pra um lugar de ensino médio particular. A gente entendeu que o processo de construção que ele faria no Olimpo, que foi indicação de vocês, ia respeitar todo o processo de construção e maturação que ele vinha desenvolvendo até ali.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Porque se ele fosse cair de paraquedas num sistema de ensino aí, tipo.
CLARA		Sei lá, um PENSI da vida.
FRANCISCO		Um PENSI da vida.
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		É.
FRANCISCO		Ele assim, sabe? Então, a gente sabia que fazia até parte de um processo de construção.
ANDRÉ		Sim, sim.
FRANCISCO		Dele. Ele tá na Olinto, repetiu a primeira, foi mal. A segunda foi no conselho de classe, se, mas foi. E na terceira, por mais tempo, teve pandemia, mas ele foi o aluno que não faltou uma aula, foi o aluno que entregou todos os trabalhos, foi o aluno que a professora destacou como o exemplo.

CLARA		Claro.
ANDRÉ		Ah, que legal.
CLARA		Quando ele falava assim "ah, na, no on-line só tem eu e mais um", eu falava "não tem problema".
FRANCISCO		Não tem problema, é você e esse um.
ANA		É isso aí.
FRANCISCO		Leva a sério.
ANDRÉ		Sim, sim.
FRANCISCO		E tem pré-vestibular à noite.
ANDRÉ		É. E aula de redação quarta-feira.
FRANCISCO		E aula de redação quarta-feira.
CLARA		Isso. Exato.
FRANCISCO		Entendeu? Então, acho que foi um ano que acho que foi uma construção dele.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Por mais que o ano pandêmico. Mas foi.
ANDRÉ		Mas tem a conquista. Tem a conquista. Tem a conquista. Tem a conquista.
CLARA		().
FRANCISCO		Total.
ANDRÉ		Mas olhando, olhando pra trás assim. Faríamos tudo de novo?
FRANCISCO		Claro, com certeza.
CLARA		Uhum, sim.
ANDRÉ		Faríamos algo diferente?
FRANCISCO		Também, talvez. Depende muito.
CLARA		É.
ANA		Sim, sim.
FRANCISCO		A gente tinha. Uma coisa que eu aprendo é sem culpas, porque a gente dá o que tem pra dar no momento.
CLARA		É.
ANA		Ai, que lindo.
FRANCISCO		Não, mas, porque.
CLARA		É o que deu.
FRANCISCO		Até porque, às vezes, a gente. Vou botar outra metáfora assim, né? Às vezes a gente olha para os nossos pais, a gente culpa, poxa, não sei o quê, mas é o que eles tinham como recurso naquele momento pra dar pra gente aquilo.
CLARA		É.
FRANCISCO		Eu tenho condições, uma vez entendendo o fato, de gerar experiências transformadoras para os frutos que virão. Então, eu sei que se eu fosse, há cinco anos atrás, todas as experiências que eu vivi lá atrás, eu seria um pai muito melhor.
CLARA		É.
FRANCISCO		Poderia, (), questões muito melhores.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Mas não seria eu, aqui, desse lugar, falando isso tudo que eu aprendi.
CLARA		É.

FRANCISCO	Entendeu? Eu acho que.
CLARA	E também tem uma coisa, né, que tipo assim, é... Teve, tem uma coisa. Quando ele chega, é... E algumas pessoas sabem da história dele, teve um outro lugar também, que era "ai, coitadinho do Antônio".
FRANCISCO	Ah, é.
CLARA	"Ah, coitadinho do Antônio".
FRANCISCO	Nossa.
CLARA	Nunca tratamos ele como coitadinho.
ANA	Ah, igual lá em casa.
CLARA	E sim como alguém que tem potências.
ANA	Sim.
ANDRÉ	Uhum.
CLARA	Então, vambora lá tirar essas potências.
FRANCISCO	É, não veste essa carapuça, não.
ANDRÉ	Gente, vou dar um tempinho aqui. Vocês vão daqui a pouco pra reunião de vocês. Mas a gente vai ter outros papos.
ANA	Uhum.
CLARA	Sim.
ANA	Muitas coisas.
CLARA	Ainda bem que esse papo foi agora.

11.4

Anexo 4

Conversas exploratórias na íntegra II – Onde você guarda seu racismo?

11.4.1

Ana, Marcos e Matheus

André:	Onde vocês guardam o racismo de vocês?
Matheus:	Pergunta um pouco difícil... Onde nós guardamos o racismo... Tipo assim, no sentido...
André:	Você não é menos racista só porque você adotou um garoto preto?
Matheus:	Não, eu sou racista.
André:	Então, onde está esse racismo? Onde você... Onde você materializa esse racismo?
Matheus:	Entendi.
André:	Mesmo na prática, ou em pensamento, mas onde está esse racismo?
Matheus:	Em relação ao Brasil ou em relação a minha vida?
André:	Em relação ao racismo, ao racismo.
Matheus:	Entendi.
André:	A pergunta é (na minha cabeça): Como o amor não desfaz a estrutura, não desfaz o racismo,

		a gente ainda continua numa sociedade racista, né?
Matheus:		Com certeza.
André:		E vocês, enquanto brancos, que estão imersos nesse racismo estrutural. Onde está esse racismo? Onde esse racismo aparece?
Matheus:		Entendi. Bom, vou falar de mim.
Matheus:		Bom, vou falar de mim...
Matheus:		É... Eu reconheço que eu tenho, que eu sou racista, por conta dessa, desse racismo estrutural, por conta da forma que eu fui criado, diferente do Marcos, pelo menos, eu tenho uma atenuante que eu cresci em escola pública onde eu era cercado de amigos negros, melhores amigos, grupo da via negra e também na casa de Jesus por que eu () maioria ali era negra. Então pra mim, eu cresci, né, no meio de pessoas negras.
André:		Mas isso te isenta de ser racista?
Matheus:		Não, não mesmo, não mesmo.
André:		Então, onde você é racista? Que você sente que você ainda é racista?
Matheus:		Tô lendo sobre isso, inclusive agora, um livro: "Para o Meu Amigo Branco", muito bom.
André:		Do Manoel Soares...
Matheus:		Excelente. Dá uns tapas na cara, tipo, muito carinhosos. Excelente. E eu concordo muito com ele, eu sou racista, por exemplo, a partir do momento em que um homem negro 'tá na rua vindo, e imediatamente eu me identifico com o perigo. Eu 'tava conversando isso com o Marcos há dois dias atrás. É... Como eventualmente eu posso considerar que uma pessoa, como aquela situação que você colocou no <i>Facebook</i> , extremamente revoltante, eu tenho medo de cair na mesma, na mesma situação, eu acho que eu teria mais noção na hora, mas eu imediatamente, se tivessem pessoas brancas e negras, eu infelizmente...
André:		Você iria direto no negro?
Matheus:		Não, não, iria direto, mas eu... Por que como eu falei, eu conheço mais, eu tive mais esse convívio na infância, então, eu acho que pra mim é mais naturalizado. Então, eu eventualmente posso cair nessas armadilhas, algumas coisas eu já estou despertando, como eu estou amadurecendo em relação ao racismo recreativo que hoje em dia eu () aos termos racistas que eu tô começando também a despertar, estou me educando.
André:		Mas você ainda se vê com práticas e pensamentos por conta da estrutura, mesmo

		convivendo com negros, mesmo tendo um filho negro, né, a estrutura e a sociedade na qual você foi formado, ainda te, você ainda tem esses impactos de ser racista de vez em quando.
Matheus:		Sim, infelizmente.
André:		Mesmo que você não verbalize, mas nos pensamentos, em algumas atitudes...
Matheus:		É, vou te dar um exemplo: Na minha escola, a gente 'tava falando sobre um problema racista, né que são dos professores com os alunos e um momento assim eu pedi para os alunos se acalmarem e eu conversando com uma outra professora que inclusive foi acusada por outros alunos que falou "olha, nesse momento você está pedindo silenciamento grave, não é assim. Elas estão sofrendo racismo e você 'tá pedindo silêncio sem praticá-lo".
André:		Tem que deixar falar.
Matheus:		É, a turma me adora, né? É, eu tô entrando no núcleo de estudos de afro-brasileiros Adolpho Bloch da minha escola na FAETEC, e tô aprendendo, tô querendo me educar para ao mesmo tempo... eu vejo assim, não tem como eu matar o racista que tem dentro de mim, para virar antirracismo, eu tenho que fazer as duas coisas ao mesmo tempo.
André:		Sim.
Matheus:		Não dá, por que é uma coisa muito dentro de mim.
André:		Sim.
Matheus:		Muito orgânica, né. O próprio Manoel, ele fala que é uma coisa as vezes é uma coisa que tá lá na tua artéria aorta, que tu nunca fez. Então não é assim, é muito delicado.
André:		Uma outra coisa que eu falo na tese, é que eu não tô ali, na figura de vocês, né, colocando a figura do branco redentor, que vai, que adotou o cara negro, para salvar o cara negro, que tem muita gente que tem essa visão também, né., que o branco é o herói, né. A história mostra o branco como essa questão do redentor, né. Até a figura da "Isabel Redentora" que tem gente que usa essa ideia, né... "Isabel Redentora" é a branca que em todo tempo tem o papel do branco ali que, tirando o negro do fundo da escuridão que também é um discurso racista. E você, onde guarda o seu racismo? Hein, William?
Marcos:		Eu não sei, assim, você perguntou assim, você começou eu fiquei pensando pra mim, eu acho que é mais difícil acessar, quer dizer, não sei se é mais difícil, mas é difícil. Posso

		repetir algumas coisas que o Matheus falou, por exemplo, eu ando na rua e identifico riscos diferencialmente, assim, quando eu vejo alguém branco andando na rua, eu vejo alguém negro andando na rua, eu ligo alertas diferentes.
André:		Mas e aí você fica com medo dos dois, mas são, possa ficar... Mas são alertas diferentes por que?
Marcos:		São alertas diferentes por que, por que assim, não é só a cor, né. Não é uma questão de cor, é uma questão de raça, de classe social, quando, ontem por exemplo ou antes de ontem, eu estava conversando com o Matheus, assim, tem uma maneira de andar que é uma maneira que está vinculada ao corpo, que a cor também tá vinculada a classe social e não tem como dissociar isso com fatores correlacionados e... eu imagi.. é um gingado que eu identifico aquele andar como... como risco.
André:		É um gingado que o filho de vocês tem?
Marcos:		É um... É, inclusive é um gingado que o nosso filho tem...
André:		E qual?
Matheus:		Pra mim não, não... eu não, eu não sin... sinto muito por justamente tava até conversando isso com Marcos por que eu andei com essas pessoas, né, desde a infância.
André:		Sim. Mas só na infância.
Matheus:		Mas só que pra mim é mais naturalizado, o Marcos detectou e depois eu não ().
Marcos:		Essa... Essa semana, depois do Lucas fugir... fugiu no domingo, na segunda-feira ele foi pro psicólogo, aí eu fui com ele, não fui até o psicólogo, mas eu fui... deixei ele na porta.
André:		Uhum.
Marcos:		Fiquei...
André:		Até com receio de que ele pudesse repetir.
Marcos:		É... No caminho, a gente 'tava no... é no 24 de mar...na Marechal Rondon, é... tinha dois meninos e uma menina descendo assim do Sampaio e vindo em direção, é... e meu alerta ligou, imediatamente, assim...
André:		Eram negros? Os três?
Marcos:		Os três. jovens, né... E... E meu, meu alerta ligou e eu fazendo todo o esforço, assim: eu não vou... eu não vou... é... fazer o máximo pra não demonstrar o meu alerta por que eu sei que a gente ta vivenciando essa crise dentro de casa agora.
André:		Sim, sim...
Marcos:		E eu não quero alertar isso, que o Lucas já me alertou isso outras vezes.

André:		Aí ele mesmo já apontou pra você?
Marcos:		Sim, já... Eu posso... posso contar isso em outra, outra ocasião... é...
Matheus:		Muitos anos atrás.
Marcos:		Há muitos anos, é... alguns, não... uns quatro anos atrás
Marcos:		Aí eram amigos do Lucas...
André:		Os três?
Matheus:		Ele chegou perto do meu lado, e eu já 'tava assim com o coração, eu fiz ah tudo bem, de onde vocês se conhecem? "Ah, da escola"
André:		Mas isso é criado muito pela sociedade como a gente falou, porque embora você tenha convivido com a galera da comunidade, não é?
Matheus:		Não, não estou isento a tudo.
André:		Embora você dê aula pra muitos alunos de comunidade, ou já deu, em alguma instância, porque você dá aula na Mangueira, né? Então assim...
Matheus:		No Caju.
André:		Não, mas a FAETEC não é na Mangueira?
Matheus:		Ah, mas lá tem a seleção...
André:		Tem a seleção. E você, Paula, onde você guarda o seu racismo? (Hh).
Ana:		Não sei como responder essa pergunta. Já ouvi você fazendo essa pergunta algumas vezes e até tenho me permitido pensar sobre isso, mas considero uma pergunta tão difícil de responder.
André:		Onde você já guardou o seu racismo em atitudes que você acha que você foi racista? Mesmo dentro da questão da estrutura mesmo, né?
Ana:		Eu acho que de uma forma bem evidente, né, é, eu acho que se eu tiver andando na rua, sozinha, só eu ou dirigindo, né, e se aproxima um homem, né, talvez nesse sentido, do medo, da violência, da exposição, eu acho que isso, eu acho que inconscientemente, não sei, talvez nisso.
André:		E só pra... desculpa.
Ana:		Não, não só. E um que é muito muito evidente que eu tenho procurado trabalhar e pensar sobre, eu tenho muito preconceito contra pessoas que passaram pelo sistema penitenciário.
André:		Em sua maioria negros.
Ana:		É. Infelizmente eu assumo isso, eu sei que isso tem raízes históricas, que tem muitos equívocos, mas é ideal, porque dentro de mim é muito difícil, eu não consigo ainda, eu consigo entender mas eu não consigo aceitar e transformar isso dentro de mim. Então, infelizmente, eu sei que muito, muitas

		<p>peças que passam pelo sistema penitenciário brasileiro foram vítimas de racismo estrutural e de uma série de exclusões, eu tenho perfeito entendimento disso, mas eu ainda não consigo processar porque que essas pessoas entraram pra criminalidade, entende? E por conta disso eu sou racista.</p>
André:		<p>E só pra gente fechar só a gravação, depois se quiser a gente pode até.</p>
Matheus:		<p>Eu queria falar mais uma coisa que é relacionada ao Lucas também.</p>
André:		<p>Mas eu vou fazer a minha pergunta relacionada agora aos filhos. Como é que fica, então, se sentir racista ainda e ter um filho negro? Isso, de alguma forma, já pensaram nisso? Isso choca? Isso não choca? Como é que eu posso se... no caso da Ana, além de um filho negro, um marido negro, né? Como é que fica isso? E aí você responde à pergunta e faz o comentário que você quer fazer também.</p>
Matheus:		<p>É, como eu falei, eu tenho uma naturalizada pra mim por conta de convivências passadas, então não tem esse choque pra mim, sabe? Agora, de fato, uma coisa que eu penso assim, por exemplo, quando o Lucas olha pra gente com aquela cara de ódio, como é que a cultura apresenta os vilões, apresenta nos filmes? Qual é a cara de ódio que nós mais conhecemos?</p>
André		<p>Se é essa é uma pergunta para mim, eu não sei...Qual a cara de ódio que você conhece?</p>
Matheus		<p>Relacionada à criminalidade, a versões pejorativas de seres humanos. Então, eu penso assim, se fosse um branco, me olhando como essa cara de raiva, eu ficaria tão impactado assim? Certamente não ficaria. Então existe esse racismo em que eu aprendi e que me impacta mais. E uma outra coisa também, eu não sei avaliar o quanto é relacionada ao racismo ou o quanto é o desejo, por exemplo, de ter um filho que se pareça com você, né? Por exemplo, eu até comparo, poxa, o Andrezinho e o Kayo se parecem, então eu acho que de repente, numa foto assim eles devem, eu não sei...</p>
André:		<p>Os dois eu não acho não, nenhum dos dois, nem a Ana, nem o Kayo eu acho.</p>
Matheus:		<p>Tô dizendo assim, no seu lugar, no seu lugar, não estou dizendo que você pensa desse jeito, eu falei poxa, parece comigo, parece que foi feito por mim, entende? Então, eu não sei nesse caso avaliar, meramente por uma questão de similaridade biológica ou também em relação ao racismo que tem componente</p>

		racista aí... o quanto é, então em relação ao Lucas é isso e atualmente eu tenho pensado muito nessa temática, atualmente é o que mais me mexe em relação a essas questões transversais na escola, é isso que eu tenho tentando mais lutar e me educar. E esse filme também...
André:		Medida provisória.
Matheus:		Medida provisória... me fez pensar.
André:		Foi impactante!
Matheus:		Que nós, brancos, estamos em dívida com negros.
Ana:		Sim.
Matheus:		Porque se eu usufruo de um país de forma privilegiada, que foi criado com sangue negro, eu estou usufruindo de uma coisa que não foi feita por mim, pelos meus descendentes e estou usufruindo de forma desigual, então eu tenho feito movimentos, coisas simples, como, por exemplo, nossa diarista, que a gente pagava o valor, falei não, ela é uma mulher, ela é negra, então vamos aumentar consideravelmente o valor, Marcos concordou. Porque eu acho que nós estamos em dívidas com negros, então, alguns momentos da minha vida nem sempre eu lido, não, então, é um negro e eu tô em dívida com essas pessoas. E às vezes eu penso assim, poxa todas as dificuldades com meu filho, eu fico pensando nos negros, mas o meu filho que é negro tá difícil pra caramba e assim, poxa, é a pessoa negra mais próxima de mim, que eu tô tendo essa dificuldade gigante, às vezes posso me culpar ou achar que não tô fazendo minha parte.
André:		Mas também uma via de mão dupla nessa questão familiar, por mais que a gente pense que a gente é o adulto da relação, que teoricamente a gente tem que ter mais equilíbrio e tudo, mas quanto mais velhos eles vão ficando, mais essa via de mão de dupla fica explicita de que depende dos dois também. E agora tirando a questão racial, tudo bem que a questão de ser um branco e ser um negro, acho que Ana Paula comentou isso, que logo no início tinha... o Kayo era muito amável no início comigo, porque tinha aquela história da identificação. Aí foi crescendo e adolescência foi tomando lugar, mas com a Ana, o próprio Álvaro, que era o psicólogo, que vocês conhecem, falou dessa questão de que, primeiro que a figura feminina faliu com ele e segundo que era uma figura feminina que ele olhava e não se identificava, então o componente de Ana ser

		branca pra ele também contou muito no início. Hoje, talvez, isso não conte tanto, porque ele trata os dois da mesma forma. Hoje é adolescência, é revolta, é o não querer ser confrontado, é não querer ser incomodado, aquela coisa toda. Mas assim, eu não tô querendo te, novamente [pingo!], não tô querendo aqui né, o consolo, mas o entendimento que eu acho que hoje tem muito mais esse componente da adolescência em si, essa relação familiar, do dia a dia e tudo, do que ser uma comparação, somente uma comparação racial, somente. E os senhores? Vou voltar a pergunta, né. Vocês, sim, se veem racistas em algumas práticas, alguns pensamentos ainda, por conta dessa estrutura na qual a gente tá imerso, mas como é que é isso tendo filho negro? Já que o foco é a questão pais e filhos, né?
Matheus:		Posso responder?
André:		Pode.
Matheus:		Eu quero elencar três tópicos de resposta, tá? É... Eu nasci numa família branca, no interior do estado, rural, né. Tem essa coisa, é uma geração anterior, uma geração anterior ela atua numa rota, né. Eu acho que isso influencia, sim, bastante, assim, eu lembro, assim, eu tenho um irmão que ele, a família dele é bem mais escura do que eu e ele se entende como moreno, e ele falou várias vezes assim "ah não, negro, é... o pensamento não funciona bem, é..." fala, explícito, explicitamente. assim, é preguiçoso... É... E cresci ouvindo isso, de diversos isso, de diversos... de diversas fontes, familiares, inclusive. É... meu avô de olhos verdes, cabelos claros, é.... achava um absurdo a... a meu tio também de olhos claros casasse com a esposa dele negra, assim né... e falava isso, então isso permeava.
André:		O seu tio é casado com uma mulher negra, né?
Matheus:		É. E isso permeava a família assim, e eu acho que isso 'tava lá, perto de mim, mas eu sempre fazia um esforço assim... eu lembro das conversas que eu tive com meu irmão com clareza, meu irmão até hoje é uma pessoa muito difícil de lidar, toda vez que a gente conversa, eu 'tô contrapondo: "Olha não é assim, 'tá diferente..."
André:		O que ele diz em relação ao Lucas?
Matheus:		Não, ele não tece comentários em relação ao Lucas...
Marcos:		Ele não é maluco.

Matheus:		Mas assim (Hh) como eu vejo essas coisas atravessando a minha relação direta com o Lucas... Quando eu vejo o Lucas de deitado na cama o dia todo, quando eu falo assim: "Lucas, vamos fazer isso", "Ah não quero" esse pensamento vem pô olha o que o meu irmão falou, aí imediatamente vem assim, "não pera aí o que o meu irmão falou, é maluquice dele, a causa é outra", mas eu não posso negar que isso me atravessa, essas memórias me atravessam, ah é indolente, é... é... bom, esses adjetivos estão no livro de história.
André:		Sim, sim...
Matheus:		E atravessaram minha família, e toda vez que eu encaro esses atributos ao Lucas, isso emerge, emerge com a memória.
André:		Tá marcado?
Matheus:		Tá marcado... Não, não é isso, é outra coisa, a história é outra... mas aí, eu, eu noto que isso emerge conscientemente, eu até agradeço que chega à consciência, que poderia não chegar. Então essa é um dos aspectos que eu gostaria de ressaltar, é... O segundo, é o choque cultura. O Lucas, é... eu sinto que ele vê na nossa cultura escolar, uma... uma referência branca... e, poxa, vamos conhecer tal coisa, tal, não sei o que, e toda vez eu tenho a impressão de que eu tô colocando pra ele uma força, forçando pra ele uma cultura europeia, e que eu fico num choque assim... Pô será então que a gente não deveria oferecer uma cultura com uma outra matriz de origem, né... Mas eu só sei a cultura europeia, né... eu fui criado academicamente nisso, assim, com música, por exemplo, eu tentei pesquisar, embora várias músicas eu não goste, eu tentei começar... e tal... tentei ouvir a música que ele gosta, algumas eu não gosto, mas aí eu li um negócio, por exemplo que fala sobre a.. a... a perda de conteúdo, historicamente no rap e no funk, que houve uma comercialização e eu tentando conversar com ele... e cara eu tô querendo "branquizar" não sei se é a palavra (Hh) eu tô querendo alvejar a maneira dele ouvir música, tô querendo ensinar pra ele a entender... eu tô querendo ensinar pra ele as coisas que eu gosto e na minha cabeça eu sei que, eu tô vendo poxa ele gosta de música ruim e música ruim na minha cabeça é funk, rap e coisas que ele gosta...
André:		Existem funks e rap's que são maneiros...
Matheus:		Que eu tento... conversar com ele sobre isso
André:		E que não tem nada a ver com embranquecer.

Matheus:		Mas na minha cabeça isso tem a ver, não... eu não vou negar, na minha cabeça tem.
André:		É... entendi, entendi... Mas tem funks e rap's de protesto mesmo que são produzidos por negros, cantados por negros compostos por negros...
Ana:		Que profundidade...
André:		A questão é que tem essa questão da comercialização que você falou agora, bundalização, essa sexualização que é o que essa galera.... é.... por que talvez acho que... e aí não é uma questão do negro, é uma questão do adolescente, e também na minha cabeça, posso estar errado, né... é... o que é automático, o que é mais rápido, o que é mais direto é melhor do que aquilo que vai me fazer refletir, me fazer pensar...
Ana:		É... ().
Matheus:		Então esse é um segundo tópico que eu sempre fico assim, assim, o quanto eu tô oferecendo aquilo que eu sei, eu acho importante que ele tenha... eu quero que ele tenha uma cultura escolar... é... ele por exemplo quando a gente chegou lá em casa, lembro uma vez que a gente tava lendo um texto, lendo um livro, aí ele disse " não, agora eu quero abrir a minha mente, quero jogar bola" , eu falei "não, jogar bola não é abrir a mente (Hh) é outra coisa" e eu fui poxa de onde ele veio é a perspectiva de futuro, né... e eu to ali, não, decepar isso e vou oferecer aquilo que é meu. Bom esse é o segundo aspecto, o terceiro eu até comentei com o psicólogo abertamente e falei de modo muito... é...
André:		Efusivo.
Matheus:		Efusivo, por que é óbvio que... toda vez que eu peço pro Lucas fazer alguma coisa dentro de casa, eu me vejo assim, senhorzinho, algo assim, e eu fico com conflito, eu não sei o que eu posso pedir pra ele, como eu acho que é uma coisa necessária, eu não como é viver isso... bom, qualquer pessoa tem que lavar a louça, qualquer pessoa tem que varrer...
André:		Vai falando...Você se... você se vê nessa posição
Matheus:		Mas toda vez que eu peço pra ele... me vejo...
André:		Do senhorio, né...
Matheus:		Porque eu também não faço tudo (Hh) eu cobro dele, mas eu não faço tudo...
Ana:		Mas eu acho que....
Matheus:		E aí eu acho que isso atravessa assim, atravessa por que...
André:		Mas aí é de toda sua formação que vem, né...

Matheus:		E inúmeras, aquele explicitamente, nessa relação com ele, né, assim... teve uma vez que a gente começou a ficar junto assim, a gente 'tava ali perto da mangueira, de carro, a noite, eu fechei a porta do carro, ele falou "Pai, porque você fechou a porta do carro? Tem alguém vindo atrás de mim... Então, isso o que você fez é preconceito." Eu falei " poxa filho, mas eu já fui assaltado aqui, ali do lado" , " mas não isso é preconceito", aí eu entrei em conflito com ele , assim "Lucas, minha posição aqui é de garantir a segurança você pode estar certo, eu posso estar errado e tal, não sei o que, mas é a maneira que eu sei...
André:		Mas a memória que eu tenho é que eu preciso...
Matheus:		É...
Ana:		Me resguardar né? Entendo.
Matheus:		Eu certamente teria um milhão de outros atravessamentos da minha relação com ele, mas que eu não consegui lembrar aqui agora.
André:		E você, Ana?
Ana:		Eu acho que primeiro só pegando o gancho que o Will falou por último, quando eu comecei falando onde está o meu racismo dessa posição, eu te entendo perfeitamente porque eu sou mulher, então por vezes eu dirijo sozinha, na madrugada, percorro distâncias longas e eu tenho muito esse senso de preservação de segurança, que eu acho que no fundo tá atrelado mesmo a essa questão racista, mas pra mim é meio que inevitável, sabe? E até pegando o que você falou também dessa questão dos afazeres domésticos, a minha relação com isso em relação até o André mudou muito a partir da chegada do Kayo, porque como... desde que o mundo é mundo e eu me entendo por mulher, a minha mãe era assim. "Ah você tem que saber fazer tudo porque uma boa dona de casa..." Eu fui criada assim, a minha mãe com esse discurso, né? Sou de uma família de três meninas, sou a mais velha, então era assim, até a chegada do Kayo. O André participava pouquíssimo das atividades de casa, né? Eu fiquei uma sobrecarga extrema e por vezes a gente até brigava por conta disso e a partir da chegada do Kayo eu falei que a gente tinha que exercer a paternidade dele e participar também. Então a gente vê isso hoje de uma maneira muito mais natural porque todo mundo participa, entendeu? O André faz a parte dele, o Kayo tem que fazer

		a parte dele, eu faço a minha parte, porque a gente mora na mesma casa.
André:		Todo mundo junto, né?
Ana:		A gente não tem ninguém que faça as tarefas domésticas além de nós, então há uma distribuição, sabe? Então isso perpassou, antes de perpassar dessa questão do racismo, perpassou também por uma questão do machismo, pelo menos na nossa vivência, sabe? Porque é tudo nas minhas costas.
André:		A gente conversou já...
Ana:		Absolutamente tudo, tudo, tudo, tudo. Muito pouco o André fazia e depois da chegada, com a chegada do Kayo isso mudou. Mudou muito e melhorou muito, pra mim, na minha visão de mulher, de mulher que trabalha fora, que tem uma jornada de trabalho tão extensa quanto a do André, mãe, filha, enfim. Uma série de coisas. Então o entendimento de que é pra todo mundo fazer, todo mundo tem que fazer, então isso eu achei que tem muito a ver com a gente também, né? As vivências são semelhantes, a minha visão de me reconhecer racista nesses aspectos que eu mencionei tendo um filho homem, né? Eu acho que o primeiro de tudo, assim, que me ajuda a mudar, me ajuda a ter uma nova visão de mundo e de combater essas raízes, esses instintos racistas, essas atitudes, enfim, é no sentido de que eu entendo que eu preciso combater o racismo, eu preciso ter uma postura antirracista, não só porque meu filho e meu marido são pretos, mas porque eu sou uma cidadã, sou professora, sou mulher, então isso tem que tá na minha vida pra sempre. E de instrumentalizar o nosso filho pra isso, pra ele entender como se comportar, como agir diante de situações racistas...
André:		Isso é difícil, né?
Ana:		Isso é muito difícil porque ele tem 15 anos, ele ainda não entende isso, né? Não consegue entender e [que que cê precisa? anel]. E aí [essa branca aí, é grande que cê quer? aqui Dani] (Hh). É isso, né? Fazer com que ele entenda a importância de se posicionar, de estudar e uma série de coisas, de se instrumentalizar...
André:		Contra isso.
Ana:		Contra isso. Eu acho que isso é uma coisa muito importante. E segundo, falando dessa questão, como ela falou, de me reconhecer, né? A figura materna, que no começo ele me testou muito, aos extremos assim, eu passei muitas coisas com o Kayo, né? A minha licença maternidade foi muito desgastante pra mim,

		foi um período muito difícil, porque eu tive um afastamento do trabalho, nunca me vi tanto tempo longe do trabalho, com um menino de 9 pra 10 anos, dentro da minha casa e me familiarizando com aquela rotina nova, né? O André na época, a licença paternidade...
André:		Era bem menor, né?
Ana:		É uma coisa terrível no Brasil, bem pequena. É tudo mais uma vez nas costas da mãe, da mulher, né? Enfim, mas isso é uma outra discussão e de entender que, e aí eu mudei minha visão, sabe? Eu entendo que a genitora dele teve muitas dificuldades, sabe? Ela foi mãe solo [de três], de três meninos, ela viveu com problema de alcoolismo da mãe, ela é dependente química, ela tem essa doença, entender que isso é uma doença é uma coisa primordial, entender que ela não deu conta daquilo que se fosse eu também talvez não desse conta, uma série de circunstâncias que infelizmente levaram a perder a guarda dos filhos, então, assim, eu nunca vi a genitora do Kayo como alguém negligente, displicente ou ruim. Eu entendo que ela é uma mulher doente, que não teve oportunidades e não teve apoio e enfim, uma série de coisas...
André:		Até porque no relatório não falam de maus tratos...
Ana:		Não, fala de abandono, né? De incapaz, negligência e tal. Porque eu fico pensando e se fosse comigo, sabe? Porque eu, com rede de apoio, com estrutura, com marido, eu tive dificuldade com ele, muita dificuldade, eu tenho até hoje, então acho que isso foi um movimento que eu fiz que me ajudou a combater aquelas visões... sabe que a gente traz?
André:		Estereotipadas, né?
Ana:		Estereotipadas ou atravessamentos dos quais você falou, sabe? Ah, porque é uma drogada, porque isso... não, é uma pessoa doente, que infelizmente não teve chance, não teve rede de apoio, não teve família, enfim, não teve uma série de coisas. Então... [dez a zero, deve tá desligado]. Esses dois aspectos, né? O primeiro, de que eu preciso me instrumentalizar pra cada vez mais tá firme no meu propósito antirracista e instrumentalizar o nosso filho pra isso, isso perpassa por conhecimento, que é difícil mesmo, nessa idade dele e isso, o entendimento de que mulheres, sobretudo mulheres negras, têm uma dificuldade imensa de criar os seus filhos e de ter uma vida minimamente digna porque atravessam muitas questões com as quais eu não precisei, pelas

		as quis eu não precisei passar, entendeu? Porque eu sou branca, porque eu tive pai e mãe, enfim, uma série de coisas, porque eu não tenho essa doença, então, é isso.
André:		É engraçado que ainda dentro do próprio racismo, olhar o negro e assim, essa sua visão em relação a genitora, é interessante, porque o indolente, o preguiçoso, vai entrar no drogado, no cachaceiro, né? Que é um retrato que se tem, que se configura, né? Isso é interessante, como ela falou, vou parar aqui.
Matheus:		Lembro que, no início da pandemia, eu fiz um esforço assim, de estudar com Lucas sobre história, entender história do Brasil, compreender sobre África, a gente estudou, viu vídeo, viu documentário, viu isso sobre questão de racismo, e ele sempre numa postura...
André:		Reticente.
Matheus:		Isso não me importa, isso aqui não me interessa, isso não tem nada a ver comigo e pra mim, eu meio que 'tava numa posição muito difícil porque um branquelo, eu uso esse termo assim, pra mim um tanto estranho, mas é isso mesmo, poxa eu tô numa posição de que eu tô falando de uma coisa com meu filho que ele sofre, ou vai sofrer, mas que ele nega e que eu não sofro, mas que eu tenho que instrumentalizar de uma coisa que eu não sei o que é.
Ana:		Nunca experienciou.
André:		É muita teoria falando pra alguém que teoricamente que vai viver ou já viveu na prática.
Matheus:		Ele já viveu, mas nega ter vivido, né?
Ana:		Mas às vezes nem reconhece que sofreu racismo, sabia? O Kayo tem muito isso.
Matheus:		E aí eu fui conversando...
André:		Rapidinho, o negócio que a gente falou pra vocês, que eles foram abordados, o meu sobrinho falou assim "é, a gente foi abordado, normal, né?" Eu falei assim: Não é normal.
Matheus:		Eu nunca fui.
André:		Você nunca fui, ela nunca foi, ele nunca foi. Como é normal? É normal? E assim, é normal só porque é preto? É normal abordar preto? E aí, se fosse um branco falando isso, já me revoltaria. Me revolta mais ainda um adolescente de 13 anos, negro, de pensar isso. Normalizar...
Ana:		Normatizar.
André:		Com 13 anos.

Matheus:		Porque provavelmente já vivenciou essa experiência um número de vezes que já ficou...
André:		Sim!
Matheus:		<p>E aí eu lembro inclusive que essa conversa com Lucas iniciou, em algum momento, por causa disso. Olha, tá com documento? Sabe o lugar onde você mora? Sabe o telefone dos seus pais? Tá andando na rua? E aquele dia que o Pablo foi abordado, e no dia que o policial me parou de carro e me perguntou o que eu 'tava fazendo com Pablo e com Lucas no carro, assim. Porque se fosse só eu ele não ia me parar. E aí eu conversando com ele, cara, assim, que situação estranha, porque eu tô num papel de pai, mas também tô num papel de branco, que eu não tenho conseguido nenhum dos dois papéis, né?</p> <p>E assim, resistente, aquela... aquilo não interessava nada, mas aí meses depois, a gente falou olha, população penitenciária no Brasil, por que que é assim? Vamo' dar uma olhada no mapa, distribuição de raça no Brasil, porque aqui é assim, aqui é assim, vamo' dar uma olhada no mapa do Rio de Janeiro, por que tem mais preto na favela e tal? Quando chegou no dia da live, que você... ele recitou a cartilha com os mesmos dados que eu tinha trabalhado com ele durante semanas, né? E ele sempre negando. Mas no dia que ele precisou falar em público, ele correu toda essa informação e ele deu um showzinho lá de dados, não porque a gente vai olhar isso, é mais de 50% e tal, não sei que, mas assim, sempre negou e isso não importa assim pra ele, é estranho.</p>
André:		Mas literalmente a semente ficou ali, porque se não tivesse esse papo com ele, talvez ele não saberia nenhum desses dados, né?
Matheus:		Era isso que eu queria falar.
Ana:		É, me ocorreu agora uma outra coisa que é também uma fala muito recorrente, que eu escutei muito, agora menos, mas eu escutei muito, ah você é muito corajosa, adotar um menino, nessa idade, né? Menino, nessa idade, preto. Porque a gente sabe que as chances de adoção, quanto mais velha a criança vai ficando, adolescente, ainda mais menino, negro, são pequenas. E aí as pessoas tratam isso como um ato...
André:		De heroísmo! Você não 'tava aqui quando eu falei da questão do branco redentor.
Ana:		É isso! É isso! É bem por aí. E aí as pessoas não entendem que isso que ele passa, eu acho que primeiramente, no meu ponto de vista,

		por uma questão do amor, acho que isso aí é primordial. E segundo porque a gente realmente acredita que possa fazer a diferença na vida daquela criança, daquele adolescente, é o que a gente 'tava conversando anteriormente, né? Ainda que não tenha a ver com gratidão, não tenha a ver com coragem.
André:		Não tem a ver com heroísmo.
Ana:		Heroísmo, nada disso, caridade, nada disso, com expectativa. Tem a ver com você acreditar que realmente aquilo vai fazer a diferença na vida daquele indivíduo, né? De algum modo, que a constituição familiar vai ser importante pra vida dele.
André:		A família vai ser importante.
Ana:		Vai ser importante, né? É isso!

11.4.2

Clara e Francisco

FRANCISCO		<p>Tem uma coisa assim que. Posso começar? Não sei.</p> <p>Tem uma coisa assim, que eu estava recentemente conversando num espaço de debate, que conhecer é desnaturalizar. Então, quando você começa a observar aquilo com outros olhos, algo que, anteriormente, era natural.</p> <p>Então, você vai até perdendo (Hh) você vai, de certa forma, até se desencantando, porque você (::) quando tá num lugar em que a ignorância prevalece, né? A inocência tá hiperpresente, você tem um olhar encantado sobre o mundo, sobre a realidade. Você vai se desencantando na medida que você vai conhecendo, você vai encontrando (::) (Hh) as situações e as verdades como elas são. Então, entender, encarar nos lugares em que o racismo se manifesta no meu comportamento (=) foi um processo, em que isso aconteceu de forma gradativa (::) e com a presença do Antônio se tornou mais Clara</p>
		<p>aí, né? Mais EVIDENTE ainda, em questão, a esse <u>respeito</u>, porque existe uma, é (::) um interesse na literatura, né? As pautas, elas se tornaram cada vez mais presente, hoje, em sociedade, a gente tem um movimento de pauta desse debate mais intenso, muito pela ocupação, né, da</p>

		<p>negritude, né, da força da negritude nos espaços acadêmicos, então, hoje existe um espaço de debate mais forte e que fica mais fácil o acesso e a contrapar (-)</p> <p>E o espelhamento do meu comportamento, principalmente no que diz respeito à fala, né, como (:::), em alguns momentos, alguns termos usados, é... Em que a gente fala que era natural, estava presente no vocabulário e cara, isso não cabe, né, ah, isso aqui, por mais que a gente tenha <u>assim</u>, eu sempre tive um ideal humanitário, entendendo todas as pessoas</p>
		<p>como irmãs, mas esse (-), a presença do racismo, ela existe entranhada no comportamento, na forma de se comportar, na hora de discriminar, isso tá evidente, isso tá posto, mas eu, talvez hoje, tenha muito mais (:::), esteja muito mais alerta pra esse tipo do que está entranhado nesse comportamento, principalmente no que diz respeito a algumas frases, aquele livro da Djamilia Ribeiro, né?</p>
ANDRÉ		Pequeno Manual.
FRANCISCO		Pequeno Manual. Ele, aquilo ali foi um <u>divisor</u> desse lugar, sabe, estar pensando o que certos termos, até (:::) que trazem um processo de desumanização, né, que, isso às vezes, estava presente de uma forma inocente, mas tá ali nociva.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Tá ali batendo na cara das pessoas.
ANDRÉ		Não sei se é inocente, mas naturalizada e nociva, né
FRANCISCO		Exatamente, exatamente. Então, eu acho que ele (:::) por ser isso, até na (=) eu e Clara, a gente tava escrevendo uma peça, né? E, na peça, que a gente vem escrevendo, que até o meu amigo Andrezinho faz parte, tem uma parte em que eu escrevia em que <u>todos somos racistas</u>
ANA		Uhum
FRANCISCO		Né?
ANDRÉ		Uhum
FRANCISCO		E isso, pro próprio pessoal, das pessoas no elenco, souu assim, não, mas eu não sou (Hh), <u>não, não, não</u> , você não pode falar que eu sou, aí, mas de forma estrutural, somos sim
CLARA		[sim]
FRANCISCO		E descobrir, desnaturalizar isso, perceber esse processo (-)

ANDRÉ		Primeiro, admitir que estruturalmente é. Porque se você não admite que é estruturalmente, que você faz parte disso tudo (-)
FRANCISCO		[isso]
ANDRÉ		Você se desprender disso, dessas práticas, vai ser muito mais <u>difícil</u>
FRANCISCO		Com certeza, então, você tira da própria pele, então, você tem uma luta, uma quebra, um pouco do narcisismo de que você é o <u>grande</u> , né, porque, normalmente, quando a <u>pessoa</u> está no, ainda mais quando a pessoa tá num espaço acadêmico de estudos, de conhecimento, e a pessoa se acha esclarecida, né, se encontra, né, intelectualizada. Só que a pessoa também, ela derrapa em vários em vários lugares, em várias questões, e a presença do Antônio, eu acho, veio jogar na minha cara (=), né, muitos desse, dessas práticas que habitavam essa estrutura e que se refletiam dentro do meu comportamento (=) E que, ao mesmo tempo, eu acho que foi um convite também nosso assim, porque a gente também sempre se preocupou, na medida em que a gente foi percebendo a importância de estar mais ativo e atuante a respeito de uma luta antirracista. E tá convidando também o Antônio pra essa, né?
ANDRÉ		Uhum.
ANA		Inserir ele
FRANCISCO		Pra essa <u>roda</u> .
ANDRÉ		Pra essa <u>luta</u> .
FRANCISCO		Né? Então, porque a gente chegou (-)
CLARA		Porque também ele chegou, né, ele não se identificava como negro, né? Ele não tinha essa identidade Clara pra ele.
ANDRÉ		E hoje, você acha que melhorou?
CLARA		Assim, eu, quando eu falo do espetáculo, eu falo que assim, fora o seu papel na vida dele, né, e tudo mais, está entre outros jovens engajados (-)
ANDRÉ		E negros.
CLARA		E negros. Jovens negros, engajados e que debatem, falam sobre, sabe? Eu acho que isso fez toda a diferença na vida. Faz, né, a diferença na vida dele de (::) Ainda não é um militante, vamos dizer assim, né

ANA		Já enxerga.
CLARA		Mas ele já se (::) porque eu acho que esse processo de identificação que, pra mim, era a coisa mais importante (-)
ANDRÉ		Importante.
CLARA		De acontecer (-)
ANDRÉ		Porque, de repente, nem vai ser militante.
CLARA		Militante. Mas aí.
ANDRÉ		Mas nos momentos que tiver que ser.
CLARA		Isso.
ANDRÉ		Né? Que tiver que levantar a bandeira, se defender e defender os irmãos, ele vai defender.
FRANCISCO		Não tá mais <u>naturalizado</u> dele muita coisa que antes era
CLARA		[É]
FRANCISCO		Né? Então, hoje, ele tem um comportamento, com pensamento mais crítico
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Acerca das questões que envolve a sua negritude e isso é foda
CLARA		É, porque tem uma questão de você estar inserido numa comunidade, onde, querendo ou não, tem um desejo de ser igual ao <u>playboy branco</u> da zona sul
ANDRÉ		Porque tá fazendo parte
CLARA		Né?
ANDRÉ		Porque (-)
CLARA		Então, porque. É (-)
ANDRÉ		No grupo dele.
CLARA		Porque aí eles não têm capa-, não tem oportunidade nenhuma, não tem, né, perspectiva. O tem de espelhamento assim, de...
ANA		Modelo.
CLARA		De possibilidade, de modelo, né, é ser aquilo, né, usar aquela marca, usar, né, daquele jeito as coisas, e <u>aí</u> é (::) até não, não (::) até mesmo na aparência né, você quer <u>parecer</u>
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Aquilo que você não é, né, então, <u>hoje</u> , eu acho que nessa trajetória, né, todas (::) tudo que ele tá vivendo e que a gente, né, estimula também, é de se reconhecer, né, e (::) ser feliz, sabe, acima de <u>tudo</u>
ANDRÉ		Uhum.

CLARA		Feliz, pleno do que ele é, sabe, da história que ele <u>carrega</u>
ANA		Sim
CLARA		Que tem uma história
ANDRÉ		Sim
CLARA		Isso a gente fala muito
ANDRÉ		E tem uma história marcada pela negritude
CLARA		Pela negritude. Então, tem uma história ()
ANDRÉ		O que ele viveu até os quinze anos não necessariamente, mas também por ser negro.
CLARA		Por ser negro.
FRANCISCO		Total, °até porque se a gente for assim, em última instância, toda a questão social que a gente vive no país é uma ação de não reparação°
ANA		Sim.
FRANCISCO		Desde sempre, né, <quando o Brasil> né, É um espaço de colonização e usa a mão de uma perspectiva escravagista durante quatrocentos anos, então, o que a gente olha assim, abre a janela, é fruto direto desse processo, né, de <u>não</u> reparação.
ANDRÉ		Uhum.
FRANCISCO		Então, se a gente vê, então, é uma, talvez esse (::) quando caíram assim, enquanto a gente não tiver uma ação efetiva de (::)
ANA		Resgate.
FRANCISCO		De saída de um espaço de neutralidade pra um espaço de ação em favor dessa reparação, hoje, Antônio tá passando pela (::) pra faculdade graças a pessoas que interferiram positivamente, diretamente Andrezinho.
ANA		Uhum.
FRANCISCO		Daniel Kauffman e Dilma Rousseff, que <u>assinou</u> a lei de cotas.
ANA		Sim.
ANDRÉ		Uhum
FRANCISCO		Que é talvez um dos grandes, não o maior processo, maior, é (::)
ANDRÉ		Instrumento
FRANCISCO		Instrumento de reparação que a gente teve desde que o Brasil é o Brasil, então, a essas três pessoas a minha mais profunda gratidão (Hh) por estar nessa condição de.
CLARA		Desde dois e mil um.
FRANCISCO		Dessas possibilidades.
CLARA		Dentro da família dele, é o primeiro que vai cursar uma faculdade pública
FRANCISCO		O primeiro
ANA		Sensacional.

CLARA		Em dois mil e vinte e dois, né
FRANCISCO		O primeiro da família
ANDRÉ		A entrar na universidade também?
FRANCISCO		Não, não.
CLARA		Em pública.
FRANCISCO		Não, na universidade, a irmã dele fez universidade particular (-)
CLARA		Particular.
FRANCISCO		Ela também saiu de casa muito nova e foi adotada por uma madrinha com mais recursos.
ANDRÉ		Uhum, uhum.
ANA		Teve o apoio né?
FRANCISCO		É uma das irmãs. Teve o apoio, né?
CLARA		Mas pública.
FRANCISCO		Mas pública é o primeiro da história familiar.
ANDRÉ		Então, só dois na universidade.
CLARA		Sim
FRANCISCO		Só dois, só dois
ANDRÉ		Mas, Déa, você não respondeu <u>onde</u> você guarda o seu racismo
CLARA		Então, essa pergunta pra mim é muito (::) é (::) não tem uma resposta só, porque eu tô descobrindo ele a cada dia, porque eu acho que são camadas. Acho que são camadas. Não é assim (::) Eu tenho uma parada, que é muito louca na minha vida. A Karina até me sacaneia, porque é (::) essa daqui quer ser negra de qualquer jeito, né, eu trago uma história com a África pregressa a essa vida
ANA		Uhum.
CLARA		Então, eu tenho uma ligação muito forte. Nasci branca nessa encarnação, porque Deus quis, né, mas eu trago uma ligação com (::) a negritude assim que, é (::) só posso dizer que é, porque sou reencarnacionista que entendo isso, né
ANA		Sim.
CLARA		Então, independente de qualquer coisa, eu tenho uma história espiritual, né
ANA		Vinculada.
CLARA		Vinculada a isso, e isso me trouxe, desde cedo, a estar (::) nessa, sem saber que era militância, sem saber que é, não tinha esse nome, não tinha essa conotação, né
ANDRÉ		Uhum.
CLARA		Eu era, morava numa comunidade, né, então, tinha, é (::) os meus amigos eram negros, eu tinha amigos negros, então isso pra mim, essa convivência e essa, e essa luta pelo (::) >sempre fui uma

		<p>pessoa questionadora< então, isso, pra mim, eu não posso dizer assim, eu vim, moro, quer dizer, fui criada numa família branca e com racismo ali muito claro, muitas vezes, muitas situações em que eu já criava embate desde sempre, né, internamente, na minha família, então, assim, só que aí (::) , por isso que eu falo camadas, eu não tenho uma resposta plena, como o Francisco falou</p> <p>Outro dia (::) me peguei falando samba do crioulo doido ainda, veja, né, então, por isso que eu digo: são camadas que a gente vai desnaturalizando as coisas</p>
ANDRÉ		Conforme vai descobrindo também
CLARA		Conforme vai descobrindo, então, ↑mora em vários lugares, com certeza↑ agora, só que isso vai se aprofundando a cada vez mais que você vai, né, opa, isso aqui ainda existe
ANA		Uhum